RB197242

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

300

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/chronicadeelrei00cruz

CHRONICA

DE

ELREI D. SEBASTIÃO,

POR

Fr. BERNARDO DA CRUZ;

PUBLICADA

POR

A. HERCULANO, E O Dr. A. C. PAYVA.

LISBOA: 1837.

NA IMPRESSÃO DE GALHARDO E IRMÃOS,
Rua da Procissão N.º 45.

PROLOGO.

As memorias que nos restam da vida de Fr. Bernardo da Cruz saõ extremamente escaças. O primeiro escriptor que delle fallou foi o illustre Cenaculo; e o auctor da Bibliotheca Lusitana nem sequer suspeitou a sua existencia. Das *Memorias Historicas dos Progressos e Restabelecimento das Letras*, livro eruditissimo do Bispo de Beja (entaõ Geral da Terceira Ordem da Penitencia), e das duas obras de Fr. Vicente Salgado -- *Compendio Historico* — e — *Origens e Progresso das Linguas Orientaes* --, tirámos a breve noticia que delle podemos dar. Fr. Bernardo da Cruz, frade da Terceira Ordem, viveu na segunda metade do seculo deseseis: parece ter sido conspicuo pelo seu saber, e que por esse motivo occupou varios empregos monasticos. Antes delle naõ se encontra o cargo de Capellaõ-mór da armada; e assim é tido pelo primeiro, a quem se conferiu este titulo. Como tal embarcou-se na frota que transportou á Africa elrei D. Sebastiaõ e o seu exercito, para a fatal jornada de Alcacer-quibir. De lá, ou porque escapasse da batalha, ou porque tivesse ficado a bordo da armada, vol-

tou a Portugal, onde escreveu a Historia do reinado de D. Sebastião; e de parte do governo do Cardeal D. Henrique. O logar e o anno do seu nascimento, e a epocha da sua morte, não o podémos saber: mas é certo que elle ainda vivia no tempo da usurpação de Philippe 2.º

Como historiador Fr. Bernardo da Cruz tem meritos e defeitos, quanto nos élicito julgar pelas copias que da sua obra nos restam. Em nosso entender o plano do livro foi bem traçado. O reinado de D. Sebastião é notavel por um facto unico — a perda em Africa — á roda do qual só apparecem mesquinhos enredos de Côrte, traiçoens de conselheiros vendidos, e loucuras de mancebos. A duas naçoens pertence aquelle tremendo facto, que influiu, quasi exclusivamente, na futura sorte de Africa e de Portugal. Era pois para o esclarecer, para o mostrar a todas as luzes possiveis, que se deviam reunir noticias, e o historiador o alcançou, fazendo caminhar os annaes de Berberia a par dos annaes portuguezes. Para aquelles precisava de consultar as historias berberescas, e daqui podemos inferir que era versado no arabe; mas dessa leitura, que necessariamente teve, nasceu talvez o seu maior defeito — o luxo demasiado do estilo, e as repetições ociosas, em que quasi sempre abunda.

A Academia Real das Sciencias já em 1825 havia promettido imprimir a Chroni-

ca por nós agora publicada; porém esta promessa nunca se verificou. Em 1829 annunciou-se entre as Memorias communicadas a Academia, uma, escripta por Fr. Mattheus da Assumpçaõ, sobre os codices das Chronicas de D. Sebastiaõ por Fr. Bernardo da Cruz, e por Antonio Vaena. A pesar de termos consultado para a nossa ediçaõ seis differentes manuscriptos, julgámos que devíamos examinar o trabalho, que a este respeito fizera aquelle erudito benedictino, e que suppunhamos versaria sobre os exemplares de que a Academia pretendia servir-se para a sua ediçaõ. A' bondade e amor das letras de S. Ex.ª o Bispo Reservatario de Coimbra devemos a indagaçaõ, feita a semelhante respeito nos archivos daquella Sociedade: nada podémos, porèm, alcançar por este lado, que ajudasse o nosso intento, como se verá dos seguintes paragraphos de uma carta de S. Ex.ª, a qual acompanhava uma nota do Sr. Secretario da Academia, em que dizia já naõ existir na Secretaria a Memoria de que se tractava.

« Suspeito que a Memoria de Fr. Ma» theus se reduziria a fazer juizo de hum » manuscripto, que eu mesmo offereci á » Academia, e que na verdade estava taõ » cheio de erros (como eu tinha notado) » que de maneira nenhuma se podia assim » imprimir, e apenas se poderia aprovei» tar pera conferir com algum outro.

« Este manuscripto.... continha a his-

» toria de D. Sebastião por Fr. Bernardo
» da Cruz, e tinha na primeira folha por
» letra do Sr. Cenaculo esta nota =
» Conferi este Ms. com o de Mr. Gama, e
» está conforme — Cenaculo = Esta nota me
» enganou por pouco tempo; porque logo
» á simples leitura do manuscripto vi que
» estava miseravelmente deturpado. »

Eis o que podémos saber ácerca do que na materia havia na Academia; e aqui pozemos termo, por este lado, ás nossas indagaçoens. Daremos agora noticia dos codices que alcançámos ver.

Na Bibliotheca do Convento de Nossa Senhora de Jesus, hoje incorporada na da Academia, existem dous codices que tem igualmente aquella nota do Bispo de Beja; n'um escripta pela letra do proprio Cenaculo, n'outro pela de Fr. Vicente Salgado, que copiou o livro. Estes dous codices saõ perfeitamente semelhantes a um terceiro, que há na riquissima colleçaõ de Manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto, no qual tambem se lê a mesma nota, traçada pela propria maõ de quem quer que tirou aquella copia. Já se vê que estes tres codices, transcriptos uns dos outros, naõ se podem considerar senaõ como um unico. Provavelmente o que offereceu á Academia o illustre Bispo de Coimbra seria outro semelhante aos tres que mencionámos. Entre os manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa encontrámos tambem uma

copia moderna da obra de Fr. Bernardo da Cruz, mais abundante e correcta do que as quatro precedentes, comtudo bastante differente da que principalmente nos serviu de texto.

Esta existe na Bibliotheca do Porto; e na *Noticia* que vai juncta a este prologo, (publicada já por nós nos N.os 18 e 19 do *Repositorio* da Sociedade Litteraria daquella Cidade) démos cabal informaçaõ della: resta-nos fallar de outro codice que completa o numero de seis, que dissemos havermos consultado.

E' o manuscripto de letra dos fins do seculo 17.º e seria talvez o melhor, se naõ estivesse desgraçadamente truncado, faltando-lhe desde o capitulo 7.º, inclusive, até o fim do 14.º, e desde o capitulo 80 em diante até a conclusaõ da Chronica. Vê-se que este traslado foi tirado de um codice mais correcto do que nenhum dos que vimos, quer o fosse do original, quer de alguma copia, mas que já estava truncado, como nesse traslado se diz, no fim do capitulo 6.º; o que prova naõ ser tirado do que deu materia á *Noticia* já mencionada, o qual está inteiro, e todo por letra dos fins do 16.º seculo. Serviu-nos este codice para rectificar muitas cousas do mais antigo e completo, que seguimos nesta ediçaõ. Apesar de todo o nosso cuidado para evitar os erros, naõ o podêmos inteiramente alcançar. Há logares que cremos alterados em todos os seis ma-

nuscriptos, os quaes podiamos muitas vezes melhorar por conjecturas, e até, quanto aos factos, por outros escriptores, se entendessemos dever faze-lo. Naõ escrevendo uma historia, mas publicando um inedito, assentámos que nos cumpria dar o que achámos, do melhor modo possivel. Os eruditos avaliaraõ se andámos bem em seguir tal systema.

Quanto á orthografia procurámos a principio seguir a do codice antigo á risca; mas vimos que era extremamente irregular, o que nos obrigou a fazer leves mudanças, para a tornar um pouco mais constante e regular: entretanto naõ ficou, ainda assim, taõbem ordenada como nós desejariamos.

NOTICIA.

Manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto.

Chronica d'elrei D. Sebastiaõ. (*)

E' este um codice em folio, contendo 201 folhas. Está a obra dividida em 113 capitulos: começa seu auctor descrevendo o estado de Portugal no tempo de D. Joaõ 3.º: d'ahi passa ao nascimento e infancia de D.

(*) Desta Noticia aproveitámos só o que nos era necessario aqui: rectificando e augmentando o que vimos disso carecer por observaçcens posteriores á sua publicação.

Sebastiaõ, e regencias da Rainha D. Catharina e do Cardeal D. Henrique, durante a qual epocha passou elrei pela primeira vez á Africa: refere a sua ida a Tangere, e como de lá voltou para o reino: conta as discordias que houve entre o infante D. Duarte e elrei, e os aggravos que este fez á rainha sua avó: segue por diante com uma narraçaõ mui miuda das guerras civis d'Africa, até o final triumpho que alcançou Abdelmaleq (Maluco) de Abdallah: descreve os apparatos de elrei de Portugal para a jornada que intentava, a sua partida, viagem, chegada a Tangere, e a batalha, em que se perdeu com a flor da naçaõ: dedica finalmente os ultimos trinta capitulos á historia do resgate dos captivos, e á dos enredos e dissençoens, que houve durante o curto reinado de D. Henrique, no meio do qual o chronista deixou, ao que parece, a sua obra incompleta.

O manuscripto vê-se claramente ser copiado da obra de Fr. Bernardo da Cruz (quanto se pode conhecer do caracter da letra) quasi pelos tempos em que elle a escreveo: alem disso, constando dos capitulos 42 e 54 haver sido o livro escripto em Lisboa, de uma nota que vem no capitulo 50 (p. 205) se colhe que este antigo traslado foi tirado em Alcobaça, por pessoa contemporanea do Cardeal Rei; o que prova naõ ser o codice original, porem quasi taõ antigo, como se na verdade o fosse.

Este Manuscripto pertencia ao mosteiro benedictino do Couto, d'onde passou para o de Tibaens, em 1787, e pela extincçaõ das ordens monasticas para a Bibliotheca do Porto, em 1834. Uma nota de letra recente, posta talvez por quem mui de leve examinou o codice, attribue esta obra ao chronista D. Manoel de Menezes. Porem, afóra a opiniaõ geral, que lhe dá por auctor Fr. Bernardo da Cruz, ha muitas outras provas, que, posto que negativas, vem corroborar essa opiniaõ commum.

Fr. Manoel dos Santos na Historia Sebastica cita varias vezes a chronica de Menezes, que existia em Alcobaça, e até transcreve pedaços della no corpo da historia, como a paginas 58, e em outros logares; mas nenhum destes pedaços se encontra no manuscripto; e nem ha sombras de semelhança entre a ordem dos capitulos, a disposiçaõ ou narraçaõ das passagens citadas, e os capitulos e logares, que neste manuscripto lhes poderiam corresponder.

Accresce, que, havendo sido D. Manoel de Menezes nomeado chronista em 1618, e tendo antes dessa epocha vivido vida vagabunda e inquieta, é mais que provavel, que só depois daquella nomeaçaõ (tempo em que teve algum repouso) se houvesse de dar a um trabalho, a que o seu cargo entaõ o obrigava. Ora, vendo-se, pelo capitulo 86 desta obra, que foi escripta por 1586, deduz-se d'ahi naõ ser ella a chronica de Menezes.

Fazemos estes reflexões, a pezar de se haver publicado em 1730 huma chronica, em cujo rosto apparece o nome daquelle chronista, e parecer que bastaria confronta-la com o manuscripto para mostrar que naõ eraõ identicas obras, porque os eruditos sabem que é mui duvidosa a genuinidade dessa chronica. Barbosa a diz suppositicia e escripta pelo P. Bayaõ (1): comtudo, posto que de muito peso seja a opiniaõ deste illustre bibliographo, naõ ousamos decidir a questaõ; e antes acreditariamos que Bayaõ a alterasse em grande parte, do que nos persuadiriamos que inteiramente a fizesse para a attribuir a D. Manoel de Menezes. Mudou elle muita cousa na chronica de D. Pedro 1.º que publicou (2): mudalo-hia nesta, como elle proprio o confessa (3); mas isso procedia de estar convencido de que era necessario ou conveniente o apurar com melhores noticias as antigas historias, alterando os escriptores. Era isto, em nosso entender, um gravissimo erro; mas o forjar uma chronica inteira, e atribui-la a outrem, fora um crime litterario, de que naõ queremos culpar Bayaõ sem claras e irrefragaveis provas, até porque o mesmo Barbosa elogia a sua virtude e probidade.

Parece-nos esta opiniaõ do Abbade de Se-

---

(1) Biblioth. Lusit. T. 3 p. 312.
(2) V. Ineditos de Hist. Portug. T. 4 Pref. p. 36
(3) Prologo á Chron. de Menezes.

ver ser fundada só em naõ apparecerem os pedaços da chronica de Menezes, transcriptos por Santos na Historia Sebastica, na que imprimio Bayaõ. No anno de 1736 ainda Barbosa naõ seguia o parecer que depois deu na Bibliotheca Lusitana (1): e, se compararmos as datas da publicaçaõ da Chronica, da Historia Sebastica, das Memorias, e da Bibliotheca (2), naõ se julgará desarrazoado o attribuirmos a essa falta taõ severa censura, naõ obstando, para assim o crermos, o naõ se fazer elle cargo nas Memorias da referida falta; porque estas deviam estar já na imprensa, quando saiu á luz a Historia Sebastica. Mas bastaria isso para dar por inteiramente espuria a Chronica attribuida a Menezes pelo P. Bayaõ?

Entretanto, havendo-se perdido o original de Menezes, o qual existia em Alcobaça, segundo o testemunho de Santos, será difficil assentar em que, ou até que ponto Bayaõ estropiou a Chronica publicada debaixo do nome delle; mas o que é certo é naõ haver semelhança alguma entre o manuscripto da Bibliotheca do Porto e essa chronica, seja quem for seu auctor. Para tirar, porém, todos os escrupulos, accrescentaremos mais um facto: o celebre D. Francisco Manoel de Mello, que pessoalmente conheceu D. Manoel de Menezes, e até o

(1) Mem. de D. Seb. T. 1 Prol.
(2) 1730 — 35 — 36 — 41 —

o ajudou nos seus trabalhos litterarios, affirma que elle só deixara escripta uma parte da chronica de D. Sebastiaõ, (1), o que destróe inteiramente a possibilidade de ser essa Chronica o manuscripto de que tractamos, cuja materia encerra todo o reinado daquelle infeliz monarcha, e ainda entra pelo do Cardeal D. Henrique. Passemos agora a ver se o devemos attribuir a outro escriptor, dos que se diz escreveram ácerca delrei D. Sebastiaõ.

Dous destes saõ o P. Affonso Guerreiro e Joaõ Baptista Lavanha: foi morto o primeiro em 1581: tractava o segundo de escrever a historia daquelle principe por 1618. Estas duas epochas desdizem ambas da data de 1586, em que, como já notámos, se escrevia a chronica de que vamos dando noticia.

Escreveu tambem Antonio de Vaena uma Chronica de D. Sebastiaõ. Este, pelo tempo e circunstancias em que se achou, poder-se hia crer auctor do manuscripto (2): mas cumpre fazer algumas reflexões sobre o que Barbosa traz acerca delle na Bibliotheca Lusitana. Nesta obra affirma que Vaena escrevera uma Chronica de que elle possuia copia, tirada do original que se

(1) Epanaphoras p. 263.

(2) Barbosa nada nos diz da vida deste escriptor: é o Conde da Ericeira quem refere ter elle sido contemporaneo d'elrei D. Sebastiaõ, e ter assistido no cerco de Mazagaõ.

conservava na livraria do Conde do Vimieiro: ora o Conde da Ericeira, que, em diversas sessoens da Academia de Historia Portugueza, deu conta dos manuscriptos mais importantes daquella livraria, falla somente de uma historia do cerco de Mazagaõ, a que vinhaõ appensas algumas relaçoens dos acontecimentos do reino por aquelle tempo, a qual obra era escripta por Antonio de Vaena (1), e nada mais diz deste auctor: assim podemos ter por averiguado que esta era a obra que possuia o Abbade de Sever. E dado que assim seja, é certo que a obra de Vaena naõ se contem no manuscripto do Porto; por que neste naõ se tracta do cerco de Mazagaõ.

Da Relaçaõ da vida d'elrei D. Sebastiaõ pelo P. Amador Rebello vimos nós uma copia, que tambem existe na Bibliotheca do Porto. E' obra mui succinta, como diz Barbosa; e por nossos proprios olhos nos certificámos de que nada tinha com o manuscripto de Fr. Bernardo da Cruz.

Fr. Manoel dos Santos cita muitas vezes na Historia Sebastica certa Memoria ou Relaçaõ coétanea, de que transcreve pedaços inteiros: estes pedaços saõ exactamente tirados da Chronica inedita que existe na Bibliotheca do Porto (2). Era esta uma

(1) Mem. da Acad. de Hist. Portug. T. 4. n.º 26 p. 8

(2) Hist. Sebast. p. 341 — 342 — 343 — 345 — 349 413 — 475 — no manuscripto vem nos cap. — 37 — 39 — 49 — 48 — 66 — 71

das mais poderosas razoens que tinhamos para crer o manuscripto de auctor differente dos já apontados; porque, a ser de algum delles, te-lo-hia dicto aquelle erudito cisterciense, ou pelo menos formado acerca disso algumas conjecturas: as reflexões que acima fazemos nos confirmaram inteiramente nesta opiniaõ.

Parece que foi fado avesso de Fr. Bernardo da Cruz o servirem aos outros suas lucubrações, sem que delle ninguem faça menção, e conservando-se o seu nome até os fins do seculo passado em total esquecimento. Naõ foi somente Santos que se aproveitou do que elle escreveo; tambem Faria e Sousa o copiou, sem delle dizer uma unica palavra. Esta anecdota trouxe-a a lume o Bispo de Beja (1), e nós conferindo-a achámos que era verdadeira (2).

Notaremos em ultimo logar, que havendo apontado Faria, no principio da sua Asia, as fontes d'onde tirara o que escreveu, traz entre outros manuscriptos, notado um, que tractava d'elrei D. Sebastiaõ, o qual diz lhe communicára o Abbade Joaõ Salgado de Araujo, e que se attribuia a Pedro de Mariz. Foi por este *ut aiunt*, que Barbosá ajunctou á lista dos escriptos de Mariz uma Chronica de D. Sebastiaõ. Ora, naõ apparecendo no Apparato de Faria outro algum escriptor duvidoso, perten-

(1) Mem. Historicas. p. 303
(2) Europa portug. T. 3, p. 10 e segg.

cente a essa epocha, pode-se colligir sem temeridade, que era a obra de Fr. Bernardo da Cruz, a que viu Faria e Sousa, e que por ventura naõ existe a que se attribue a Mariz.

CHRONICA D'ELREI
D. SEBASTIAÕ.

Da prosperidade dos reinos de Portugal em tempo d'elRei D. João terceiro. Capitulo I.

Naõ está a divina providencia taõ atada aos juisos humanos, nem limitada aos discursos de seus entendimentos, que necessariamente páre nos termos desejados dos homens, nem nos successos que elles cuidaõ; pois nem nas maiores adversidades lhe faltaõ remedios de melhorar os tempos, nem nas prosperidades, occasiões de grandes caídas. E parece que tem a natureza taxados certos limites até onde pódem chegar as felicidades humanas e naõ passar, e dahi decrepitar pouco e pouco, com mostras de pouca constancia, até tornar a seus primeiros principios. Desta variedade dos tempos estaõ assás cheas as historias antigas de exemplos, que nos ensinaõ naõ esperar do mundo cousa fixa nem perpetua; pois de grandes reinos e monarchias passadas naõ enxergamos já senaõ humas gastadas ruinas, e de poderosos monarchas ouvimos inda frescos infortunios. Tinha o reino de Portugal (com felices successos e heroicas virtudes dos bemaventura-

dos reis seus antepassados, em tempo del-Rei D. Joaõ o terceiro) chegado ao cume da prosperidade em grandeza de muitos principes e opulencia de riquezas, com multidaõ de esclarecidos capitaens, os quaes com victorias tinhaõ Africa chea de temores e Azia posta em espanto, pondo muitos reis e reinos debaixo do imperio dos seus reis, com gloriosa noticia do nome portugues conhecido até os fins do mundo. E o que mais claro o fazia era a quietaçaõ e paz da republica temporal, com administraçaõ de temporal justiça, e na espiritual a solenidade do culto divino com exemplos de grande sanctidade, e obras de muito merecimento de vida, pela honra de Deos e gloria das almas. Destes exercicios era estremadamente amigo o bemaventurado Rei D. Joaõ, o qual com amor e mercès obrigava a seus vassallos a viverem de maneira que antre huns naõ houvesse offensas, nem em outros queixumes, com que se escusava a severidade da justiça para execuçam de males; antes, como outro Numa Pompilio, occupado na instrucçaõ dos sanctos costumes, solenidade do culto divino, frequentaçaõ dos sacramentos, reformaçaõ das religioens monasticas, e na promulgaçaõ do Evangelho sagrado entre a gentilidade cega das Indias Orientaes, nunca faltou com favores e ajudas aos que elle para estes ministerios com muita prudencia e maduro conselho elegia, com aceso fervor de dillatar a fé catholica entre os barbaros moradores de-

baixo de seu cetro. Mas por occultos juizos de Deos, a que a razaõ humana naõ póde dar causa, permittio elle como esta felicidade começasse a descer por degráos, até de todo vir a perder o resplandor de sua gloria com a coroa e nome dos reis de Portugal, e a falta de descendentes de linha direita, a quem por legitima herança succedeo o catholico rei D. Philipe, segundo das Espanhas e primeiro de Portugal deste nome; mas posto que nesta troca, feita á vontade da divina providencia, o nome portugues fique honrado e ditoso com o emparo de taõ insigne rei e monarcha, em o qual, além de grande poder, concorrem todas as virtudes companheiras de hum principe taõ catholico, temos licença os portugueses para mostrar sentimento e saudade dos reis de Portugal, com os quaes nos criamos, e nos termos por orfãos dos pais que perdemos, dos quaes queriamos antes ser chamados filhos pouco favorecidos, que agora criados muito honrados. E esta inclinaçaõ he taõ propria nos homens de todas as nações e estados, que a maiores efeitos de dor se movem da privança dos costumes em que se criáraõ, que de contentamento nas mercês recebidas. Nem este sentimento, reputado por enfermidade do humano, tira o conhecimento aos prudentes dos bens que alcançaõ, nem os louvores devidos a quem lhos dá: nem eu com muita magoa da perda que choro, deixo com alegria de cantar o bem commum, nem de

agradecer a Deos a mercê feita a estes reinos de Portugal, pois dando-lhe castigo que o magoasse pouco tempo, lhe deu rei catholico e benigno por emparo, o qual com amor manifesto o consolasse pera sempre, e com animo mais confiado os portugueses esperassem maiores mercês, e alcançarem maior gloria. Desta consideraçaõ naõ está o povo portugues esquecido, pois huns com zello do bem commum, no principio das alterações, tocados dos juisos das conciencias e ensinados dos claros indicios da justiça fundados na verdade e rezaõ, e o vulgo a quem a fraquesa do entendimento naõ deixava sobir a estas acertadas considerações, vieram em fim geralmente a entender com alegria a mercê que Deos lhe fizéra em a sucessaõ destes reinos orphãos vir por legitima herança a sua Magestade, com cujo governo taõ suave, e beneficios taõ liberaes todo o povo está quieto e a republica honrada com assás de arrependimento das alteraçoens movidas, com receio de naõ acharem o repouso presente e a liberalidade que possuem: porque como o engenho humano naõ tenha vigor de alcançar o futuro, tanta disculpa tem duvidar do que naõ vêe, como temeridade affirmar o que naõ sabe.

Do Nascimento d'elRei D. Sebastião. Capitulo II.

Era casado elRei D. Joaõ o terceiro, filho

delRei D. Manoel de gloriosa memoria, com a Rainha dona Caterina, filha delRei dom Philippe de Castella e archiduque de Austria, primeiro deste nome, e da Rainha dona Joana, dos quaes como prole de bençaõ naceraõ os filhos seguintes: s. a infante dona Maria, que foi princesa de Castella e molher delRei dom Philippe o segundo nosso senhor: o principe dom Manoel: o principe dom Philippe: o principe dom Affonso: o infante dom Antonio: a infante dona Isabel: a infante dona Britis: a infante dona Maria, e o principe dom Joaõ pai delRei dom Sebastiaõ: além dos quaes elRei houve mais o senhor dom Duarte filho naõ legitimo. Mas como Deos tinha ordenado virem os reinos de Portugal por herança a elRei de Castella, prouve a elle por sua divina providencia que todos os filhos delRei dom Joaõ morressem meninos de pouca idade, naõ ficando vivos senaõ o principe dom Joaõ, o qual Deos lhe deixou pera bordaõ de sua velhice, onde estribassem suas esperanças, com alivio das desconsolações da morte de tantos filhos, e de quem ficassem successores do Reino de Portugal; de cujas mortes elRei e a Rainha soffriam as magoas e perdas com animo real e igual consideraçaõ, e louvavaõ ao Senhor pelos secretos juizos de assi o ordenar, conformando-se elles muito em tudo com sua sancta vontade, a quem sempre nos trabalhos e prosperidades pretendiaõ agradar e servir, como se vio em todo

o processo de sua vida. Mas a herança dos reinos dependia sómente de uma esperança da vida do principe dom Joaõ, unico filho de pais já esteriles por idade madura. Temerosos elRei e os povos de esta se acabar em florescente idade, como já o tinhaõ visto em seus irmãos, ordenáraõ de o casár como chegou a idade de dezaséis annos; pera que havendo filhos ficassem os reinos mais providos de herdeiros e se evitassem os recêos que cada ora os salteavaõ; por tanto se tratou o casamento em Castella com a princesa dona Joana, filha de Carlos quinto emperador e rei das Espanhas, a qual trasida a estes reinos com a pompa e festas reaes, veio a Lisboa metropolitana do Reino, onde em face de igreja fôraõ recebidos com vinculo de matrimonio na Sé desta cidade. O principe dom Joaõ como amasse muito a princesa sua mulher com huma brandura de coraçaõ, e ella lhe respondesse com igual amor, assi pelo chegado parentesco antre ambos, como affeiçaõ marital, a qual na florente idade e nos tenros corações mais se imprime, veo a princesa em breve tempo a dar mostras de ser prenhe, de cujos sinaes todo o povo se encheo de alegres esperanças, pelas consolaçoens dos reis e proveito do reino: mas como os gostos da presente vida naõ tenhaõ firmes raizes, nem possam substentar abalos das penalidades herdadas da maõ do peccado, naõ pudéraõ estes contentamentos muito tempo permanecer nos coraçoens dos homens, nem

os principes pódem nelles ter algum direito ou posse; por tanto poucos dias antes do parto da princesa, sobrevindo ao principe dom Joaõ huma enfermidade mortal, naõ permitindo Deos que a virtude dos remedios aproveitasse, nem o mal mitigasse com ella, acabou a dous dias de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, desoito dias antes da princesa parir; mas como já pela morte do principe o emparo dos reinos de Portugal e a successaõ delles ficasse posto nas esperanças do parto da princesa, porque o sobresalto de taõ intempestiva tormenta, com perigo da criança naõ abalasse as entranhas da viuva pouco ditosa, privada dos estados e felicidades humanas que já começava a possuir, e do marido que muito amava, trabalháram elRei e a Rainha encobrirem-lhe a morte do principe até que parisse, os quaes com prudencia mais que humana com mostra de grandesa de animos reaes, dissimulando a propria dor, a visitavaõ a meudo com sembrantes alegres, pera encobrir a tristesa penetrante da alma, dando com isto aviso ao povo, que affastados donde a princesa pudesse ouvir, ou sentir alguma torvaçaõ, fizessem seus prantos e sentimentos de lagrimas e tristesas, que a dor intensa em nenhuma maneira podia temperar. Entretida a princesa (e naõ de todo enganada por alguns indiciós que como discreta sentia, e repostas que naõ lhe agradavaõ ás perguntas que fazia do principe) com ani-

mo prudente e temperado, mettida entre duvidas e sobresaltos lhe déraõ as dôres de parto á meia noite a vinte de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, dia do martir saõ Sebastiaõ. Sabida esta nova da gente da cidade, dado aviso á cleresia, religiosos e mais pessoas devotas pedissem a Deos, com oraçoens secretas e publicas, prospero parto da princesa, como unico remedio de todo o povo portugues, logo de noute se ordenou huma devota procissaõ de toda a cleresia e religiões, da Sée a saõ Domingos, levando nella o braço do martir saõ Sebastiaõ, o qual foi trasido a este reino de Portugal do saco de Roma, em tempo de Clemente septimo; alem disto naõ ficou dona nem donzella, por nobres e virtuosas que fossem, as quaes com muitas lagrimas naõ sahissem fóra de sua casa, e andassem pelas igrejas pedindo ao Senhor o remedio taõ desejado, concorrendo com isto infinita gente de todos os estados ao terreiro do paço, que com os olhos fixados nas varandas e janellas, e com os sentidos suspensos, desejavaõ ouvir a nova do que a princesa paria; os quaes postos em grande silencio, sem se ouvir rumor de taõ grande multidaõ, pela attençaõ de sua esperança, sendo já de dia, como huma voz cahida do ceo, apparecêraõ nas janellas do paço fidalgos e donas, os quaes com palavras mal pronunciadas, interrompidas da alegria, denunciáraõ ao povo como tinhaõ principe. Tal foi o alvoroço e rumor

de contemtamento subitamente nacido em toda aquella multidaõ, antes emmudecida pela prompta attençaõ, que rompendo com lagrimas d'alegria o silencio forçado, naõ cessavaõ dar louvores ao Senhor por taõ grande mercê. Desfeita d'improviso aquella companhia, antes unida em hum só cuidado, discorria cada hum pelas ruas da cidade a dar novas aos absentes, e mandar cartas, e correos por todo o reino, com que alevantassem os animos caídos do povo com o contentamento do novo principe e herdeiro do reino de Portugal. A este tempo tornando a procissaõ pera a Sée cantando as ladainhas, na rua dos escudeiros se publicou ser o principe nacido, onde logo mudando o tom e letra alevantáraõ *te deum laudamus* com muita alegria e com corações soltos da incerteza do successo em que todos hiaõ suspensos. Os principes e mais senhores que na corte a este tempo estavaõ, perdida a gravidade de suas pessoas, como homens livres de profunda tristeza e com esperança de saude, correndo sem procissaõ alguma se fôraõ ao paço saber a certeza da nova, e com notorio alvoroço fôraõ beijar a maõ a elRei e á Rainha, os quaes consolados em grande maneira em Deos lhe restituir benina e liberalmente em hum só neto a perda de muitos filhos, naõ podiam encobrir o contentamento que disso sentiam, com suave temperança da fresca dor do principe dom Joaõ, poucos dias antes morto. Chega-

do o oitavo dia do nacimento do principe foi baptisado, e lhe pozéraõ nome dom Sebastiaõ, e foi o primeiro deste nome, por nacer no dia de saõ Sebastiaõ, a que o povo portugues era mui obrigado por devoçaõ, por Deos haver levantado a cruel e frequente peste destes reinos com a vinda do seu braço.

Da criação d'el Rei D. Sebastiaõ, e dos mestres que o cusinaram. Capitulo III.

A Rainha dona Caterina e o Cardeal dom Henrique irmaõ delrei dom Joaõ, sobre os quaes ficava estribando o peso do governo e criaçaõ delrei menino e orfaõ, ao qual elles com igual zelo e amor procuravão todo o bem de seus reinos, principalmente as virtudes pera merecimento da alma, e bons custumes pera ornamento e honra da pessoa e real dignidade, ambos com conselho dos principaes senhores de custumes limpos, com intentos sãos sem estimulos e apaixonadas afeições, ordenáraõ quatro semilheres a elrei: s. D. Pedro de Meneses dom Fernaõ d'Alvares de Noronha, dom Duarte d'Almeida, Felix Moniz, e aio dom Aleixo de Menezes, por serem velhos e sufficientes pera o instruir em toda a boa criaçaõ politica e tratamento de seus vassallos, e a cortesia que havia de usar com os reis e principes de estrangeiros reinos. E porque o mestre dos custumes da alma correspondesse

aos da doutrina da pessoa, ordenáraõ no mesmo tempo dar-lhe mestre que o ensinasse a ler e a escrever e latim com outros bons custumes, e o confessar ao padre Luiz Gonçalves da Camara religioso da Companhia de Jesu, o qual neste tempo estava em Roma, e foi chamado por ser nobre e virtuoso, docto das historias e antiguidades humanas, e mui lido nos annaes dos antigos reis, de que podia tirar exemplos de muita doctrina, pera ensinar e afeiçoar a elrei a emprezas de animo real e apartado das tiranias e outros males, que muitos principes executaram, com perda das almas e dos estados, e infamia da real dignidade e pessoa. Tinha o mestre delrei por companheiro Amador Rebelo, e Mauricio (ambos da mesma religiaõ) e este foi assinado mestre dos moços fidalgos, o qual algumas vezes por indisposiçoens do mestre Luiz Gonçalvez da Camara, dava lições a elrei; mas como elrei dom Joam foi amador da paz, commutando o estrepito da guerra em o repouso do culto divino, e as milicias começárão a afrouxar e ser pouco favorecidas, e elle ter largado aos Mouros as fortalezas que os reis seus antepassados tinhaõ em Africa, as quaes erão Çafim, Azamor, Alcacere-Ceguer e Arzila, e perdido á força das armas o Cabo de Guér, o que os povos e nobreza estranhavaõ e murmuravaõ, determináraõ o mestre e Mauricio ensinarem elrei dom Sebastiam em outro estremo, fazendo-o bellicoso

e inclinado a guerra. Sendo elrei menino, naõ somente com palavras o exercitavaõ e davaõ exemplos de reis bellicosos que ouveraõ insignes victorias e conquistarão grandes reinos, mas nas materias de escrever livros, onde lhe davaõ liçaõ, o persuadiaõ ao exercicio militar e altas empresas de guerra. O minino, de sua natural condição esforçado e magnanimo de coração e espiritos altivos, de tal maneira bebia estas doctrinas, que logo começou a dar mostras de animo invencivel e sem temor em todos e quaesquer perigos; mas como a conquista deste reino, a qual com direito d'armas e zello da religiam se pode emprender, assi pera allargar os limites delle, como pera ampliar a fé catholica, seja Africa, vizinha e inimiga, assi por odio antiguo, como disparidade do culto, a principal guerra que os mestres mostravaõ a elrei com o dedo era esta; contra a qual provincia o moço de sobeja ousadia, desejoso de immortal gloria com esforçados feitos, tinha já concebido capital odio, e cada hora desejava ver o dia de a cometer com armas e executar nella a ferocidade de animo criado com assas zello de exaltaçam da fé catholica e aumento de seus reinos. Tão orgulhoso se mostrava elrei no que a doctrina dos mestres e sua inclinação o convidavaõ, que todo seu exercicio e gosto era fallar na arte militar, dando-se a todo o genero de cavalaria, em se pôr bem a cavalo, correr touros, montear porcos, correr canas,

fazer justas e torneos, em os quaes exercicios era mui destro e manhoso, e nenhum dos fidalgos e senhores de sua corte lhe era igual em destreza, forças e esforço e bom ar, os quaes todos sem nenhuma lisonja o conheciaõ por avantejado. Com este orgulho de animo em que elrei meditava, e ufania em que se exercitava nas forças e destresas corporaes, ajuntou tambem o gosto de todo o genero de cassa e montaria, no qual se occupava e gastava a mor parte do tempo nas suas coutadas de Almeirim e Salvaterra em inverno, e Cintra no veraõ, nas quaes hera taõ curioso e fragueiro, que commummente se lhe reputava por vicio taõ continua occupaçaõ, e assim pela falta que fazia aos negocios publicos, como os evidentes perigos a que punha sua pessoa, e em traser os fidalgos e officiaes do serviço de sua casa mui cansados e inquietos sem nenhum repouso, e inda em tempos mui asperos e intractaveis de chuvas, frios e calmas; nos quaes exercicios elrei se mostrava mui soffredor de muitos trabalhos, e despresador das delicias de homens mimosos, e naõ havia genero de aspereza que elle naõ tentasse, nem injurias de tempos que naõ esperasse com rosto alegre, ou quasi insensivel aos máos tractamentos, mostrando-se vencedor delles, e naõ somente fazia os taes exercicios nos asperos lugares da terra, mas muito mais pretendia assinalar-se nas difficuldades do mar, em as soffrer como pas-

satempo, e vencer com animo ousado todos os perigos que os mareantes bem versados nelles tinhaõ por temeridade esperar: ao qual muitas vezes aconteceo ir em galés pelo mar em tempo de tempestades mui furiosas, que entrando as ondas nas estancias onde os fidalgos jaziaõ enjoados, e os mareantes acovardados dos perigos representados, entaõ elrei, acodindo aos lugares das galés mais arriscados, com riso e zombaria dos em que enxergava medo, mostrava naõ temer perigo algum dos presentes, com cujas forças de corpo e grandeza de animo parecia ameaçar todos os imigos, e convidar todos os esforçados a se espertarem a grandes empresas. Na verdade naõ só era temido dos seus vassallos, mas de todos onde chegava a noticia de seu nome e grandeza de animo; porque pelas partes que elle tinha, e os exercicios que usava parecia todas as forças se lhe renderem, sem esperança da resistencia, e de tal maneira era sua condiçaõ que huns o julgavaõ por difficultoso nas ferocidades que mostrava, e outros por bemaventurado nos feitos que promettia: com esta diversidade de opiniões todos concordavaõ em o temerem e reverenciarem com hum acatamento digno de hum grande monarcha.

Como depois da morte delRei D. Joaõ, a Rainha governou os reinos de Portugal, a qual depois deixou o governo ao cardeal. Capitulo IV.

Ao tempo da morte delrei dom Joam, que foi ao mez de Junho de mil e quinhentos e cincoenta e sete, vendo quaõ orfaõs ficavaõ os reinos de Portugal com um só herdeiro minino, o principe dom Sebastiam, deixou declarado em seu testamento, e á rainha sua mulher rogado, tomasse em seu cargo a criaçam de seu neto (o qual foi alevantado por rei de Portugal aos desaseis de Junho da mesma era, depois de feitas as ceremonias funeraes de seu avôo, com os escudos quebrados e bandeira arrastada) e o governo do reino, por a experiencia sabida de sua prudencia e amor com que tratava os Portuguezes e virtude em louvar o divino e pacificar o humano. A Rainha, acceitado o governo, mais pela necessidade do povo que por interesse ou gosto (antre tantas magoas como tinha sentido nas mortes dos filhos, que pouco tempo havia que lhe estallaraõ diante dos seus olhos no principio de sua felicidade) convocados assim todos os senhores do reino, de cujo conselho se podesse ajudar, começou com muita suavidade a tratar os negocios sem faltar ponto, assi na administraçaõ da justiça, como nos apparatos de Africa e Indias

Orientaes, o que fazia com tanta prudencia e esforço de animo, que fez ventagem a muitos principes desejosos de alcançar famosos nomes, e naõ se mostrando avára nas mercês dos vassallos, nunca se descuidou de galardoar os serviços e merecimentos dinos de premio. Mas como a Rainha estivesse cansada dos negocios publicos e enfastiada dos tumultos da corte, e por sua larga idade desejasse o repouso da alma, e dar a Deos com quietaçaõ os derradeiros tempos empregados em seu serviço, tratando com os povos seu intento, dando-lhe em descarga sua idade e a quietaçaõ que pretendia, se desobrigou do governo dos reinos voluntariamente: mas porque elrei D. Sebastiaõ seu neto era de mui pouca idade pera tomar o cetro, pedio ella ao cardeal infante D. Henrique, irmaõ delrei D. Joaõ seu marido (por obrigaçaõ que tinha ajudar os reinos assi por amor delrei D. Sebastiaõ seu sobrinho, como naõ haver outro principe de mais auctoridade e experiencia) quizesse aceptar o reino. O cardeal, como fosse grande zelador do bem commum e de todo o genero de virtude, naõ engeitou os rogos da Rainha, nem despresou a necessidade do povo, com zello de comprir com a obrigaçaõ delrei seu sobrinho menino, a quem desejava servir, e muito mais com a de Deos, a quem nisso entendia agradar. Taõ resoluto era o cardeal em todos os negocios publicos, e taõ contino nos despachos, com

hum animo soffredor de todos os trabalhos, que não perdendo ponto de acudir a todas as cousas notorias do reino, taõbem governava o Arcebispado d'Evora, onde era prelado, e attendia com muita deligencia á justiça e graças da legacia, que a elle como Nuncio era encarregada, e não menos ao essencial da quietaçaõ destes reinos como inquisidor mór, ajuntando a isso os negocios da abbadia de Alcobaça, que tambem tinha, e com estes cargos occupado todo em conservar a paz da republica temporal com administraçam da inteira justiça, alimpar a espiritual das zizanias, judaismo, heresias e máos custumes com grande zeló da fé catholica, a cousa em que mais se empregava com acceso fervor era no provimento dos religiosos e pregadores que enviava ás Indias Orientais, semear a doctrina evangelica entre as barbaras naçoens dos gentios, onde o nome de Cristo fosse conhecido. Nestes exercicios era o Cardeal tam contino e zeloso, que nenhum outro cuidado nem recreaçaõ buscava senaõ no serviço de Deos, e entender em seu governo: mas porque em tudo pudesse acertar (alem d'elle ser hum retrato de todas as virtudes) consultava com Deos os arduos negocios, e para com mais ajudas o poder obrigar, nenhuns homens chegáva a si, senaõ os de que tinha muita confiança e provada experiencia de virtude: entre os quais tinha muita auctoridade diante delle o padre frei Luiz de Granada da ordem dos pregadores, a quem

era affeiçoado por sua muita virtude acompanhada de rara prudencia e muitas letras. Sobre todos era o Cardeal afeiçoado aos padres da companhia de Jesu, que neste tempo floreciam em todo o genero de virtudes, religiam e aceso zelo da salvaçaõ das almas, com exemplo assas digno de louvores; mas posto que geralmente a todos os padres desta religiam tivesse grande respeito, e alcançassem com elle grande graça e auctoridade, e em tudo se inclinar a seus conselhos e rogos, a quem com mais particular devaçam se communicava era a Leaõ Anriques, o qual era fidalgo de geraçaõ, pequeno de corpo, mas muito grande nas letras e virtude adornada com huma pureza de espirito no qual Deos quiz mondar toda a zizania das más inclinações, que a natureza corrupta custuma brotar nos corações humanos. Acabados seis annos que o Cardeal governou com muita inteireza da justiça e zelo do culto divino, com assas murmuraçaõ de escandalosos, de ante quem as virtudes saõ havidas por imigas, sendo já elRei dom Sebastiam de idade de quatorze annos, e cujo entendimento estava amadurado com prudencia pera reger seus reinos e com exercicios de virtude pera se naõ temer delle cousas indignas de um rei de considerado conselho, lhe entregou o governo e ceptro publicamente, sendo a estes actos chamados todos os senhores e prelados, na qual entrega o Cardeal, em escrito e por palavra, se descargou de to-

das as cousas do governo, e dos serviços que fizera a elrei e a Deos: naõ que esperasse interesses ou louvores humanos, mas pera com isso edificar o povo com a boa administraçaõ, e dar exemplo a elrei (ainda que moço e sem experiencia) a o imitar na guarda da justiça e zelo da religiaõ e emparo da paz da republica.

Dos ministros mais chegados que elrei dom Sebastiam teve no tempo que governou seus reinos. Capitulo V.

Da persuasaõ que elrei tinha concebido da guerra d'Africa andava enlevado neste pensamento, e a nenhuma outra cousa attendia com maior calor que ao modo de a poder efeituar, e em quanto esperava opportunidade e forças de a começar, parecia-lhe ser ensaio quasi verdadeiro occupar-se no exercicio da cassa e cavalaria, como atraz fica dito; mas porque elrei se divertia muito com as inquietações de cassas, e algumas vezes discorria diversas partes do reino, e se descuidava muito dos negocios publicos depois de aceptar o ceptro, pareceo ao Cardeal naõ o desemparar, mas antes lhe servir de hum freio que o fizesse parar nas obrigações de seu estado com conselho, e elrei como fôra criado na vontade, e nunca teve jugo de pai, nem de rei (pois o foi antes de ter uso de rezão) naõ acodia muito aos avisos do

Cardeal nem da rainha sua avó, principalmente no que tocava a o tirarem da cassa e o inclinarem a se ocupar no governo da republica. O Cardeal como era muito devoto dos padres da companhia, a quem elrei tinha muito respeito, por seu mestre Luiz Gonçalves e Mauricio seu confessor serem da mesma religiam, tractou com elles e outros padres de muita auctoridade, como acudissem á necessidade do governo e provessem á falta delrei aos despachos, os quaes ordenárão metter nos negocios da fazenda a dom Martinho Pereira fidalgo muito virtuoso, o qual por conservar a limpesa da castidade nunca casou, ajuntando a esta excellente virtude todas as mais com hum ornamento de acesa devaçam das cousas divinas, ao qual elrei deo comprido poder pera dispor em tudo como lhe parecesse, pela confiança de sua consciencia e honra, e a Martim Gonçalves da Camara doctor em theologia e sacerdote de familia e casa nobre, irmão de Luiz Gonçalves mestre delrei, encarregáram de todas as cousas tocantes ao escrivam da puridade e presidente da meza da conciencia dos desembargadores do paço, com suprema juridição na administraçam da justiça. De tal maneira creceo a authoridade de Martim Gonçalves ante elrei, e o povo, pelo muito zelo da justiça que mostrava e deligencia com que respondia aos despachos das partes, que veo quasi em tudo a descargar os cuidados nelle e ficar mais livre em

seus honestos passatempos. Martim Gonçalves como entendia o amor delrei e suas inclinações, acostando-se ao mestre seu irmão e a Mauricio seu confessor, com animo muisão e zeloso do serviço delrei e de Deos acodia a todos os negocios com muita igualdade, e sem se enxergar nelle aceptaçaõ de pessoas nem favor de parentes, senão daquellas pessoas que tinhão partes pera lhes encarregar officios, e merecimentos pera lhes fazer mercês. Com esta confiança que elrei delle tinha se dava por melhor servido, e o seu reino por melhor ordenado que se elle administrasse por sua pessoa: mas com todos os descuidos, ou pera melhor dizer, confianças delrei em Martim Gonçalves ácerca do governo do reino, e ocupações de seus continos exercicios corporaes, nunca perdeo o pensamento da guerra d'Africa, a qual trasia maginada; antes cada dia a praticava e gostava daquelles que mais lha louvavão e davão esperanças de a poder efectuar. Alguns homens zelosos do bem commum, vendo quão ocasionado a desastres era o intento delrei nesta jornada pelo perigo de sua pessoa e descredito da dinidade real e por as poucas forças de dinheiro e menos destresa da gente militar, receavão muito os maos successos, e secretamente divertião seu intento, por não ousarem contradizer-lhe claramente huma opiniam tam arreigada na fantesia. Outros menos considerados no devido, e pouco zelosos do bem da republica;

por se faserem gratos a elrei por meio de seus intentos e lijonjerias perjudiciaes, lhe promettiam grandes victorias e fazião grandes gabos de suas empresas, cujas palavras por serem conformes á sua opinião e se imprimirem nelle, como moço e desejoso de gloria, cada vez se encendia mais em seus começados dezejos, e descobrindo mais seu peito começou mandar ensaiar seus vassalos na arte militar, fazendo resenhas ensinadas per alguns soldados praticos, provendo de armas em todas as partes do reino como principio do apparato de guerra, persuadindo-se ser obrigação de seu estado augmentar e dilatar os limites de seu imperio, principalmente na provincia de Africa, que lhe era devida per direito de armas; da qual conquista presumia receber muito proveito a seus vassalos, pelos comercios, que poderiaõ ter e provimento de mantimentos de que o reino carece, e gloria a Deos na promulgaçaõ do sagrado evangelho, o qual naquella barbara gente e infiel se podia fazer, com outras rezoens que não faltavaõ, e que a seu desejo eraõ sobejamente bastantes de o fervorar em seu começado proposito, pera cujo effeito se procurava por todas as vias limitar os gastos, poupar dinheiro, exercitar as gentes, ajuntar armas, e chamar homens de diversas partes exercitados e ensinados na arte da milicia, e geralmente se praticava e pedia conselho no modo e processo da guerra, e se tomavaõ informações publicas e secretas dos

homens praticos das terras de Africa, trazendo a elrei descripções das cidades, montes, rios, e fontes, por onde podião marchar os exercitos, naõ advertindo elrei nem os favorecedores de sua opiniam as poucas forças do reino em guerra tam grande, nem as difficuldades de subjeitar huma provincia tam espaçosa, esteril de muitas cousas necessarias, e fertil de muita gente poderosa em resistir ás forças portuguesas e defender sua propria patria, com pouco perigo das pessoas e menos despesa de guerra: quanto mais, inda que fôra vencida com armas dos Portuguezes ou vontade dos Africanos, em nenhuma maneira se poderia conservar em mêo de gente de pouca fé e lealdade, estando tam alongada do soccorro, assim de munições e mantimentos, como as forças portuguesas naõ terem mais vigor e espaço que té ás praias, as quaes as agoas do mar oceano banhaõ, que saõ os limites da potencia de seu largo imperio. Com estes propositos dissimulavaõ seu mestre Luiz Gonçalves e MartimGonçalves, parecendo-lhes que o tempo lhe apagaria aquelle fervor, ou ao menos mandaria fazer aquella guerra por seus capitaens.

Dos disfavores que elRei fazia á Rainha, e ás mais pessoas que estranhavão seus desejos da guerra. Capitulo VI.

A tanto chegou o calor que elrei D. Sebastiaõ trazia em seu peito de levar adian-

te o proposito da guerra africana, que em certa maneira aborrecia as pessoas que lhe naõ aprovavaõ seus desenhos e altos pensamentos da gloria juvenil. A rainha sua avó, como lhe desejava todos os bens, e por experiencia entendia quanto elle andava traz seu dano, e caminhava pera hum fim mortal, já no principio cheo de occasiões de perigos e males, nunca lhe louvou seus conselhos, antes os julgava por errados e mal considerados, e pouco zelosos do bem delrei os que nisto o mettiaõ com enganosas doçuras: a qual, quando via que com palavras cheas de amor não podia persuadir a elrei o que tanto lhe relevava, ao menos com lagrimas e orações pedia a Deos remedio dos males ameaçadores de severo castigo em empreza taõ duvidosa, a qual muitas vezes se tinha praticado em muitos concelhos sem lhe acharem entrada, inda em tempo que o reino estava prospero de riquesas e florecia com victorias e abundancia de capitães velhos e experimentados, e a gente africana tinha menos uso d'armas. Elrei, ou fosse por algumas pessoas o perverterem, ou de sua propria vontade (que he mais de crêr) vêo a enfastiar-se muito da rainha, e ter por imigos seus conselhos e lagrimas, pagando-lhe os merecimentos de entranhavel amor com premio de aborrecimento e sinaes de escandalo, e notoriamente andava a desviar-se della, quasi fugindo de estar em Lisboa, onde ella tinha o seu

assento nos paços d'Enxobregas: e se algumas vezes vinha á cidade, pousava nos de Santos o velho na outra parte da cidade, afugentando-se da sua conversaçaõ quasi divina, ornada de sanctidade e prudencia, com pregaõ de supremo louvor entre todos os principes. Além disto andava mui inquieto, e todo seu pas-satempo era estar em Almeirim e Cintra por razaõ da cassa das coutadas, e andar por outras partes do reino mui distrahido, sem fazer morada vagarosa em algum lugar. A rainha sentia muito absentar-se elrei tanto della, com hum ingrato desconhecimento de seu amor e negaçaõ de sua vista, na qual ella se recreava como em hum retrato representador de todos seus filhos, com que esquecia as saudades delles todos mortos, e trocava a magoa com hum suave gosto da presença deste só neto; e parecendo-lhe nacer isto de Martim Gonçalves e do mestre, mostrando-se escandalisada delles, sem poder remediar nos principios os infelices fins pronosticados da gente de prudencia experimentada, determinou hir-se pera Castella, pera ao menos não ser testemunha das lamentaveis profecias que se haviaõ de comprir com tanta dor sua, e lá morar e morrer, e mais em tempos quando os mancebos e lijonjeiros tinhaõ voto e primeiro lugar ante hum rei moço, já começado a precipitar com conselhos mal afortunados. O povo portugues e toda a nobresa, entendida muito bem a razaõ dos

queixumes da rainha, e o emparo das cousas divinas e humanas com sua presença, tomavaõ muito mal ser ella escandalisada delrei seu neto, e sentiaõ muito sua absencia do reino; assim todos os prelados, senhores, cidades, e outras pessoas religiosas lhe pediraõ e rogáraõ com muita instancia e lagrimas quizesse desistir de sua determinaçaõ, taõ pouco merecida por amor que todo o povo lhe tinha, e de hum castigo taõ publico do bem commum, e da vingança de si mesma, em deixar hum só neto desmerecedor de sua vista e conselhos, em maõ de seu proprio erro, accrecentado com persuasões de máos zelos; antes entendesse sua alteza ser essa a maior desconsolaçaõ que podia dar a Portugal, entregue em mãos de hum rei moço e tão distraido em pensamentos danosos a seu estado e republica, cujo arrependimento se esperava cedo, e certo, com o qual ella entaõ veria as satisfações delrei com amor, e lhe ajudaria a celebrar huns vergonhosos sentimentos com emenda, pera grandes gostos seus e proveito de toda a republica, e com sua presença, quando naõ em todo, ao menos em parte, elrei teria algum freio em sua condiçaõ, e com sua absencia os homens que traziaõ tomada posse de sua liberdade, e o meneavaõ com conselhos desusados em entendimentos maduros, e aparentes a huma idade tenra de hum moço exalçado em grandesa de animo, e favoreciaõ suas vontades mal medidas pela re-

zam, ficariam entam com maior dominio pera hirem avante no que ella tanto estranhava e chorava, e á sua prudencia e christandade convinha em tempos taõ turbulentos ter maõ em tudo o que sentia necessario, posto que fosse com muita magoa sua; pois como avó e mãe delrei, e já naõ havia outra reliquia de todos seus filhos senaõ este, tinha obrigaçaõ de tomar á sua conta todos os desgostos por o naõ deixar hir por caminhos em cujos cabos poderia parar mal; quanto mais que como christã, e que com tanto exemplo de virtude tinha chea a christandade, escandalisaria o mundo se em sua velhice se désse por aggravada das cousas de hum rei moço seu neto, cujos erros ella devia com toda a deligencia e trabalho procurar de emendar, e quando naõ pudesse traze-lo aos bens que lhe desejava, ao menos lhe atalhasse os males que lhe temia. Com todas estas rezoens e outras propostas á rainha, e as lagrimas que abriam as portas dos intimos secretos do verdadeiro amor, que ellas significavaõ, as quaes a persuadiam mais que palavras, quanto devia conceder com seus rogos tam justos e amorosos, não avia abalarem-na de seu constante proposito, antes com toda a diligencia mandava aplicar as cousas necessarias ao caminho até não faltar cousa alguma. Vendo élrei a constancia da rainha sua avó, e cahindo na conta de elle ser a causa desta desconsolaçam de todo o povo, em querer aggravar huma

rainha de tantos merecimentos, e zelosa dos seus bens, e dos seus reinos, e elle com pouca consideraçaõ trazia toda a republica atormentada com as inquietações de sua pessoa, e os desenhos de seus intentos, ouve conselho de amimar a rainha, e desuadilla de sua ida, fazendo-lhe com isso algumas caricias, com as quaes a santa velha, avendo que ganhava mais em achar-se enganada em sua velhice com branduras, que desconfiar do amor da mocidade de seu neto, com hum peito cheo de respeitos reaes, e os olhos de lagrimas, se abrandou de maneira como quem não pertendia mais que todos os bens a um neto que criára pera alivio das mortes de tantos filhos, e gosto com cuja vista passasse a vida sem lembranças de magoas. Taõ isento de condiçaõ era elrei, que tambem o cardeal teve algumas vezes semelhantes aggravos, os quaes como velho e sisudo bem dissimulava. Tambem o senhor D. Duarte, filho do infante D. Duarte, era muito desfavorecido delrei; o qual, por ser muito manso de condiçaõ, e cheio de religiosas virtudes, mostrou-se sempre mui soffrido a tudo, ainda que o sentia tanto, que se crê dos desgostos dos disfavores delrei se lhe haver gerado a enfermidade de que morreo em Evora, onde depois da primeira vinda de Africa se recolhera. O senhor D. Antonio filho natural do infante D. Luiz, posto que tivesse menos aggravos d'elrei, alguns formou do cardeal seu tio, com mui-

tos queixumes mais apaixonados que justos, por tomar mal os avisos e reprehensões de alguns vicios companheiros de mancebos, mas contrarios a principes, com desejo de reformaçaõ de bons costumes, e taes quaes elle ensinava, pera ornamento e exemplo de prelado do arcebispado de Evora, e do cardealado por sua morte, pera o que o tinha já ordenado de ordens sacras. O senhor D. Antonio, aconselhado de alguns mancebos a que as virtudes naõ eraõ saborosas, nem os conselhos justos estimados, o inquietaraõ e descordaraõ de maneira com o cardeal seu tio, que o fizeraõ romper em queixumes publicos e hir-se de sua conversaçaõ e casa, onde o criava como filho, a Castella á corte delrei D. Philippe, o qual achando em sua magestade as honras e gasalhados que de taõ alto principe e taõ chegado em parentesco se esperavaõ, esteve alguns dias na corte, até que ou por mandado delrei D. Sebastiaõ, ou por assi lhe parecer bem, se foi a Tangere, lugar fronteiro de Africa, onde esteve muitos dias, em os quaes Cide Murça, homem de muita auctoridade e reputaçaõ entre os Mouros, por temor do Xarife Mulei Hamet se veio a Tangere fugido com mulheres e filhos, pôr-se debaixo de seu emparo, o qual dahi mandou a Portugal. O senhor D. Antonio, como andava já de todo desavindo com o cardeal seu tio, querendo-se deserdar dos beneficios que esperava, e fazer-se desmerecedor de seu amor,

ou Deos assim o permittir, impetrou do summo pontifice o dispensasse das ordens sacras e de suas obrigações, e pudesse andar em habito secular, como de feito alcançou, o qual tanto que veio ao reino foi bem recebido delrei; e por ter muitas dividas e ver que elrei naõ cessava do intento de passar á Africa, e de força se avia de aviar, pera o acompanhar, foi-se assentar em Almada, onde poupava algumas das muitas despezas que costumava fazer.

Como tratáraõ de casar a elrei. Capitulo VII.

Naõ dispoem os fados os successos humanos subalternados ao livre alvedrio, como alguns gentios cuidavaõ, mas á divina providencia, por que são governadas todas as cousas inferiores, principalmente os corações dos reis, com os quaes Deos tem particular conta, pela dependencia que todo o povo tem de seu governo; por tanto a esta causa e vontade divina se deve reduzir não terem effeito os casamentos nomeados a elrei dom Sebastiam, pois elle tinha na sua eterna mente dado outra traça alevantada e escondida ao humano engenho. Depois que morreo a rainha dona Maria, a francesa, filha delrei dom Henrique de França, o qual morreo em humas justas, e mulher delrei dom Philippe de Castella, mandou elrei de França, seu irmão, embaixador ao mesmo rei de Castella, pedindo-lhe que por se tornar

a soldar o parentesco e amizade, interrompido na morte da rainha dona Maria sua irmaã, quizesse ajuntar-se em matrimonio com outra sua irmaã Margarida. Elrei dom Philippe, como muito catholico e virtuoso pareceo-lhe não convir á sua grande honestidade e exemplo casar com a irmaã de sua mulher de que tinha filhos, posto que a Sé apostolica os pudesse dispensar, e as republicas de Castella e França interessassem paz e amizade com outros bens temporaes, não veo nisto. Elrei de França desejoso de casar a irmãa, posta debaixo de seu emparo como pai, quando vio que se não podia effectuar o casamento em Castella, tentou tratalo com elrei dom Sebastiam de Portugal. Martim Gonçalves da Camara e o mestre seu irmão Luiz Gonçalves da Camara, a cujos conselhos e disposiçaõ elrei estava entregue, pareceo-lhes convir muito ao reino de Portugal ter liança de parentesco com França, pera ser mais provido dos mantimentos de que muito carece, principalmente de paõ. Com estas e outras considerações estava o negocio de acordo de se aceptar e dado esperanças de se concluir. Elrei dom Philippe de Castella, por ser tio delrei dom Sebastiam, e que zelava todo o seu bem e honra, lhe mandou pedir e á rainha e cardeal houvessem por bem que elle não aceptasse o casamento de França, nem desse palavra resolutoria sem elle o saber e intervir nisso. Elrei de Portugal e as pes-

soas acima nomeadas, que entrevinhão nestes negocios, vendo o zelo delrei de Castella ser muito justo, e dezejando comprazelo em tudo, lhe respondêram que assim o fariaõ e elles mettiaõ o negocio do casamento delrei na sua maõ, e acceptaria por mulher a que a elle lhe parecesse bem. Elrei de Castella como tambem era tio das filhas do emperador Maximiliano, lançando contas mais proveitosas á christandade e ás republicas temporais, assentou que elrei de França cazasse com dona Anna filha mais velha do emperador, e elrei de Portugal com a filha segunda. Dada esta conta a elrei de Portugal e á rainha sua avó e ao cardeal seu tio, pareceo-lhes bem, e assim ao mestre delrei e a Martim Gonçalves. Depois desta resoluçaõ elrei D. Philippe de Castella, mudando o parecer juntamente com a mudança dos tempos, tomou outro acordo differente do assentado, o qual foi que o mesmo rei de Castella casasse com dona Anna sua sobrinha, filha mais velha do emperador, e elrei de França com a segunda, como de feito ambos casaraõ, e elrei de Portugal com a irmã delrei de França, com que antes estava concertado, e elrei de Castella havia pedido se naõ effectuasse; e mandado o recado a elrei de Portugal da mudança e assento, e como elle havia de casar com a irmã delrei de França, algum tanto secretamente se aggravou elrei de Portugal, por agora novamente lhe querer fa-

zer acceptar a mulher que antes lhe impedíra : por esta causa, por conselho de Martim Gonçalves e do mestre, naõ respondeo elrei ao recado de Castella ao primeiro corrêo, nem ao segundo, nem terceiro, até o quarto, nos quaes se mandava pedir procuraçaõ pera se fazer o contrato em dia já pera isso aprasado, a qual naõ sómente naõ mandaram, mas resposta chêa de queixumes em querer tanto abusar de sua liberdade sometida a conselhos pouco proveitosos e menos honrosos, variados por voltas que viessem a fazer assento onde tinhaõ começado; do qual elrei de Castella se mostrou taõ aggravado em lhe quebrarem a palavra, que esteve em termos de quebrar com elrei de Portugal ; mas como elrei de Castella entendia todas estas alterações nacerem de Martim Gonçalves, o qual tinha suprema valia com elrei, mostrando-se mui sentido de huma taõ altiva insolencia o com pouco acatamento de sua dinidade real, mandou pelo seu embaixador dom Joaõ da Silva (que na corte delrei de Portugal andava) pedir a elrei dom Sebastiaõ Martim Gonçalves da Camara naõ entendesse em seus negocios, porque lhe era suspeito. De maneira que pelo acima dito naõ houve effeito o casamento delrei de Portugal.

Como elrei mandou o senhor dom Antonio a Tangere. Capitulo VIII.

Parecendo a elrei dom Sebastiam ter já commodidade de commeter a conquista de Africa, em que trazia postos os intentos, e a memoria cada dia refrescada com suas lembranças e desejos, começou dar ordem a principios como se fizesse: o qual mandando chamar dom Diogo de Sousa, fidalgo velho e prudente, que morava em Evora, o fez governador do reino do Algarve, onde o mandou residir com certo regimento, mas o principal era pera dalli dar ordem á embarcaçam da gente que o havia de seguir, conforme a sua determinaçam. Dom Diogo, posto que como velho e experimentado naõ approvasse os desenhos delrei, por serem mais fundados em esforço que rezaõ, estribados sómente nos esforços de mancebo ajudados de maos conselhos, naõ ousou dizer-lhe seu parecer, mas com temor e obediencia foi fazer o que lhe elle mandava. Elrei querendo solidar mais o intento, no qual já declarava de passar á Africa contra parecer do seu concelho, mandou o senhor dom Antonio prior do Crato (o qual já então andava em habito secular) se fosse diante per Tangere; mas como elle naõ havia sido doctrinado na arte militar, nem tinha experiencia dos meneios de guerra, por haver gastado a mocidade nas letras humanas e

sagrada theologia, deo-lhe por conselheiros dom Duarte de Menezes, e dom Joam de Menezes, e dom Alvaro Coutinho, e dom Fernam de Mascarenhas e dom Gastaõ Coutinho, todos fidalgos muito nobres e praticos na milicia, principalmente na de Africa, onde alguns d'elles haviaõ sido capitães, e outros fronteiros; além dos quaes levou muitos fidalgos, assi criados seus, como outros mancebos desejosos de ganhar honra de hir servir a elrei nesta jornada, e mais hindo em companhia do senhor dom Antonio, principe benino e liberal em mercês e cortesias, com que obrigava a vontade de muitos, e levava traz si os olhos e amor de todos, com o qual tambem obrigava as vontades. Com elle tambem foraõ muitos homens honrados e alguns cavalleiros de Africa, que andavaõ na corte em requerimentos, aos quaes elrei mandou dar cavallos, que com os de Tangere se fizeraõ oitocentas lanças. Partido o senhor dom Antonio de Lisboa em agosto de sessenta e quatro, com huma armada de galés e galeões, chegou a Tangere, onde foi recebido de todos os fronteiros e soldados com incrivel contentamento pelo conhecimento de suas grandesas e affabilidade, assi do reino como do tempo que lá estivera, como atraz fica dito. Posta a gente em ordem segundo regimento que levava delrei, algumas vezes lhe corrêraõ os mouros até ás tranqueiras como commummente costumavaõ, aos quaes rebates o se-

nhor dom Antonio sahia com a gente de pé e cavallo, mostrando estremado esforço no commetter, e singular prudencia no mandar: mas como dom Duarte de Menezes tinha pretençaõ na capitania de Tangere, por haver sido de seu pai e avós, e lá naõ haver de presente capitaõ, em todas as sahidas dos rebates o senhor dom Antonio, usando de sua beninidade e confiança de principe, com palavras de muita cortesia e brandura, lhe dizia que mandasse a gente e a ordenasse, que elle naõ era alli senaõ seu soldado. Desta maneira estava o senhor dom Antonio em Tangere sem passar seu regimento, esperando cada dia que elrei chegasse com o resto do exercito e mais frota. O Xarife Mulei Hamet, tendo já noticia dos intentos delrei passar á Africa, quando soube que o senhor dom Antonio estava em Tangere, entendeo claramente ser elle o denunciador da guerra esperada, a quem elrei avia de seguir nas costas, ao qual os mouros deram facil credito ensinados de hum espantoso medo, já de muito tempo arreceado á custa das rotas que cada dia recebiaõ dos portugueses fronteiros, com perdas das vidas e fazendas; e quando viram este aparelho, o temèraõ muito mais: pela qual causa o Xarife começou a fazer grande gente e as mais munições, fortificando-se com maior cuidado; e tanto foi o temor dos mouros de entenderem que elrei naõ tardaria muitos dias, que presumindo que entra-

ria pela terra dentro (como na verdade determinava) como o senhor dom Antonio chegou a Tangere, logo os Alarves começárão a recolher seus aduares, e metter-se pela terra dentro com a gente e gados.

Como elrei passou á Africa Capitulo IX.

Quando Luiz Gonçalves da Camara, mestre delrei, e Martim Gonçalves seu irmão entenderam quão determinado elrei estava de passar á Africa, sem defferir aos conselhos e persuasões que lhe tinhão dado, e quão pouco poder e aparato tinha pera poder sahir com empresa de louvor, antes temendo o discredito da honra em naõ levar ao cabo o que começava, e o perigo de sua pessoa se nisso persistisse, como homens muito validos com elle, procuravão com todas as forças dessuadi-lo da jornada; mas como elrei estava influido neste fatal parecer, e obstinado em huma vontade tão errada, nem bastárão conselhos do mestre, nem rogos de Martim Gonçalves pera o fazer desandar de sua obstinada tençam. O mestre delrei, ou porque quando era minino o tinha metido nesta maginaçam, ou nos principios o não tirou d'ella, agonisado em o ver tomar caminho sem sahida, e temer grandes desastres, andava mui descontente, chorando mil lagrimas de sentimento; o qual não sómente não se abalava a fazer mudança alguma de sua opiniam, mas com

aceso fervor desejava já por-se ao caminho, e pera que o pudesse fazer mêo escondido de todo o povo, o qual geralmente clamava e condenava hum desenho tam cheo de perigos, e tam mal acertado sem fundamento, ordenado por seu parecer sem experiencia da milicia, e com engenho inquieto e desejoso de alcançar fama per cavallarias maginadas com fervor juvenil, determinava hir-se aquelle verão a Cintra, e com isso dissimular a hida, e tirar o povo de seus temores; mas como elle tomava isto por mêo de melhor poder effectuar sua jornada sem lha estorvarem, mandou aviso a dom Fernam d'Alvares de Noronha, capitão mor das gallés, estivesse prestes no porto de Cascaes, lançando fama que queria hir ao Algarve sómente. Os fidalgos e gente prudente, entendendo como as cousas erão já inclinadas com ruinas de errados conselhos, ameaçando grande precipicio, não se asseguráram com a fama publicada, entendendo este negocio, debaixo do qual facilmente se enxergava outro mais dos desenhos errados delrei, e medindo estes movimentos do apetite de hum só mancebo sem experiencia pela rezam de muitos velhos e experimentados, vendo em como elrei não mandava fazer prestes gente, nem munições, nem outras machinas de guerra, confusos com o furor que lhe temião e o descuido dos aparatos essenciais, estavão preplexos em extremos tão contrarios, com que não se determinavão, entendendo os

avisados bem como nenhuma providencia humana não pudesse anticipar a conselhos contingentes, e fora de ordem, andavão suspensos vigiando com mais prudencia onde os negocios caminhavão, e esperavão o fim delles quasi a caso, com temor de outro mais certo de males. Sabendo pois elrei como as galés estavão em Cascaes (duas legoas de Cintra) se foi lá, e sem mais provimento nem aparelhos se embarcou nellas, que erão tres, nas quaes hiam por capitães dom Fernam d'Alvares de Noronha general dellas, Jorge d'Albuquerque Coelho, Bernardim Ribeiro, e mandou a Simão da Veiga, que andava guardando a Costa com hum galeam e cinco caravellas, o seguisse, sem mais outra frota nem aparato. O senhor dom Duarte, o duque d'Aveiro, o conde do Vimioso, com os mais fidalgos que o acompanharam, admirados da subita determinação e conselho tão temerario e alheo de rezam, em querer alcançar fins sem os mêos, e victorias mui honrosas de grandes povos e espaçosas provincias de gente bellicosa e de antigo odio, sem armas nem forças, sem terem recado nem tempo de se proverem sobmente pera o caminho, se embarcaram da mesma maneira e com os vestidos de côrte, sem mais provisão. Alguns que inda cuidavam aquelle abalo ser somente ao Algarve, não se determinaram no que havião de fazer, esperando onde a determinação parava. Chegado elrei ao cabo de Sam Vicente este-

ve ahi alguns dias, e logo por correos despedio cartas pelo reino ás cidades, e villas, e senhores fidalgos e outros homens de nome, como elle passava a fazer guerra á Africa, e lhes rogava o seguissem, cada hum segundo sua possibilidade, as quais cartas já hião feitas de Cintra, e se affirma serem oito mil, parecendo a elrei que com esta manha sahia com seu intento, fazendo os homens as despesas á sua custa propria; pois o impedimento que lhe punhão de a não começar era a falta de dinheiro, de que o reino carecia. Os fidalgos e mais gente a que as cartas foram dadas, como se desenganaram do caminho delrei, fazendo-se cada hum prestes com a mais pressa possivel por o acompanhar e achar-se prezentes com elle, mais pera lhe serem companheiros no perigo que por tirarem proveito da jornada, começárão por mar e terra a segui-lo, deixando atraz os provimentos necessarios, os quais com as presenças de suas pessoas comprissem com a obrigação de obediencia, e com hirem offerecidos aos perigos que a jornada promettia se mostrassem leais vassallos, e dando nisto a ordem do governo inferior mostra de quanta força tem a vontade dos principes, ainda que cega e sem rezam, pera aballar tantas gentes a empresas notoriamente conhecidas por danosas e prejudiciais, sem poderem resistir aos principios dos males que forçadamente vão buscar.

De como o Cardeal ficou governando o reino, em quanto elrei esteve em Africa.
Capitulo X.

Tanta era a privança de Martim Gonçalves com elrei dom Sebastiam, e autoridade que tinha alcançado no povo, que cuidou ou tratou ficar governando o reino em absencia delrei; mas porque era devido fazer-se primeiro este oferecimento de governo ao cardeal dom Henrique, naõ teve effeito o intento de Martim Gonçalves por o cardeal acceptar o cargo, condoendo-se do desemparado povo, quasi metido em hum mortal perigo; o qual aposentado em Lisboa nas casas de dom Martinho de Castel-Branco, junto ao limoeiro, começou a entender nos negocios e despachos publicos, com todos os officiaes assim da justiça como dos mais tribunaes, dando audiencia a todas as partes com maravilhosa prudencia e inteireza de justiça, enchendo aquelle lugar com grandezas e virtudes reaes. Martim Gonçalves, segundo se entendeo, tomado do cardeal se atravessar na sua pretençaõ, ou por sua autoridade, parecendo-lhe ser menos estima de sua honra sujeitar-se a elle, estando custumado mandar com imperio absoluto e com liberdade quasi real, absentou-se da cidade e foi-se aposentar no mosteiro de Bemfica da ordem dos pregadores, mêa legua de Lisboa. O cardeal, sentindo muito

o intento de Martim Gonçalves e altivos pensamentos com que media e queria igualar a diversidade das pessoas taõ distinctas nas dinidades e calidades, dissimulou com animo grave e prudente, e lá no interior concebeo tal desprazer delle que nunca mais o gostou, assim em quanto elrei dom Sebastião viveo, como depois que elle reinou; o que claramente se vio, que nunca o ocupou em cousa alguma em quanto foi rei, nem lhe mostrou algum sinal de contentamento, nem esperanças de se servir delle. Neste tempo, quando elrei estava em Africa, e do principio de sua partida, vendo o cardeal e todo o povo quaõ metidas estavaõ todas as cousas publicas em humas esperanças cheas de males, postos em grande agonia e tribulaçam, foi nos pulpitos encomendado aos religiosos e mais povo se convertessem a Deos com lagrimas, e lhe pedissem remedio dos males que ameaçavaõ o reino por tam inconsiderada determinaçam delrei, e inspirasse em seu coraçaõ e lhe alumiasse o entendimento pera tornar atraz do seu caminho mal começado, com temor de ter peor fim. E logo foi ordenado pelo cardeal e dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, de dia e de noite estivesse o Santissimo Sacramento fora do Sacrario, alternadamente em todos os mosteiros e igrejas da cidade, onde os devotos concorressem a pedir-lhe favor, pera que vendo a tribulaçaõ de hum povo afligido e arriscado a graves perigos por os appe-

tites de hum rei moço, se apiedasse delles, fazendo-lhe alem disto muitas preces e ladainhas com tanta devaçaõ, quanta era a necessidade presente em pedir do ceo remedio, que humanamente se naõ esperava. A rainha dona Caterina, a quem sempre pareceo màis prejudicial esta jornada, e mais temerario o conselho delrei, com o coraçaõ partido em differentes pensamentos, naõ tinha repouso na alma, como aquella a quem cabia maior parte destes sobresaltos e temores, pondo os olhos em Deos, lhe pedia pozesse em sua guarda e debaixo de seu emparo hum rei moço enganado na obra, mas naõ no zelo e vontade de o servir. Com estas e outras considerações revolvia em seu peito muitos cuidados, huns dos perigos delrei, outros da desconsolaçam do povo, e sobre tudo se humilhava diante de Deos, pedindo-lhe seus peccados naõ fossem verdugo do neto inocente, nem do povo que o naõ merecêra, rogando-lhe que naõ desse ousadia nem esforço aos barbaros africanos pera com abatimento da fé catholica, executarem seu furor no exercito christam, quasi perdido e descaminhado como gado sem pastor; pois tam prejudicial governo seria motivo pera os esquadroens, sem resistencia, cruzarem as mãos e estenderem os pescoços aos golpes do imigo. Nestas e outras tristes consideraçoens gastava a santa velha os dias e noites, sentindo mil sobresaltos cada hora em seu coraçaõ, que lhe tiravam o repouso e

somno, com grandes perturbaçoens do entendimento e inquietaçoens d'alma.

De como elrei tornou a Tangere, e foi aconselhado se tornasse pera Portugal.
Capitulo XI.

O zelo delrei dom Sebastiam em passar á Africa como naõ era fuadado em rezam que tivesse mêos nem fins proveitosos, senaõ em hum apetite de mancebo, profetisado com mal afortunado sucesso, o qual naõ se podia enfrear com conselhos sãos, entaõ os senhores e fidalgos velhos de seu conselho o acompanhavaõ com maior cuidado, ao menos pera lhe poderem atalhar os males que suas desordens prometiaõ. Chegado elrei a Tangere e os principaes do reino, huns que logo se embarcaraõ com elle nas galés, outros que com grande pressa o seguiraõ, naõ tratavaõ de guerra, de que se esperava manifesto dano, senaõ em impedir por todas as vias os principios della: desta maneira em conselho todos juntos muitas vezes pedíraõ a elrei que se quizesse tornar a Portugal, porque a sua hida fôra sem ordem, e naõ se podia tirar della fruito, antes muita quebra de sua honra e notorios danos de seus vassalos, os quais como zelavaõ mais a honra de sua pessoa real que as proprias vidas, tinhaõ obrigaçam de o avisar como a guerra emprendida levava os principios errados, com manifestos indicios de

mal afortunados fins, e naõ davaõ outra maior prova de sua alteza crer o que lhe aconselhavaõ com amor, senaõ ver que com tanta mais vontade todos o seguiaõ, quanto mais entendiaõ arriscarem as vidas em seu serviço. Elrei, a quem todos estes avisos pareciaõ covardias de quem os dava, zombava delles como de rezoens frivolas pera desmanchar seu acertado intento, e por se mostrar mais desprezador dos perigos tantas vezes pintados, algumas vezes sahio ao campo montear, duas legoas da cidade, com tanta segurança como se andasse nas coutadas d'Almeirim. Posto que a gente de pouco entendimento ornasse com muitos louvores estes esforços delrei, em se fazer desprezador dos imigos, e passar com animo ousado por suas terras, sem haver quem lho impedisse, e cuidassem serem estas cousas já huns principios da posse daquellas espaçosas provincias, os velhos todavia, que com prudencia e maduro juizo viaõ aquellas temeridades taõ cheas de perigos, entaõ choravaõ mais os infortunios de que viaõ andar cercado o mancebo enganado com vans fantesias, os quaes quanto mais sentiaõ o perigo, tanto mais instavaõ em seu requerimento, assim em secreto como em publico, té os pregadores o dizerem nos pulpitos: mas quiz Deos que a experiencia desse a elrei o desengano, a quem as resoens nãõ persuadiaõ; porque mandando o Xarife correr-lhe a Tangere, com muita gente de cavalo, o alcaide

Cid-Hamu-Benanza, viso-rei de Mequínes, esforçado e destro capitaõ, quando elrei vio este rebate, afervorado em desejo de pelejar, mais guiado de hum fervor juvenil que de valor de capitaõ experimentado, se sahio ao campo com toda a gente da cidade, parecendo-lhe que já a sua boa dita lhe trazia meter os imigos nas mãos, e fazer offerta das vitorias que taõ meditadas trazia no apetite, sem ficar lugar á resaõ de tomar parte dellas. Sahindo pois elrei fora no rebelim, e vendo como a cantidade dos mouros excedia no numero aos cristãos, e cometiaõ com esforço denodado diante de sua pessoa, com maiores algasarras que feridas, onde houve alguns recontros de pouco momento, mandando fazer resenha de sua gente, achou novecentos e quinze cavalos d'armas e ligeiros; o qual desenganado quaõ pouco tempo tinha já do veram (que era em octubro) pera poder fazer guerra, e quanto vagar haviaõ mister em a gente chegar de Portugal, por estar tam desapercebida, por o tempo quando lhe foi dado o aviso ser muito tarde e a jornada muito comprida, começou entaõ dar entrada ás rezoens alegadas, o que parece Deos nelle obrou pelas muitas orações feitas em Portugal, que o alumiasse em seus conselhos. Com isto vendo-se atalhado em suas pretenções, enxergando outro caminho mais seguro e certo, determinou tornar-se em Portugal: mas parecendo-lhe poder cobrir o erro já publi-

cado por todo o mundo, tornou a rescrever ás pessoas a que tinha escrito, se entretivessem e não passassem á Africa, porque seu intento não fôra mais que visitar Tangere e Ceita, e tornar-se, como de feito já estava de caminho. Com esta determinaçam foi elrei nas galés a Ceita, onde estava por capitam o marquez de Villa-Real, e vendo-a se tornou a Tangere pera dahi se embarcar pera Portugal, como fez.

Como elrei dom Sebastiam se tornou de Africa pera Portugal. Capitulo XII.

Com esta determinação delrei, mais chea de proveito que honra, se alegrárão todos os portuguezes presentes, tendo por bem empregadas as despezas já feitas, havendo que alcançavão maior victoria deste apetite cego que dos imigos, ficando preservados dos evidentes perigos e danos, com temor de mor abatimento do nome portuguez, muito antes temido entre todas as barbaras nações, pois com huma sisuda desculpa do entendimento delrei moço, e de espiritos altivos em cometer empresas arduas, com desejo de igualar sua fama e gloria com a dos mais esclarecidos capitaens, ficava este errado acometimento perdoado dos prudentes e velhos capitaens, e antes louvados, assi elrei em mostrar tanta grandesa de animo, como seus vassalos em o seguirem nos perigos e

lhos atalharem com conselhos; porque quanto mais a juvenil idade se anticipa com animo esforçado, tanto mais merece ser louvada, e maior esperança dá d'imortal gloria; e em não ser guiada por rezão não perde o resplendor nem os premios dos louvores; pois o tempo nem a experiencia custumão informar os engenhos humanos senão quando estão maduros de dias, e chêos de largos discursos. Juntas pois em Tangere as galés e galeoens e outras muitas embarcaçoens, que já a este tempo erão chegadas, derão ordem pera se embarcar, com assas trabalho e confusaõ, por não haver embarcaçaõ pera tanta gente, fato, e cavalos. E faltando a muitos embarcaçaõ pera virem por mar, se passáraõ a Cales e a Gibraltar, e dahi se vieraõ por terra atravessando Andaluzia. Elrei se embarcou em hum galeam muito formoso, em cuja companhia vinha o duque d'Aveiro e outros muitos senhores, e o senhor dom Duarte vinha em outro, onde tambem o acompanhavaõ muitos fidalgos, como coube á sorte ou foi vontade de cada hum: o senhor dom Antonio se veo por terra com sua gente. Com esta ordem pouco concertada se partio elrei de Tangere no mez de outubro de sessenta e quatro. Dando toda a armada á vela, seguindo o farol delrei, como fôrão empegados no mar alto, sobreveo huma tormenta de nordeste, tam grande que espalhou toda a frota, correndo toda a embarcaçam como os ventos e os ma-

res lhe davão lugar, perdendo todos em pouco tempo o galeam delrei de vista, sem aver mais cuidado em cada hum que em salvar as proprias vidas da impetuosa furia das agoas, contra as quais não havia força nem rezão, pera ao menos serem companheiros a elrei na sorte e perigo. O galeam do senhor dom Duarte succedeo-lhe melhor viagem: vêo ter ao porto de Cascaes, cinco legoas de Lisboa, onde achando não aver novas do galeam delrei, como principe prudente, e a que não faltava consideraçam devida, tendo muito pezar com sobresaltos de lhe acontecer algum desastre, não se quiz desembarcar nem sahir em terra até elle não vir. O galeam delrei constrangido dos temporais, (por assim ser necessario) o piloto e mareantes se meterão em o mar largo, e se fôrão na altura da ilha da Madeira, a qual de cidade de Lisboa está cento e cincoenta legoas, e dahi, amainando a tormenta e abonançando os mares, começaram a fazer viagem pera o reino com tempo mais socegado. Elrei como de sua condiçam era sofredor de trabalhos, e quasi espreitador de perigos em os buscar, nunca em este temporal, com assas perigo de sua pessoa, mostrou sentimento de medo, antes parecia achar nisto todo o contentamento, porque lhe parecia que era obrigaçaõ de seu esforço vencer todos os trabalhos chêos de perigos, e em tal tempo lhe parecia que satisfaria a si mesmo a empreza da guerra que

lhe o tempo e fortuna tirárão, onde dezeja-
va empregar a virtude de seu animo e força
do braço. A rainha, cardeal e toda a cida-
de, postos em grande cuidado e confusaõ por
naõ haver nova delrei, e saberem quaõ arris-
cado elle andava, e quaõ pouco receava os
perigos, pois os buscava, naõ achando re-
medio humano onde se acolhessem, buscá-
rão-no mais certo, que foi o divino, abra-
çando-se com Deos com lagrimas e oraçoens,
pedindo-lhe provesse onde as forças huma-
nas não podiaõ, e o que as necessidades do
povo pediaõ. Estando todos, como fica dito,
nesta agonia d'alma, acrescentando-se a tris-
teza com a tardança das novas delrei, tudo
estava chêo de esperanças das novas de cada
momento, com assas confusaõ. Nisto aprouve
a nosso Senhor de impoviso vir nova como
elrei era chegado ao cabo de Saõ Vicente,
com a qual se tirou huma nuvem dos cora-
çoens dos homens, ocupados com hum pro-
fundo nojo e quebrantados de golpes de so-
bresaltos e receos, e deraõ logo muitas gra-
ças a nosso Senhor com publica alegria,
mandando repicar os sinos, em sinal da
mercê que Deos fazia a todo o reino, nos
males grangeados por sua vontade ou peca-
dos do povo. Como o galeam foi surto e
lançárão anchora debaixo da fortaleza de
Sagres, sè sahio elrei em terra, e muda-
do-se de hum perigo a outro, se embarcou
nas galés que ali eraõ chegadas, e com
tempo sudoeste (que naquella costa he mais

furioso de todos os ventos, e faz empolar o mar com toda a braveza de altas e profundas ondas) por mêo daquelles montes e concavidades marinhas deo á vela, sem receo seu, e com incrivel medo de todos que o seguião; mas posto que o vento fosse em popa pera Lisboa, e a viagem se fizesse com grande velocidade em hum dia e huma noite, foi tam importuno o furor do mar, que parecia sorver as galés, porque levantando-as humas vezes, e outras abaixando-as aos abismos, as enchia a miudo d'agoa, com ameaças de as sobverter, de maneira que todas vinhaõ alagadas. Tanto eraõ estas viagens da arte delrei, que aquella tormenta era a frescura que o refrescava, e os mares agoas cheirosas com que os mimosos se borrifavaõ. Tanto este esforço e perda de todo o medo punha espanto geralmente em todos os homens, com admiraçam de sua grandeza de animo, tanto mais era tido por temerario dos prudentes, e chorado dos amigos, com receo dos males que depois lhe succedêrão; porque não he de animo ousado desviar-se da rezão nas cousas onde não vale esforço, nem he prudente ser prodigo da vida, principalmente quando o perigo não he forçado, ou com elle não se esperão evitar grandes males. O senhor dom Duarte, que ainda estava no mar em Cascaes, quando vio elrei vir nas galès em tempo tão trabalhoso, não temendo perigo algum (o qual como esclarecido principe amava) se foi logo a elle,

e se meteo na sua galé, e com tormenta e chuva que os seguia entrou elrei á vella pelos cachopos, a dous de novembro de setenta e quatro, e dahi passando defronte da cidade, com assas concurso de gente que na praia e janellas sahia a ver, como cousa dada por Deos e resgate de infelices successos, passou adiante e foi desembarcar a Enxobregas, onde a rainha sua avó pousava e onde aquelle dia jantou, a qual então e todo o povo o recebêrão com lagrimas d'alegria, conferindo este dia com o do seu nacimento, não julgado hum por mais ditoso que outro, nem de desigual obrigaçam de louvar a Deos em o dar pera emparo do povo, ou o tirar do fatal apetite de se entregar a hum imortal e infeliz perigo.

Como o senhor dom Duarte se foi pera Evora aggravado delrei, onde morreo. Capitulo XIII.

Como a improvisa partida delrei pera Africa tomasse todos os homens que se embarcárão com elle despercebidos das cousas necessarias, e outros logo nas suas costas partirão, por se mostrarem zelosos nas cousas de seu serviço, e comprirem com as leis de primor e lealdade, em negocio onde cada hum mais se movia a hir salvar a vida delrei que tratar de lhe alcançar victorias, e não tiverão tempo de se prover, passárão em Tangere muitas necessidades, assi de man-

timentos, como de dinheiro, antes que os provimentos de cada hum chegassem. O senhor dom Duarte, que por seus ministros teve melhor providencia, com muita deligencia foi socorrido a Tangere de todas as cousas em muita abastança, como convinha á sua grandeza; o qual vendo como muitos fidalgos naõ tinhaõ ainda recado dos seus provimeutos, parece que se alegrava em vêr ocasiam em que pudesse empregar sua magnificencia e liberalidade; por que dando meza geralmente a todos os fidalgos que a queriaõ aceptar, e acudindo com dinheiro a todos os que o haviaõ mister, e com vestidos e mantimentos a homens honrados, naõ se enxergava nelle pezo em fazer taõ grandes despezas, senaõ pezar dos que as naõ hiaõ receber; além disto, pera mostrar sua condiçam real (até entaõ naõ mostrada em publico) fazia evidentes demonstraçoens de amor a todo o homem, com muita afabilidade e cortesia, e dava de si estar offerecido a todos os favores delle esperados, e com a beninidade de seu aspeito estava convidando a todos, e chamando-os a receberem delle mercês, e com agradecimento lhe pagarem o gosto que tinha em amar a todos e ser amado de muitos. Com esta brandura, que o senhor dom Duarte usava por serviço delrei, em parte cobrir algumas faltas notorias no mais provimento da jornada, acquirio a si os animos e vontades dos homens, com admiraçaõ da grandeza di-

na de amor, e louvor de principe esclarecido, pera ornamento das mais virtudes crecidas com sua idade, do que cuido se fez troca do senhor dom Duarte com o senhor dom Antonio, que sendo antes muito amado por sua afabilidade, e nas mercês e cortesias mui liberal, nesta jornada perdeo muito do louvor antigo, e em certa maneira declinou em ser aborrecido, assi por algum aspero tratamento de palavras que fazia aos homens, como por alguns descuidos que no tal tempo teve de naõ usar da sua antiga liberalidade. Com os excessivos gastos que o senhor dom Duarte fez nesta jornada, ficando muito individado, e nunca em elrei achar favor nem mercê, e vir pouco sabroso delle, de o naõ tratar com as cortezias devidas á sua pessoa nem iguaes a seus merecimentos, ajuntando novos aggravos aos já passados, dissimulando huns e outros com encoberto sentimento, fingindo ir visitar a dona Izabel sua mãi, que estava em Villa Viçosa, separtio da corte com licença delrei, assim pera fugir aos máos tratamentos que lhe elle fazia, como pera se desindividar das despezas que tinha feitas. O cardeal seu tio (que entaõ era arcebispo de Evora, e o havia sido outra vez da mesma cidade antes de o renunciar em dom Joam de Melo, por acceptar o de Lisboa quando governava o reino, o qual depois renunciou em dom Jorge de Almeida, e tambem o avia sido de Braga sendo ainda mancebo) vendo o desgosto do

senhor dom Duarte e sua necessidade, o recolheo a si como pai, com muito amor e amizade, recreando-se em sua vista, e alegrando-se com as muitas virtudes que nelle avia, a quem acodia com muito dinheiro pera os gastos de sua pessoa e casa, tendo mui a meude com elle muitas praticas e frequente conversação, aliviando-o da dor que lhe faziam as lembranças das semrezoens delrei. Estando pois o senhor dom Duarte quasi de assento em Evorá, sem intençaõ de tornar á corte, vêo a enfernar de terçãs, com relaxamento e intensas dores de estamago, e crescendo o mal pouco a pouco, cahio em cama com enfermidade mortal, da qual acabou com claros protestos da fé e da devaçam dos sacramentos, que recebeo, mostrando com inflamado peito o desprezo da vida mortal e entranhavel saudade da gloria, fazendo infinitos colloquios com Deos lhe perdoasse suas culpas, e naõ temendo o espantoso aspecto da morte corporal, naõ pedia a Deos senaõ a presença da sua pessoa em seu juizo benino e de misericordia. Finalmente com todos os sinais manifestos da predestinaçam da sua alma, o qual exemplo edificava a todos a bem viver, e com doctrina a bem morrer, falleceo o senhor dom Duarte em Evora, nas casas do marquez de Ferreira, aos seis dias do mez de octubro de mil e quinhentos e setenta e cinco; e por que o cardeal fez em Evora hum sumptuo-

so mosteiro dos frades da companhia, onde fundou universidade de humanidades, artes e theologia, fez em elle huma fermosa igreja, onde pôs sua sepultura. O senhor dom Duarte, dezejando naõ se apartar na morte do cardeal seu tio, que tanto o amou na vida, deixou em seu testamento pedido com muitos rogos o enterrassem ao pé da sua sepultura, como se fez: mas como o cardeal, depois da morte delrei dom Sebastiam, socedeu nos reinos com titulo de rei, mudando com a fortuna a sepultura ao convento de Belem, onde está o jazigo dos reis de Portugal, mandou que o senhor dom Duarte fôsse tresladado á sepultura, a qual elle antes tinha feito pera si, na qual agora jaz o esclarecido principe o senhor dom Duarte, filho do infante dom Duarte, claro em o sangue dos reis de Portugal, e muito mais pelas virtudes, com as quais fez sua alma moradora da eterna gloria, e deixou no mundo fama de principe illustre, e exemplo de vida honesta e religiosa, com assas magoa do povo portuguez por sua morte e saudade de sua vida.

Como em Africa se alevantáraõ os Xarifes, e que homens eram. Capitulo XIV.

Pera mais clara noticia das guerras civis, nacidas em Berberia no anno de setenta e cinco, entre Mulei-Maluco e Mulei-Hamet Xarifes, donde dom Sebastiam rei de Por-

tugal tomou ocasiam de passar segunda vez á Africa com mal afortunado sucesso, he necessario tocar a historia mais de atraz, e saber de raiz a sua origem. Depois que o imperio dos reis de Berberia foi quebrado de suas antigas forças pelas armas cristaãs, o qual dantes comprehendia os reinos de Argel, Tunes, Carthago, excepto os que ora possue, e se estendia até Espanha, vieram alguns senhores a apoderar-se das principais provincias, a que puzeraõ nome reinos, e elles se chamáraõ reis; as quais como eraõ pequenas, e inda em cada huma dellas havia outros alcaides proprietarios de certas cidades e campos, com rezão se podiaõ chamar regulos pequenos, e naõ reis poderosos: os quais como todos eraõ mouros imitadores da septa de Mafamede, e costumasse cada hum usar mais de poder e força que da equidade da justiça, nunca entre elles ouve paz firme, nem se contentava cada hum estar recolhido dentro dos termos de seus senhorios, mas trabalhava por todas as vias ocupar as terras de seus vesinhos, talhando os campos, roubando os gados, e finalmente fazendo-se continuas guerras. Como estes custumes eraõ taõ usados entre estes reis, nem os moradores viviaõ seguros dos assaltos dos vesinhos, nem as cidades dos golpes da fortuna, a qual cada dia se inclinava de huma parte á outra, fazendo mil mudanças com os tempos. Com estas alteraçoens viviaõ estes reis pou-

co pacificos e menos seguros, mais ao modo de tyranos que queriaõ antes seus proveitos particulares, que como reis antepor o bem comum: mas como nesse tempo e ocasioens se levantaram os Xarifes em Berberia em grande poder e estado, com fama de valerosos e bem afortunados successos, primeiramente nomearei os reis e reinos que elles pozéraõ debaixo de seu ceptro, que trate da origem de suas pessoas e fortunas, os quais foraõ seis: sc. o reino de Fés, cujo rei se chamava Hamet Almerini, o de Marrocos o qual possuia Mahomet Bocenchut, o de Tafilet, de que era rei Araarben-Abdelmelecht, o de Tremecem, de que o era Beroeren; avia mais os reinos de Sus e Dara, os quaes no tempo dos Xarifes eraõ ocupados e partidos em senhorios particulares de alcaides Alarves, que viviam sem obediencia de reis como senhores livres, dominando cada hum em seus aduares e cabildas, com pouco poder de vasalos e menos de riquezas que lhes dessem nome de grandes. Ouve neste tempo dous mancebos irmaõs naturais do reino de Dara, nacidos de pobre geraçaõ, e depois naõ conhecidos por feitos de guerra ou ornados de riquezas, inda que traziaõ sua origem de Mafamede, de cuja nobreza se prezavaõ: o mais velho se chamava Mulei-Hamet Xarife, manco de huma perna, e o segundo Mulei-Mahomet Xeque: estes irmaõs como fossem pobres dos bens temporais, e dotados de altos es-

piritos e agudos engenhos, vieraõ á cidade de Fés, onde em huma universidade que ahi ha se deraõ ás letras humanas, e ás tocantes á sua septa que expoem o alcoraõ; os quais como muita curiosidade aproveitáraõ nellas notoriamente, e com grande abilidade e engenho vieraõ em breve tempo a ser avídos por doctos e virtuosos, com observancia da lei de Mafamede, e guarda das tradiçoens de seu alcoraõ. Com este zelo e abilidade se deraõ os dous irmaõs a conhecer por homens de muita conta, e alcançando reputaçam no povo, chegou seu nome ao rei de Fés Hamet Almerini, o qual ouvida a fama de suas letras, e suficiencia de suas pessoas, juntamente com o zelo do alcoraõ, naõ os desprezava por serem pobres, antes os estimava como homens dignos de honrosos premios. Os Xarifes, como alem das abilidades que nelles eraõ conhecidas em publico, tivessem no interior escondidos altos espiritos pera cometerem grandes feitos e esforço pera os executar, naõ deixavaõ de revolver em seu peito o que as ocasioens a seus animos lhes prometiaõ, e vendo os tempos prenhados de quaisquer novidades, e os principes descuidados dos danos que estavaõ pendendo sobre suas cabeças, e das minas de seus tronos, tiveraõ maneira e valias em alcançar delrei huma bandeira e tambor (modo que em Berberia se custuma de alevantar capitaõ) e com gente que os seguisse fossem ao reino de

Sus (que confinava com o reino de Dara sua patria) onde pudessem prégar a lei de Mafamede, reformar os pouco honestos custumes, castigar os insultos, e pôr em ordem e todo o bom governo as cousas da republica temporal, juntamente com as da sua septa. Com esta doctrina e poder vieraõ os Xarifes, que andavaõ ambos juntos, a crecer em grande auctoridade e reputaçaõ com o povo, e serem mui temidos por seu poder e forças, e acquirindo a si muitos povos, huns atemorisados por ameaças, outros convidados com mercês, que saõ as forças com que os animos inconstantes do vulgo sem dificuldade se dobraõ, viéraõ ambos de hum parecer e comum consentimento a levantar-se com o reino de Sus, o qual elrei lhes mandou reformar na era de mil e quinhentos e dez. Elrei de Fés vendo-se enganado das primeiras palavras dos Xarifes vestidas de zelo da sua septa, commutadas em tyranicas rebellioens, com alevantamento do reino de Sus, e por se temer de irem em maior crecimento suas fortunas e receber maior perda, começou queixar-se delles como tredores, e com publica desavença dalos por imigos do bem comum, com animo e ameaças de os castigar. Os Xarifes, que inda estavaõ unidos nas vontades e forças, parecendo-lhes o tempo benino a seus intentos, e mui dispostos a se aproveitarem das boas ocasioens pera crecerem em maiores estados, pera que pudessem conservar os que

com seu esforço e animo forte tinhaõ ganhado (que já eraõ grandes) cometeram imediatamente o reino de Dara, visinho do de Sus, e donde elles eraõ naturais, e o reino de Tafilet, os quais logo se lhe rendêraõ com pouca resistencia, assim pelo muito poder que levavaõ e esforço com que eraõ conhecidos e temidos, como per serem naturais da terra, onde tinhaõ muitos de sua voz e parcialidade, os quais de huma parte os ajudavaõ a pôr em execuçaõ sua empreza, e da outra, com divisaõ, quebravaõ as forças dos que queriaõ defender sua entrada. Com estes tres reinos e dobradas armas, mais esclarecidos com vitorias que tingidos com sangue, começáraõ os Xarifes a pôr espanto em todos os reinos e reis de Africa, tirando-lhes as esperanças de se poderem defender de seus acometimentos, segundo viaõ os Xarifes pôr os olhos em toda a Berberia, com desejo de a ocupar e animo de a cometer, nem tinhaõ outros conselhos senaõ de sobresaltos e temores, sem nelles acharem alguma porta de segurança; com o que huns aparelhavaõ modo de resistir, e outros cuidavaõ nos caminhos por onde haviaõ de fugir; por que na determinaçaõ que viaõ em homens alevantados da fortuna em breve tempo de infimo estado a grande poder, naõ tinhaõ que confiar em respeitos de equidade, senaõ em tyrania impetuosa de mais dilatar os limites de seus estados, com acesa ambiçaõ. Com estas novas e altera-

çoens taõ violentas tudo estava cheo de temor e espanto, com penosos cuidados de achar algum remedio menos custoso do que os animos profetisavaõ, ensinados nos exemplos de seus visinhos, huns derribados de seus antigos assentos com jugo de cativeiro, e outros de todo consumidos com mais infelice sorte de mortal fado.

De como os Xarifes tomaraõ o Reino de Marrocos, e o rei de Fés os foi cercar.
Capitulo XV.

A este tempo Enchecha era rei de Marrocos, grande em imperio e poderoso em riquezas, e vendo os imigos taõ vesinhos crecer muito com os reinos alheos, naõ se dava por seguro nem isento de semelhantes assaltos. Os Xarifes, que tinhaõ já postos os olhos em Marrocos, com animo de o occupar, naõ encobriraõ em muito tempo seu proposito, antes, publicada sua tençaõ, alçáraõ bandeira, e lançáraõ pregaõ, denunciando guerra contra Marrocos e dirigindo pera lá seus exercitos. Os filhos de Anram, postos em suas terras (nos caminhos por onde os Xarifes aviaõ de passar) naõ tendo sua sorte por mais segura que a de seus vesinhos, e sendo amigos de Enchecha rei de Marrocos, quizeraõ provar sua fortuna em hum ponto de batalha, em pôr a risco suas pessoas, antes que com vergonhosa fugida

largar suas terras aos tyranos, o que naõ podiaõ fazer sem grande perda das fazendas e abatimento das honras. Ajuntando pois elles todas suas forças, unidas com justo queixume e comum odio dos perturbadores da paz e roubadores do alheo, se puzeraõ ao encontro dos Xarifes, e lhes representáraõ guerra e batalha, com animos determinados e obstinada constancia de morrer ou vencer, na qual fóraõ vencidos os filhos de Anram. Vendo os Xarifes como as cousas lhes socediam prosperamente, e hiam metendo todas as provincias debaixo de sua obediencia, com animos mais confiados determináraõ de cometer todas as emprezas que a fortuna lhes offerecesse, passando adiante com seu exercito vencedor contra Marrocos. Quando elrei Enchecha se vio muito inferior nas forças e na fortuna, naõ se atrevendo a resistir ao poder dos Xarifes, ja temidos por esforçados e venturosos, fugio e deixou a cidade, a qual rendida e com as portas abertas, entregáraõ os moradores della as chaves e as vontades aos Xarifes, lançando as armas a seus pés, e com animos pacificos, humilhados os recebéraõ sem contradiçaõ, antes com sinaes de alegria celebráraõ seu triumfo. Mas como ja neste tempo os Xarifes estivessem tanto avante no poder, e os estados tivessem necessidade de ser conservados, e com as presenças de suas pessoas se quietarem alteraçoens taõ novas e improvisas, com parecer

e conformidade de ambos os irmãos, foi assentado que Mulei-Hamet, Xarife mais velho, ficasse em Marrocos com titulo de rei e dos mais reinos ganhados, e o outro irmaõ fosse viso-rei de Sus, com titulo de principe herdeiro e successor nos reinos por morte do Xarife seu irmaõ. Com esta ordem e conformidade que os irmãos guardavaõ entre si, sem desconfiança hum do outro, governavaõ, e pacificáraõ brevemente os estados que por sua força tinhaõ ganhados. Hamet-Almerini rei de Fés, cheo de furor e inveja, e juntamente de medo do poder dos dous irmãos ir em tanto crecimento, determinou aventurar a pessoa e reino, com determinaçaõ de os ir cercar a Marrocos, com esperanças de o povo, pouco antes trasido por força a senhorio alheo, fazer alguns movimentos que pudessem enfraquecer as armas e as auctoridades dos Xarifes, os quais, como devagar e com prudencia procediam em seus negocios, naõ vendo tempo de se aproveitar da guerra que lhes fazia o rei de Fés, defendendo-se dos muros a dentro, sem arriscarem suas pessoas e exercitos em batalhas campais, o quebrantárão em maneira, que enfadado do cerco, ou desesperado de seu trabalho e esperança ter efecto, se tornou a seu reino; o qual parecendo-lhe que encerrarem-se os Xarifes dos muros de Marrocos a dentro, sem acceitarem a batalha que elle lhes apresentava nas portas da sua cidade, procedia de medo que delle tivessem,

tomando mais animo que conselho, com desprezo de seu poder, se armou o anno seguinte contra Marrocos a dar batalha aos Xarifes, os quais alegres com a ocasiam, e confiados na esperança da victoria, o vieraõ esperar ao caminho. Postos os campos á vista hum do outro no rio Oadalabir (que quer dizer rio negro) deraõ batalha em hum valle chamado Boagebar, em o qual foi desbaratado e fogido o rei de Féz, e os Xarifes ficáraõ senhores do campo. Mas posto que fosse muita gente de cada parte, ouve muito poucos mortos, por que esta guerra mais se fazia com grita que com armas, e mais estrondo que sangue; por que naquelle tempo eraõ os mouros pouco exercitados na arte militar, e careciaõ tanto de armas, que nem tinhaõ instrumentos pera muitas mortes, nem esforço pera se arriscarem a ellas. Com a victoria dos Xarifes nesta batalha ficáraõ elles com tanto nome em Berberia, e autoridade entre os mouros, que ja todas as provincias principais, cheas de medo sem esperanças de defensaõ, se lhes vinhaõ render com partido de paz, antes que elles as fossem cometer com aparatos de guerra. Desta maneira creceo a reputaçaõ e poder, com muita concordia que os irmãos entre si tinhão, subjectando-se o mais moço ao mais velho, sem entre elles aver cousa que em igual imperio os podesse dividir, nem meter receos, nem presumçaõ de suspeitosas traiçoens, as quais em duas cabeças de hum

corpo saõ mui certas, e as fazem naõ permanecer na fé e lealdade, com ambiçaõ de hum naõ sofrer igual. Recolhido o despojo, e quietos os Xarifes da insolencia do rei de Féz, se tornaraõ o Xarife a Marrocos, e o Xeque a Sus, onde tinhaõ suas cortes.

De como os irmãos Xarifes se desaviéraõ, e da batalha que tiveraõ. Capitulo XVI.

Mulei-Hamet Xeque, viso-rei de Sus e irmão do Xarife de Marrocos, como fosse esforçado, e desejoso de alcançar maior gloria, com que fizesse seu nome mais celebrado no mundo por seus feitos particulares, apartado do commum louvor de seu irmaõ e seu companheiro do imperio e victorias, e com igual fortuna, naõ receou commetter o cabo de Guè, fortuleza fronteira dos reis de Portugal, na qual estava por capitaõ dom Guterres de Monroi. O Xeque ajuntando suas forças, e provendo-se de munições e petrechos necessarios pera o cerco do cabo de Guè, marchando pera lá com grande multidaõ de gente de pé e de cavallo, se alojou ao longo dos muros da cidade, e com igual constancia começou de a bater por todas as partes, dando-lhe assaltos por muitos dias. O capitaõ dom Guterres, vendo no principio do cerco menos perigo do que depois enxergou, mandou avisar a elrei de Portugal naõ curasse mandar soccorro, porque elle estava prompto de muni-

ções e gente bastante pera se defender dos barbaros, mais confiados em seus successos que esforço; mas depois experimentando o valor do Xeque e a constancia em seus combates (posto que lhe tivesse morta muita gente) vendo como naõ se podia defender de tamanho poder, o qual cada dia se refazia de qualquer dano recebido, tendo elle ja muito pouco, e o perigo em que estava muito grande, mandou ao reino a elrei dom Joaõ terceiro, com muita pressa o socorresse com gente e muniçoens, e naõ dilatasse este fervor; porque as armas dos inimigos e continuo trabalho dos cercados, com mortes de cada dia, lhe consumiaõ as forças, tendo ja muito pouco emparo nos muros arrasados em muitas partes; e pois a saude dos cercados e a defensaõ da cidade naõ tinha outra resistencia senaõ huns animos leais e determinados a morrer com os peitos postos em barreira dos barbaros, apressasse o socorro com mais frescas forças que alevantasse os cercados postos em hum mortal perigo; por que, segundo o imigo dava pressa aos combates, e minas que fazia sem cessar, com hum animo obstinado em vencer, e muito mais com indinaçaõ do estrago que cada dia via nos seus, naõ soffria o negocio vagar. O Xeque, como capitaõ experto, sabendo como na boa diligencia estava a ocasiaõ de fazer o effeito a que vinha, e se viesse socorro lhe ficaria em vaõ, ou por ventura em dano, seu trabalho, tanto apertou

com o cerco por todas as vias, que entrou a cidade, e meteo á espada muita gente e a saqueou de grande despojo, onde o capitaõ foi cativo com outros muitos fidalgos, e huma sua filha muito fermosa, chamada dona Micia, a qual o Xeque tomou por mulher, e hum filho moço chamado Luiz Guterres. Com esta victoria de tanto louvor e riquesa avida do Xeque, e taõ bem recebida dos mouros, por ser com perda dos cristãos, creceo sua reputaçaõ em toda a Berberia, com nome de esforçado capitaõ. O Xarife seu irmaõ rei de Marrocos, estimulado com a inveja deste bom sucesso, e por hum grande naõ soffrer outro igual, nem hum rei companheiro em o dominio, dando entrada ao mal que faz estes abalos, começou a gerar odio no coraçaõ contra seu irmão, ajuntando-se a isto as mulheres e filhos, começáraõ-se a picar huns com os outros com desavenças e odios particulares e comuns, huns dos bons sucessos do Xeque, e outros com os desejos de reinar. Com esta emulaçaõ entre duas cabeças em huma republica, as quais naõ podem muito tempo ser conformes, começaraõ os dous irmãos ter receios hum do outro, com perda de conformidade fraternal e uniaõ até a quelle tempo conservada; de maneira que tanto viéraõ a crecer as desavenças, que sendo com publico odio trasidos a manifesta inimizade, começáraõ cada hum a fazer gente e pregoar guerra. Ajuntados os campos d'ambas as

partes, pertendendo cada hum ser universal senhor e rei dos reinos, que ambos igualmente ganharaõ e repartidamente possuiraõ, se viéraõ hum contra o outro, até juntarem suas bandeiras imigas nos Montes-Claros, entre Marrocos e Sus; e postos seus exercitos em ordem de cometer (onde o rei de Marrocos trazia deseseis mil de cavalo, e o Xeque quatro mil) deraõ batalha em hum lugar chamado Mozerotam, onde pelejavaõ com mortal odio das invejas, e muito mais pela honra da victoria e premio do imperio, em o qual foi desbaratada o Xarife rei de Marrocos, e elle preso. O Xeque, alegre do seu felice successo e captiveiro do Xarife seu irmaõ, se tornou a Sus vencedor, com o despojo e gloria da victoria, e com solemne triumpho de suas boas andanças entrou em Trudante metropole do reino e assento de sua corte, onde teve prezo o Xarife sete mezes. O Xarife, vendo-se com afronta do captiveiro, derrubado de sua prosperidade, e sem esperanças de liberdade nem clemencia em seu irmaõ, determinou pôr sua pessoa em resgate, e commutar a infelicidade presente com a parte dos estados prosperamente ganhados; e vindo a concerto, concluiraõ o Xarife de Marrocos largasse os reinos de Dara e Tafilet, com os quais já o Xeque ficava mui poderoso juntamente com o de Sus. O rei de Marrocos como deo os dous reinos desmembrados da coroa de seu imperio, e posto em dezejo da liberdade, se tor-

nou á cidade de Marrocos, onde com grande abatimento de honra e reputaçaõ, e com sua antiga gloria escurecida, entrou envergonhado e estimulado da conciencia de seus males, com cuja lembrança se achava merecedor do presente infortunio, e temia outro maior e mais severo, soffrendo com animo constante as inconstancias da fortuna e mudanças das infelicidades humanas, companheiras principalmente dos reis, os quais naõ saõ isentos de sua juridiçaõ, nem estaõ seguros dos golpes com que derrubaõ huns, e incertos da força com que levantaõ outros.

Como o Xeque ouve o reino de Marrocos e o de Tremecem. Capitulo XVII.

Naõ repousava o animo do Xarife, nem podia pacificar as discordias de suas paixoens, que lhe batiam o espirito, pouco antes alevantado em pensamentos reais, e mais altos que o engenho humano bem podia alcançar, quando se via em hum vil e infame discredito de vencido, preso e abatido da honra, gloria, estado e riqueza: o qual revolvendo em seu peito estas consideraçoens fortes, a que naõ podia resistir, levado do odio de seu irmaõ e inveja de suas felicidades, entaõ se encendia em maior desejo de vingança, sentindo por maior mal viver em esta magoa da gloria alhea, que soffrer a morte propria: e assi depois de elle sêr

resgatado do cativeiro de seu irmaõ o Xeque, como atraz fica dito, indinado de seu desastre e desejoso de vingar sua injuria e perda, determinou de tornar a tentar a fortuna, varia de sua condiçaõ, com fazer guerra a seu irmaõ, e refazendo-se de gente e armas em Tafilet, junto de Marrocos, com impeto furioso e quasi alheo da rezaõ, indo-se traz seu dano dar fim ás molestias do coraçaõ, que o affligiaõ com vergonhosos cuidados, ou com morte torpe, ou premio de todo o imperio e gloria, se foi buscar o irmaõ pera lhe dar batalha O Xeque que naõ era nada covarde de animo, nem descuidado da disciplina da guèrra, provendo-se do necessario pera sustentar os encontros do imigo desejoso de vingança, naõ esperou que o Xarife o viesse buscar, nem o achasse desapercebido; mas sahindo-lhe ao caminho, com igual ferocidade e tençaõ, se ajuntáraõ os exercitos inflamados com cruel odio, huns em vingar a injuria dada pelo vencedor, outros em vingar a rebelliaõ cometida dos vencidos, e a escaramuça com bandeiras despregadas veio crecer até batalha formada, na qual, como o Xarife ja andasse descahido com a volta da roda fatal, naõ podendo prevalecer contra seus revezes, foi aqui segundariamente desbaratado de seu irmaõ o Xeque, e deixando o campo e victoria ao vencedor, se salvou com vergonhosa fugida, naõ levando comsigo senaõ algumas reliquias de seu destroço pera testemunhas de sua

abatida sorte e acusadores de sua obstinada porfia; e assim andou algum tempo absente e escondido com temor, até o Xeque o chamar com segurança de o não offender, antes de que usaria com elle de toda a clemencia. O Xarife vindo diante do Xeque seu irmaõ, com a humildade de que os vencidos se vestem quando estaõ desesperados de outro remedio feroz, elle o tratou com muita beninidade e brandura, e pera o quietar lhe deo o reino de Tafilet, onde morasse com suas mulheres e filhos, e com elle sustentasse a dinidade real ja abatida de sua antiga pompa, assim por usar com elle de equidade fraternal, como por temer de se ajuntar com o rei de Féz, se andasse seguido e escandalisado. O Xarife respeitando as mudanças do tempo e a pouca firmeza das prosperidades humanas, contentou-se com a mercê que o Xeque seu irmão lhe fazia, pondo de traz das costas seus infortunios, com os odios particulares, e dando sepultura ás esperanças da vingança, com esquecimento d'outro tempo mais favoravel. Desta maneira o Xarife se foi pera o reino de Tafilet, e o Xeque entrou em Marrocos e tomou posse delle; com cuja prosperidade crescèraõ as invejas delrei de Fez, procurando por todas as vias abater o Xeque de suas felicidades, e ajuntando muita gente armada vêo demandar o Xeque com grande impeto e furia. Juntos os exercitos no rio Morbe, que quer dizer pai de herva, deraõ batalha no valle

d'Ermam, na qual Hamet Almerini rei de Fez foi vencido e preso. Como em Fez se soube o desbarate e prisaõ delrei, logo com muita pressa alevantáraõ por rei seu filho Mahamet Alcari. O Xeque alegre com a prisaõ do rei seu imigo, e parecendo-lhe com elle, como isca, pescaria o reino de Fez, começou a marchar com campo vencedor pera lá, e posto á vista e fala dos muros, lhe mostrava o rei se o quizessem vivo lhe entregassem a cidade e o reino. Alcari, filho do preso, que estava em Fez, teve tal constancia na retençaõ do reino, que mostrou naõ ser parte a compaixaõ de seu pai nem o temor do povo batido de sobresaltos de adversos successos, pera o largar ao tyrano. O Xeque desenganado de seu desenho, e como nem com ameaços nem bravosidades podia dobrar o animo do rei, se tornou a Sus com o rei de Fez, o qual por elle pertendia. Depois de alguns dias tornande-se a tratar do resgate de rei de Fez, respeitando o filho as obrigaçoens paternaes, com sentimento do affrontoso e aspero cativeiro de seu pai, se inclinou a o tirar, por o qual deo ao Xeque a cidade e provincia de Mequinez, que he doze legoas de Fez. O rei Xeque que ja se naõ quietava se naõ com ter toda Berberia debaixo de seu ceptro, e elle levantar seu imperio com dominio de todos os reis della, e fazer seu trono crecer e igualar-se com os grandes monarchas, o anno seguinte mandou dous filhos seus (dos

quais hum se chamava Arram e outro Abducader) a conquistar o reino de Fez, os quais começando a guerra pelos confins do reino, com felices agouros e esperanças de mais felices fins, tomáraõ Alcacere-Quibir, Tetuam, e outros muitos lugares, até porêm cerco em Fez. Atemorisado ja o rei do poder do Xeque e da furia de seus filhos mancebos, os quais com desejos de gloria juvenil, naõ aviaõ de afrouxar dos combates até naõ arrasar os muros, e por força ou partido render a cidade, já enferma na resistencia e muito mais na lealdade, naõ tendo forças pera vencer os inimigos taõ poderosos e vencedores, os quais já lhe tinhaõ occupado o resto do reino, tratou dar a cidade a partido das vidas. Os filhos do Xeque, contentando-se com o successo, chêo de proveito e honra, naõ duvidáraõ guardar a fé dada aos vencidos, e dando conta a seu pai da sua prospera fortuna, mandou Hamet-Almerini fôsse levado a Marrocos, onde esteve prezo em quanto viveo, e o filho Mahamet Alcari a Sus, onde morreo. A estes dons e ditosos premios da fortuna do Xeque, alcançados por força d'armas, lhe succedeo largar-lhe elrei dom Joaõ terceiro de Portugal, por vontade, Azamor, Çafim, Alcacere-Ceguer e Arzila. O Xeque vendo a fortuna armada pera lhe haver as victorias, e mete-lo pela mão de posse de todos os reinos de Berberia, naõ quiz engeitar seus favores

em quanto a via benina, e antes que virasse o rosto a outras partes, como outras vezes de improviso custuma fazer com sua inconstancia, sem aver cousa que a isso a môva, e por naõ perder tempo, mandou outra vez os dous filhos (os quais eraõ já homens) e com elles o quarto, Abdalá, que era muito moço, pera que nestas empresas começasse a exercitar o animo, o esforço e o corpo na destresa das armas, e nellas se criar capitaõ experimentado, pera ajuda do emparo de seus estados: os quais entrando com muita gente de pé e de cavallo no reino de Tremecem, com bandeiras tyranas e injustas, contra o direito das armas e leis da milicia, e ameaçadoras de occupar o alheo, naõ podendo elrei Benaseim com os naturais resistir, huns por naõ confiarem nas forças, outros com medo, ou traiçaõ se fazerem parciais do Xeque, como comummente acontece em todas as guerras dos reinos visinhos, ouveraõ os filhos do Xeque de entrar pacificamente e ocupar todo o reino, tomando posse delle.

De como os Turcos tomáraõ ao Xeque o reino de Tremecem. Capitulo XVIII.

Com esta victoria celebrada de contentamento dos vencedores, e dos vencidos com lastimosas lagrimas, dissimulando sua dor verdadeira, e sendo-lhes forçado troca-la com alegria fingida no triumfo dos princi-

pes estrangeiros, se humilhavaõ a seus mandados, obedecendo á fortuna que de presente lhes apertava os nós de hum certo cativeiro; mas com encobertas esperanças esperavaõ outro tempo mais benino que lhes soltasse a liberdade posta em prizoens. Depois que o Xeque, por mêo de seus filhos, rendeo o reino de Tremecem, e o pacificou de algumas alteraçoens nacidas em semelhantes guerras, e posto em ordem o governo, mandou que ficasse por governador delle Abdalá seu quarto filho, o qual por ser moço, a rezaõ naõ tinha tanto vigor de lhe enfrear os apetites, quanto poderosos saõ os estimulos que os de semelhante idade fazem desviar pelos caminhos mal acertados, sendo mais afeiçoados aos pareceres proprios que aos conselhos dos velhos, começou a brotar fruitos pestilenciais e pouco proveitosos á sua pessoa, e muito danosos á republica, e levando os negocios contra pêllo, dando indulgencias por castigo e rigores pela misericordia, de tal maneira errava a junta a todas as cousas necessarias, que em tudo faltava prudencia e sobejava escandalo: com isto andava o povo assas inquieto pelas insolencias de Abdalá; o qual posto lhe desculpasse em parte as paixoens da idade desacompanhadas de madaro juiso, naõ soffriaõ bem a malicia de alguns velhos, executada com o poder e força do mancebo. Os mouros naturais do reino, tendo por grave o jugo desta sujeiçaõ em que estavaõ ao rei tyrano e

estrangeiro, com dominio do imperio conservado dos seus antepassados, fazia-lho mais pesados serem governados de hum mancebo sem prudencia, prodigo da auctoridade real em vicios, com a liberdade entregue a alguns executores de males; os quais queixando-se publicamente das offensas recebidas sem serem ouvidos, começáraõ secretamente em os animos molestados procurar o remedio do jugo pesado, com vehemente rebellião e aceso odio de vingança contra os perturbadores de sua liberdade: e com todo o segredo mandáraõ ao rei de Argel (visinho do reino de Tremecem, cujos limites confrontaõ) manifestar as insolencias de Abdalá, e os maos tratamentos que os naturais padeciaõ e prejudicial governo da Republica, com muitas affrontas feitas a particulares, e com isto naõ podendo soffrer jugo taõ pezado, lhe pediaõ o viesse tirar, com a obrigaçaõ de se sujeitarem ao ceptro e obedecerem ás leis do graõ Turco, cujo vassalo o rei de Argel era. O rei de Argel, parte compadecendo-se dos mouros de Tremecem em taõ grave afflicçaõ, parte por se aproveitar da occasiaõ presente e offerecimento do reino, naõ engeitou a offerta, antes lhes mandou tres mil turcos, os quais juntos com os cincoenta mil dos naturais de Tremecem, se rebellaraõ contra o Xeque, e cercáraõ Abdalá seu filho e governador, a quem tinhaõ capital odio. O mancebo animoso nos perigos e ousado em esperar os

encontros da fortuna, com animo assas forte se aparelhou pera o cerco, e esperar os derradeiros fins delle, ou de honrosa victoria ou cruel morte; mas vendo que sem socorro de seu pai naõ podia perseverar na defensaõ da cidade, cercada de imigos de fóra, que a batiaõ, e mui arriscada dos moradores de dentro, que a entregariaõ com traiçaõ, mandou com muita pressa a Marrocos dar conta ao Xeque seu pai do estado presente, e receo mortal de infamia, se logo o naõ socorresse. O pai posto em cuidado pelo perigo do filho, e indignaçaõ do povo rebelde offerecido a outro senhorio, com toda a diligencia mandou ajuntar gente e muniçoens, e fazendo capitaõ della a seu filho Abducader, o mandou socorrer Abdalá. Os turcos cercadores, sabendo com Abducader se vinha com grande pressa chegando com seu exercito embravecido com justas causas de vingança, temendo ficar cercados em mêo de dous valerosos irmaõs, avído concelho, alevantáraõ o cerco e se retiráraõ a Argel sem effeito algum, corridos do pouco esforço que tiveraõ em cometer e muito medo em fugir. Acambei, natural de Argel, homem dotado de autoridade e esforço, afrontando-se do nenhum effeito dos turcos em Tremecem, onde avíaõ diminuida muita da reputaçaõ ottomana, escurecendo-lhe o seu nome temido em todas as partes do mundo com illustres victorias, ajuntou tres mil turcos pera tornar novamente á empre-

sa que os turcos vergonhosamente deixáraõ, pera restituir esta quebra, e aventurar-se a aver o reino de Tremecem, que estava com as portas abertas; o qual entrando pelo reino com favor de muitos dos naturais, fazendo corpo de grande exercito, foi dar batalha a Abducader e Abdalá, filhos delrei Xeque, a qual foi taõ perfiada pelo valor dos capitaens e odio comum e particular dos soldados, que ouve de ambas as partes hum mortal estrago de corpos, com assas esparzimento de sangue, onde tambem foi morto Abducader, e sua cabeça levada a Argel. Abdalá encomendando a saude de sua pessoa á ligeireza do seu cavalo, com alguns poucos que o seguíraõ até Féz, escapou fugindo, e o seu campo ficou desbaratado, a victoria nas maõs dos turcos e de seu capitaõ Acambei. Com esta rota dos filhos do rei Xeque, e com a morte de Abducader esforçado capitaõ, tomáraõ os turcos posse do reino de Tremeceem, donde nunca mais foram lançados, o qual até hoje pacificamente possuem. O Xeque sentindo muito a perda do reino e muito mais a perda do filho, em cujo esforço sómente avía esperanças de o recuperar, acabou de todo de perde-las de o tentar, sobrevindo a morte do outro filho Arram, o qual dahi a quatro mezes morreo de enfermidade natural, e a confiança de sua vida, antes posta em tres filhos que a defendiaõ, ficou sómente em Abdalá inda mancebo, por os mais filhos serem mininos.

Como Boachum senhor de Beles foi metido de posse do reino de Fez, e o Xeque desapossado delle. Capitulo XIX.

Porque o Xeque, como tomou o reino de Fez, desterrou o rei pera Marrocos e o filho pera Sus, onde acabárão com infame morte de cativeiro, como atraz fica dito, e cortou a cabeça a alguns alcaides por aquietar as alterações alevantadas, Boachum senhor da cidade de Beles (o qual impropriamente se nomeou rei della, por ser parente e da casa do rei de Fez) temendo que a tirania que o Xeque tinha usado com os outros, a experimentaria tambem nelle, com muita brevidade fugindo se passou a Espanha, e sabendo como o emperador Carlos quinto, a cujo emparo se acolhia, estava em Alemanha, se foi a elle pedir-lhe ajuda e favor pera lançar o Xeque fóra do reino de Fez, que o havia tomado por força contra o direito das armas, o qual elle pertendia por ser parente mais chegado dos reis de Fez. O emperador como naquelle tempo andava occupado com guerra dos Luteranos, e estava á vista da dos Turcos, com assas aflicção das republicas, temporal e espiritual, com a incerteza do successo das armas dos imigos, não lhe deo esperança alguma de sua pertenção. Elrei de Beles, vendo-se desenganado do Emperador com tão justa re-

zam, parecendo-lhe que em Portugal acharia o remedio desejado, veio-se com a mesma petição a elrei dom Joam o terceiro; e depois de lhe dar extensa conta dos negocios de Africa, e poder do Xeque, como hia alevantando-se sobre todos os reinos de Berberia, e segundo crecia na prosperidade com felice successo das armas, se esperava de cedo render toda a Africa, e depois alevantar a cabeça sobre Espanha, começando pelas fortalezas fronteiras de Portugal, cujas forças aos reis delle ignalmente relevava abater, por tanto lhe pedia favor pera sua empresa, por ser a necessidade commum a ambos. Elrei advertindo a tão ardua empreza, como era tirar o reino de Fez ao Xeque, já tão poderoso e sobre tudo venturoso, escusou-se do principal, mas não em todo; e parecendo-lhe ser decente á dinidade real dar o favor possivel aos estrangeiros, que se vinhão pôr debaixo do seu emparo, e não o negar ainda aos barbaros, em outras guerras imigos, mandou armar alguns navios que o levassem á sua cidade de Beles. Boachum (o qual era torto de hum olho) como tivesse muita ambição em dezejar maiores estados, e animo esforçado em os cometter, como esteve em Beles foi a Argel, na era de 1553, tentar o rei delle com offerecimentos de grande copia de dinheiro e ventagem das pagas dos soldados, se o ajudasse a metter de posse do reino de Fez, que lhe era devido por direito de herança. Sale-Arraiz rei

de Argel (o qual havia sido creado de Barbaroxa, o mais velho, que primeiro foi rei de Argel) movido com o interesse que Boachum lhe promettia, e por o caso esperado, se tivesse victoria, de os naturaes do reino de Fez lho pedirem, deo palavra e contratou com Boachum de o hir ajudar e metter de posse. E fazendo logo a gente necessaria a esta empreza, posto em campo começou elle mesmo em pessoa a marchar pera Fez, levando em sua companhia elrei de Beles. O Xeque que nunca consentio buscarem-no em sua casa, por não deixar entrar os Turcos dentro nos reinos de Fez, onde os naturaes lhe podião fazer alguma treição, os veio esperar aos confins do reino, onde se vinhão chegando. Os quais pondo-se com seus exercitos armados huns á vista dos outros, junto da cidade de Teça, despregadas as bandeiras e tocados os tambores, não querendo cada hum dilatar a gloria da victoria esperada do imigo, remetterão os exercitos com altas gritas, e travando-se a batalha com igual odio e cruel estrago de ambas as partes, houve a victoria de inclinar-se á parte dos Turcos, e o campo do Xeque ficar desbaratado e elle fugido. O Xeque ou Xarife (como daqui em diante lhe quiserem chamar, por o Xarife seu irmão estar abatido de sua dinidade) não tendo outro remedio mais acomodado á sua saude, metteo-se na cidade de Fez, aonde se fez forte, com a segurança da pessoa, e com grande brevidade e

grandeza de animo se refez de gente e armas, pera tornar a dar batalha aos Turcos, que vinhaõ em seu alcance e já estavaõ ás portas da cidade. O Xarife, como com os encontros das adversidades presentes (quasi companheiras dos grandes reis) naõ perdeo ponto de extremado capitaõ, como teve a gente em ordem logo sahio da cidade, e com animo ousado, inflamado de desejo de vingança, cometteo os Turcos victoriosos ás portas della. Travada a batalha e ferida de ambas as partes com igual ardor e pertinacia, durou algum espaço sem se conhecer ventagem de alguma parte, até que os Mouros naturais de Fez (os quais aborreciaõ o Xarife como tyrano, e amavaõ a Boachum como natural) descobríraõ a treiçaõ secreta, e se passáraõ publicamente á parte dos Turcos. O Xarife, vendo-se com esta mudança inferior nas forças com accrecentamento das do imigo, naõ podendo soffrer o pezo da batalha, deixou o campo, e fugindo com o filho Abdalá se retirou a Marrocos. Os Turcos, ficando com a victoria e despojo, houveraõ á maõ o thesouro do Xarife (que era hum conto e meio de ouro) com outra muita riqueza que no campo ficára. E como todos os homens sejaõ inclinados a seguir novidades, e principalmente os africanos sejaõ menos constantes em guardar fé e lealdade, e facilmente se dobrem a tentar novas fortunas, logo alevantáraõ a Boachum, e lhe deraõ obediencia, como a rei na-

tural, e aos Turcos se pagou o dinheiro promettido, com outras muitas dadivas dos naturaes, por naõ saquearem a cidade; com o qual carregados de riquezas se tornáraõ a Argel, deixando a Boachum rei em posse e entregue do reino.

Como o Xarife velho rebellou, e o Xarife seu irmaõ o reduzio, e tornou a tomar o reino de Fez. Capitulo XX.

Em quanto estas cousas se inovavaõ em Berberia, com assas esperanças de novas mudanças, nas quais a fortuna tinha supremo poder pera abater ou alevantar a parte a que se inclinasse, sem seguir a ordem da razaõ ou justiça, estava o Xarife velho de palanque, vendo e esperando o sucesso das cousas, experimentadas ás custas alheas, e medindo suas infelicidades com a constancia do tempo; e tanto que vio o Xarife seu irmaõ desbaratado na batalha de Féz, e lançado fora do reino por Boachum com ajuda dos Turcos, e ja quebrado das forças e com outro novo imigo, parecendo-lhe tempo de descobrir o odio e inveja recosida em seu peito, determinou invocar a fortuna com rebelliaõ, e nella tentar algum favor que o tirasse das trevas, onde sua antiga prosperidade jazia sepultada e escurecida, e alevantando-se com o reino de Tafilet, o qual seu irmaõ lhe havia dado com piedade e clemencia, como atraz fica dito, naõ somente o

naõ quiz reconhecer com obediencia, mas tomar-lhe com armas os outros que possuia. O Xarife Xeque naõ desanimado com as adversidades do tempo (que nas batalhas he mais bandeiro, e facilmente se torna a reconciliar em huma hora com o primeiro amigo) como prudente capitaõ determinou naõ deixar crecer as forças dos imigos, mas com brevidade cauterisar-lhas; o qual ousadamente, como homem sem medo, que naõ houvesse perdido ponto de sua prosperidade e forças, ordenou logo dous campos, hum delles entregou a seu filho Abdalá, com regimento de hir sobre Féz reconhecer os desenhos do rei, e dividir as opinioens dos vassallos, com animos duvidosos e suspensos nos successos das cousas, e naõ commettesse a batalha, antes a andasse entretendo e differindo, até elle lhe dar aviso e mais forças. O mesmo Xarife se foi com outro exercito castigar a rebelliaõ do Xarife seu irmaõ, que estava alevantado com o reino de Tafilet, e entrando pelo reino com seu exercito ameaçador de vingança, naõ se atrevendo o imigo a espera-lo em campo, fez-se forte dentro na cidade, parecendo-lhe poder-se ali defender com o amparo dos muros. O Xarife Xeque cheo de animo esforçado, como sempre foi, e de indinaçaõ da injusta rebelliaõ de seu irmaõ, cercando a cidade lhe deo muitos assaltos, pelejando em os muros com muitos encontros de igual sorte por hum mez inteiro, até entrar a ci-

dade á espada, com saco geral e prisaõ do rei Xarife, o qual comsigo trouxe prezo posto em estado mui baixo e vergonhoso, com que acabou seu imperio e gloria, emprestado por pouco tempo da maõ da fortuna, a qual a modo de figura d'auto o vestio em pompa real, e lhe mostrou o cume das bemaventuranças humanas, pera com maior escarneo o despojar dos bens sem titulo, e o derrubar a mais baixo lugar que antes o alevantára, dando com esta inconstancia e zombaria exemplo e documento ao mundo quaõ pouca firmeza tem suas prosperidades, e quaõ pouco sé haõ-de estimar suas glorias, por as quais os engenhos mais sublimados (naõ sei porque fados enganados e escurecidos) mais se disvelaõ e com inconstancia buscaõ, com comutaçaõ dos bens do ceo, dos quais facilmente se esquecem com lembrança e cuidado destes taõ enganosos, naõ temendo soffrer trabalhos, nem passar perigos do corpo, nem maculas da alma por os alcançar: e assi foi levado a Marrocos onde depois foi degollado com seus netos, do alcaide Ali-Ben-Bucar, como abaixo se dirá. Abdalá hindo com a ordem do Xarife seu pai correr a Féz, ou por passar seus mandamentos com temeridade de moço, ou por naõ fugir á sagacidade do rei velho, vieraõ a batalha, em a qual Abdalá foi desbaratado e se recolheo em Marrocos, e Boachum com victoria em Féz. Abdalá, mais acompanhado de esforço que ventu-

so nas armas, tornou a reformar seu campo em Marrocos, e com muita prestesa se foi ajuntar com o Xarife seu pai. Juntos o pai e o filho com os dous exercitos, vendo-se com bastantes forças pera pelejar com o rei de Féz, e evitarem as traiçoens domesticas dos naturaes, lhe viéraõ talhar os campos, roubar os gados, queimar os paens, até o provocar a batalha, o qual como naõ era pusillanimo, naõ se espantava com a bravosidade do Xarife, nem do furor de suas vinganças, antes tendo-o em pouco pelas victorias alcançadas delle e do filho, alevantado em confiança e soberba de hir pelejar com dous capitaens, que tinhaõ assombrado Africa com armas e ambos vencidos delle em differentes batalhas, não dilatando tempo, com animo feroz os cometteo. Começada a batalha com animos obstinados de morrer ou vencer, lidando cada hum pela vida e honra e reino, esforçavaõ aos seus soldado ora com palavras cheas de esperanças de victoria, ora com exemplos de esforço pera os animar a naõ afrouxarem, e ferindo-se com odio capital, vêo a victoria a inclinar-se pouco a pouco ao Xarife, ficando senhor do campo com desbarate do exercito e morte do rei de Féz, o qual acabou sete mezes depois de ser alevantado rei. O Xarife contente com a victoria, com a qual ganhára hum reino taõ opulento e honrado, e matára hum imigo taõ forte, com que ficava pacifico e livre dos temores, assim d'imigos

estrangeiros, como dos insultos dos naturais, entrou na cidade, mandando degollar alguns sediciosos e outros, que lhe haviaõ feito treiçaõ na batalha, que antes tivera com o rei de Féz, quietou as alteraçoens e deixou seu filho Abdalá por governador e jurado principe herdeiro dos reinos de Berberia, e o Xarife se foi a Marrocos.

De como o Xarife foi morto pelos Turcos. Capitulo XXI.

Tais saõ as leis da fortuna, que naõ se obrigando por alguma a ter amizade com os estados, nem guardar lealdade ás pessoas, mas com inconstancia e variedades quasi a caso favorecer huns e perseguir outros, e a hum mesmo homem em differentes tempos mostrar-lhe humas vezes rosto benino e outras imigo, faz todas as suas prosperidades e glorias mudaveis, sem firmeza alguma, com infamia de caducas; porque favorecendo comummente ao Xeque, pera de leves principios chegar a grande imperio do senhorio de Berberia, ganhada com valor d'armas e esclarecidas victorias, e alcançando nome de famoso monarca, vir a ser senhor de grandes reinos, e pôr debaixo de seu ceptro sogigada toda Berberia, á força de armas e insignes victorias, como o pôz no cume da prosperidade humana, envejosa de sua bem-aventurança lhe deo de maõ com risonho escarneo, e o fez cahir no profundo das mi-

serias, com mortal fado, naõ se correndo de sua pouca verdade. Urdindo pois ella a infelice morte do Xarife, a ordenou por este modo: estando o Xarife na cidade de Marrocos, prospero com as suas boas andanças, e pacifico com as victorias havidas de seus imigos, repousando dos trabalhos e gosando da gloria que possuia, sendo seu nome celebrado pelas grandezas de animo liberal, fazendo mercês a muitos com magnificencia real, movido desta fama Alcaidacem, arrenegado que estava em Tremecem por capitaõ de huma bandeira de soldados turcos, se foi com elles a Marrocos a servir ao Xarife. O rei sabendo de sua vinda e determinaçaõ, e como vinhaõ convidados de sua fama e grandeza, os recebeo alegremente com muitas mercês e dadivas, assentandolhe o soldo avantejado, servindo-se delles de sua guarda: outros Turcos derramados por differentes partes de Berbèria, informados do honroso tratamento e favor que o Xarife fazia aos que se fôraõ a elle, ajuntandose com Alcaidacem chegáraõ a fazer numero de oitocentos; mas como desta valia dos turcos nacesse grande inveja aos mouros naturais, por se verem preferidos nas honras e mercês dos estrangeiros, dando pouco a pouentrada a este prejudicial veneno, fôrão em breve tempo corrompidos de mortal odio, procurando semear zisanias de desconfianças entre elles, com que seus animos fossem divididos e a valia dos turcos afiloxasse, e

finalmente fechassem as portas a suas valias confiadas; e procurando fazer estas discordias por todas as vias, esperavão tempo conveniente e occasiaõ arresoada como inimistassem o rei com os turcos, ou os turcos com o rei. Neste tempo, quando a inveja e odio andavaõ mais accesos entre huns e outros barbaros, succedeo hir o Xarife visitar o reino de Sus, e com sua presença alimpar a republica de alguns insultos particulares, se os houvesse, e dar leis publicas de bom governo, e hindo acompanhado de dez mil mouros de cavallo, juntamente levava os turcos comsigo, aos quais era entregue como d'antes a guarda da pessoa real, com os favores e mercês acostumadas. Os mouros vendo o tempo aparelhado pera pôrem em effeito o que traziaõ meditado em seus peitos, lançáraõ manhosamente fama (sem darem auctor della) que o Xarife levava os turcos a Sus pera lá, com quebra de sua fé, os mandar matar por se temer delles, e por os assegurar com enganos os andava entretendo com caricias e honras, com animo sagaz e fingido; da qual novidade achando-se os turcos confuzos, por a consciencia de sua lealdade, sem acharem em sí merecimento de tal treiçaõ, naõ despresando estes avisos, e discorrendo a fama em differentes partes, vendo algumas apparencias de poder ser pelo odio que os mouros lhes tinhaõ, temerosos de esta voz ser presagio de seu dano, todavia começárão dar credito

ás suspeitas, que com a fama crecião. Os quais, avisando-se huns aos outros com animos duvidosos, como naõ deviaõ ter em pouco negocio de cujo remedio dependia a sua saude e vida, houveraõ conselho do modo que teriaõ em se assegurar do perigo a que estavaõ arriscados, e naõ achando outro com que pudessem escapar, postos dentro no coraçaõ de Berberia, donde a fugida era impossivel, nem a verdade poderia em tais rumores ser sabida, determináraõ commutar suas vidas com a do rei e dos mouros, pera o que assentaraõ de improviso saltear o Xarife e mata-lo, e logo dar nos mouros descuidados da treiçaõ, e pôlos em desbarate; os quais espiando occasiaõ e tempo, estando o Xarife mui alheo da tençaõ que a falsa fama publicava, e descuidado da treiçaõ por os turcos urdida, hindo caminhando pelo reino de Sus, alojou-se hum dia de grande calma em o campo junto de Alchera (lugar antes de pouco nome, e agora pela morte do Xarife de nome mui famoso) estando elle pela sesta recolhido na sua tenda repousando, com os turcos que lhe tinhaõ ordenado a morte em sua guarda, e os mouros dormindo em differentes partes pelo campo, alheos do castigo de sua malicia, com os cavallos huns desenfreados, outros pascendo despeiados das armas, foi dado aviso entre os turcos como entaõ era o tempo que promettia o effeito de sua barbara tençaõ, e tendo ja entre si tratado do comettimento, ordenáraõ

dous soldados huma briga fingida, com queixumes publicos hum contra o outro dignos de castigo, e fingindo hirem-se queixar ao Xarife, que com authoridade determinasse a discordia entre os querelosos, caminhárão pera a sua tenda com as espadas desembainhadas: os mouros tendo ja costume de ver entrar e sahir os turcos facilmente na tenda do Xarife, pelos favores costumados, e sua pessoa estar commettida na guarda delles, naõ houveraõ por novidade aquella maneira de entrada, nem se advirtiraõ na treiçaõ. Os turcos como hiaõ ja apostados e conformes ao effeito que determinavaõ, em entrando pela porta sem pessoa alguma lho contradizer, com o impeto que levavaõ, sem darem lugar a desculpas nem resistencia, de improviso lhe deraõ cruel morte e lhe cortaraõ a cabeça, e levantando-a na ponta de huma espada por sinal dádo aos outros turcos, ja postos em armas e determinados á mesma sorte, com subita grita e pressa nâo cuidada se derramáraõ pelo alojamento dos mouros, bem descuidados do perigo e treiçaõ, e começáraõ a ferir e matar cruelmente, com tanto furor, que naõ havendo nos mouros acôrdo de se defender, nem aparelho, fizeraõ cruel estrago nelles com salvaçaõ de poucos, e logo com a mesma presteza com que matáraõ o Xarife e mouros, começáraõ marchar a Trudante, principal cidade do reino de Sus, e muito rica e forte, e chegados elles primeiro que a fa-

ma, fôraõ recolhidos dos naturais com animo pacifico e amigo, tendo-lhes a ignorancia do caso incoberto o seu perigo, e com o mesmo furor barbaro, e as espadas tingidas do fresco sangue, renovárão outro cruel estrago, pondo a cidade a espada e saco até fartarem o acceso furor da vingança, ja mais como meio de salvar as proprias vidas, que com odio de tomar as alheas.

Como Abdalá foi alevantado rei de Berberia por morte do Xarife seu pai, e os turcos que o haviaõ morto foraõ desbaratados. Capitulo XXII.

Com estes novos tumultos e caso naõ cuidado, estendendo a fama suas veloces azas, e alevantando o som de suas sonorosas vozes, foi ouvida de improviso dos lugares mais visinhos, e accrecentando-a mais com seus vôos, em breve tempo encheo toda a redondeza da terra, com grande espanto do espectaculo que atraz deixava e hia denunciando: por onde Abdalá, que já estava jurado principe de Berberia, e era governador do reino de Fez, sendo informado da infelice morte do Xarife seu pai, logo foi alevantado rei de Berberia, e tomou posse do imperio com a mesma grandeza e estados que herdou. O qual como assocegou a republica, e pôz ordem no governo que não houvesse alguma alteraçaõ, se foi a Marrocos, pera com sua presença quietar os povos e

tomar posse do reino, recebendo tambem a devida obediencia, a qual lhe foi dada sem contradicção. E por que o Xarife teve oito filhos, o primeiro Mahamet-Arram, o segundo Abharranca, que fallecêraõ de enfermidade natural, o terceiro Abducader, que foi morto em Tremecem na batalha dos turcos, como atraz fica dito: estes tres morrêraõ em vida do xarife seu pai: o quarto foi Abdalá, o quinto Agximen, o sexto Abdelmumim, o septimo Mulei-Maluco, que deo batalha a elrei dom Sebastiaõ, o octavo Mulei-Hamet, que reina hoje em Africa e que succedeo a Mulei-Maluco seu irmaõ: e como Abdalá era filho mais velho dos que eraõ vivos, foi alevantado rei na era de 1556, o qual tomou por alcunha Xarife, assim elle como todos os reis seus antecessores, por rezaõ de seu tio e pai serem os primeiros reis de Berberia, e procederem por linha direita da parte dos Xarifes netos de Mafamede, do qual não ficou mais que Fatima sua filha, que casou com Alí primo-com-irmaõ do mesmo Mafamede, dos quais nascêraõ Acem e Ocem que se chamáraõ Xarifes, como vemos os emperadores romanos chamarem-se Cesares por Julio Cesar seu primeiro emperador, e os reis turcos ottomanos, por descenderem de Ottomano primeiro rei delles. Tanto que Abdalá foi alevantado por rei e obedecido dos povos, depois de enxugar as frescas lagrimas da infelice morte de seu pai, incendi-

do com grande furor de ira, naõ guardando pera outro tempo a vingança della, determinou logo de a mandar executar, e por elle estar occupado nos primeiros fundamentos de seu imperio, e por sua pessoa se naõ macular com o espargimento de sangue, inda que culpado, mandou seu irmaõ Agximen, que estava por senhor de Tudella, e a Alı-Ben-Bucar, mordomo-mór do Xarife seu pai, que fizessem gente e juntos em hum corpo fóssem a toda a pressa cercar os turcos homicidas, que estavaõ fortes em Trudante, e com cruel furia e mortal estrago lhes dessem o castigo do atrevimento e crime de Lesa-Magestade. Agximen, a quem tambem cabia igual magoa daquelle successo, naõ o soffrendo com animo saõ, mas estimulado d'apetite de vingança, aplicou os exercitos com muito pressa, e entrando no reino de Sus, guiados a Trudante, onde os turcos se tinhaõ feito fortes, em chegando lógo cercáraõ a cidade batendo-a por muitas partes, ora com assaltos dos soldados escalando os muros, ora assestando nelles artilharia, e usando das mais maquinas, pera effeito da entrada e executar a furia com que hiaõ. Os turcos defendendo-se valerosamente, sem terem outra esperança de vida senaõ ás armas e peitos, quando os muros lhes faltassem, resistiraõ ao poder e odio dos mouros todo o possivel, apostados a venderem suas vidas por morte de muitos: mas em fim, ou por naõ poderem soffrer os combates continuos,

ou quererem antes provar a sorte em campo, que encerrados na cidade serem tomados ás maõs, sem se poderem ajudar de seus esforços e obstinaçaõ, sahiraõ fora das portas, onde se travou huma cruel e mortal batalha, com igual esforço, ajudado da furia de cada parte, porque os mouros accesos do furor da vingança da morte do Xarife e seus parentes, e os turcos desesperados d'outro remedio com que pudessem salvar as vidas, cada hum sem temor do perigo punha a salvaçaõ na victoria; pela qual causa a batalha foi grandemente perfiada, com cruel estrago de mortos: mas como os mouros tinhaõ maiores forças sem comparaçaõ, a quem ajudava a justa causa da vingança, e a dor de seus pais e filhos e principalmente de seu rei, apertando com os turcos, fôraõ carregando sobre elles com furioso impeto, até a victoria se começar a inclinar á parte dos mouros. Os turcos cançados e faltos de socorro, diminuindo-se-lhes cada vez mais as forças, e nas dos mouros naõ se enxergando falta, começáraõ a enfraquecer nos corpos e faltar no numero, posto que té á morte vendêrão caramente as vidas, de maneira que tanto chegou Agximen com a victoria ao cabo, que naõ se rendendo com misericordia dos vencidos, nem com crusarem as maõs, com as armas lançadas aos pés dos vencedores, os pôz á espada todos, sem ficar hum só, assim pelo odio que contra elles tinha, como por naõ poder algum ter remedio de fugida,

mettidos dentro no coraçaõ de Berberia, mui alongados dos limites do reino de Argel, onde podiaõ pôr suas esperanças. Com esta victoria e vingança ficou o Xarife Abdalá contente e quieto, assim pela execução do castigo dos turcos, como por naõ ter imigos de que se temer.

Como o rei de Argel vêo sobre Féz, e o Xarife matou dous irmãos, e Mulei-Maluco seu irmão fugio pera Argel. Capitulo XXIII.

Começando o Xarife a gozar dos proveitos do seu novo imperio, e possuir com páz e repouso suas felicidades, sem perturbaçoens d'imigos o inquietarem, nem contradiçaõ dos vassallos, antes passando os dias em passatempos e festas reaes, Ale-noradim, rei de Argel, filho de Barbaroxa e herdeiro do esforço e ferocidade militar de seu pai, avendo que era obrigaçaõ sua possuir os mesmos favores, que seu pai houvẽ da maõ da fortuna, pera fazer maior sua fama e estados, movido por odio ou inveja da prosperidade do Xarife, ajuntou hum exercito de turcos, com que foi sobre Féz, com intento de render a cidade e o reino. O Xarife, informado de sua determinaçaõ, armou-se com a mais gente que pôde, e trazenda seus irmãos em companhia, lhe sahio ao caminho com animo obstinado de se defender, e offender o imigo com todo o rigor de armas,

aventurando-se a mudanças e revezes da guerra; e encontrando-se os exercitos antes que chegassem a Féz, animando cada hum seus soldados, huns em defender o seu, outros em ganhar o alheo, viérão a batalha campal, em a qual, sucedendo a elrei de Argel infelizmente seu comettimento, foi desbaratado, e com perda do campo e bagagem se retirou, e com perigo se recolheo ás serras de Beles, onde se pôde salvar, e castigado de sua temeridade com desengano, certo que as victorias muitas vezes naõ se entregão aos mais fortes, nem ha sinal por onde se conheçaõ, se naõ pelo estrago dos vencidos, naõ curando de mais perfia, se voltou cheo de medo e vergonha a Argel, com perda do seu exercito: e naõ tendo Abdalá por seguro seu imperio em quanto houvesse animo capaz de tal grandeza, esquecido do amor fraternal e serviços recebidos de seu irmaõ Agximen, valerozo e esforçado capitaõ, com cujo braço fôra sempre Berberia conservada, e por seu esforço e outros dons naturaes, era digno d'outra maior monarchia, com incrivel amor dos nobres e soldados, naõ havendo causa justa o mandou matar, e segundo se presumio, por inveja de o ver crescer em muita reputaçaõ, e ser muito acceito ao povo por sua affabilidade e outras virtudes. E por que o Xarife quiz tornar a Marrocos, onde fazia sua habitaçaõ e tinha a corte, pera naõ deixar o reino de Féz desemparado de quem o de-

fendesse com armas dos imigos, e o conservasse em paz com os moradores de dentro, deixou por governador a seu irmaõ Abdelmumim, e em sua companhia Mulei-Maluco, ainda moço, pera que com authoridade das pessoas reaes a republica ficasse melhor emparada, e com sua presença os naturaes naõ fizessem algumas alteraçoens. Abdelmumim e Mulei-Maluco, posto que seu irmaõ os deixasse em hum cargo taõ honrado, entendendo suas perversas inclinaçoens, cheas de invejas, sem fé nem amor, naõ se fiando delle, temendo de os matar, como fizera a seu irmaõ Agximen, fugiraõ pera o reino de Tremecem, no qual havendo-se Abdelmumim por seguro de barbara e mortal furia do irmaõ, mandou seu irmaõ Mulei-Maluco a Argel e da hi a Constantinopla, haver do Solimaõ, imperador dos turcos, cartas de favor pera seu irmaõ desistir do odio, que contra elles ambos tinha concebido, e lhes dar alguns estados onde vivessem conforme as calidades de suas pessoas: o qual fazendo sua viajem com prospero fim, mostrando-se Solimaõ favoravel aos mancebos desterrados, e inclinado a seus rogos, com palavras brandas e cortezes escreveo ao Xarife, rogando-lhe quisesse desaggravar seus irmaõs, e recebe-los ao seu amor, e dar-lhes do patrimonio real algum estado, com que se sustentassem, como filhos de seu pai. Abdalá tendo muito respeito aos rogos do Ottomano, por virtude ou vergonha, deo aos

dous irmãos o reino de Tafilet, pera o qual logo fôraõ contentes e satisfeitos, sem esperança de outra mais alta fortuna; mas naõ se arreigando esta conformidade no animo inflamado e duvidoso do Xarife, buscando logo alguns motivos de discordias, com apparencias de alguns queixumes dos mancebos innocentes e agradecidos, vêo a quebrar amizade com elles, e tomando armas com pregaõ de guerra, foi contra elles com exercito ameaçador de morte; os quais naõ podendo resistir, nem acharem nelle entranhas de reconciliaçaõ, deixáraõ o reino, e se tornaraõ a Tremecem, onde Abdelmumim ficou, e Maluco se tornou a Constantinopla justificar sua inocencia ao Ottomano; mas o Xarife, manifestando mais o zelo que os irmãos receavaõ e de que fugiraõ, teve maneira, dahi a quatro annos, de atraiçoadamente mandar matar em Tremecem Abdelmumim. Mulei-Maluco, vendo como o odio do Xarife seu irmaõ os hia ainda perseguindo em reinos estrangeiros, e Abdelmumim lhe naõ pudera escapar, naõ tendo sua sorte por mais segura, e que no mesmo perigo ficava sua pessoa, por se assegurar naõ tornou mais a Berberia; o qual como era moço de muitas esperanças, e dava claros sinaes de grandes virtudes de animo real, acompanhadas de nobres e excellentes manhas, aprendidas por arte, e juntamente por sua suave conversaçaõ, cheia de muita discriçaõ e afabilidade, foi mui bem tratado

por todas as partes por onde andava, e começando-se a metter no serviço do Graõ-Turco, dava-se muito a conhecer nos feitos das armas por sua pessoa, até seu nome chegar ao Ottomano, com estima de valor; o qual pera que ao diante pudesse justificar sua causa, e accrecentar os merecimentos da petiçaõ que pretendia com o Ottomano, metteo com muito zelo desoito annos em seu serviço, em muitas armadas e batalhas, entre as quais se achou na naval, que perdeo Ali-Bachá e ganhou dom Joam d'Austria, onde hia por capitaõ de huma galera, em companhia de Alichiá, viso-rei de Argel, e por a mesma maneira se achou soldado na tomada da Goleta. Neste tempo em que o Maluco andou na conversaçaõ dos turcos e corte de Constantinopla, discorrendo por outras partes, onde havia homens de todas as naçoens, por sua curiosidade e grande habilidade procurou assinalar-se em todas as manhas dinas de excellente principe: o qual, adestrando-se em todo o genero d'armas, as executava de maneira em as batatalhas publicas e brigas particulares, que nada lhe faltava de valeroso soldado. Alem disto, sabia fazer espingardas e bombardas, e carrega-las taõ bem como qualquer official mecanico, que o muito usasse, apontando com ellas, e assestando-as com melhor ordem e arte que todos os bombardeiros, e era Mulei-Maluco de tanto engenho, que aprendeo a lingua Turcesca, Latina, Italiana,

Franceza e Espanhola, lendo e sabendo muitas historias nellas escritas, em que aprendeo muita discriçaõ e primor de palavras e cortezias, dinas de hum principe mui cortesaõ; mas por que lhe naõ ficasse alguma manha que naõ tentasse aprender, deo-se á poesia, e em as linguas que tinha sabido fazia muitos versos e sonetos de muita suavidade de palavras e gravidade de sentenças, acrecentando a isto ser muito musico, dançador, tangedor de tecla, de viola e alaúde, com outros instrumentos que os christãos usaõ, fazendo-o com tanta arte e melodia, que punha espanto a toda Berberia, por nisso fazer ventagem a todos os mouros, pouco acostumados a estas artes. E por que naõ parega que por o odio que este principe merece á naçaõ Portugueza, por o dano que lhe tem feito, e ja de seus antepassados nacco, por a disparidade das religioens, lhe quero calar os louvores de sua pessoa, naõ deixarei, alem do dito, de dizer o que delle se sabe; que era por extremo avisado, affabil na conversaçaõ com os homens de todas as nações, principalmente com os cristãos, por achar nelles os entendimentos mais claros e a conversaçaõ mais primorosa: cujas partes naturaes se podem com olhos cristãos chorar, derramando lagrimas de compaixaõ, em poder tanto a cegueira do entendimento desemparado do lume da fé divina, que naõ pudesse conhecer os erros taõ danosos á alma, nem as tre-

vas taõ escuras do error de seus costumes, com que o misero homem, ornado de tantos dotes naturais, carecesse dos espirituaes, pera eterna condenaçaõ; quanto mais que alem dos erros do entendimento, naõ careceo de outros horrendos vicios, que lhe escurecêraõ toda a gloria de suas habilidades; por que alem de ser sugeito ao vicio nefando de sodomia, o era tanto ao vinho, que muitas vezes perdia o juizo, usando neste tempo de mil crueldades; mas como era de branda condiçaõ, sabendo quão prejudicial era nelle a torvaçaõ do vinho, mandou a seus officiaes que no tempo que elle estivesse alienado, se naõ executasse cousa que elle mandasse.

Como Mulei-Maluco houve do Graõ-Turco ajuda pera se metter de posse de Berberia, nos reinos de seu pai. Capitulo XXIV.

Neste genero de desterro, em que Mulei-Maluco andava, cobrindo os espiritos reaes com a fortuna de hum soldado raso, nunca tirou as lembranças das injustiças e tyranias de seu irmaõ o Xarife contra seus irmãos, e a perseguiçaõ com que o desterrára da patria onde nasceo, fóra dos reinos de seu pai, despojando-o do patrimonio devido de direito; e assi de continuo andava accrecentando merecimentos, e buscando valias pera haver ajuda e favor do Ottomano, a quem

servia, pera effectuar seu intento de occupar os reinos de Berberia: e por que a substancia dos bons despachos dos principes commummente depende dos privados e validos, a cujas petições facilmente se inclinaõ, havendo que he grandeza real comprazer com mercês aos nobres, grangeava elle com muito cuidado a Alichiali-Bachá, por ter grande authoridade e valia com o Ottomano: e pera o mais obrigar, todas as vezes que se offerecia, era seu soldado, e o acompanhava e servia por o fazer seu acceito, e se ajudar de seu favor, até vir a alcançar com elle graça e amisade intima e particular, e lhe dar attenta audiencia a seus requerimentos, com grandes esperanças de favor. Neste tempo morrendo o Xarife Abdalá em idade chea de annos e prosperidades, com paz e socego de seus reinos, deixou por herdeiro Mulei Hamet, seu filho mais velho, bastardo, nascido de huma escrava preta. Mulei-Hamet, o ultimo irmaõ de Mulei-Maluco e filho do Xeque, como vio Abdalá morto, que era de muito esforço e authoridade, e alevantado rei a Mulei-Hamet seu filho, homem de poucas esperanças, e naõ muito acceito ao povo, por seus fracos espiritos e muitas tyrannias e crueldades que usava com o povo, degollando muitos alcaides, e por outras rezões, temendo-se tambem de o mandar matar, com temor de favorecer as partes de Mulei-Maluco seu irmaõ, de quem o Xarife se temia, nego-

ciando, da melhor maneira que pôde, seu dinheiro (que foraõ seiscentos mil cruzados) se acolheo secretamente a Argel. Mulei-Maluco (a quem o irmaõ mandou novas de sua vinda e da morte do Xarife Abdalá, e do novo rei seu filho Mulei-Hamet) se alegrou em grande maneira por as occasiões que se lhe offereciaõ, assim do pouco esforço do novo Xarife, como do dinheiro que seu irmaõ lhe offerecia, com o qual poderia facilmente ser ouvido em seus requerimentos e favorecido em suas pertenções, pera quebrar as fechaduras do reino africano; do qual intento e estado das cousas dando conta a seu amigo Alichiali (principe do mar por morte de Ali-Bachá, na batalha naval em que dom Joaõ d'Austria foi vencedor) privado do turco, lhe pedia com muita instancia o favorecesse em lhe darem ajuda de gente e armas pera ser restituido em os reinos de Berberia, que pretendia haver por direito de herança, e com isto, peitando largamente ao Alichiali e outros validos, do dinheiro que o irmaõ Mulei Hamet havia trazido, vèo a ser ouvido e alcançar graça com o Ottomano e mais Bachás, e lhe outorgáraõ a ajuda que pedia, com certas condições honrosas, as quais eraõ, que o Maluco ficasse tributario ao Turco em cento e cincoenta mil cruzados cada anno, e as moedas que se batessem fossem cunhadas com as armas do Turco, e lhe desse Larache e os mais portos de mar que elle qui-

zesse fortificar, e os cacises nas mesquitas, nas colletas que costumaõ fazer pelos seus reis, nomeassem o Ottomanõ como principal rei e senhor de Berberia: das quais condiçoens o Alichiali ficou fiador, pela muita amizade que tinha com Mulei-Maluco. Feito o contrato, assinado com as mais solenidades necessarias, passou o turco provisoens a Abrandan-Bachá viso-rei de Argel, que logo fôsse com Mulei-Maluco, e o metesse de posse, com paz ou com guerra. Mulei-Maluco, que naõ dormia na negociaçaõ e industria destas pretençoens, como houve as provisoens se vêo a Argel, e apresentando-as ao visorei, o começou de grangear e peitar e aos mais capitaens, pera fazer seu negocio melhor, e os ter mais favoraveis e promptos na jornada, e sollicitando os mandados do Ottomano, e espertando o viso-rei, pedia com instancia accelerasse a viagem, e escolhesse e assinasse os soldados perá sua entrada em Africa. Na mesma jornada vinha tambem Chaiá, alcaide andaluz, que fôra por embaixador dos Mouros de Granada, quando se alevantáraõ, a pedir socorro ao graõ Turco: mas porque, no tempo que Chaiá andava em Constantinopla em seu requerimento, teve nova de os mouros serem entrados e rendidos, com morte e cativeiro geral, havendo por escusado seu requerimento e naõ ousando tornar a Granada, teve estreita amizade com Mulei-Maluco, e o seguio na jornada por seu mordomo-mor, em

cujo officio parmaneceo em quanto Mulei-Maluco viveo.

Como o viso-rei de Argel vêo com o Maluco a o metter de posse de Berberia Capitulo XXV.

Naõ se occupava Mulei-Maluco em Argel em outro negocio mais que em applicar a gente e armas que esperava levar a Africa, e com todo o calor e diligencia grangeava este favor, em que tinha todas suas esperanças: por tanto Abrandan rei de Argel, tanto que lhe foraõ dadas as provisoens de Amurate Ottomano, obedecendo a ellas sem contradiçaõ e com boa negociaçaõ do Mulei-Maluco, mandou tocar caixa e alevantar bandeira, e com muita diligencia ajuntou hum exercito de cinco mil genisaros, com os quais e as munigoens necessarias e alguns tiros de campo, se foi marchando direito a Fez, em cuja companhia hia o Maluco, em cujo servigo aquelle exercito hia. Sabendo Mulei-Hamet Xarife a determinaçaõ dos turcos, e pretençaõ do Mulei-Maluco, ajuntando outro exercito maior em numero de gente, se pôz em campo, esperando os imigos, a lhe impedir o caminho e conselho com lhe dar batalha: e antes que partisse de Marrocos deixou por guarda e viso-rei della o alcaide Zecherim, homem de muita confiança pera conservar a cidade em paz e guerra. A ordem que o Xarife teve na sua gente foi fazer dous campos, hum de quinze mil de cavallo da gente de Marrocos,

onde elle vinha, outro, em que o Xeque seu filho, menino de seis annos, hia, com trinta e cinco mil de cavallo do reino de Fez, os quais, por ser gente de muita opiniaõ, naõ soffrem ser capitaneados se naõ de pessoa real. Com o Xeque filho delrei estavaõ Cidabdelcherim, filho de Bentude, com tres mil e quinhentos de cavallo, Xeque Maluco com tres mil e quinhentos, Abdelcherim, filho de Abdelum, com tres mil e quinhentos, Elmerhem com tres mil e quinhentos, Alimoxecra com tres mil e quinhentos, todos estes eraõ de cavallo, vassalos dos mesmos capitaens: alem destes havia doze mil soldados de pé, todos espingardeiros e soldados velhos, entre os quais tambem estava Cidhamubenanza viso-rei de Mequinez: de todo este campo era general Alimoxecra sogro de Cidabdelcherim, filho de Bentude, por ser capitaõ esforçado e homem de muita authoridade em Berberia, por sua prudencia, idade e estado, o qual cargo o Xarife lhe deo, e poz a Mulei-Xeque seu filho de baixo de seu emparo e bandeira, por ser menino, a quem as forças e idade naõ soffriaõ taõ importante cargo. Com esta gente assentou Alimoxecra seu campo diante dos turcos. O Xarife ficou atraz hum quarto de legoa com os quinze mil de cavallo de Marrocos, que o acompanhavaõ, por naõ aventurar sua pessoa na batalha, e esperar o sucesso della. Com os turcos vinhaõ cinco mil Alarves de cavallo pera saquear o cam-

po, como tem por costume, e ordenados seus esquadroens assentáraõ seu campo. E como os turcos eraõ todos de infanteria e haviaõ de pelejar a pé, deraõ os cavallos em que caminhavaõ a seus criados. Tocadas as trombetas e pifaros de ambas as partes e despregadas as bandeiras, puzéraõ seus exercitos á vista hum do outro, em som de dar batalha, e animando cada capitaõ seus soldados, o viso-rei de Argel começou assi: « Agora cuido, valerosos companheiros, » que a fortuna se lembra de nos honrar, » pois nos offerece occasiaõ de taõ ditosa em- » presa, de gente taõ lusida, como vedes no » campo dos imigos, pera que nossa victoria » fique mais clara e o despojo mais rico. Naõ » posso deixar de me mostrar alegre e acela- » rado no rompimento desta batalha, em que » vejo em vós os mesmos effeitos, com mais » certa confiança da victoria. Pera outros sol- » dados, menos animosos e alvoroçados em » dar a batalha, usára eu de prudente con- » selho se lhes persuadisse quaõ fraca gente » he a que vedes, e com quaõ pouco ani- » mo haõ-de esperar a furia turquesca, taõ » temida no mundo; mas cuido que vos ac- » cendo mais o furor em volos louvar por es- » forçados, pera que com mais impeto vos » acheis dignos de os cometter, pera que os » premios dos louvores sejaõ mais claros. Em » os vencer pouco se ganha; mas no serviço » de Amurate, faz a nossas honras plantar- » mos suas bandeiras no reino de Fez, e dar

» a conhecer o seu nome, e restituirmos hum
» principe aggravado em seus reinos, por
» mandado do nosso rei, que saõ as magnifi-
» cencias que acrecentaõ a gloria dos grandes
» principes. Este he o effeito da victoria que
» pretendemos, e o merecimento de nosso va-
» lor; pois o vencer outros mais fortes exer-
» citos do que vêdes, com menos gente do
» que somos, he isso ja ordinario nas arma-
» das dos turcos; mas ja que estes mouros
» temerariamente vem impedir nossos inten-
» tos, em nenhuma cousa nos fazem injuria
» digna de castigo, senaõ no pouco respeito
» com que aceitáraõ os mandados de Amu-
» rate, e em fim obedecem a hum rei entro-
» nisado contra o direito das leis: e pera que
» no principio achem o desengano de sua
» ousadia, e ao diante fiquem avisados de
» seus commettimentos, firamos e matemos
» nelles sem piedade, pera que, ensinados de
» seu dano, venhaõ com humildade buscar
» nossa clemencia, com o reconhecimento do
» nome de Amurate, debaixo de cujo em-
» paro aqui trazemos Mulei-Maluco. Quan-
» to mais, que cuido que elles naõ seraõ taõ
» prodigos de suas vidas, que quereraõ expe-
» rimentar nossa furia, mas que se vem met-
» ter debaixo de nossas bandeiras, huns por
» temor de nossas armas, outros com obe-
» diencia de Mulei-Maluco, cujos naturaes
» saõ, e vassallos querem ser, com lembran-
» ça que he filho do Xarife, a quem servi-
» raõ e obedecêraõ com amor paternal; por

» as quaes rezoens comettei confiados, pois » o nosso esforço, o nome, as armas, e so- » bretudo a justiça de Mulei-Maluco, nos » favorecem pera mais confiadamente seguir- » mos a empresa. » Feita esta pratica, co- meçou Abrandan a pôr os soldados em or- dem de cometter, e tocar as trombetas e tambores, com que a gente estivesse mais prompta e prestes pera acometter ao pri- meiro sinal. Alimoxecra, naõ se mostrando menos esforçado e practico na arte militar, tendo sua gente posta a pique, se voltou a elles, dizendo-lhes: « Naõ vos quero, » esforçados cavalleiros, fazer outra lembran- » ça pera cumprirdes com a obrigaçaõ de » leaes vassallos, senaõ mostrar-vos com o » dedo este minino, que aqui está ante nós, » principe dos reinos de Berberia e filho do » Xarife, que tendes nas costas, em vosso so- » corro, de traz daquelles outeiros: e isto » somente bastava pera vos accender os cora- » çoens com zelo de honra, e sem temor de » todos os perigos, perder a vida por vosso » rei e por vossa patria; quanto mais que » tendes justa causa de indignaçaõ em cas- » tigardes aquelle exercito de tiranos, que » presentes vedes, cujo intento naõ he outro » mais que como ladrões virem saltear » nossas terras e fazendas, com inquietaçaõ » da republica. Ja tendes experiencia dos in- » sultos dos turcos, de outra vez que nós mes- » mos os chamámos em nossa ajuda, pagan- » do-lhes seus soldos, e fizemos outros tra-

» tamentos dignos de amor, tal foi sua inso-
» lencia, que nos pagáraõ estes beneficios
» com as injurias publicas e secretas, de que
» todos sois testemunhas e estais lembrados;
» pois ainda que de sua entrada nestes reinos
» naõ houvesse outro inconveniente, mais que
» os que vos tenho dito, naõ sei que cousa
» mais nos possa obrigar a arriscar as vidas,
» que defender o bem commum das profani-
» dades destes barbaros, e o particular de
» muitas injurias. Taõ salteado tenho o cora-
» çaõ com estimulos de vingança, que estas
» palavras com que vos persuado me-saõ pe-
» nosas por me dilatarem o tempo da execu-
» çaõ de seu castigo: por tanto naõ espereis
» vos persuada mais com palavras, senaõ com
» obras, pois haveis de ver a minha lança,
» primeiro que nenhum de vós, derramar o
» sangue destes tyranos, os quais sei mui de
» certo naõ esperaraõ nosso furor com a ver-
» gonha de seu atrevimento, antes volveraõ
» as costas, como homens sem primor, que
» naõ vem fazer guerra pera ganhar honra, s-
» naõ saltear como ladroens. Aqui os temos
» concluidos em meio de nossa terra, espan-
» tados de ver este exercito taõ guerreiro, e
» em ja de taõ perto enxergarem a ferocidade
» com que estais determinados pera offender
» seus esquadroens, e defender vosso rei, fi-
» lhos, e mulheres. Na vossa maõ está ajus-
» tiça, e na suaa culpa: alçada tendes, por
» direito das armas, de executar nelles a mor-
» te com o despojo das armas, ja que naõ

» tem fazenda que perder, pois vem a ganhar
» as vossas, e tão merecedores de rigoroso cas-
» tigo de seu atrevimento, que enxergo essas
» pedras alevantarem-se pera elles, e aquelles
» montes inclinados pera os soverter, e a ter-
» ra pera os engulir; e tomando elles alli on-
» de estaõ experiencia do vosso valor, os tem
» penetrado o medo, com assas arrependimen-
» to de sua culpa; mas nem este nos deve
» mover á clemencia, porque em semelhantes
» casos a justiça naõ quer largar seu direito,
» nem dar lugar á misericordia, pera exemplo
» de outros; portanto tendes autoridade pu-
» blica, e o direito das armas, pera com mor-
» tal estrago destruirdes aquelles esquadroens,
» pera segurança de vossas casas e vidas. »

Como se deo batalha entre os do Xarife, e os do rei de Argel. Capitulo XXVI.

Estando os campos dos Turcos e Mouros arrostrados hum com o outro, postos em ordenança, com grande resplandor das armas, fazendo com ellas meneos ameaçadores de morte, batendo as armas nos escudos com huma grande bravosidade d'espirito, em Ourrochum, sete legoas de Fez dado signal em ambas as partes, remettêraõ todos denodadamente com igual animo e esforço. Começou-se a batalha muito tarde já sol posto, e durou até duas horas de noite, e animando os capitaens seus soldados, se começárão a ferir co-

mo mortais imigos, havendo a cada passo montes de corpos mortos, ficando a terra humida com sangue que se derramava; o qual estrago quanto mais crecia, tanto hião mingoando as forças do corpo, mas os espiritos não affrouxavão ponto do odio e furor, com desejo de victoria e vingança. Dogali, mourisco de Granada, em quem o Xarife muito confiava, sendo capitão de mil e quinhentos infantes, tendo já tratada a treição, como vio a briga travada, se passou com toda sua gente á parte dos turcos, com a qual mudança os mouros não ficárão quebrados nem alterados, e como se não acontecêra, continuárão com a batalha, a qual andando envolta com igual sorte por hum grande espaço, sem fazer declaração a alguma das partes, se perfiava com igual desejo d'alcançar victoria: Todavia instando Alimoxecra, general do campo, e animando os mouros, lhes deo muito alento a carregarem sobre os turcos dizendo: » Ah! cavalleiros africanos, » estas emprezas tão honrosas, e victoria tão » esclarecida vos sei eu metter nas mãos: mi» nha he a grangearia, e vosso he o valor: não » se vos vá da mão a ditosa occasião, nem » vo-la escondão as trevas da noite: concluí, » concluí a victoria, que já rendem as armas » e os espiritos, e poem sua salvação na fugida, » e na sorte da noite ». Com isto carregárão sobre os turcos com mais continuos e pesados golpes, sem lhes darem alento a se defenderem: os quais como virão a determinação

dos mouros, com mais forte resistencia e mais impetuoso commettimento, do que esperavaõ, começárão a affrouxar de sua bizarria e furor, e com isto começáraõ a retirarse. Como os Alarves viraõ pender a victoria á parte dos mouros, e a fortuna virar as costas aos turcos, sem mais esperarem o successo da victoria, se pozerão em fugida, e apoz elles os criados dos turcos, que estavão com os cavallos dos senhores; os quais, com o medo com que hião fugindo, entrárão em Tremecem, lançando fama como os turcos eraõ desbaratados. O visorei de Argel, como valeroso capitaõ, naõ perdendo o animo no meio daquelle perigo, acudindo a todas as partes, onde via necessidade socorria com maravilhosa destreza, e pondo-se diante dos que fugião, lhes disse. » Que vergonha he es» ta, soldados? Que costume taõ desusado, que » fugis da victoria e dos vencidos? Ou tornai a » traz, ou deixai-me morto diante de vós, » por naõ terdes vivo hum taõ severo acusador » de vossa cobardia. Naõ sois vós os genisaros » espanto do mundo: naõ sois vós os vinga» dores das offensas publicas; pois hides as» sombrados das immundices de Berberia, com » vergonhosa fugida. Restaurai, com esses es» piritos antigos, e com esses corpos feitos pé» daços, a reputaçaõ humana, e naõ deis ma» teria de riso a estes fracos imigos» Mas os turcos, tendo mais conta com a fugida que com a vergonha dos Mouros, que carregavaõ muito sobre elles, naõ puderaõ al fazer

senaõ largar e perder a bagagem e as bestas de carga, e por ser já muito de noite, e os mouros estarem muito cançados, naõ seguindo a victoria, que se lhes começava a metter nas maõs, tiveraõ os turcos tempo de tomar conselho, com o qual se resolvèraõ se fizessem fortes com trincheiras, a que tambem as trevas da noite ajudavão a defender, até pela manhã ou se renderem, ou cometterem algum honésto partido, por terem perdido á esperança da saude. Os mouros, como homens que tinhaõ quebrado as azas dos imigos, os quaes lhes naõ podiaõ fugir do meio, como em guarda delles, os tiveraõ toda a noite cercados, até a luz da manhã lhes mostrar a fermosura da victoria, que estava encoberta com as trevas da noite. Neste tempo, quando os mouros estavaõ mais contentes de seu bom successo, com a presa quasi nas unhas, correo nova, com azas de pennas falsas, e com muita ligeireza chegou ao Xarife, em que lhe significava em como o campo estava pelos turcos, por rezaõ da treição, que Dogali, e os outros muitos mouros de nome, fizeraõ em se passar ao rei de Argel; entre os quais, lhe affirmáraõ ser hum delles Alimoxecra, general do campo, e com esta mudança os Turcos tinhaõ victoria. O Xarife, como era de espiritos fracos, espantado com esta nova, dando credito á falsa fama, sem nenhuma consideraçaõ, nem esperar outra informaçaõ, ou remedio de recuperar o que fingidamente lhe persuadiaõ ser

perdido, com affronta e quebra da real pessoa, se poz em fugida com quinze mil de cavallo, que foi principio de sua perdiçaõ. Os mouros, que tinhaõ cercado os turcos, como fica dito, ao tempo de concluir a victoria, lhes vêo nova como o Xarife era fugido, com a qual desanimados, e os turcos quasi ressuscitados da morte a huma esperança de vida, nem huns cometterão, nem outros resistiraõ; mas suspensos ambos os exercitos, se estavaõ contemplando huns aos outros, postos em igual fortuna. Alimoxecra, quando lhe deraõ a nova do Xarife ser fugido, com persuasaõ que elle fôra o autor da treição, com animo assocegado, mas confuso e magoado, disse: » Fez o Xarife nisso como quem he: basta ser filho de negra. » Com isto desfazendo-se o campo dos mouros, cada huns se derramavaõ por diversas partes, como gado sem pastor. Quando Alimoxecra vio que a victoria lhe fugia tão sem causa das mãos, onde elle tinha a maior parte da honra, e, sem culpa sua, tinha cobrado com o Xarife nome de tredor, em o ter por autor da treição não verdadeira, como desesperado de tal opinião, naõ quiz entrar em Fez; mas deixando as suas mulheres, filhos e fazenda, foi seguindo o Xarife, dizendo: » Quero-lhe mostrar quaõ leal sou a hir morrer com elle. » Os turcos como viraõ o diurnal progresso, ordenado por sua saude e felicidade de Mulei-Maluco, de que estavaõ ja desesperados, naõ

querendo mais tentar a fortuna, se fôraõ direitos a Fez, onde acháraõ as portas abertas, e os animos dos mouros carregados de medo, suspensos com a variedade dos successos, e sem contradicçaõ alguma metteraõ dentro da cidade ao Maluco, com titulo e ceptro de rei, e sendo obedecido de todos, huns com amor, outros com medo, facilmente esqueciaõ outros respeitos, senaõ a presente fortuna do vencedor. Isto feito, como o viso-rei de Argel fosse homem de engenho quieto e condiçaõ imiga de insolencias, por tirar as occasioens aos genisaros de fazerem aggravo aos mouros, com que os escandalisassem e elles fos-em aborrecidos, alojou-se no campo fora dos muros, onde esteve tres mezes, e alli lhe mandava Mulei Maluco os mantimentos necessarios cada dia, e lhes fez outras muitas mercês, com que ficáraõ bem hospedados, não somente delle, mas dos mouros naturaes, os quais, conhecendo quaõ domesticamente hayiaõ usado com elles aquelles dias, lhes fizeraõ alguns serviços, com que os turcos a cabo de trez mezes, na era de 1575, se fôraõ alegres por o effeito de sua vinda, e contentes com os beneficios recebidos.

De como o Maluco fez viso-rei de Sus a seu irmaõ Mulei-Hamet. Capitulo XXVII.

Em mêo de alterações tão novas e feridas taõ frescas, importava muito a pressa

no provimento, e a confiança nas pessoas, a quem se haviaõ de entregar os magistrados e governo: por tanto, como Mulei-Maluco foi alevantado rei de Fez, e começou a pacificar a republica, acquirio com brandura de prudente capitaõ aos quietos, e espantando com temor do castigo aos sediciosos, em breve tempo foi geralmente obedecido. Mas porque o reino de Sus he de moradores Alarves, gente de grande opinião de nobreza e primor de discriçaõ, fundados em toda a pontualidade de honra, mandou a seu irmaõ Mulei Hamet por viso-rei daquelle reino, pera que com a presença da pessoa real os Alarves se quietassem, e naõ houvesse entre elles alguma alteração em tempo taõ turbulento, e quando a discordia dos dous Xarifes estava taõ fresca. Neste lugar me pareceu dar huma breve relaçaõ verdadeira, e contraria á comum opinião do vulgo, ácerca dos Alarves, em os terem por homens barbaros e de pouco entendimento. Onde he necessario saber, que em Berberia ha dous generos de Nações, cujos costumes he viverem nos campos, sem cidade, nem policia de republica ordenada com leis, nem de homens deliciosos no comer e vestidos, com outras pompas, que o mundo chama ornamentos: huns saõ os barbaros que móraõ commummente nas serras dos Montes Claros, os quais, posto que morem em casas particulares, todavia naõ chegaõ a juntar-se em cidade em forma de policia. Estes, co-

mo vivem apartados da corte e comunicaçaõ da gente politica, tem pouco primor no seu tratamento das pessoas, e tambem nos entendimentos carecem das artes e discriçaõ, que poem autoridade nos homens, e assim saõ havidos por agrestes e de pouco saber. Os Alarves, que tambem fazem sua habitaçaõ no campo, naõ usaõ de casas fixas, senaõ de tendas levadiças, pera se mudarem, cada vez que se lhes offerece, com suas fazendas e gados; tanto he seu costume morarem nos campos, que, alem de naõ edificarem cidades, destruem as ja feitas nas provincias onde habitaõ. Temos exemplo nos que occupáraõ o reino de Sus antes dos Xarifes; porque, sendo Trudante cidade populosa, com edificios sumptuosos, cercada de muros torreados com ameas, cabeça metropole do reino, a destruiraõ e arruináraõ, como cousa desnecessaria a sua habitaçaõ. Saõ os Alarves gente de mui delicados engenhos pera tratarem todos os negocios de entendimento, eloquentes em palavras, sentenciosos em seus dictos, e muito lidos em todas as historias arabicas, fazendo delicadissimos versos e de mui elegante suavidade, com que fazem ventagem a todos os mouros africanos, e todos os cortezaõs lha reconhecem mui notavel. Saõ tidos os Alarves por toda a Africa por a gente mais nobre della, e o tronco de que os mouros mais se honraõ, e guardaõ entre si tal maneira de conservaçaõ de sua geraçaõ, que em nenhum ca-

so consentem casar com outra gente, que naõ seja da mesma naçaõ, ainda que por isso lhes crecessem muitos proveitos: mostraõ elles por obra a nobreza de que se gloriaõ em o primor que guardaõ; porque saõ homens de verdade, e por seus amigos ou por os que se acolhem a seu emparo, poraõ as vidas e fazendas, com estranho aborrecimento dos mouros, que naõ guardaõ as leis da nobreza; e na verdade nisto saõ taõ singulares, que, jactando-se serem elles a gente mais apurada de Berberia, o fazem confessar aos que seguem a corte, e senhores de grandes estados. Mas posto que os Alarves sejaõ commummente gente pobre, e naõ vivam senaõ dos fruitos dos campos e de seus gados, tambem ha ahi entre elles alcaides e senhores de muitos vassallos, a que obedecem e servem com o reconhecimento de rendas; e assim como saõ gente que vive no campo, curados dos tempos, saõ mais acostumados ao trabalho, e mais promptos a hum brado se ajuntarem a cavallo, a qualquer feito necessario, o que fazem com muita destreza, seguindo seu exercito, sustentando-se com poucas delicias de manjares e camas: gente propria pera fazer guerra com muita soltura.

Como Mulei-Maluco e o Xarife se refizeraõ pera segunda batalha. Capitulo XXVIII.

Em quanto Mulei-Maluco estava gosando do triumpho em Fez, e com premios e castigos hia estabelecendo seu imperio, novamente ganhado, Mulei-Hamet Xarife, que se tinha retirado a Marrocos, depois da primeira batalha dos Turcos, aos quais elle deo a victoria com sua fugida taõ intempestiva, como atraz fica dito, corrido e confuso de seu damno, nacido mais da fama ligeira, que de inveja da fortuna, determinou metter todo o resto de seu poder, e ver se podia recuperar o perdido da reputaçaõ e estados; pera o qual mandou soltar a seu irmaõ Mulei-Nacar, o qual havia dous annos que tinha preso em Sus, e antes muito tempo em Marrocos, e por respeito da necessidade presente, se reconciliou com elle, pedindo-lhe que, sem lembrança dos aggravos recebidos, naõ se esquecesse do estado em que o via, e o quizesse ajudar a defender os reinos de seu pai, e lançar fora delles ao Maluco, ja introduzido e apossado de parte delles, e quanto ao premio deste serviço, elle esperava dar-lho maior do que entendia serem as injurias até entaõ recebidas delle, e que tomasse por pinhor desta obrigaçaõ a confissaõ que fazia chêa de arrependimento do passado, e a palavra

do futuro. Assi, ajuntando mais todos os que o haviaõ seguido da batalha, e as reliquias de outros que se acolhêraõ a elle, se refez com hum campo mui lustroso de trinta e cinco mil de cavallo e doze mil de pé, sendo elle o general do exercito, com intento de vir cometter Mulei-Maluco, parecendo-lhe o naõ ousaria esperar, por os Turcos serem já hidos pera Argel, e os Mouros naõ estarem inda com elle bem vindos em amor. E pera que Marrocos ficasse seguro de algumas alterações, deixou nelle por viso-rei o alcaide Cid-Hamu-Benanza, homem de muito esforço e prudencia. Mulei-Maluco, como era mui experto capitaõ, chêo de espiritos altos e animo valeroso, naõ se acovardando a tanto aparato do Xarife, em mêo das alterações, em as quais podia arrecear algumas treições, com ousadia, confiado em suas forças, naõ mostrando desconfiança nos Mouros que sentia duvidosos na lealdade, se armou com a maior diligencia possivel, pera o que chamou seu irmaõ, viso-rei de Sus, e fez seu campo, no qual ajuntou vinte mil de cavallo, e cinco mil infantes, a quem elle, com muito ar e arte militar, capitaneava. Estando o reino desta maneira diviso em duas cabeças (indicio de sua destruiçaõ) com as forças repartidas, cada hum com esperanças de ajuntar todas a huma só coroa, começáraõ a marchar hum contra o outro, e pondo-se os campos á vista da cidade de Celé, começou cada

hum dar ordem á gente, e animá-la naquella batalha taõ duvidosa, onde se promettia todo o imperio de Berberia ao vencedor, e grande infelicidade ao vencido; e quanto mais isto importava, tanto cada hum mais trabalhava esforçar os seus soldados, e solida-los na amizade e lealdade, que saõ as cousas mais necessarias nas guerras civís; e assi o Mulei-Maluco se poz em parte onde fosse visto de sua gente, e com a eloquencia e discriçaõ, que nelle eraõ companheiras de seu esforço, disse: » Nobres cavalleiros, se » esta batalha, pera que estais armados, com » as vidas offerecidas a todo o risco, fôra » contra cristãos, ou contra outros estrangei- » ros, corrêra-me muito usar do antigo costu- » me, que todos os capitaens tem de exercitar » e persuadir seus soldados a esforço pera pe- » lejar, porque o esforço que vos enxergo nes- » ses rostos confiados e chêos de furor, e nes- » ses ameaçadores braços, me fizéra parecer » desconfiado da victoria; mas por que esta » guerra, em que estamos embaraçados, he ci- » vil, como sabeis, travada dentro dos limites » dos reinos, entre os reis e soldados parentes e » liados em consanguinidade e affinidade, me » pareceo avisar-vos (como todos sabeis) que » naõ venho tiranicamente conquistar os rei- » nos alhêos, nem os de Mulei-Hamet, meu » sobrinho, mas venho a possuir os de meu » pai, a mim devidos por direito de herança; » e nesta entrada que me vistes fazer no reino » de Fez com ajuda dos turcos, e em que vós,

»como leais vassallos, me recolhestes com amor
» de irmaõs e naturais, nunca me desviei da
» equidade natural, nem da obrigaçaõ de pa-
» rentesco, que devo ter com Mulei-Hamet
» meu sobrinho, que diante de vós vedes ar-
» mado contra mim, com aspecto fero de vin-
» gança. Eu sempre quiz, e hoje quererei aco-
» modar-me á razaõ de o agasalhar honrada-
» mente com algum estado da Berberia, e pe-
» sa-me tanto, contra direito natural e das
» gentes, e contra justiça das armas, elle que-
» rer tentar força, que sei Deos e os homens
» lhe extranhaõ, que deve ser pera sua total
» perdiçaõ; e assi tendo em vossos peitos esta
» minha justificaçaõ por honesta, naõ perten-
» do outra honra, outra victoria, outros reinos,
» senaõ ser rei de vossos corações chêos de
» amor, com obediencia de vossas vontades;
» e quando eu fosse taõ mofino, que vos naõ
» pudesse defender deste tirano, o qual no
» meio da paz de seu imperio e vossa obe-
» diencia, naõ podestes soffrer sua crueldade,
» estou mui certo dar-lhe Deos o castigo de
» sua temeridade, pois naõ deixa pacificar
» Berberia: por tanto vos rogo ponhais diante
» dos olhos agora mais o bem comum de vos-
» sa republica, e o particular de vossas mu-
» lheres e filhos e fazenda, que respeitos
» apaixonados, e continuei com a victoria,
» que vos está offerecida e já chamando; por
» que, alem de com isso cumprirdes com a
» obrigaçaõ de vossas honras, mais obrigareis
» a mim a vos fazer mercês. Quanto mais,

» que me he forçado lembrar-vos o que vós
» sabeis, e eu quizera esquecer : Mulei-Hamet,
» que ali vedes, alem de ser filho naõ legitimo
» de meu irmaõ Mulei-Abdalá, he demais
» de escuro sangue, e forçadamente seu nas-
» cimento poem macula no illustre sangue
» dos Xarifes de Berberia, que tambem re-
» sulta em afronta vossa e de vossos filhos, e
» eu sou filho legitimo do Xeque, ao qual
» todos muito deveis, pelo amor que teve a
» vossos pais, e aos que o alcançastes, e a
» honra que por suas victorias alcançou o no-
» me africano, a quem meu irmaõ Abdalá,
» contra todo o direito divino e humano, per-
» seguio e desterrou fora de seus reinos, e
» matou a meus irmaõs Agximen e Abdelmu-
» min, sendo taõ amados de todos vós por suas
» singulares virtudes e esforço ; o que tudo meu
» irmaõ Abdalá fez tiranicamente, somente
» afim de naõ ter quem lhe fosse á maõ em
» hum feito taõ infame, como foi jurar por
» principe o filho de sua escrava, e desherdar a
» mim, filho de meu pai, a quem por direito
» de herança me cabem estes reinos, os quais
» atégora, juntamente e contra toda a equida-
» de, possuio o Xarife meu sobrinho, que ali
» vedes : e cuido que vos mereço grande amor,
» pois em mèo dos desterros de minha patria,
» e peregrinaçaõ em reinos taõ estrangeiros,
» arriscado a tantos perigos, e soffrendo tan-
» tos trabalhos, nunca me esqueci de vos vir
» emparar, e tirar de casa dos reis de Berbe-
» ria o labeo de sangue baixo, com que Mu-

» lei-Hamet a tem maculado. Naõ me alar-
» go mais no que vos podia dizer; pois, alem
» de vós o entenderdes bem, e sentirdes com
» zelo de honra, o tempo naõ dá lugar pa-
» ra alegar leis nem referir respeitos de hon-
» ra, que saõ practica de tempo de paz, se-
» naõ de aparelhar as armas para justificar
» todas estas causas. » Como Mulei-Maluco acabou esta falla, com rosto alegre e confiado, posto sobre hum fermoso cavallo, armado com a lança nas maõs, começou a correr o arraial, e com riso de amor louvava huns, e aspecto severo ordenava os outros no modo que deviaõ ter no offender e defender, e com ar de graça, que de si dava, convertia a si os olhos de todos os mouros, e juntamente os corações, com grande esperança de victoria, tendo-o por dino de huma grande monarchia, e que viéra a Africa pera honra dos reis della, e dar lustro á policia e esforço dos passados, e com seu valor e prudencia alargar os limites de seus reinos, com força de armas. Com isto, recolhendo-se o Maluco á sua principal estancia, cercado de sua guarda, presentou batalha a Mulei-Hamet.

Da falla que o Xarife fez a seus soldados, e da batalha que houve entre elle e o Maluco. Capitulo XXIX.

Naõ se descuidava neste tempo o Xarife Mulei-Hamet do officio de capitaõ, em

pôr em ordem os seus esquadroens, com or-
dem de cometter e resistir; e posto defronte
do Maluco, com as bandeiras arvoradas e
tambores tocados, de maneira que se viaõ
e ouviaõ os exercitos hum ao outro, e os
soldados batendo as armas com animos fe-
rozes e desejo de se encontrarem, com odio
capital, sem lembrança da naçaõ, parentes-
co, lingua e religiaõ, onde todos eraõ nasci-
dos, o Mulei-Hamet, pera os mais anima,
e induzir á compaixaõ do estado em que se
via, lhes começou a fallar desta maneira: »Ho-
»je me he necessario, esforçados cavalleiros fa-
»zer-vos huma falla por differente maneira e
» differente materia do que atégora se usou
» entre os grandes e illustres capitaens; por-
» que, como elles pera alcançar victorias per-
»tendidas, tivessem necessidade de esforço em
» seus soldados, todas as palavras que busca-
» vaõ e os affectos que fingiaõ era mover huns
» a ferocidade e outros a perder o medo. Eu
» cuido naõ haver falta em vós destas cousas,
» segundo vejo pelos olhos; mas o que quero
» pedir-vos he a compaixaõ de hum rei mofi-
» no, pera me naõ desacompanhardes posto
» em estado infelice, privado de parte de
» meus reinos, e arriscado a os perder todos
»hoje neste dia; mas como minha prosperi-
» dade eu a tenha por comum a todos meus
» vassallos, e o que possuia era pera vos fa-
»zer mercês, com emparo de paternal justi-
»ça e zelo de paz, agora como em mim se
»ajuntassem todas as perdas dos bens possi-

» veis com meu governo, e os trabalhos e
» adversidades que se vos aparelhão com a
» tirania de Mulei-Maluco, que alli vem,
» me acho digno de toda a compaixão, não
» por o que toca a meu estado, senão pelo
» que releva a vossas pessoas, cujo dano
» eu mais sinto; a qual porque cuido mere-
» cer-vo-la, com o bom amor e zelo do bem
» commum e particular vosso, não vos quero
» a isso persuadir com palavras de homem
» magoado, com que o coração agonisado
» se dá a entender, mas com animo perple-
» xo e duvidoso, faço queixume de minha
» mofina, quando vejo a fortuna se ter mos-
» trado com rosto irado contra mim, e in-
» da hoje temo vos inimisteis comigo, por
» se mais vingar de mim, em cujas lealda-
» des tenho postas as esperanças de minha
» saude; mas estou mui confiado na justi-
» ça desta guerra, na qual eu defendo meus
» reinos, e vós vossas vidas e fazendas, com
» esperanças de Deos favorecer nossa parte,
» e se indinar contra os que tiranicamente
» nos querem perturbar. Mas como sinto
» em vós zelo de castigardes injustiças tão
» manifestas, cuido que nunca eu pudéra
» ter mais justa causa de as condemnar, nem
» vós menos razaõ de as perdoar, que agora:
» por tanto, naõ vos digo que movais as ar-
» mas contra aquelles exercitos como imigos,
» senaõ como vassallos reveis, esquecidos da
» obediencia de seu rei, e perturbadores da
» propria republica. Bem crêo que conhe-

» ceraõ todos sua culpa, e naõ esperaraõ ver
» minha presença, com temor de seu castigo,
» e vergonha de sua rebelliaõ. E porque sa-
» beis que mais me môvo a esta batalha co-
» mo zelador da justiça, que autor da guer-
» ra, sendo eu amador da paz, eu serei o
» primeiro que romperei aquelles esquadroens
» armados, e me arriscarei no corpo da bata-
» lha, onde me vereis diante de vós, naõ
» com a lança na maõ pera matar meus vas-
» sallos, mas com vara os castigar. O poder,
» que agora tendes de os ferir e matar, naõ
» he por minha vontade; mas ocasionado
» por sua culpa, e durando sua pertinacia,
» naõ se pode escusar. Naõ cuideis que he
» de animo fraco pedir-vos compaixaõ de mim
» pois a qualquer parte destes exercitos que
» se a victoria inclinar, eu ficarei assas per-
» dido e vencido, pois, á força, huns e ou-
» tros saõ meus vassallos e filhos, que mui-
» to amo. Mulei-Maluco ficará vencedor,
» com o pouco amor dos que o seguem, e
» muito odio dos que o offendem. » Esta fal-
la acabada, o Xarife se virou com o rosto
pera o exercito de Mulei-Maluco, e mandou
dar sinal de cometter: e pondo-se diante de
todos, com animo determinado, remetteo
aos imigos, levando em sua companhia,
repartidos pelo corpo do exercito, Mulei Xe-
que e a seu irmaõ Mulei-Nacar. Travada
batalha a horas de meio-dia, se ateou de
maneira, que durou até á noite, cahindo a
cada passo mortos e feridos, com igual sorte

de ambos os exercitos, naõ cuidando nenhum resguardar o irmaõ e parente da outra parte; mas, julgando por imigo capital o que era da outra banda, naõ se perdoavão huns aos outros, mas insistindo na victoria, se feriaõ cruelmente, e ajuntando-se huns como outros á lança e espada, se mostravão vingadores dos odios publicos e particulares. Andando a batalha assim taõ incruentada, com o campo banhado de sangue fresco, e coberto de corpos sem alma, e entre elles Alimoxecra, (capitaõ geral que havia sido do Xarife Mulei-Hamet, no primeiro encontro, quando entrou Mulei-Maluco:) e Mulei-Nacar, irmaõ delrei, foi ferido. O Maluco, como capitaõ experto, posto que tivesse menos gente, e o seu exercito menos forças, tinha maiores espiritos, e soffrendo a batalha duvidosa, com esperanças de fazer termo, reforçava seus soldados a naõ cessarem, até quando, ja de noite, o exercito do Xarife começou a dar mostras de enfraquecer. O Maluco, que isto esperava, entaõ com maiores gritas apregoava a victoria, mostrando com o dedo os mouros do Xarife hirem-se retirando com a sombra da noite; e carregando sobre elles com maior esforço e mais pezados golpes, começou o exercito do Xarife a se desordenar, e pôr em fugida. O Maluco, que sabia bem pelejar, e melhor vencer, quando vio os imigos, mostrando-lhe as costas nuas de armas, e os rostos cobertos de vergonha, en-

tão com nova determinação, se pôz no alcance, matando e ferindo, por concluir a victoria, antes que lhe escapasse das mãos, e hia dizendo aos soldados: » reprimí, » reprimí, por amor de mim, o rigor das ar- » mas nesses vencidos, basta atardes-lhes as » mãos fracas, e descobrirdes-lhes os rostos en- » vergonhados de sua rebellião e fugida, que » eu com minha grandeza acabarei de lhes » render esses animos ingratos. » Vendo-se o Xarife desbaratado, com cincoenta de cavallo, que o seguírão, se recolheo a Marrocos; mas Mulei-Maluco, não lhe dando tempo de repousar, na mesma noite lhe mandou Mulei-Hamet, seu irmão, nas costas, que o seguisse até Marrocos. Cid-Hamu-Benanza viso-rei de Marrocos, tendo recado que o Xarife vinha desbaratado, dissimulando com prudencia, por não causar alguns motins na cidade, se assentou á porta da fortaleza a vigiar, e lançou fama que o Xarife houvera victoria, dando, com estas novas, mostras de alegria, pera confirmar mais o que dizia.

Como Mulei-Hamet, irmaõ do Maluco, foi em alcance do Xarife até Marrocos, e o Xarife se foi á serra. Capitulo XXX.

Hum dia pela manhã, ás oito horas do dia, chegou a Marrocos o Xarife fugido, e desbaratado da batalha; onde Cid-Hamu-Benanza, que ja sabia de sua rota, o reco-

lheo, com muita compaixaõ de seus máos successos, como seu amigo leal; mas como o Xarife sabia, que Mulei-Maluco mandava seu irmaõ Mulei-Hamet em seu alcance, communicou com Cid-Hamu este negocio, e tomou conselho com elle do que faria, tratando isto entre ambos, sem dar parte a outra pessoa. Como o povo andava abalado com o rouco rumor do desbarato, e os vencidos naõ tinhaõ que esperar do povo, nem dos amigos, houvéraõ por mais acertado hir-se o Xarife á serra dos montes-claros, seis legoas de Marrocos, e levasse as mulheres e dinheiro e mais fato possivel; para o qual, aquelle dia e noite seguinte, mandou o viso-rei Cid-Hamu chamar muitos alfaiates, e naõ faziaõ outra cousa mais que taleigos, onde se ensacasse dinheiro e joias, em os quais mettida grande cantidade delle e de fato, se carregáraõ muitas bestas, e por ellas faltarem se deixou muito, dando-se com grande pressa aviamento á fugida do Xarife, com a maior dissimulaçaõ que se pôde, por o povo se naõ alterar mais. Mandou elrei soltar seus cativos, que seriaõ seiscentos, e lhes mandou dar armas, e que viessem receber vestidos e dinheiro, e mandou recado a dom Antonio da Cunha, tambem cativo, que fosse capitaõ delles. Dom Antonio, escusando-se de capitaõ, offereceo-se pera soldado somente; mas, como pela confusaõ da pressa e pouca lealdade dos mouros, os officiaes naõ qui-

zessem dar as armas aos cristãos, naõ se effectuou hirem com o Xarife mais de sete cristãos, dos quais era um dom Antonio da Cunha, e outro Diogo Dias, portuguez. O dia que o Xarife chegou a Marrocos, andando toda a cidade já revolta com differentes opiniões, e elrei com as mulheres, fato, e dinheiro entrouxado pera carregar, vêo nova Mulei-Hamet ser chegado ao rio de Toancif, duas legoas de Marrocos, a horas de meio dia, e parar alli, por trazerem ja os cavallos mortos, e naõ poderem passar adiante de cançados. E na verdade Mulei-Hamet se deteve alli, por se não atrever a cometter o Xarife na cidade, por elle naõ levar gente bastante, e hirem cançados, e tambem arrecear naõ lhe succeder bem entrar na cidade, taõ amotinada com differentes pareceres, e por isso se deteve no rio Tancif, por dar lugar ao Xarife para fugir, contentando-se com lhe ficar a cidade pacifica, sem feridas; mas, inda que o Xarife andava occupado na fugida, quando soube o estado em que Mulei-Hamet estava, como difficultosamente se poderia defender de qualquer pequena força, determinou de o hir cometter; mas como o povo andava amotinado e confuso, naõ teve effeito o seu intento; o qual desenganado quão pouco podia hum rei vencido, ainda em meio do seu povo, entendeo em sua partida com maior calôr, antes que alguem se desmandasse com injurias e descortesias

publicas, e embaraçou-se tanto com ella, que sahindo elle por uma porta, entrava Mulei-Hamet por outra; e posto em ordem, ja quasi em noite, começou a caminhar pera a serra, com obra de quinhentos homens, levando a fardagem de fato e mulheres. Mulei-Nacar, irmaõ do Xarife, que hia em sua companhia, ensinado das leis da fortuna e esquecido das naturaes, procurando mais grangear favores do tempo, que compadecer-se da infelicidade de seu irmão, tornou aquella noite da serra lançar-se com Mulei-Hamet, e esperar alli Mulei-Maluco, pera o obedecer e servir. O Xarife, caminhando de dia e de noite sem repousar, com temor de lhe não ficarem as costas seguras, foi a outro dia a huma Zouguia, cujo Morabito (que he o religioso della) se chamava Cid-Feres; o qual como hia cançado do corpo e afligido da alma, foi benignamente recebido do Morabito, compadecendo-se muito de seus infortunios, offerecendo-se a toda a ajuda, e agasalhando alli elrei e suas mulheres, o outro dia o acompanhou até outra Zouguia, de traz das serras, cujo Morabito se chamava Cid-Hamet-Bucademe; e dando-se já por seguro de traz da serra, longe de Marrocos, deixando alli as mulheres e dinheiro, foi fazer gente de soldo a Cicutana, onde ajuntou seis mil homens de pé e de cavallo, da nação dos Bereberes, gente que vive no campo, como alarves e barbaros, mas homens de muito

entendimento e primor, juntamente com esforço de animo, e destreza de forças corporaes, em que são mui exercitados.

Como o Xarife entrou pelo reino de Sus e Dara, e da resistencia que achou. Capitulo XXXI.

Com o favor que o Xarife achou nos Morabitos da serra, mouros religiosos, a que elles chamão santos, e tem muitas rendas de suas Zouguias, com que se fazem estimados e ricos, com a gente que o seguio, e os Bereberes que tomou a soldo, se refêz o melhor que pôde, como o tempo e estado soffriaõ; e como antes de desbaratado tivesse hum filho no reino de Sus, onde de presente já estava reteudo, determinou hir metter-se em posse delle, e tirar o filho, que estava na cidade de Trudante com o viso-rei, o qual, sabendo da vinda do Xarife, se metteo com o filho na fortaleza, onde se defendesse de qualquer cerco que sobreviesse. O Xarife, que hia com indignação de seus infortunios, e como leaõ dezejoso de dar liberdade ao filho em poder do imigos, bateo dous dias a cidade, e achando forte resistencia, desistio do seu intento, e desconfiado de naõ poder entrar, nem tirar o filho, que muito dezejava, com a mesma gente que levava marchou pera o reino de Dara, com intento de o occupar, e fazer-se obedecer, e dahi se refazer com maiores forças com que

tornasse a tentar sua fortuna na pertençaõ dos reinos. O alcaide Estoche, capitaõ e viso-rei de Dara, vendo-se inferior nas forças, e que naõ podia em campo esperar o Xarife, se fez forte na cidade de Tanhuli, onde com muita constancia e esforço se defendia. Naquelle tempo, desconfiado o Xarife de tomar a cidade por força nem rogos, e não estar em estado de fazer cercos vagarosos, estava já quasi resoluto em alevantar o cerco, mas estando ainda batendo a cidade, já com menos furor, teve nova como o alcaide Bengriman vinha fugindo do Maluco lançar se com elle e servi-lo. Com esta vinda, naõ se atrevendo o alcaide Estoche defender a cidade, a entregou a partido, com a qual, e sojeiçaõ do reino, ajuntou o Xarife mais de seis mil homens de Sus e Dara, os quais com o conhecimento delrei, temor, ou interesse, o quizeraõ seguir. Ja neste tempo Mulei-Maluco era em Marrocos, e vendo o Xarife andar-se refazendo nos reinos de Sus e Dara, por que com prestesa lhe atalhasse as forças, que hia creando, mandou seu irmão Mulei-Hamet ao reino de Sus (onde era viso-rei) pera o defender do Xarife, e o offender em tudo, fazendo-lhe cruel guerra, como logo fez; e mettendo-se na cidade de Trudante, metropole do reino, dava ordem no modo da guerra; mais vindo ja o Xarife de Dara, com muita gente e campo formado, com algum pouco favor da victoria da tomada

de Tanhuli, deixou o Xeque seu filho com o alcaide Zecherim (homem em quem elle muito confiava, e havia sido viso-rei de Marrocos) sobre a cidade de Trudante, e tivessem cercado o Mulei-Hamet, pouco antes chegado, como fica dito. Mas por que Mulei-Maluco tambem mandou Dogali (alcaide andaluz do reino de Granada, que se havia passado do campo do Xarife ao de Mulei-Maluco na primeira batalha) com mil infantes impedir o socorro do Xarife, e conservar a gente de Sus e Dara, que se não levantasse, determinou o Xarife hir pelejar com elle e desbarata-lo. Dogali, esforçado e ardilozo capitaõ, naõ temendo o poder com que o Xarife o hia demandar, confiando mais no valor dos seus poucos, que na multidaõ dos imigos, o esperou: mas como o tempo era ja de o Xarife naõ negeitar algum perigo, lhe presentou batalha, com assas confiança, aventurando sua sorte a todos os lanços, nem se espantou da bravosidade de Dogali; mas travando com elle escaramuça, toda huma noite pelejáraõ, sem as trevas descobrirem cuja era a victoria: pela manhã, tornando-se a refrescar a batalha com mais calor de huma parte e da outra, houve o Dogali de romper o Xarife, e desbaratar-lhe o campo, matando-lhe muita gente, entre os quais foraõ os alcaides seguintes: Mira-Hamet-Turci, Ali-Benerre, Hamu, Ageroli. Com este desbarate, recolheo o Xarife sua gente do melhor modo

que pôde, e mandou ao Xeque seu filho, que tinha em Trudante cercado a Mulei-Hamet, se viesse juntar com elle pera formar campo, por recear ser comettido, ou por Dogali victorioso, ou por Mulei-Hamet cercado, com dezejo de pelejar em campo raso; com o qual aviso Mulei-Xeque se poz ao pai, e se refez do resto do seu exercito, com que tornou a formar campo.

Da batalha que tiverão o Xarife e Mulei-Hamet. Capitulo XXXII.

Com o alevantamento do cerco de Trudante ficou a cidade livre do perigo, e Mulei-Hamet com liberdade de poder dár socorro ao Dogali, de cujo desbarate temia acrescentar-se-lhe o perigo; mas quando soube que o Xarife vinha desbaratado delle, e o Mulei Xeque se fôra ajuntar com seu pai, determinou ajudar-se do tempo e occasião, e pelejar com elles, antes que se tornassem a refazer; mas entendendo o Xarife que toda a sua perdição estava em fugir ou em o desemparar a sua gente, acabada qualquer rota logo entendia em se refazer, e com animo constante esperar os revezes da fortuna, com esperanças de algum recontro a ter favoravel, e esquecida de seu furor: por tanto, sabendo como o Mulei-Hamet o vinha cometter mais ousadamente, não se espantando já dos infelizes sucessos, o esperou no campo. Postos os campos imigos em

ordem de pelejar, dentro do reino de Sus, em Buxoleia, despregadas as bandeiras, e fazendo os mais sinaes sinificadores de batalha, cada hum dos principes trabalhava animar a sua gente pera com esforço pelejar; e começando o Xarife disse: « Nenhuma cousa me dá maior confiança de vencer esta batalha, que cuidar que está já cançada a fortuna de me perseguir, e enfastiada dos triumphos imigos; e vós que tendes vistas minhas adversidades, deveis ser boas testemunhas não nacerem meus máos successos d'outra parte; pois em mim nunca faltou constancia pera pôr o rosto aos imigos, nem em vós esforço e lealdade de os cometterdes; mas cuido que até agora tem mais pelejado contra vós minha triste sorte, que sua boa andança, e com estes escarneos, com que me tem a fortuna tão mal tratado, não desespero da victoria, pois ella como he importuna a perseguir huns, he inconstante a favorecer outros. Desgraças de vossos vencimentos sentira eu muito, se fôrão por alguma cobardia que de vós nacêra ou falta que eu vos fizesse; mas como vos vejo dignos de perpetua fama, pelo esforço com que pelejais, quero-vo-la consumar, com vos mostrar ao mundo, que mais honra ganhais em conservar hum rei vencido tantas vezes, que alcançar prosperas victorias de hum capitão venturoso: porque quanto eu e toda a Berberia mais

» entendemos minha estrella ser sinistra,
» pera em todas as batalhas ser vencido,
» tanto mais cresce vossa gloria em me con-
» servardes com lealdade, e defenderdes o
» exercito com valerozo animo: agora que
» de vossa confiança e esforço a tenho eu
» da victoria, e de minha infelicidade te-
» mor de a perder, tentai a fortuna com
» rogos, pera que cance de vos encontrar,
» pera que vós com ameaços espanteis aos
» imigos, que, sem minha infelicidade, não
» poderião esperar o rigor de vossas ar-
» mas. » Com estas palavras chêas de des-confiança, que o Xarife tinha de sua mo-fina, não temia dar a batalha, com espe-rança da victoria por esforço dos soldados. Mulei-Hamet, volvendo-se aos seus, não lhes quiz faltar com outra materia de per-suações, dizendo: « Senhores, já a felici-
» cidade de Mulei-Maluco, meu irmão, e
» a justiça com que Deos castiga a Mulei-
» Hamet, que alli vedes, vos deve ter per-
» suadido, quão certa tendes a victoria;
» mas alem disto, attentai que a experiencia
» vo-lo mostra muito mais, pois em todas
» as batalhas, de que já andais enfastiados,
» vos vedes sempre vencedores, e os exerci-
» tos do Xarife fugidos. Não vos dou ou-
» tra persuação, senão a de vossas armas tin-
» gidas no sangue de vossos imigos, que já
» vos compadeceis de seus máos sucessos;
» mas pois vedes sua contumacia em serem
» mais crueis pera si, que vós pera elles,

» pois, sem conhecimento do seu erro, vos
» provocão a ira, deveis de converter a pie-
» dade em furor, por vos livrardes de tão
» brutal importunação. Certo que vos con-
» fesso de mim, que me espanto da cle-
» mencia que tendes usado com aquelles
» imigos, pois tendes mil vezes de compai-
» xão encolhido a mão de seu sangue: ago-
» ra vos rogo vos desenganeis, pois, com
» todos esses beneficios, não querem cessar
» estes barbaros, até nos não beberem o nos-
» so; por tanto, não me pareçe tempo de
» vos persuadir a esforço contra gente
» tantas vezes vencida, mas aconselhar vos
» que não he prudencia perdoar [illegible] tas igno-
» rancias com perigo de nossas vidas. Ora
» pois, com justo furor dai naquelles imigos
» sem piedade; lançai de vossas cabeças o
» perigo, que vossa clemencia com elles,
» e o seu odio contra vós podem causar. »
Com estas fallas feitas, ambos os exercitos se puzerão em ordem, e arremetendo hum ao outro se travou a batalha, ferida cruel-mente de cada parte, até que o Xarife começou a declinar nas forças, e o seu exercito derramar-se e pôr-se em fugida. Mulei-Hamêt, usando da victoria no alcance do inimigo, com desejo de matar ou prender o Xarife, pera quietação das guerras de Berberia, apertou tanto com elle, que lhe foi forçado fugir até lhe cançar o cavallo, o qual estancando-lhe de todo, se deceo, e a pé se acolheo a huma serra, onde se salvou.

Como o Xarife foi desbaratado em outra batalha por Mulei-Hamet. Capitulo XXXIII.

Com o acontecimento de taõ tristes sucessos, lançando o Xarife suas adversidades á conta de sua mofina, soffria com paciencia estes contrastes, e com animo grave confiava que o tempo faria alguma mudança, por onde acaso pudesse ser favorecido, ja que por rezaõ e esforço hia sempre de vencida. Com isto, naõ desconfiando de todo de suas cousas fazerem algum termo favoravel, com animo constante perseverava com esforço ou a perder a vida n'huma batalha, ou com victoria recuperar a corôa, posta debaixo dos pés de seus imigos: e naõ vendo no dia em que foi desbaratado (como no capitulo atraz fica dito) remedio de se poder restaurar de suas perdas, se foi a huma zouguia, cujo morabito se chamava Cid-Hahete, pera alli ou se fazer forte, ou esperar algum remedio, que o tempo podia descobrir. Cid-Mahamet-Bocaden, que na sua zouguia o havia agasalhado, dezejoso de o ajudar, ajuntou trinta mil homens, com os quais o vinha socorrer; mas chegou a tempo quando ja hia desbaratado. Quando o Xarife vio o socorro, alevantando com elle as esperanças, ja mui derrubadas, tornou a se refazer contra Mulei-Hamet, que estava ja em Trudante, com quem o Dogali estava

tambem: de maneira que, refeitos outra vez os exercitos, o do Xarife com o socorro de Cid-Mahamet-Bocaden, e o de Mulei-Hamet com o do Dogali, se armáraõ para outra mais dura batalha, na qual huns havião de pelejar com confiança de vencedores, outros com furor de desesperados, o que fazia os recontros de maior perigo. Tornando pois o Xarife atraz a buscar Mulei-Hamet, e elle sahindo de Trudante a o esperar, se encontráraõ em parte, onde postos os campos em ordem, e os soldados persuadidos com efficazes fallas, e huns e outros incendidos com dezejos de vingança, mostrando bravosidade nos aspectos, e ameaços nas palavras, com grandes alaridos e estrepito de armas, arremetêraõ huns aos outros, matando-se e ferindo-se com mortal odio. Mulei-Hamet e Dogali, que eraõ superiores ao Xarife na ousadia de vencedores, ajuntando com isto seus esforços, entraraõ rijamente pelo corpo da batalha, animando aos seus, e pondo espanto aos imigos, com confiança da victoria. O exercito do Xarife, havendo ja experimentado a ventura dos capitaens de Mulei-Maluco e a mofina do seu rei, a quem seguiaõ, naõ podendo soffrer o pezo da batalha, começou a retirar-se, onde se enxergou o rosto da victoria alegre pera Mulei-Hamet e Dogali, os quais, conhecendo-a em seu favor, começáraõ a apertar mais com os imigos, até os desordenarem de todo, a quem já naõ ficava mais

remedio que o da fugida. E aproveitando-se della pera salvação da vida, sem esperança de honra, se tornou á zouguia, donde tinha vindo, desbaratado. Mulei-Hamet, pondo-se em seu alcance, com zelo de tirar aquellas reliquias de Berberia, como semente de corrupçaõ, achou no caminho Mulei-Maluco seu irmaõ, que vinha de Marrocos a o ajudar, e ambos juntos feitos em hum corpo fòraõ queimar a zouguia, como colheita de reveis, e coutò onde o Xarife se refazia, pera exemplo de outros lhe não darem favor nem o recolherem.

Como o Xarife entrou em Marrocos e saqueou a judearia, e dahi se foi ao Pinhaõ. Capitulo XXXIV.

Vendo-se o Xarife taõ quebrado das forças e enganado das esperanças, posto em final despreso da fortuna, vendo Mulei-Maluco, junto com seu irmaõ Mulei-Hamet, conspirados em o perseguirem até á morte, desenganou-se que não tinha esperanças de saude andando em Berberia, principalmente estando as suas forças já quasi acabadas, e as do Maluco. de todo consumadas. Mas nunca todas estas adversidades forão bastantes a quebrar-lhe o animo, pera perder quaisquer ocasioens de que se pudesse valer, nem as esperanças em que tinha seu remedio. Vendo pois como Mulei-Maluco era fóra de Marrocos, e andava occupado com seu irmaõ

no reino de Sus, passeando pelos campos de suas victorias, recolhendo as reliquias do despojo, quietando todas as cousas alteradas com tantas guerras, furtando-lhe a volta, com gente ligeira se vêo metter em Marrocos, com que pôz toda a cidade em temores e espantos, com os quais, não havendo em os mouros da cidade conselho em taõ subita vinda, andando confusos e divisos em differentes pareceres, naõ houve quem ousasse resistir-lhe: o qual entrando na cidade com animo ousado, com gente e alcaides que o seguiaõ, deraõ logo saco na judearia, onde houveraõ hum riquissimo thesouro de dinheiro e fato, com que a cidade ficou assas temorisada, e naõ ousou fazer alteraçaõ alguma. E dalli pond oo Xarife cerco a Alcaceva, a bateo oito dias com muita furia; mas defendeo-a valerosamente o alcaide Ruduaõ, viso-rei, arrenegado, que viéra com o Maluco de Argel. Com esta nova, que logo chegou ás orelhas do Maluco, sabendo como o Xarife estava em Marrocos, e os danos que fazia, apressou o passo por lhe vir soccorrer; com cuja vinda o Xarife alevantou o cerco, e naõ podendo esperar a furia do Maluco, se foi da cidade; e como em campo raso naõ tinha forças pera se defender, acolheo-se á serra de Dominete, onde naõ faltáraõ recontros, alguns de pouco momento, entre os quais e os passados os mouros contaõ vinte e quatro batalhas, entre o Xarife e Mulei-Maluco e seus capitaens.

O Xarife, naõ tendo já favor humano que esperar de parte alguma, provendo no remedio de sua pessoa e filhos, e mais gente que os seguia, naõ achou lugar seguro em Berberia, e com isto determinou acolher-se ao Pinhaõ de Belles; pera se salvar do furor do imigo, disposto a o seguir até á morte: o qual posto em caminho com seu filho Mulei-Xeque, e os alcaides Cid-Hamu-Benanza; Hamet-Benzolet; Mancor-Nabili; Ali, dous filhos do alcaide Zecherim, Cid-Hamet filho do Morabito Bocaden, Aluiali arrenegado; se partio pera o Pinhaõ, e passando por Fez (o que naõ podia escusar) lhe sahíraõ ao encontro alguns alcaides; entre os quais houve algumas escaramuças. Nestes trabalhos e adversidades, em que o Xarife se via taõ perseguido da fortuna; nunca perdeo a constancia de hum animo real, antes considerando com prudencia quaõ subjeitos os reis estaõ a semelhantes casos; procurava quanto podia vence-los com rosto alegre; sabendo que todas as cousas da vida estaõ dependentes destas inconstancias, esperando como em toda ella ha lugar de as rodas desandarem pera alevantar os cahidos ao cume mais alto, e derribar os alevantados ao profundo mais baixo. Com isto, mostrando a todos rosto de alegria, no intimo do esprito naõ podia, como humano, deixar de sentir o infelice estado em que se via, e fazer lamentaçoens de sua mofina; o qual com dor de coraçaõ

soffria ver o Maluco enthronisado em seus reinos, e elle fugido e perseguido fora de sua patria, posto no emparo de reis estrangeiros e imigos. Com estas e outras considerações chegou o Xarife ao Pinhaõ, fortaleza subjeita aos estados de Castella, situada no mar, perto de terra, em huma ilheta de pedra viva, a quem a natureza fortificou de maneira, que nem forças, nem machinas bastaõ pera a entrar; e naõ se dando por seguro de Mulei-Maluco vir sobre elle, mandou pedir a elrei dom Filippe de Castella pera se recolher dentro na fortaleza: mas elrei, vendo o perigo da pessoa do Xarife posto em campo, a risco de ser salteado do imigo, posto que lhe desejasse dar remedio, naõ quiz com segurança alhêa aventurar a sua fortaleza, taõ importante á cristandade; mas dando nisso mêo assas justo, mandou dizer ao Xarife, que se poderia recolher na fortaleza com dez homens somente, porque se fossem muitos estava certo o perigo de se alevantarem com ella. O Xarife, tendo em sua companhia muitos alcaides e pessoas de estima, aos quais estava muito obrigado pelos serviços que lhe tinhaõ feito, e a lealdade com que o acompanhavaõ, posto em estado infelice, naõ quiz apartar-se delles, antes ser-lhes companheiro a toda a sorte, accrecentando mais, como elle naõ trazia já de toda a Berberia mais que aquellas reliquias, em quem confiava, que com ajuda de seu braço e favor que elles gran-

geariaõ de seus parentes e amigos, que ficavaõ com o Maluco, poderiaõ as cousas tornar-se a perturbar, e elle achar algum refugio; quanto mais que elle tinha escrito a elrei dom Sebastiam, e nisso postas as esperanças de ser restituido, e por meio dos alcaides presentes inquietaria toda a Africa, trazendo a si huns dos seus parentes e amigos, e outros faria deixar as armas contra elle; e por esta causa naõ quiz o Xarife recolher-se na fortaleza, porque estava certo logo hirem-se os alcaides e mais gente, e deixarem-no só, o que naõ somente era ficar privado do soccorro, mas com a hida destes alcaides, e bom tratamento que o Maluco por sua prudencia e sagacidade lhes faria, ficavaõ fechadas as portas de todas suas esperanças, pera naõ podem ter effecto.

Como elrei dom Sebastiam mandou Pero de Alcaçova a Castella tratar da guerra, e do casamento com a filha delrei. Capitulo XXXV.

Em todo o tempo que Martim Gonçalves mandava o reino absolutamente, por elrei descarregar nelle todos seus cuidados, pera ficar mais solto em suas fragueirices, sempre o seguia e se naõ apartava delle; o qual nem o mestre consentiaõ affeiçoar-se a outra pessoa, que o podesse perturbar da doutrina aprendida; por onde nenhum fi-

dalgo ousava murmurar de Martim Gonçalves diante delrei, assim por elrei o naõ consentir, e pela muita confiança que nelle tinha, como por temerem a sua muita valia. Mas quando elrei passou á Africa a primeira vez, tendo mais liberdade, e mostrando-se mais tratavel com os homens, começáraõ a privar com elle alguns mancebos fidalgos de sua criaçaõ, em differentes tempos; mas os que mais entrada tiveraõ com elrei, e elle mostrava verdadeira affeiçaõ, foraõ Luis da Silva, e Cristovaõ de Tavora. Estes como tomáraõ pé na privança, e acháraõ a porta aberta a seus intentos, os principaes golpes que tiraraõ pera permanecer, fôraõ contra Martim Gonçalves, persuadindo a elrei que naõ se entregasse tanto a elle, nem se deixasse levar de seu parecer e governo, pois mandava taõ imperiosamente, que mais temido era e conhecido que elle mesmo, e já á sua idade naõ estava bem ser mandado delle, nem os nobres do reino o soffriaõ bem, nem os principes d'outros reinos o tinhaõ a prudencia. Com estas e outras resoens começou elrei de se trastornar, a colher sua liberdade, e querer restringir o poder de Martim Gonçalves, com menos subjeiçaõ do que d'antes costumava: e porque Pero d'Alcaçova andava fora da corte desfavorecido delrei, sendo-lhe mandado naõ viesse a ella desde o tempo que Martim Gonçalves entrou na privança, e lhe servia o seu officio de escrivam da puridade, pare-

cendo a Luiz da Silva e a Cristovaõ de Tavora, que com meterem e acreditarem Pero d'Alcaçova com elrei terião nelle bom terceiro, assim por Martim Gonçalves o ter maltratado, como por elle ser homem de muita descriçaõ, e experimentado nos negocios, de que elrei se o communicasse havia de gostar, tratáraõ fazer com elrei o mandasse chamar, como de feito chamou, e pera isto ficar mais firme, e elles mais ligados, casou Cristovão de Tavora huma irmã com Luiz da Silva, e outra com Luiz d'Alcaçova, filho morgado de Pero d'Alcaçova. Isto assi tratado, querendo elrei mandar á corte delrei de Castella dar-lhe conta como ainda estava em proposito de tornar á Africa, e effectuar a guerra que tentára e naõ começára, e juntamente fallar no casamento com a infante dona Clara, filha delrei, posto que lá estivesse por embaixador dom Duarte Castelbranco, meirinho môr, homem de muita descrição e negocio, assentáraõ fosse Pero d'Alcaçova, por ser muito sufficiente, e mui versado em negocios taõ importantes. Despedido Pero d'Alcaçova delrei, partio pera Castella no principio do anno de setenta e seis; o qual como chegou a Madrid onde elrei estava, havendo tempo e oportunidade, determinou fazer o negocio a que hia; e fazendo fundamento no ponto da guerra de Africa, que elrei dom Sebastiam queria tornar a repetir, quiz justificar-lhe o intento ácerca della; porque alem de Por-

tugal poder ter muitos comercios proveitosos e mantimentos de Africa, e afastar de si hum̃s imigos taõ visinhos e continuos, convinha nos principios atalhar os males esperados; e como Muley-Maluco havia entrado em Berberia com muitos turcos, que lhe derão ajuda e o metteraõ de posse dos reinos, temia-se de elle fazer guerra a toda Hespanha, por ser capitaõ valeroso e de animo ousado e pensamentos altos pera grandes empresas; e quando elle engeitasse a tal conquista, ou por falta de forças, ou por se contentar com o repouso, estava certo nos turcos occuparem as fortalezas da ourela do mar e principalmente Larache, porto donde, se elles se apossassem, poderião destruir Portugal e Castella com suas galés. Mas como Pero d'Alcaçova sobre esta justificação queria acarretar a tenção e benevolencia delrei de Castella pera dar ajuda a esta guerra, e juntamente fazer sinificaçoens de tocar no casamento da infante, naõ ousava declarar-se de todo, assim por elrei naõ aprovar a guerra de Africa, como o aggravo que tinha delrei de Portugal, em não querer casar com a irmã delrei de França, como elle tinha ordenado, e atraz fica dito. Pero d'Alcaçova, como era eloquente e discreto, querendo tocar nestas materias, e começasse a florear com palavras mui avisadas, e trazer carretos a seu proposito, pera persuadir o duque d'Alba, com quem fallava, o duque que era outra aguia, e o entendia, lhe disse: » O' senhor

» Pero d'Alcaçova, diga V. Mce. o que quer » dizer. » Tendo-se sobre estes pontos outras sessoens, com resoens, e fundamentos mui vivos de ambas as partes, em huns approvar a guerra, e outros dissuadi-la, finalmente naõ se tomou resoluçaõ em algum delles. Quando Pero d'Alcaçova vio naõ se concluir seu intento, e sentindo em elrei dom Philippe desejos de ver elrei dom Sebastiam, parte pera o aviſar de algumas cousas, parte pelo conceito que tinha de sua grandeza de animo, assentou com elle se vissem ambos os reis em nossa senhora de Guadalupe, e ahi assentarem e tomarem resoluçaõ nas materias praticadas da ajuda da guerra, e casamento delrei dom Sebastiam. Com isto se vêo Pero d'Alcaçova a Portugal.

Como elrei dom Sebastiam foi a Castella, e se vio com elrei dom Philippe. Capitulo XXXVI.

Com a resposta que Pero d'Alcaçova trouxe de Castella, do assento com elrei dom Philipe e elrei dom Sebastiam, de hirem a nossa Senhora de Guadalupe, e se verem ambos, se alegrou elrei dom Sebastiam muito, assi por ver elrei seu tio e tratar pessoalmente seus negocios, como por ver Castella por sua curiosidade. Fazendo-se elrei prestes, com os fidalgos que o haviaõ de acompanhar, tendo todos feito mui custosos vestidos e outros

atavios, vêo a nova de Maximiliano imperador, sogro delrei de Castella, ser morto, com a qual elrei se encerrou e tomou dó, e deixados os ornamentos de festa, mandou aos fidalgos que se vestissem de panno preto sem guarnição alguma, a modo de dó. Poucos dias depois de vir a nova do imperador, e elrei de Portugal estar já quasi de caminho, mandou a Cristovaõ de Távora (que já privava muito com elle) visitar elrei e a rainha de Castella da morte do imperador, e que de volta o viesse esperar a Guadalupe. Não tardou elrei muitos dias que naõ partisse de Lisboa pera Castella, com os senhores seguintes: sc. dom Jorge d'Alencastro duque d'Aveiro, dom Alvaro da Silva conde de Portalegre e mordomo mor, dom Joaõ Mascarenhas, Francisco de Sa, Luiz da Silva, dom Francisco Portugal, dom Vasco Coutinho, Francisco de Tavora, dom Diogo Lopes de Lima, Francisco Barreto de Lima veador, Miguel de Moura secretario, Manoel Coresma, Pero d'Alcaçova, e todos os mais officiaes do serviço da pessoa delrei, excepto infinita gente, que hia disfarçada ver a vista dos reis, afastados diante ou detraz das jornadas delrei. E porque, se elrei fizesse caminho de vagar, e jornadas contadas, era necessario abalar e levar comsigo toda a corte, com grande pompa e aparato, e com muitas despesas, ordenou elle e os fidalgos nomeados hirem pela posta, de maneira que

partio de Lisboa a quatro de dezembro de setenta e seis, e foi nas galés a Aldea Galega, a dormir, e dahi por suas jornadas chegou a Elvas, aonde achou recado e posta que o corrêo mor dom Reimaõ de Tarsis, por mandado delrei, lhe havia trazido. Entrando pois elrei em Badajoz, primeiro lugar de Castella, foi recebido com muita pompa e prazer do povo, e na sé o bispo e o cabido com pallio o viéraõ esperar á porta principal da sé. Aqui em Badajoz, e em todos os lugares de Castella por onde elrei havia de passar, tinha elrei dom Philipe mandado prover taõ excessivamente de mantimentos, assim pera gente, como pera cavalgaduras, que ordinarimente sobejavaõ, ainda que era muita mais a gente; os quais eraõ tantos e em tanta abastança, que a todo o estado de homens se dava graciosamente o que pediam, de qualquer maneira que fossem os mantimentos, com grandes penas aos vendeiros nenhuma cousa dessem por dinheiro a homem portuguez, mas ou fossem tomá-lo dos ministros delrei, ou se lhos dessem, naõ tomassem dinheiro. Da mesma maneira estavaõ os lugares providos de pousadas, casas, e estrebarias. Tanta foi a abastança dos mantimentos á hida e vinda, e taõ cerrados estavão os portos aos Portuguezes poderem gastar hum vintem, que mandando Antonio Mourão, comprador delrei, homens diante a comprar mantimentos, não havia homem que lhos quizesse vender, nem

tomar dinheiro. Alem disto, tinha elrei mandado publicar em todos os lugares por onde elrei dom Sebastiam passasse, que elle pudesse mandar soltar quaisquer presos, abrir cadeias, perdoar delictos, e a todas as justiças lhe obedecessem em tudo que elle mandasse: nas quais cousas elrei dom Sebastiam teve tal modestia, que de nenhuma quiz usar; mas em casos de seus vassallos se mostrou neste caminho mui liberal, em perdoar muitos crimes de homens que andavão homisiados e estavão presos.

De hum incendio que houve em Lisboa depois que elrei foi para Castella. Capitulo XXXVII.

Ainda que seja interromper hum pouco o fio da historia com materia estrangeira, soffrê-lo-ha o curioso leitor, por a deste capitulo ser importante e proveitosa, e não ter outro lugar onde melhor, ou menos mal, possa caber. No tempo que elrei partio de Lisboa, aos quatro de Dezembro, como ũca dito, pousava elle nos paços de Santos os velhos á Pampulha, junto dos quais, ao longo do mar, havia muitas taracenas, que servião de se alojar muito paõ e todo genero de vitualhas e mercadorias das naós de Alemanha, Frandes, França, e Inglaterra, e outros reinos, pera commercio, sendo escala taõ opulenta como he Lisboa: e com haver grande cantidade destas casas, todas

neste tempo estavaõ chêas de trigo, centêo, farinhas, roupas, enxarcias, breus, e outras cousas semelhantes; entre as quais havia huma casa em que estavaõ cento e quarenta e seis barris de polvora, que tinhaõ vindo de Frandes pera se venderem em Portugal. Naõ se sabe certo como succedeo o caso, mas presume-se que huns mininos acháraõ aberta a logea dos barris da polvora e puzeraõ o fogo a hum delles, cuja simplicidade e innocencia mostra a ignorancia do perigo. Fosse de huma maneira ou d'outra, naõ nos affirmando na causa, basta que o effecto foi manifesto e espantoso, e nos deo materia de escrever; porque, arrebentando de improviso aquella furia de todos os barris de polvora (em cada hum dos quais havia tres quintais) em hum momento foi arruinado com terribel estrondo todo o lanço das casas, que era de muito comprimento ao longo da praia, e todas as mais do alto, á face da rua que corre pera Alcantara. Foi este incendio taõ impetuoso, na brevidade do tempo que durou, quanta era a cantidade que se acendeo, e a furia delle, com a qual primeiramente fez taõ grande estrondo, que se ouvio mui claramente em Santarem, que saõ quatorze leguas, e ainda se sentio em Badajoz, que saõ trinta e tres. Tal foi o terremoto, que naõ houve igreja nem edificio grande na cidade, que naõ fosse grandemente abalado, com que a gente espantada fugia fora delles. No mosteiro da Es-

perança lançou fora as trancas e ferrolhos da porta regral, e ficaraõ abertas: o ferrolho da casa do capitulo muito grosso, com o impeto que deo nas portas ficou todo torcido: no mosteiro da Annunciada lançou fora de seu lugar as grades do côro, muito fortes de ferro; finalmente fez outros mil effectos que de tal força se esperavaõ, e entrando a chama do fogo polas casas onde elrei pousava, quebrou muitas portas e abalou paredes, e a madeira dos telhados foi logo arremeçada pelos ares, até cahir no mar, e em muitas partes da cidade as pedras dos edificios foraõ semeadas em diversas partes, das quais huma vêo matar huma mulher ao marco da Esperança, e outra ferio hum homem na calçada do Congro: finalmente ficáraõ mortos e queimados alguns mercadores e trabalhadores, que andavaõ nas taracenas. Miguel de Moura secretario do reino, que hia com elrei a castella, deixou sua mulher Beatriz da Costa aposentada em humas casas de Luiz Cesar, provedor dos armazens, alli perto. Ao tempo do incendio (que foi a treze de Dezembro, dia de Santa Luzia) estava ella ornamentando com vestidos mui curiosos huma imagem de nossa Senhora com o seu Menino Jesu, e outra de S. José seu esposo e companheiro, pera o presepio do Natal do mosteiro de nossa Senhora da Madre de Deos de Lisboa, da ordem de Santa Clara dos capuchos: como o impeto do fogo achou aquellas casas

mais em alto, e estavaõ sobranceiras ao mar, alli fez a força maior abalo, por as tomar em chèo, as quais lógo em hum instante fôraõ todas arruinadas, fazendo voar os telhados e pedras grandes, e cahindo o sobrado, em què estava Beatriz da Costa em seu santo exercicio, se fundio todo com ella nas logeas debaixo, cahindo sobre ella grande cantidade de madeira, cal, terra, e pedra, levando comsigo as imagens que tinha no estrado por companheiras, ficando logo morta uma sua dona, e feridas muito mal outras duas mulheres. Passada a fumaça, e estrondo taõ temeroso e espantoso a todo o homem, acodindo muita gente a casa de Miguel de Moura, e ao lugar onde estava sua mulher, tirando o entulho (debaixo do qual ficou enterrada) a acháraõ viva e sã e sem aleijaõ alguma, sem outro dano mais que o fogo lhe levar os toucados e os cabellos da cabeça: nas imagens acima ditas naõ houve macula alguma nas pessoas nem vestidos, senaõ huma quebradura de um pé de S. José, pequena, cousa certo que mostra misterio, em Deos guardar aquella senhora em perigo taõ grande (por sua muita virtude, e emparo da virgem nossa Senhora) e mais companheiras, pelo zelo com que entaõ os servia; por a qual causa Miguel de Moura e sua mulher, naõ tendo filhos, e sendo muito ricos de bens temporais, e muito mais de virtudes, ordenáraõ fundar hum devoto e sumptuoso mosteiro de

freiras da ordem das capuchas, em huma sua quinta em Sacavem, duas leguas de Lisboa, o qual está posto sobre o rio que corre pelo pé, e defronte do Tejo, que perto passa, com estremada e deleitosa vista delle, o qual neste tempo está feito com mui graõ sumptuosidade de edificios, e riqueza de ornamentos e prata pera o culto divino, e bem parecem instrumentos convenientes de louvar a Deos, e dignos das virtudes das religiosas delle, as quais alem da nobreza das almas, ornadas com privanças e favores do ceo, tambem a tem do mundo, que ellas com assas despreso e escarneo tem engeitado; porque a primeira abbadeça, soror Vicencia, he filha do Marquez de Villa real, com outras de nobre geraçaõ: e por morte de Francisco de Sá, conde de Matosinhos, e camareiro mor de Sua Magestade, se recolheo nelle a condeça dona Caterina, sua mulher moça, que nãnca houve filhos, onde hoje está professa, calcando com os pés todos os contentamentos da vida, dando de maõ ás delicias do corpo, pisando os gostos da honra, finalmente distribuindo sua fazenda com os pobres, com largas esmolas, e outras obras pias, sem do mundo querer favor algum, pera ficar mais serva de Deos e dicipula de Christo. No qual mosteiro Miguel de Moura, e sua mulher, tem por devoçam solemnisar no dia de santa Lusia sua festa, quando aconteceo este desastre da polvora, por a devoçam da Santa, e mercê que Deos aquelle dia lhes fizera.

Como elrei dom Sebastiam chegou a Guadalupe, onde elrei dom Philipe já o esperava. Capitulo XXXVIII.

Continuando elrei dom Sebastiam seu caminhó pela posta, com jornadas ja taxadas, elrei de Castella tambem se partio de Madrid com o duque d'Alba seu mordomo mor, e outros fidalgos, e chegou a Guadalupe primeiro alguns dias que elrei de Portugal: estando pois elrei de Castella esperando ao de Portugal, chegou elle hum dia antes de vespera de natal. Elrei de Castella, que tinhá certos avisos das jornadas delrei dom Sebastiam, sabendo como se vinha acercando a Guadalupe, o foi esperar ao caminho, meia legoa antes, mettido em hum coche. Elrei dom Sebastiam, vindo correndo a posta, com a destreza em que era taõ versado, como chegou perto do coche delrei Philipe, ambos em hum tempo se apeáraõ; os quais, chegando-se hum ao outro com os chapeos na maõ, com muita cortesia e amor se abraçaraõ; em que elrei dom Philipe, tio delrei dom Sebastiam, por sinaes e indicios sinificativos de grande alegria, se recreava em sua vista; o qual pondo os olhos muitas vezes nelle, que era mancebo formoso e muito bem disposto (cujo aspecto era grave, e de grande veneraçaõ) parece que se naõ fartava de o vêr,

e estava concebendo em seu peito o muito valor e merecimento de hum rei, que elle amava como filho. Com estes comprimentos se detiveraõ os reis algum espaço, até que o rei de Castella se virou pera o duque d'Aveiro (mancebo e principe digno de todas as honras, por sua prudencia e gravidade, e ser amado do mundo, por sua nobreza e brandura de condiçaõ, acompanhada de muitas grandezas de animo) e o abraçou com grande respeito; e assim fez muitas cortezias ao Conde de Portalegre, mordomo-mor delrei de Portugal, por ser velho veneravel em sua pessoa, e da mesma maneira a todos os outros fidalgos portuguezes: os quais comprimentos acabados, elrei Philipe com muita cortezia pedia a elrei dom Sebastiam, que entrasse primeiro no coche, o qual com summa modestia, e acatamento delrei, seu tio e velho, naõ acceitando aquella honra, aperfiava com elle entrasse primeiro. Nestas competencias de honra e cortesias, querendo cada hum ser o que a desse, e naõ o que a recebesse, houve elrei dom Sebastiam de acceitar o que elrei seu tio lhe offerecia, pois estava nos seus reinos, ao qual estava melhor e mais formoso dar a maõ com todas as honras a hum rei seu hospede e sobrinho, a quem naquella breve vista ficava assás afeiçoado, e via nelle acatamento digno de todas as honras. Com isto entrou elrei dom Sebastiam primeiro no coche, e se assentou á maõ direita: e da mesma maneira todo o tempo

que esteve em Castella (que foi do dia acima dito até depois do dia da epiphania) sempre elrei de Castella lhe deo a maõ direita nas igrejas, casas, ruas, e finalmente em todas as vistas, mandando alem disto a todos os fidalgos, em tudo reconhecessem primeiro a elrei dom Sebastiam que a elle, e em certa maneira andava buscando todos os modos de venerar e honrar aquelle sobrinho, como cabeça digna de grandes coroas, e ser honrado de huma dignidade acima dos outros reis, e acata-lo com o acatamento que sua pessoa merecia: sobre tudo lhe desejava fazer todos os gasalhados e procurar os gostos, mostrando-lhe entranhas de paternal amor, e magnificencia de animo real, nas grandesas de honras que lhe fasia, e no tratamento de todos os portuguezes, em todo o tempo que estiveraõ em nossa Senhora de Guadalupe. Andavaõ os ministros delrei de Castella com estrema abastança de mantimentos, com cargas pelas ruas e portas dos portuguezes, offerecendo a cada hum o que havia mister e queria, sem conto nem medida, dando as galinhas e perdizes e outras cousas a montes, e assim cevada e palha pera as cavalgaduras. Como os reis se metteraõ no coche, começáraõ a caminhar, mesturando-se os fidalgos portuguezes na conversaçaõ e pratica dos castelhanos, com as cortesias de corte, offerecendo-se huns a fazer honras, e outros a naõ as aceitar, com altercaçoens

iguaes, procurando cada hum preferir-se ao seu competidor em o servir, e mostrar-lhe maior acatamento, o que tudo eraõ leis de curial cortesia. Nesta ordem chegáraõ os reis ao convento de nossa Senhora de Guadalupe, que he da ordem de S. Hieronimo, taõ nomeado em grandezas de edificios, como em evidencia de milagres, e á porta delle se apeáraõ, e fôraõ fazer oraçaõ; a qual acabada, se recolhêraõ a seus aposentos, e os fidalgos portuguezes foraõ esplendidamente agasalhados, em casas que elrei dom Philippe tinha mandado aparelhar a elles e á sua gente, cançados do largo caminho que traziaõ.

Como os reis de Portugal, e Castella jantáraõ ambos juntos duas vezes, e pela mesma maneira outras duas vezes os fidalgos portuguezes e castelhanos. Capitulo XXXIX.

Alem do gasalhado, que elrei de Castella fazia a elrei de Portugal, naõ soffria seu real animo descuidar-se algum momento de cuidar como lhe daria contentamento, e lhe mostrasse o amor nascido d'alma; pera mostrar do qual, elrei de Castella o convidou hum dia a jantar em suá casa, e elrei de Portugal fez outro dia o mesmo em seu aposento; nas quais cómidas, de tanto contentamento de ambos, e representaçaõ das

pessoas, pareciaõ inflamados em amor, bebendo hum á affeiçaõ do outro, transformando-se os coraçoens entre si; o delrei de Castella com alegria de ter á sua mesa hum sobrinho, rei de taõ altos merecimentos, e o de elrei de Portugal com summo acatamento de hum tio, rei taõ poderoso em estados, e grandioso em magnificencias, a quem venerava como pai, e sentia entranhavel amor: com esta correspondencia naõ havia entre elles mais que hum continuo estudo como se agradariaõ hum ao outro, e se ajudariaõ a engrandecer os louvores que a ambos eraõ dados: as quais comidas foram com tantas pompas e apparatos reaes, quanto os discretos poderaõ entender por a grandeza de tais principes, e eu a naõ poderei declarar pela fraqueza de minhas palavras; mas porque os reis tambem se recreassem na comunicaçaõ e amizade de seus vassallos, deo-se ordem como os senhores e fidalgos castelhanos dessem banquete aos senhores e fidalgos portuguezes, em dia de carne, e os portuguezes dessem outro aos castelhanos, em dia de pescado, o qual foi provido de Francisco Barreto veador de elrei de Portugal, e por ministerio de Antonio Mouraõ, comprador (homem de extrema providencia em semelhantes cousas, e maravilhoso engenho pera qualquer feito cortezaõ) foraõ de Portugal levados por postas de recoveiros, com continuas jornadas de dia e noite, toda a maneira de pescados e mariscos que

em Portugal ha em grande abundancia, e em Castella carecimento. Deixado já pera isto recado em Portugal, antes que elrei partisse, em todos os portos do mar, naõ cessavaõ os recoveiros correr suas postas, e terem a jornada, e lugares onde elrei havia de pousar, providos de muitos pescados: mas chegado o dia em que se havia de dar o banquete aos senhores Castelhanos em Guadalupe, foi taõ grande a abundancia do pescado e marisco, e a diversidade delles, que naõ somente os Castelhanos se espantavaõ da forma que nunca víraõ, mas como hiaõ frescos, guisados em maravilhoso modo, com espanto diziaõ muitos, que os portuguezes traziaõ comsigo os mares, e os deixavaõ detraz daquelles montes, por em caminho taõ comprido, e em distancia taõ grande, estarem providos de tantas iguarias de pescados e marisco; as quais, contadas, fôraõ cento e noventa, entre assado, cosido, frito, empadas, e outros escabeches; e porque Portugal tambem tem grande abundancia de conservas, por resaõ da provincia do Brazil, Ilha da Madeira, S. Thomé, e Cabo Verde terem infinitos assucres, de que Castella algum tanto carece, naõ foraõ em menos cantidade as iguarias dos doces, por sua diversidade e delicadeza, que as dos pescados; no qual houve tanta abundancia em extremo, que era dado aviso aos portuguezes que serviaõ á mesa, nenhum sobejo das iguarias recolhessem á cosinha, nem a casa

outra, mas liberalmente as dessem a quaesquer pessoas castelhanas, que achassem; o que faziaõ com tanta deligencia, que chegando á porta, onde estava infinita gente, aos que primeiro chegavaõ despejavaõ os pratos, assim das iguarias dos pescados, como dos doces.

Como os reis de Portugal e Castella se resolvêraõ na guerra de Africa e no casamento. Capitulo XL.

A principal causa da vista dos reis foi pera entre si resolverem os dous pontos de Pero d'Alcaçova, e eraõ, que elrei de Castella désse ajuda a elrei de Portugal pera a guerra d'Africa, e elle casasse com a infante dona Clara sua filha: havendo entre elles algumas vistas e sessoens sobre estas materias, elrei de Castella houve por bem darlhe a filha em casamento, e pela satisfaçaõ que delle tinha, pouco fôra faze-lo senhor do mundo, enxergando nelle huma grandeza de animo real, digno de huma grande monarchia; porque em todas as cousas era elrei dom Sebastiam tanto homem e rei, que nada lhe faltava para ser temido e reverenciado de todos os grandes principes, e com o animo e esforço que elrei de Castella lhe sentia, naõ julgava por temeridade de mancebo a jornada que antes tinha feito pera Africa, mas de animo invencivel chêo de todo o valor, e com resaõ podia pôr espanto a todos os barbaros imigos do povo

cristaõ, sendo a parte que elrei de Castella mais nelle estimava, por que como elle era emparo da igreja catolica, e principal defensor della, naõ tinha no mundo visto cousa que mais o alegrasse nem satisfizesse, que vêr hum rei mancebo zeloso de todos estes bens, e sobretudo estremado em esforço pera temor dos imigos, e aumento da igreja catholica. Com estas consideraçoens, e descjos delrei de Castella em fazer todos os prazeres a elrei seu sobrinho e hospede, naõ houvera no mundo cousa possivel que lhe naõ concedesse: e tocando no ponto da guerra, a que elrei dom Sebastiam determinava tornar por recuperar a reputaçaõ da primeira jornada, em alguma maneira perdida, por haver sido ordenada com muito esforço, e pouco conselho, quiz justificar a segunda com tomar o parecer de seu tio, rei taõ poderoso e prudente, e cercado de taõ illustres capitaens e soldados, practicos em todas as cousas da milicia, que approvaria o acertado e reprovaria o mal tentado, principalmente do duque d'Alba, com que elrei dom Sebastiam práticou seus desenhos, e a quem pedio com muita instancia quizesse ser seu general, por a fama e experiencia de esclarecido capitaõ: ao qual elrei de Portugal deo as causas que o moviaõ a atalhar os perigos esperados em toda Hespanha na entrada dos turcos em Berberia; porque se elles tomassem posse d'alguns portos de mar, principalmente o de Larache, colheita anti-

ga e segura de muitas galés, dalli poderiaõ fazer inevitaveis saltos, e prejudiciaes danos na costa do Algarve e Andaluzia, sobretudo cerrariaõ as portas do Estreito, pera nenhuns navegantes ousarem passar, com temor de serem a cada passo salteados dos barbaros turcos: e o que mais temia elrei de Portugal era, que de Larache teriaõ os turcos mais comodidade pera discorrerem pelo mar oceano, e chegar até á boca da barra de Lisboa, onde forçadamente entraõ e sahem todas as frotas de sua conquista, e commercio da India, Mina, Brazil, Guiné e mais Ilhas adjacentes, e as do soccorro dos lugares de Africa, onde as poderiaõ saltear e roubar: juntamente o mesmo temor poderiaõ ter os estrangeiros de toda Europa, que navegaõ da da parte do norte, como Francezes, Framengos, Ingrezes, Alemaens, naõ virem a Lisboa, escala principal, trazer as mercadorias, de que elrei teria grande perda, principalmente na falta de paõ e outros mantimentos, de que o reino tem grande necessidade; as quais navegaçoens e commercios, se em Portugal faltassem, de todo se perderia: e o mesmo perigo ou maior corrião as frotas de Castella, quando vaõ ou vem das Indias occidentais, por o mar oceano, e as de levante, que vem pelo mediterraneo demandar o Estreito, por cahirem mais na boca destes imigos: que por estas rezoens e exaltaçaõ da fé catholica, desejava empregar o seu talento e esforço contra

taõ prejudiciais imigos. Tanto que elrei de Portugal praticou seu intento, zelo, e çausas que o moviaõ a tentar a guerra de Africa, elrei de Castella e seus capitães lhe persuadiaõ muito a naõ fizesse por sua pessoa; mas, quando elrei de Castella vio o gosto de elrei de Portugal, approváraõ o essencial por lhe apprazer e dar gosto, mas naõ se resolvèraõ logo no modo della, por este ser vario, segundo os tempos e occasioens, de que cada hora depende, com mudanças improvisas, que se naõ podem atalhar; porém deixado este particular a outros tempos e conselhos, pedio elrei de Portugal a elrei seu tio o quizesse ajudar nella, pois os inconvenientes de a dilatar eraõ comuns a ambos os reinos: ás quais petiçoens elrei de Castella por lhe comprazer se inclinou de liberal vontade, e prometteo a elrei seu sobrinho ajuda-lo no veraõ de setenta e sete com cincoenta galés e cinco mil homens, com o qual trato e offerecimento elrei dom Sebastiam ficou mui contente, dando disso as graças a elrei seu tio: e passado dia da epiphania se partio pera Portugal, na qual jornada no caminho achou o mesmo gasalhado, taõ provido de todas as cousas necessarias, como quando antes passára. Nesta jornada, posto que elrei de Castella fizesse todos os gastos dos mantimentos de tanta gente, naõ se escusavaõ outros muitos grandes delrei de Portugal, á hida e tornada, de grandes e grossas mercês que fez a mui-

tos fidalgos, e aos officiaes castelhanos que o servíraõ, assim de joias riquissimas, como de dinheiro de contado, do qual foi thesoureiro Antonio da Costa; o qual com muito applauso sempre em sua casa tinha sacos e mesas chêas de muito dinheiro, com homens que o contavaõ, pera se dar ás pessoas que elrei mandava; cujas liberalidades, alem das mais partes ditas, fôraõ mui louvadas a elrei, com que acquiria os coraçoens dos homens, ainda estrangeiros, em o desejarem servir, e convertia em si os olhos de todos pera o amarem.

De como elrei mandou Luiz da Silva a Castella applicar a ajuda que elrei havia de dar pera a guerra. Capitulo XLI.

Os fados que guiavão a elrei dom Sebastiam pera sua perdição, com total castigo da nobreza e riquesa de Portugal, o estimulavaõ a applicar os mêos da jornada de Africa (tão mal afortunada) com a diligencia possivel. E como nella tinha embebidos seus sentidos, suas ordinarias meditações ahi paravaõ, e naõ perdia ponto que naõ applicasse todos os mêos ao effeito della; por que, como elle cuidava começarem-se os negocios a encaminhar prosperamente com a discordia de Mulei-Maluco com Mulei-Hamet, e Berberia com guerras civís tinha quebradas as forças com batalhas, devisoens

e escandalos ainda frescos, principalmente por o Xarife Mulei-Hamet, que andava já desbaratado e fugido, lhe pedir socorro pera o restituir aos reinos ocupados de Mulei-Maluco, offerecendo-se tambem ás ajudas possiveis, e com presença de sua pessoa atrahir assim muitos alcaides mouros a seu serviço, e inquietar todo o reino (dividido em dous reis) quando os coraçoens dos vassallos naõ podiaõ permanecer em uniaõ em hum corpo, determinou mandar aplicar a ajuda das cincoenta galés e cinco mil homens, que elrei de Castella seu tio lhe havia promettido, ao que mandou lá Luiz da Silva, seu semilher, a quem era muito affeiçoado. Luiz da Silva como entrou na corte de Castella, poz-se em ordem de negociar, e aplicar a elrei mandasse vir de Italia as cincoenta galés, que havia de dar pera a jornada de Africa, ao qual e aos do conselho dava toda a pressa que elrei dom Sebastiam lhe encarregára. Elrei dom Philipe, que sabia em Portugal naõ haver dinheiro, nem munições necessarias pera a guerra de Africa, taõ grande e custosa, e entendia bem naõ se poder effectuar naquelle anno de setenta e sete, andava entretendo a Luiz da Silva com a resposta morosa, sem ultima resoluçaõ: mas elrei dom Sebastiam, ardendo em fervor de passar á Africa, por ver a guerra entre os mouros ateada, e que cada vez se abriaõ mais as portas e offereciaõ novas occasioens de sahir com seu

intento, matava a Luiz da Silva com recados apressados, acabasse de concluir com elrei o q̃ue fôra mandado. Luiz da Silva, que naõ podia fazer mais diligencias pera acabar com elrei de mandar vir as galés, fazia suas justificaçoens com elrei dom Sebastiam, do calor de sua negociaçaõ, e frieza com que lhe respondiaõ, naõ sabendo o intento d'elrei de Castella, fundado em taõ discreta consideraçaõ. Quando elrei dom Sebastiaõ vio o pouco que Luiz da Silva fazia no negocio, parecendo-lhe que naõ se accelerar a vinda das galés era descuido seu, ou pouca diligencia, com sua costumada colera, determinou mandar vir Luiz da Silva, e enviar outro fidalgo mais caloroso pera aquelle effeito: e naõ deixara de o ter esta determinaçaõ violenta, se Cristovaõ de Tavora, muito privado de elrei dom Sebastiaõ, e cunhado de Luiz da Silva, e Fernaõ da Silva, seu irmaõ clerigo, o naõ dissuadiraõ de seu proposito, mostrando-lhe como Luiz da Silva naõ faltava ponto ao negocio que trazia entre mãos, pois solicitava com toda a diligencia possivel, e como o effeito delle dependia da vontade de elrei de Castella e do conselho dos seus, naõ era em sua maõ acaba-lo com pressa, senaõ com suavidade e vontade d'elrei. Instando pois Luiz da Silva em sua petiçaõ, e apertando muito a elrei de Castella deferisse a ella, vendo-se elrei obrigado, se vêo a declarar com elle, dizendo-lhe, que elle nunca

mudára a vontade nem parecer de comprir com a ajuda, offerecida a elrei seu sobrinho, das cincoenta galés e cinco mil homens; mas que tinha sabido claramente naõ haver em Portugal forças, nem aparelho de gente, nem de muniçoens, pera elrei passar aquelle anno a Africa, e esta era a cauza de naõ mandar vir as galés, nem desemparar as partes de Italia, onde eraõ necessarias; nem fazia as despezas, que sabia haviaõ de ficar perdidas e em vaõ. Com esta resposta avisou Luiz da Silva a elrei de Portugal, de que ficou mui descontente, porque cuidava naõ ser aquella a causa, parecendo-lhe ter todo o necessario. Este engano d'elrei dom Sebastiaõ, em naõ crer a elrei de Castella (que com mais cuidado e zelo procurava suas cousas) se descobrio em breve tempo; por que entregando-se Arzila este anno, como abaixo diremos, querendo elrei lá mandar provimento de armas e mantimentos (que deviaõ ser poucos, pera lugar taõ pequeno) quando o quiz effectuar, naõ achou aviamento, nem ordem, com o que se acabou de desenganar de naõ passar aquelle anno a Africa, e quaõ enganado o tinhaõ alguns officiais, por quem estas cousas corriaõ, os quais de proposito e industria impossibilitavaõ mais os aparatos, pera com isso divertirem a elrei de hum intento taõ mal acertado.

Como Cid-Abdelcherim entregou Arzila a elrei de Portugal. Capitulo XLI.

Bentude, que por seu esforço e muitas batalhas que houve com os cristãos, capitaens dos lugares fronteires de Africa, alcançou grande authoridade entre os mouros, e deixou muito nome entre os cristãos, foi hum dos principaes de Berberia em estados e vassallos, que com elle andavaõ no campo fazendo guerra aos portuguezes. Este alcaide, senhor de Alcacere-quibir, Arzila, Larache, Taleg, Carife, Agéra, e outros muitos lugares comarcãos, e campos fertilissimos de paõ e gado, tinha cento e cincoenta mil crusados de renda; por morte do qual, lhe succedeo no estado e auctoridade e esforço seu filho Cid-Abdelcherim, o qual eu ví nesta cidade, e com quem fallei, homem muito avisado e prudente, e de gravidade de hum grande senhor, ornado de primor cortesaõ. Este Cid-Abdelcherim, como foi sempre leal vasallo do Xarife Mulei-Hamet, por o ter jurado rei, posto que Mulei-Maluco o mandou chamar a Fes, onde com palavras brandas e de amor pertendeo grangear-lhe a vontade, vendo quaõ descahido o Xarife já andava das forças, e desapossado do reino, sem esperança de remedio, naõ achando com que pudesse alevantar as esperanças de sua vida, e saude do Xa-

rife, apertado da necessidade, lançando maõ de conselho mais saõ, escreveo a elrei dom Sebastiam, por Bento Lopo, portuguez que andava no negocio do resgate; o qual dando-lhe conta do estado em que o Xarife estava, e do seu, pelas alteraçoens de Berberia, se offerecia a lhe entregar Larache, sem resistencia alguma, se mandasse alguns navios e gente a quem a entregasse, e dalli faria entrada em Africa, da qual era informado trazia pensamentos, e debaixo de seu empáro elle ficaria seguro do temor de Mulei-Maluco, e Mulei-Hamet se obrigaria ao seu ceptro, com as obrigações justas e honestas, e com esta ocasiaõ ganharia Larache, cousa taõ importante a Portugal, e abriria a porta de seus desejos, e finalmente poria o Xarife Mulei-Hamet e a Berberia debaixo de seu tributo. Em se dar esta carta a elrei, ou elle responder a ella, se passáraõ alguns mezes, mais do que a importancia do negocio requeria, e no cabo de seis mezes que Cid-Abdelcherim havia escrito, naõ tinha resposta della. A este tempo, tendo já Mulei-Maluco compostos os negocios principaes de Berberia, sendo obedecido de toda ella, quiz acabar de quietar e sojeitar quaisquer provincias e alcaides, de que se pudesse haver algum recêo; pelo que, sabendo que Cid-Abdelcherim ainda era devoto de Mulei-Hamet, e seu estado e vassalos estavaõ a lamira, e o naõ reconheciaõ por rei, deter-

minou traze-lo á sua obediencia. Cid-Abdelcherim, estando em Alcacere-quibir, tendo posto a seu irmaõ Cid-Hazus por capitaõ de Arzila, e temendo Mulei-Maluco o prendesse ou matasse, se recolheo secretamente, com as mulheres, filhos e fazenda, a Arzila, onde o irmaõ estava, e naõ se dando por seguro na fortaleza, querendo-se encomendar ao emparo de elrei de Portugal, escreveo a dom Duarte de Menezes (que elrei dom Sebastiaõ deixou por capitaõ de Tangere, quando de lá se vêo) que em hum dia certo viesse, e lhe entregaria Arzila. Dom Duarte de Menezes, que naõ desprezou a ocasiaõ, com toda a pressa fez cinco navios prestes, com a gente necessaria, e chegou a Arzila no dia e hora aprazados, a quem Cid-Abdelcherim abrio pacificamente as portas; e os portuguezes entráraõ sem resistencia, nem contradiçaõ alguma, deixando hir os mouros livremente, e ficando ahi Cid-Abdelcherim com suas mulheres, filhos e fazenda. No mesmo dia, em que Arzila foi entregue, logo Cid-Abdelcherim e dom Duarte mandáraõ nova a elrei de Portugal do estado de Arzila, e vêo com ella Cid-Hazus irmaõ de Cid-Abdelcherim, que estava nella por capitaõ, o qual chegado a Lisboa, e dada a nova a elrei, este estremadamente se alegrou; e parecendo-lhe que já tinha aberta a porta da guerra de Africa, por onde havia de entrar, conquistando-a com maõ armada, e traze-la ao jugo de sua obediencia, fez, com

isto, muitas honras e mercês ao alcaide Cid-Hazus, e escreveo a Cid-Abdelcherim, dando-lhe o agradecimento do serviço que lhe fizera, com promessas de muitas mercês; e quanto ao da carta que lhe tinha escrito, sobre lhe entregar Larache, lhe respondeo elrei que elle em pessoa iria lá a esse negocio. Passou esta entrega d'Arzila no anno de setenta e sete, em o qual elrei naõ podia passar, por naõ ter aviamento, como atraz fica dito. Dom Duarte de Menêzes, como tomou posse de Arzila, naõ se sahio della, até naõ ter recado de elrei; mas porque Tangere ficava sem capitaõ na absencia de dom Duarte, ficando lá sua mulher e filhos, mandou elrei a Pero da Silva por capitaõ a Tangere, por ser cunhado de dom Duarte e irmaõ de dona Leanor da Silva, sua mulher; e como se esperava que o Xarife havia de vir a Tangere, e esperar ahi a elrei, mandou elle, a dom Duarte se tornasse a Tangere pera agasalhar ao Xarife, e a Pero da Silva por capitaõ de Arzila.

Como o Xarife, do Pinhaõ, pedio socorro a elrei de Portugal, e se vêo a Ceita e Tangere. Capitulo XLIII.

Naõ podendo o Xarife soffrer os continos recontros de Mulei-Maluco e seus capitaens, como atraz fica dito, buscando onde se poderia salvar, e procurar o remedio de que

se valesse em suas adversidades, occorreo-lhe o mais acomodado, que foi o Pinhaõ, onde se poderia acolher, e ser emparado dos Espanhoes, até ter recado de elrei de Portugal, de que procurava valer-se; o qual sendo acompanhado de obra de quinhentos mouros, que preserveráraõ com elle na lealdade nos combates da serra, trazendo comsigo dom Antonio da Cunha, portuguez que fôra seu cativo, se vêo alojar perto do Pinhaõ, pera que, se o Maluco mandasse gente sobre elle, se recolhesse debaixo do emparo e artilheria da fortaleza, como atraz fica dito; o qual, como já estava bem informado dos intentos de elrei dom Sebastiam passar á Africa, com desejos de lançar de lá os turcos e o Maluco, entendendo que não tinha outra mêo de ser restituido a seu reino, senaõ por elle, lhe enviou por embaixador a dom Antonio da Cunha, o qual com muita vontade aceptou o cargo, assim por se ver livre do cativeiro, como por grangear nisso os dous reis, ao Xarife pela necessidade do socorro, e a elrei dom Sebastiam por a vontade de semelhantes ocasiões. O recado que dom Antonio trazia do Xarife era que se queria pôr debaixo do emparo delrei de Portugal, o qual segundo sua grandeza tinha obrigaçaõ de primor ajuda-lo em suas adversidades, sem lembrança das antigas inimizades de Portugal com Africa, e lhe pedia, por seus capitaens o quizesse mandar metter de posse de Berbe-

ria, que o Maluco lhe tinha injustamente ocupado, e elle se poría debaixo de seu tributo, com as condiçoens honestas, e ajudadaria a lançar os Turcos fora de Berberia; e ainda que de presente estava quebrado e desbaratado, que, como tivesse ajuda, facilmente recuperaria Berberia, sabendo certo virem-se os mouros a elle, e outros naõ fazerem resistencia. Elrei dom Sebastiam, que com estas ocasioens mais se acendia no fervor de seus pensamentos, lhe tornou por resposta, que elle havia de passar á Africa o verão seguinte de setenta e oito, e pera isso o fosse esperar a Tangere, onde havia de desembarcar, e ahi se verião e tratarião o negocio pessoalmente, e que tivesse largas esperanças de o favorecer em sua pertençaõ, e essa era sua principal tençaõ, na jornada que tinha determinado fazer, pera a qual se ficava aparelhando. Com esta resposta pareceo ao Xarife já a fortuna se começava a apiedar delle, e alevantando o coraçaõ, ocupado de huma profunda tristeza, quasi cahido em desesperaçaõ, sahindo-se donde estava acolhido debaixo da fortaleza e artilheria do Pinhaõ, se partio por mar a Ceita, em humas caravelas e bargantins, que o marquez de Villa real, capitaõ de Ceita, lhe mandou, e a sua gente foi por terra com seu filho Mulei-Xeque, passando á vista de Tetuam. O marquez, tendo recado da vinda do Xarife, o agasalhou em Castelejo mêa legua da cidade; o qual, ten-

do recado como Mulei-Maluco mandava gente sobre elle, se recolheo das tranqueiras a dentro, e ficou emparado da artelharia, onde esteve quatro mezes, nos quais o marquez lhe fez tantas visitaçoens, cortesias e mimos, como á pessoa de elrei dom Sebastiam, se presente estivera; e um dia deo um banquete ao Xeque seu filho e aos alcaides, dentro na cidade, comendo o Xeque em mesa alta, e os alcaides no chaõ, como he seu costume: neste banquete fez o marquez tanta cortesia ao Xeque, que, alem de naõ comer com elle, sempre andou á mesa em pé, dando ordem a seu gasalhado. Tantas cortesias e mimos fazia o marquez ordinariamente ao Xarife e ao Xeque seu filho, que foi estranhado de muitos homens: huns quasi tomavaõ isto como escandalo, e outros o attribuiaõ a baixesa de espiritos: o qual, sendo avisado, pera satisfazer aos que isto lhe estranhavaõ, lhes mostrou uma carta delrei dom Sebastiam, em que lhe pedia e rogava agasalhasse e tratasse o Xarife como a sua propria pessoa. Dahi, querendo o Xarife passar a Tangere, mandou o filho com a sua gente por terra, e elle foi em uma caravela da armada, que servia na passagem do estreito, da qual era capitaõ Manoel Simoens. Dom Duarte de Menezes, estando já a este tempo em Tangere esperando o Xarife, o agasalhou dentro no rebelim, fora dos muros, onde esteve alojado com sua gente até elrei

lá chegar; ao qual dom Duarte fazia muitos serviços, e sua mulher dona Leanor da Silva muitos mimos, mandando-lhe cada dia muitas iguarias, e de noite dar guarda com huma bandeira de soldados. O Xarife estava em huma tenda servido dos seus com aparato real e musica de alaude, violas e outros musicos instrumentos. Nunca o Xarife em todo este tempo entrou na Cidade, mas o Xeque seu filho como era minino foi muitas vezes desenfadar-se em casa do capitaõ, e com os seus filhos, que tambem eraõ moços. Neste tempo estava Cid-Abdelcherim em Arzila, e sabendo o Xarife ser chegado, logo se foi pera elle, mostrando muito primor e lealdade com engeitar os offerecimentos de Mulei-Maluco, posto no cume da felicidade e obedecido por rei de toda Berberia, e seguir as partes do Xarife, depois de taõ derrubado e lançado fora de seus reinos, naõ interessando nisso Cid-Abdelcherim mais que honra, pois a prova disto assim ser se mostra em deixar suas terras e estado dos maiores de Berberia, por se fazer companheiro da fortuna do Xarife seu rei, a quem jurou guardar obediencia.

De como elrei dom Sebastiam se começou fazer prestes pera passar á Africa, ajuntando dinheiro. Capitulo XLIV.

Ja a tempo da era de mil e quinhentos e setenta e oito, quando elrei passou a se-

gunda vez á Africa, era morto Luiz Gonçalves de Camara seu mestre, ao qual elle teve mui grande respeito e amor pela doctrina que lhe ensinara, a quem era devedor de igual acatamento de pai, o qual, por o muito sentimento que teve de elrei passar a primeira vez á Africa, cahio em huma mortal malenconia, e lhe sobrevieraõ tais enfermidades, com ver elrei ainda inquieto, que se affirma isso lhe haver causado a morte, a qual elrei tanto sentio, que, alem de em sua vida o hir visitar á cama ao collegio de santo Antaõ, onde estava, depois da morte foi huma madrugada visita-lo á sua sepultura com muitas lagrimas e mostras de sentimento. Sendo pois o mestre morto, e Martim Gonçalves fora de sua privança, os quais enfreavaõ a elrei, induzido por Cristovaõ de Tavora e Luiz da Silva, seus grandes privados, e outros que aprovavaõ seus desenhos e lhos louvavaõ, naõ duvidou esse anno passar a segunda vez a Africa; mas como pera taõ grande aparato e despesa era necessario muito dinheiro, como nervo principal da guerra, usou elrei de todos os mêos como o pudesse ajuntar; o qual como tinha justificado o seu zelo com o papa e principes cristaõs, com esta guerra querer lançar os turcos de Africa, por ser grande utilidade da igreja, ou pelo menos impedir-lhe huma grande perseguiçaõ, impetrou do summo pontifice Gregorio trese a bulla da cruzada, com que se

tirou grande copia de dinheiro: assim impetrou elrei do papa as terças das igrejas, o qual subsidio como era mui pesado e escandaloso, em tempo de tantas perturbaçoens da igreja, e os prudentes e virtuosos naõ tinhaõ por sufficiente remedio pera guerras tirar a sustentaçaõ dos eclesiasticos e religiosos, tendo exemplos de semelhantes ajudas comummente aproveitarem pouco e danarem muito, fez elrei composiçaõ com a igreja, e voluntariamente lhe deraõ cento e cincoenta mil cruzados: alem disto tomou elrei o trato do sal, e juntamente houve pedidos, lançados pelos povos e mercadores: aos prelados, e outros seculares ricos, mandava pedir emprestado dinheiro; com as quais cousas, e outras desta maneira, e boas diligencias de arrecadar e empenhar as rendas do reino e contratos, se ajuntou grande cantidade de dinheiro, com o qual elrei mandou fazer logo grandes provimentos de mantimentos e muniçoens, com outros petrechos, carros e bois necessarios de larga despeza, por a jornada ser ultramar, onde naõ tinhaõ nenhuma ajuda, e tudo forçadamente havia de hir do reino, até a palha das cavalgaduras, e a lenha pera fazer de comer: a qual despeza, assim delrei, como dos fidalgos e outros homens honrados particulares, foi taõ excessiva, que bastava pera muitos annos, se em terra fôra a guerra; pera o que toda a gente fidalga e honrada se proveo, á sua custa, de todo o

necessario, naõ esperando algum homem de primor delrei hum vintem, tendo por afronta tomá-lo delle; dos quais muitos venderaõ muitas peças e propriedades, e empenháraõ rendas e morgados, com muito gosto de o servirem e acompanharem. Tanto póde a vontade de hum rei, que abala huma republica, aprovando os homens muitas vezes com palavras, e outras com obras, cousas que o entendimento condena, e gastando com liberalidade a fazenda, que com assas trabalho e industria grangearaõ. Digo isto, porque todo o homem portuguez reprovava o intento delrei, e profetisavaõ todos os danos que se seguiraõ á republica, e publicamente diziaõ que os levava a entregar aos Mouros, e com tudo isto andavaõ em competencias, quem mais gente e cavallos havia de levar, e agradar a elrei com seus gastos e vontade de o servir. Os veadores da fazenda, que neste tempo meneavaõ todo o peso dos mantimentos, eraõ Pero d'Alcaçova, dom Francisco de Portugal, Manoel Quaresma, os quais, com muito aplauso e diligencia, davaõ ordem a todas as cousas, com que elrei folgava.

Como elrei começou ajuntar gente pera a jornada de Africa, e fez coroneis. *Capitulo XLV.*

Pela experiencia, que elrei tinha de quaõ mal provido fôra de gente, da primeira jor-

nada, quando passou á Africa, quiz na segunda emendar com providencia o primeiro erro, e vendo que importava pera se fazer a guerra haver gente de paga e exercitada na arte militar, ordenou com muita diligencia mandá-la fazer no reino e fora delle, e assi mandou Sebastiam da Costa, seu escrivaõ da fazenda, a Alemanha buscar tres mil Tudescos, cujo general era Martim de Borgonha, homem principal e esforçado: tambem em Castella mandou tocar caixa, onde se fizeraõ dous mil soldados, de que foi general dom Alonso d'Aguilar, sargentos dom Luis Fernandes de Cordova, e o Aldana. Neste tempo crecendo a guerra dos Lutheranos Ingreses contra a Igreja Catolica, Thomaz Estucli, ingrez de naçaõ, que muitos annos havia sido cossairo no mar oceano, alcançando nome de esforçado, com muita reputaçaõ dos soldados, que com zelo da fé catolica e emparo da igreja se oppôz a defende-la da pestifera seita que os herejes nella queriaõ semear, vendo-se com poucas forças pera resistir á furia dos imigos, taõ poderosos e que com tanta obstinaçaõ se punhaõ a derrubar os muros da igreja, naõ tendo outras esperanças de remedio, se ocorreo ao summo Pontifice Gregorio treze (de baixo de cujo emparo aquella ilha está) como pastor das ovelhas que tem o caracter do bautismo, com o pasto da doctrina evangelica e sacramentos, lhe desse socorro de gente em favor desta guerra que

fazia. O papo mostrando-se a estas petiçoens mui propicio, inclinado a dar o socorro taõ necessario, lhe deo trezentos soldados italianos feitos em Roma, e a elle titulo de marquez de Lenster, os quais embarcados, navegando pelo mar mediterraneo passando o estreito de Gibaltar, demandando a costa de Portugal pera dahí demandarem a ilha de Ilhandra, situada na parte do norte, foi-lhes forçado com temporaes entrarem no porto de Lisboa; mas como elrei estava com esta empresa nas mãos fazendo gente, vendo os capitaens Italianos mal avindos com o marquez e por temer-se mais do dano que do proveito de sua viagem, metteo-se de por mèo, e assentou que os Italianos o ajudassem na guerra de Africa, e ao marquez satisfez com promettimentos e esperanças de á vinda o ajudar, o que todas houveraõ por bem, hindo o marquez por coronel dos Italianos: e pera ajuntar a gente do reino, ordenou elrei quatro coroneis, fidalgos principaes, os quais foraõ dom Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira, Diogo Lopes deSequeira capitaõ mór das gales, aos quais repartindo as comarcas do reino, por suas pessoas e outros capitaens foraõ a fazer gente de paga, que fôraõ nove mil homens bisonhos e de nenhuma experiencia, e sobretudo mal providos d'armas. Elrei mandando chamar todos os fidalgos e gente nobre residentes na corte, fez huma falla de-

clarando-lhes seu intento, e como se aviava pera passar á Africa, e que lhes agradeceria acompanharem-no com a lealdade e vontade, que nelles tinha mui certa: aos absentes escreveo o mesmo; mas porque o numero de muitos homens honrados e esforçados crecesse mais, aos quais naõ convinha a elrei, por sua auctoridade, pedir em particular o acompanhassem, nem elles, por honra, se haviaõ de assentar a soldo, ordenou huma bandeira de aventureiros, onde estes, e muitos fidalgos pobres, escusassem as despesas de cavallos, e se assinalassem na honra, por elles haverem de tomar sobre si todo o peso da batalha: mas como Cristovaõ de Tavora entaõ privava excessivamente com elrei, fê-lo capitaõ delles, parte por affeiçaõ que lhe tinha, e lhe dár essa honra, parte porque os homens com muito gosto e zelo o seguiriaõ, por o terem propicio, e obrigado pera os ajudar com elle em seus requerimentos. Alferes desta bandeira foi Francisco Ferreira de Valdeveso, e sargento Pero Lopes, que havia sido capitaõ da gente de pé em Tangere. Naõ se enganou elrei neste intento; porque, com muita brevidade se ajuntaram debaixo da bandeira dos aventureiros mil soldados, huns muito fidalgos, outros cavaleiros honrados, e todos homens esforçados e luzidos, dos quais os mais haviaõ sido capitaens e soldados na India e em Africa: de maneira que deste modo começou elrei a ajuntar gen-

te, e se fez numero de quatorze mil infantes: havia mais mil e quinhentos de cavallo, assi acubertados, como ligeiros, excepto mil e quinhentos gastadores, e outra gente de serviço, que fez numero mais de vinte e cinco mil homens, que pera jornada taõ comprida, onde todas as cousas necessarias haviaõ de passar por mar, foi grande exercito. Alem di-to, ajuntou elrei a esta gente a maior parte da de Ceita e de Tangere, de pé e de cavallo; mas por que de todo naõ houvesse estado de gente sem parte neste castigo, mandou elrei chamar a dom Manoel de Menezes, bispo de Coimbra, pera hir por enfermeiro mor, tendo com elle igualmente o mesmo cargo Jorge d'Albuquerque, Aires da Silva bispo do Porto, dom Antonio de Menezes, daiam da capella, com alguns capellaens, e Fernaõ da Silva, e dom Affonso Castel-Branco, fidalgos deputados da mesa da consciencia, pregadores delrei, e sobre tudo muito seus aceitos: e assim foraõ muitos religiosos pregadores doctos e famosos, de todas as ordens, assim pera pregar, como administrar os sacramentos a tanta gente, dos quais tambem alguns de muita caridade se ocupavaõ de curar os enfermos, e outras obras pias. Foi tambem o padre Mauricio da companhia de Jesus, confessor delrei, e dom Joaõ da Silva, provincial da ordem dos pregadores, que morreo em Arzila, antes de o campo partir; os quais ajuntaraõ as rique-

zas profanas de riquissimos ornamentos, os quais convinhaõ pera ministrar o culto divino entre os pagaõs, que, por inimizade e cegueira do entendimento, naõ tinhaõ noticia da solenidade, com que os cristaõs fazem suas ceremonias ensinadas pela summa verdade, e com isto afrontarem e apagarem a profanidade dos barbaros costumes, introduzidos na gente cega pelo demonio; entre os quais tambem levavaõ grandessissimas reliquias, pera que com os merecimentos dos santos, cujas eraõ, Deos alumiasse os entendimentos daquella cega gente, e com o lume da fé lançasse fora as trevas de seus erros, e abominaçaõ de seus vicios. Mas, posto que com este aparato todos os fidalgos, da corte e fóra della, a toda a pressa se fizeraõ prestes, todavia, considerando elrei quanto importava ficarem alguns velhos no reino, pera que conservaçaõ da gente plebea, mandou a muitos, que havia mais por seu serviço ficarem no reino, e naõ segui-lo, como fôraõ o conde de Tentugal, que mandou a tres filhos com elrei, o conde de Sortelha, que mandava dous, dom Joaõ Manoel, dom Philipe de Sousa, Hieronimo Corte-Real, Manoel Corte-Real, Luiz Gonçalves de Taide, Fernam Telles de Santarem, dom Antonio d'Almeida, Lourenço de Brito, e outros muitos.

Das causas porque era reprovada a passagem delrei á Africa. Capitulo XLVI.

Tal era a necessidade de atalhar os males esperados a Portugal e Castella, e ainda a toda a cristandade, da entrada dos turcos em Africa, e apossarem-se dos lugares maritimos, principalmente Larache, porto capaz de muitas galés, que naõ houve principe cristaõ, nem pessoa que sentisse bem os inconvenientes, que naõ entendesse ser esta guerra digna de hum principe catolico a emprender, pondo nisso todas suas forças, com esperanças de ganhar nella muita honra, e fazer nisso muito serviço a Deos; mas a commum e geral reprovaçaõ desta guerra naõ era na substancia faltar justa causa, mas no modo naõ haver ordem. Huma das causas de ella ser mal tomada dos fidalgos velhos, e outros homens prudentes, era vêr quaõ sem ordem elrei a queria commetter, sem ter capitaens expertos, nem soldados praticos pera pelejarem em campo, nem sitiarem fortalezas; pois os portuguezes commummente costumaõ pelejar no mar, e nas poucas da terra, naõ guardarem a arte da milicia, mas com arremetidas impetuosas, cada hum por onde pode, fazem seus accommetimentos, o que, em Africa, se temia lhes causaria toda a perdiçaõ, pera a qual ainda lhes faltavaõ as machinas, car-

retas e outras cousas necessarias, que difficultosamente se podiaõ levar por mar, nem ainda em terra havia ordem dellas: quanto mais, como elrei naõ tratava claramente seus intentos com homens experimentados na milicia, antes andava a fogir de quem lhe podia dar objeiçoens, fazia todas as cousas duvidosas e chêas de medo. O que ainda mais acrecentava os recêos de grandes males era saber a condiçaõ de elrei ser arriscada a todos os perigos, e entendiaõ claramente elle os buscaria muito grandes, sem procurar remedio, nem querer aceptar conselhos saõs, que, em negocio taõ importante, montaõ muitas vezes mais que grandes forças; e como elle havia de governar o exercito, e nenhum capitaõ ousava mandar cousa alguma sem seu preceito, viaõ-se claramente os inconvenientes na cabeça, sem tratar de conservar os membros com conselho, antes aventurar todo o corpo onde os perigos estivessem mais certos; cousa de todo o homem prudente chorada, entendendo naõ somente hir hum exercito grande falto de todas as cousas necessarias, e sem ministros que o conservassem, mas hir nelle hum rei mancebo sem experiencia nem medo, com dezejo de ganhar fama com a grandeza de esforço, esperava-se pôr todo o exercito a grande perigo; e sobretudo os povos e senhorios do reino com grandes clamores se queixavaõ de elrei hir, em pessoa, tomar huma empreza taõ duvidosa, a qual diminuia em algu-

ma maneira a auctoridade real; pois tinha capitaens experimentados e de esforço, que podiaõ fazer a guerra com mais conselho e utilidade; alem disso, que naõ tendo elrei filho algum, nem havendo outro herdeiro no reino, era cousa alhea de todo o conselho, e digna de ser reprovada, querer elle pôr o reino, e ainda toda a cristandade, em hum ponto de algum desastre da sua vida. Com estas desordens, que naõ tinhaõ resposta, andava em todas as partes hum rumor lamentavel, no presagio destes males, e com haver este sentimento, se acrecentava mais, ao verem estas cousas sem remedio, naõ soffrêr elrei contrariar-lhe pessoa alguma seu intento, e ninguem ousava de lho dizer. Todas estas cousas e cada huma dellas, bem pensadas dos experimentados, como as cousas da guerra corriaõ, e e os perigos da republica se aparelhavaõ, naõ cessavaõ de gemer vêr hir tudo perdido com o parecer de hum mancebo, que como rei naõ podia ter reprehensaõ, e por estar persuadido em seus desenhos, naõ se esperava remedio. Quanta era a desconsolaçaõ de todo o povo, por as rezoens ditas, tanto maior fôra o gôsto de todos de seguir a guerra, se a mandára fazer por seus capitaens, e com ordem de se poder esperar algum bom successo: e na verdade, a este fim inclinavaõ a elrei, no principio de sua criaçaõ a esta guerra, pera que sendo curioso della, o seguissem os soldados com maior

calor, e os imigos mais o temessem, ficando resguardada sua pessoa de perigos, e a dignidade real de alguma quebra de sua grandeza, e na verdade, se assim fôra, os negocios houveraõ differentes successos, e a reputaçaõ do nome portuguez naõ ficára taõ quebrada com o erro de hum só, que mais força teve pera abater os esforços dos portuguezes, que as armas dos imigos.

Como elrei por muitas vezes foi persuadido que naõ passasse á Africa. Capitulo XLVII.

Por as resoens atraz ditas se tinha a jornada delrei á Africa por mal acertada, e quanto os recêos de algum desastre eraõ maiores, tanto mais as pessoas que disto se doiaõ, trabalhavaõ por tirar a elrei deste pensamento; porque a rainha sua avó, em quanto viveo, sempre o dissuadio naõ commettesse tal empresa, pois essa jornada fôra muitas vezes praticada diante della e delrei dom Joaõ, em muitos concelhos, sem nella se achar mais que inconvenientes dignos de naõ ser tentada. Depois da morte da rainha que foi a quatro de Fevereiro de 1578, começou elle com mais liberdade a aparelhar-se; mas o Cardeal, que tambem o amava muito e lhe temia qualquer dano, trabalhou quanto pôde a impedir-lhe seu intento, estando mal com aquelles que lho favoreciaõ, e a elrei persuadio muitas vezes quizesse

mandar fazer aquella guerra por seus capitaens, e elle fosse ao Algarve, onde seguindo-o seus vassallos, e muitos estrangeiros, dahi proveria com munições os exercitos, e com tal ajuda seria mui favorecido pera fazer cruel guerra á Africa. Quando o cardeal vio naõ approveitarem suas persuasoens, com muita magoa se despedio delrei e se foi aposentar em Evora, donde era arcebispo; mas, antes que se fôsse, mandou chamao Fernam de Pina Marrecos, vereador de Lisboa, e lhe disse avisasse aos outros vereadores, seus companheiros, dissessem a elrei o perigo a que punha sua pessoa com o reino, e desistisse da ida de Africa. Fernam de Pina, vendo quaõ errados eraõ os desenhos delrei, e quanta rezaõ o cardeal tinha, praticando com os outros vereadores o recado do cardeal, foi elle a elrei, e em nome do povo lhe representou o que sentia do negocio, fundando suas palavras, com grande modestia no amor de sua pessoa e perigo do reino. Elrei, como era de aspecto grave e temeroso, acaitou taõ mal o requerimento de Fernam de Pina, que lhe pôz espanto, ao que Fernam de Pina, com temor, se soltou a dizer como o cardeal lhe mandára fazer aquellas lembranças, com o qual accendendo-se elrei em maior colera, lhe mandou trazer papel e tinta, e fazer hum assinado como o cardeal lho mandára. Dado o assinado, escreveo elrei ao cardeal, com o escrito de Fernam de Pina, queixando-se de el-

le andar sollicitando o povo pera lhe impedir sua jornada. O cardeal, vendo como já o negocio naõ tinha remedio, remetteo-o a Deos, com assas desconsolaçaõ de sua alma. Tambem elrei dom Philipe de Castella, tio delrei dom Sebastiam, tendo o mesmo pesar de elle querer arriscar sua pessoa, sem nenhuma causa, podendo fazer a guerra por seus capitaens, com mais honra e menos inconvenientes, o avisou algumas vezes com cartas, como lhe naõ convinha aquella jornada, e o mesmo fez aos fidalgos de seu conselho. Quando elrei de Castella vio elrei dom Sebastiam naõ acodir a seus conselhos paternaes, que como tio lhe dava, com amor e temor de alguma desgraça, quando o mandou visitar da morte da rainha dona Caterina sua avó, pelo duque de Medina-Cæli, com mais claras palavras lhe tornou a fazer lembrança de quaõ mal aceitava passar elle em pessoa á Africa, por resaõ da dinidade real se pôr a grande perigo, e naõ ter filho herdeiro e successor; porque, alem de o casamento com sua filha estar já taõ proximo de se effeituar, naõ era rezaõ elle se fosse fazer guerra antes de o contrahir: alem disto tinha sabido serem os turcos já fora de Africa, e o Maluco estava mui fora de cumprir as condições ao Amurate, antes era imigo de turcos, e elle os havia de lançar fora de Berberia se lá tornassem; mas já que tinha feito os aparatos da guerra, a mandasse embora executar com algum

capitaõ de confiança, e depois de casar, e haver filhos, lhe ficava tempo de empregar o seu esforço e talento em serviço da cristandade com os imigos da igreja, ficando seus estados sem perigo de se perderem. Taõ catolica e honradamente se houve elrei de Castella nestes conselhos santos, que ainda que sabia, por morte de seu sobrinho, elle ser o legitimo successor de seus reinos, mais dor lhe dava a suspeita de sua morte, do que o gosto que podia ter com tal herança, o que bem mostrou depois de sua morte; pois sendo o legitimo herdeiro dos reinos de Portugal, claramente se sentio em sua magestade haver antes perdido alguma parte de seus estados proprios, que herdar o de seu sobrinho, com morte taõ cruel e lastimosa. Mas porque a elrei dom Philippe naõ ficasse remedio por applicar no mal que temia, tornou a mandar o conde de Andrada, filho do conde Lemos, fazer as mesmas lembranças a elrei seu sobrinho, denunciando-lhe já mais claramente quaõ errado hia, e quaõ apostado a perigos, e com isto tinha cumprido com a obrigaçaõ de rei catolico, e tio, que se doia de seus maos conselhos e piores successos. Mas como Deos tinha ordenado o castigo delrei e de toda a nobreza de Portugal, permittio elrei se obdurasse, como outro Pharaó, pera naõ enxergar os ameaços de seus males, nem os avisos de seu bem, e com seu conselho impetuoso e violento, com apetites de mance-

bo, foi-se por caminhos desconcertados, até se precipitar em fins taõ danosos, como os em que acabou.

Como Mulei Maluco mandou pedir pazes a elrei dom Sebastiam. Capitulo XLVIII.

A cabo de tantos trabalhos, como o Maluco tinha passado em sua mocidade, e experimentado pobrezas e abatimentos de principe, cançado já de guerras e peregrinaçoens no serviço dos ottomanos, se. Solimaõ, Selim, e Amurate, onde gastou desoito annos, contentava-se gozar da paz e das pompas reaes com o imperio de Berberia: vendo porem que elrei dom Sebastiam o queria inquietar, com dar ajuda ao Xarife Hamet, lhe mandou recado pedindo-lhe pazes; que naõ entendia que zelo o movia a se querer fazer juiz entre elle e o Xarife, pois elles ambos eraõ mouros e sempre foraõ seus imigos, pera agora se inclinar mais á parte de hum que de outro, e se isto era zelo de justiça, em desaggravar o Xarife por aggravar a elle, que nisto a naõ seguia, nem tinha esta opiniaõ por cristãa, e quando elle a houvesse de zelar, que a delle Maluco era mais clara, pois era filho do Xarife, que ganhára aquelles reinos por armas, e o Xarife filho de Abdalá, o qual por odio, e deixar os reinos ao filho bastardo, matára seus irmãos Agximen e Abdelmumim, contra

direito divino e natural, e perseguira e desterrára a elle: e alem da successaõ de Mulei-Hamet ser tiranicamente introduzida, como filho bastardo, devia sua Alteza de respeitar com que auctoridade o favorecia, pois o Xarife era filho de huma negra escrava de seu pai, e com tal nacimento punha labeo no sangue dos Xarifes, o que sua Alteza considerando, naõ devia favorecer a pessoa de Mulei-Hamet, pera macular a dignidade real dos Xarifes de Berberia: e se se movia a fazer este aggravo, com guerra taõ injusta, por se segurar dos turcos, soubesse certo já elles serem fóra de Berberia, e elle os avorrecia, em igual gráo com elle e todos os principes cristaõs, e lhe affirmava que naõ havia de cumprir as obrigaçoens, que contractou com Amurate por o mandar metter de posse do reino, mas estava apostado a fazer guerra aos turcos, se tentassem entrar em Berberia; e quanto a este ponto, podia elle ficar seguro do dano que temia e em que se fundava; mas se elle movia guerra pera com isso as suas fortalezas de Africa ficarem mais desapressadas dos danos dos mouros em seus campos e novidades, e das corridas até os muros, com opressaõ dos moradores e fronteiros, que elle nesta parte se queria justificar com huma firme paz, com a qual elle daria ás suas fortalezas campos bastantes, onde pudessem semear paens e crear gados, e com a firmeza de paz ficariaõ com liberdade pera gozar-se

suavemente de seus fruitos, sem temor de algum perigo; mas isto havia de ser nos limites de boa amizade, sem esperanças de por isso lhe dar algum lugar dos que possuia, nem hum palmo de terra, nem huma amêa de qualquer fortaleza. Este recado mandou por André Corso a dom Duarte de Menezes, Capitaõ de Tangere, que o comunicasse com elrei: mas dom Duarte respondendo com arrogancia a este recado, e pedindo muitas terras, respondeo o Maluco, que sobre hum ladrilho podre de Africa daria duas batalhas a elrei de Portugal; o qual, tendo posto o ponto em entronisar o Xarife em seus reinos, e vendo a confiança do Maluco, em tempo de tantas alteraçoens mostrar grandeza de animo em naõ se querer render a algum partido de obediencia, naõ fez caso de seus offerecimentos, nem lhe concedeo a paz que pedia. O Mulei-Maluco, quando vio quaõ mal elrei dom Sebastiaõ se aproveitava dos bons conselhos, e como se inclinava á parte do Xarife, contra resaõ, ordenou justificar-se com elrei de Castella, dando-lhe conta do que tinha passado com elrei de Portugal, e quaõ apostado elle estava em naõ consentir turcos em Berberia, nem a cumprir com a obrigaçaõ de Amurate, pelo odio que lhe tinha, e pedia a sua Magestade persuadisse a elrei de Portugal naõ perturbasse os negocios com guerra, pois com paz podiaõ os reis ambos de Castella e

Portugal tirar mais proveito; porque, como elle naõ havia de dar aos turcos lugar algum do sertaõ, nem maritimo, com isto ficavaõ os seus reinos seguros dos assaltos que temiaõ, e ainda tiraríaõ fruito d estar a la-mira, e deixarem-no a elle fazer guerra; porque naõ somente pertendia lança-los fora de Berberia, mas daria muito favor a sua Magestade lançar fora os de Argel, e o tomaria. Com estas resoens, que elrei de Castella tinha por mui verdadeiras, e sabia os turcos serem fora de Africa, e ao Maluco relevava impedir-lhes a entrada, se a tentassem, e de elle estar em paz com Hespanha volveria as armas contra elles, pareceo a elrei de Castella naõ convir a elrei dom Sebastiam seu sobrinho, seguir a empreza que tentava, sem esperanças de mais proveito que ajudar a hum rei mouro e imigo, de cuja amizade naõ havia segurança de os turcos tornarem sobre elle, e Portugal e Castella ficarem com os mesmos perigos, ou por ventura maiores, e do Maluco se esperava segurança na cristandade, e odio contra os imigos della; pois por naõ cumprir com as obrigaçoens do tributo, em que ficou com Amurate, como estava capitulado, de força se havia de tratar guerra entre elles, com que pela ventura, os turcos seriaõ molestados, sendo Maluco esperto capitaõ e experimentado nas mesmas armas, e em esta involta elrei de Castella teria ocasiaõ de fazer algum assalto em Argel, e tirar

hum visinho, taõ danoso e prejudicial a Espanha e Italia; e esta foi a causa de se não effeituar o promettimento das cincoenta galés e cinco mil homens, que elrei de Castella tinha promettido a elrei dom Sebastiaõ, e mais por ellas estarem em Italia fronteiras ao turco, a quem resistião em guarda da cristandade, e seria perda desemparar aonde ficavão mais acomodadas pera algum effeito de cometter Argel, ou dar nas costas aos turcos, se se travassem com Mulei-Maluco: o que tudo sua magestade fez com zelo mui justificado do bem commum, assim da cristandade, como do particular temporal de Castella e Portugal.

Como elrei assentou ir tomar Larache e meter de posse o Xarife em seus reinos, e fez capitaõ mór do mar, dos navios de alto bordo, a dom Diogo de Sousa. Capitulo XLIX.

Quando elrei dom Sebastiam se vio taõ combatido com conselhos taõ claros de pessoas calificadas e bem entendidas, que o serviaõ com reprehensoens graves, posto que naõ desistio de seu caminho, quiz em alguma maneira moderar-se, e pôr algum certo limite a seus intentos; porque como estivesse claro serem os turcos já fóra de Berberia, e o Maluco estava firme em os naõ recolher, menos havia de remediar em Africa; por tanto elrei assen-

tou comsigo ir tomar Larache, lugar importante, e fazer huma fortaleza pera guarda do rio, e daqui entrar a terra dentro com o Xarife, até lhe acudirem alguns Alcaides, em que o Xarife tinha esperanças, e depois de ter gente bastante pera se defender e cometer, deixa-lo. Sabendo o Xarife como em Africa naõ havia turcos, pera que a ida delrei lá fosse necessaria, receando-se muito em elle querer passar com taõ grande poder, presumindo naõ o meteria de posse, senaõ levá-lo comsigo, pera mais seguramente ocupar Africa pera si, por isso instava tambem da sua parte com elrei naõ passasse, que pera hum effeito e outro, de tomar Larache e ajudar a elle, bastava hum capitaõ com quatro mil homens. Elrei, tendo já passado por outras mais urgentes persuasoens e mais efficazes conselhos, sem obedecer a elles, naõ deo vento aos do Xarife, mais posto em ordem de partir, ordenou fazer capitaens do mar, tendo já feito coroneis da terra, como atraz fica dito: e logo fez capitaõ-mor dos navios de alto bordo a dom Diogo de Sousa, fidalgo velho e de muito conselho e experiencia, segundariamente mandou chamar a dom Luiz de Almeida, irmaõ do arcebispo de Lisboa, e a Cristovaõ de Moura, e dava a cada hum hum galeaõ de que fossem capitaens; os quais escusando-se em lhes parecer ser menos-preso de seus merecimentos hirem debaixo de outra bandeira, que naõ fosse a delrei, naõ

quizeraõ aceitar as capitanias. Elrei como era determinado e colerico, os mandou prender no castello, sem mais outras desculpas, provendo os mais navios de alto bordo de capitaens, e entendeo logo tambem prover as galés, de que era capitaõ mor Diogo Lopes de Siqueira. Neste tempo começando-se já a juntar gente em Lisboa, assim estrangeira como natural, era cousa muito fermosa a multidaõ e diversidade dos Soldados, que naõ cabiaõ pelas ruas, e o porto cheio de náos, humas d'armada delrei, outras de fidalgos particulares, que faziaõ prestes pera suas pessoas, gente e mantimentos, outra grande cantidade de caravelas e barcos, pera cavallos, palha e lenha, excepto outras muitas embarcaçoens que elrei tinha mandado aparelhar aos portos do Algarve, pera passar a gente d'Alemtejo, de que era coronel Francisco de Tavora, com outros muitos fidalgos e homens honrados, que lá mandavaõ aviar suas embarcaçoens, por dali estarem mais acomodadas a seu modo. Da mesma maneira no porto de Aveiro, e outras partes do reino, estavaõ navios aviando-se com gente e muniçoens, os quais se haviaõ de ajuntar em Africa debaixo da bandeira de dom Diogo de Sousa. Com estes aparatos parecia que ardia todo Portugal em armas, assim por mar como por terra, e em todo elle naõ se fallar nem tratar mais que no negocio da passagem d'Africa, em a qual jor-

nada os mancebos, que naõ viaõ os perigos, e se moviaõ pelos aparatos de fóra, ardiaõ com fervor da guerra, promettendo-se grandes victorias; mas os velhos, que enxergavaõ bem o errado caminho delrei, sem ordem da milicia (e os soldados mais ocupados em vestidos e joias que em armas) com gemidos do coraçaõ suspiravaõ, pedindo a Deos que o mal qué se esperava de tanta desordem, e os perigos promettiaõ, fossem moderados com misericordia e clemencia, e o açoute que viaõ armado naõ fosse com total destruiçaõ. Com esta confusaõ taõ contraira, entre alvoroços afervorados dos mancebos e gemidos melanconizados dos velhos, naõ havia conselho certo em huns nem outros.

Como elrei fez governadores pera ficarem no reino, e dom Francisco da Costa pera o Algarve Capitulo L.

Vendo elrei como em sua absencia era necessario quem ficases no reino, assistindo aos negocios publicos, e supprisse suas vezes, determinou prover nisso conforme a necessidade do prezente; o qual cometendo muitas vezes o cardeal dom Henrique, rogando-o quizesse aceitar o governo do reino, durante sua absencia, nunca o pôde a cabar com elle (*), antes o cardeal como

(*) O Cardeal me certificou, aqui em Alcobaça, que nunca lhe elrei seu Senhor fallára nisto, com

era de contraira opiniaõ da ida delrei, naõ somente nunca quiz dar ajuda, e se pudéra posera-lhe todos os impedimentos, mas como vio a instancia com que elrei lhe pedia aceitasse o governo, se foi pera Evora, por que naõ parecesse com sua presença favorecer o que tanto estranhava. Elrei quando se desenganou naõ poder acabar com o cardeal o que lhe rogava, e entendia o zelo com que o fazia, foi-lhe necessario buscar outros homens de confiança e experiência, a que cometesse o governo do reino: mas como, tirando o cardeal, naõ havia principe a que se pudesse deixar este cargo, e a qualquer outro homem o povo mal obedeceria, se ficasse só nelle, e a muitos melhor tomaria, foraõ pera isto eleitos dom Jorge d'Almeida arcebispo de Lisboa, Pero d'Alcaçova veador da fazenda, Francisco de Sá, dom Joam Mascarenhas, e Miguel de Moura secretario do reino, aos quais elrei como elegeo, encarregou muito a obrigaçaõ de justiça, mostrando a confiança de fiar delles negocio taõ importante, deixando-lhes largos poderes (ainda que em algumas cousas limitados) assim na execuçaõ do castigo, como no fazer das mercês: os quais, como se elrei partio, tomando a seu cargo o negocio dos despachos do reino, se ajuntavaõ

as lagrimas nos olhos com sentimento; dizendo-me que o faria por suas indisposiçoens, que eram muitas: e isto me disse aqui em Alcobaça, donde se vêo meter, e daqui foi levado pera cá. *Nota do Apographo mais antigo.*

cada dia todos quatro no paço, e a huma mesa, a fazer negocio. Com esta ordem continuavaõ os governadores, ficando-lhes todos os officiais dos tribunaes subjectos, como ao mesmo rei, com outros da pessoa, como porteiros, que servissem de seus ministros. Alem dos negocio do reino, em que os governadores se ocupavaõ, tambem lhes ficava muito a seu cargo prover a elrei de cá com todo o necessario pera a execuçaõ da guerra, assim de gente como munições. E por que dom Diogo de Sousa, capitaõ mor da armada d'alto bordo, era governador do reino do Algarve, proveo elrei no mesmo lugar a dom Francisco da Costa, estando aviado pera o acompanhar na jornada, por ser fidalgo de muita confiança pera a importancia daquelle governo, e principalmente em tempo taõ necessario pera provimento da guerra, e assim, como o Algarve era fronteiro da costa de Africa, dalli com mais facilidade e brevidade se podessem provêr as cousas necessarias, e comunicar os avisos.

Como elrei foi benzer a bandeira á Sé e se embarcou na galé real. Capitulo LI.

Dispostas já todas as cousas, e preparados os da partida, ordenou elrei, como he costume, hir benzer a bandeira real do exercito, pera que Deos lhe fosse propicio com o favor do ceo, escolhendo o dia mais aco-

modado aos quatorze de Junho de setenta e oito, ajuntando-se pela manhã toda a corte no paço, pera acompanhar a elrei: onde foi tão grande o concurso de gente de cavallo da nobreza de Portugal, que fez demostração de hum exercito formado. Sahindo elrei do paço se pôz a cavallo, mui ricamente vestido de huma telilha entre parda e azul, com muitos troçais d'ouro, e ia tão fermoso e airoso, que parecia prometer-lhe a fortuna o ceptro de todo o mundo; porque, alem de ir com muita graça, como elle tinha muita em todas as representações de sua pessoa, aquelle dia as mostrou todas juntas, e converteo os olhos de todo o povo em si, e se enxergava nelle hum aspecto terrivel pera os imigos, e promettedor a seus vassallos de insignes victorias: e com lagrimas, nascidas de alegria, lhe rogava todo o povo a altas vozes prospero sucesso, e felice gloria de sua empreza: e a ordem que levava era hir diante delle o alferes mor dom Luiz de Menezes, com o guião grande de damasco cramesim enrolado, com Cristo crucificado broslado na bandeira, insignia em que elrei sempre trazia os olhos fixados, e que tinha por ajuda de seus estados e por honra de sua fé catolica, cujo professor elle era, pera defender com armas a santa igreja dos insultos dos barbaros africanos, e augmenta-la nas partes orientais com doutrina evangelica, semeada pelos mimistros do evangelho sagrado, que elle a

essas partes com muito cuidado mandava; e acompanhado de grande concurso de gente nobre, todos eraõ em competencia de quem mais gentil, louçaõ e galante apareceria, com mais fermosos ginetes, arreos, custosas roupas e outros atavios de infinito preço: e de verdade, não se pode estimar em tanto as riquezas, vestidos e jaezes daquelle dia, e outras peças e joias, que tudo não seja verdade, porque como os fidalgos viraõ elrei taõ gostoso nesta viagem, e elle se vestia com muitas louçainhas, todo seu cuidado puzeraõ em cada hum fazer em vestidos de sedas, e peças de ouro, e joias de pedras e perolas, mui largas despezas, por o contentarem: tal era o amor de todos de desejarem servir elrei, e o gosto de o agradarem, que naõ havia quem sentisse gastos e custos pera este fim, naõ somente nos atavios da pessoa, mas em todo o mais serviço de camas, mezas, e outros ministerios, em que se fizeraõ excessivos gastos; assim que parece que quiz Deos despojar a Portugal de toda a riqueza de ouro, prata e sedas, e outras ricas peças, e enriquecer a Berberia, como fizeraõ os Egipcios aos Hebreos: e bem considerados estes processos, he de crer permittio Deos o castigo, que os Portuguezes mereciaõ, e elle já naõ podia dissimular, por seus pecados, fosse taõ geral que tocasse nas pessoas e honra e fazendas, com pobreza de Portugal, e grande prosperidade de Berberia. Deixada esta materia,

da qual havia muito que dizer e meditar á-cerca dos divinos juizos, e nos peccados dos homens, tornando ao fio da historia, partio elrei do paço na maneira dita; o qual, subindo pela padaria acima, foi á Sé, onde disse missa cantada em pontifical o arcebispo de Lisboa, e acabada, foi por elle a bandeira benzida com as ceremonias acostumadas. Tornando elrei da Sé, com a ordem que levára, e com bandeira despregada diante, logo se foi embarcar á galé, onde jantou; o que fez a fim de aplicar os homens á se negociarem e embarcarem com brevidade, vendo como elle já estava no mar; com o que os fidalgos se expertáraõ com muita diligencia, havendo grandissimo trafego nas embarcaçoens de tanta gente, munições e outras cousas; e assim de dia nem de noite cessava o rumor da gente, que de huma parte e da outra discorria por todas as partes da cidade, sem cessar. Elrei, como naquelle dia se meteo na galé, nunca della mais se sahio, onde esteve até de todo sahir fora da barra; o qual alli era visitado comummte dos fidalgos e senhores, onde comia e dormia; mas por mais diligencia que se fazia no embarcar, e elrei aplicar com sua estancia no mar, naõ puderaõ acabar até dia de sam Joaõ vinte e quatro do mesmo mez.

De humas palavras que o senhor dom Antonio teve com Cristovão de Tavora, e como o duque de Bargança adoeceo, e não foi com elrei. Capitulo LII.

Tanta era a privança de Cristovão de Tavora com elrei, fazendo-lhe muitas mercês e honras publicas, em que se enxergava quanto o amava, que todo o homem cuidava que alcançava muito em o servir, por as esperanças de bons despachos com seu favor. Aconteceo que tendo o senhor dom Antonio, prior do Crato e filho do Infante dom Luis, hum criado, que por morte da Infanta dona Maria sua tia (cujo fôra) lhe pedira o tomasse por seu, parecendo-lhe a este homem que servindo Cristovaõ de Tavora alcançaria mais facilmente remedio de vida e honra, sem dar conta ao senhor dom Antonio, se foi a viver com elle. O senhor dom Antonio, tomado do pouco primor do criado sem sua licença deixar a elle, pera servir a outra pessoa, dissimulando o aggravo de Cristovaõ de Tavora em o recolher sem ter comprimento com elle, naõ se dava por achado de huma cousa nem outra. O criado autor desta rapasia, muito contente de lhe ser dissimulada, estando o senhor dom Antonio em Almada, teve taõ pouco pejo que lhe foi fallar e tocar na sua mudança, ainda com algumas palavras ingratas. O senhor dom Antonio, naõ podendo sofrer seu

despejo (estando por a sésta deitado em hum catre) lançou maõ de hum páo da varanda delle, e começou de o espancar, o qual fugindo se lançou de huma janella abaixo, onde se tratou mal. Divulgada a causa porque o senhor dom Antonio o espancára, e por o homem se queixar, vêo isto ter a Cristovaõ de Tavora, o qual como andava taõ altivo e enlevado em sua privança, determinou mostrar-se queixoso do senhor dom Antonio, e aggravá-lo no que se offerecesse, com favor delrei. Vindo pois o senhor dom Antonio visitar elrei á galé, quando entrou todos os fidalgos, como tinhaõ de costume, se levantáraõ e se desbarretáraõ, fazendo-lhe a cortezia devida. Cristovaõ de Tavora, que estava na companhia, naõ se levantou nem desbarretou: o senhor dom Antonio estranhando aquella novidade, sendo antes muito amigos, lhe disse: » *Cristovaõ de Tavora por* » *que me naõ fallais?* » Respondeo: « *Eu* » *naõ fallo a quem faz o que vossa excellen-* » *cia fez.* » O senhor dom Antonio, tomado muito deste atrevimento e resposta, logo se foi á pôpa da galé, onde elrei estava, e agastado lhe foi fazer queixume de Cristovaõ de Tavora. Elrei como tinha toda sua afeiçaõ posta em Cristovaõ de Tavora, e naõ podia ouvir queixume delle, antes se creo o favorecia neste caso, respondeo ao senhor dom Antonio: « *Vós tereis feito cousa* » *por onde elle fizesse isso:* » O senhor dom

Antonio, achando em elrei outro maior aggravo, se sahio logo mui irado, dizendo muitas palavras de homem agastado, entre as quais, que era melhor hir servir o turco. O duque de Aveiro, como ahi estava, e era hum principe cheio de todo o primor e magnificencia, quando ouvio o senhor dom Antonio taõ queixoso, se foi a elle com muitos offerecimentos, a o tirar da colera que tinha, e se foi com elle á náo, onde já estava embarcado: o qual, como chegou a ella, mandou tirar as bandeiras, e despir-se das roupas de seda muito custosas, e vestir-se de preto elle e os seus, mostrando-se em extremo anojado e aggravado. O duque de Aveiro, desejando temperar estas discordias, de que se esperavaõ muitos enfadamentos, nunca se apartou do senhor dom Antonio, por o tirar deste sentimento, e procurar alguma reconciliaçaõ com elrei. O Cardeal, que naquelles dias viera de Evora despedir-se de elrei, foi-se pera Cintra pera o mosteiro de Penha-longa, da ordem dos Hieronimos: o senhor dom Antonio posto que este tempo se naõ corria com o Cardeal seu tio, todavia no tempo do trabalho e afronta naõ teve com quem desabafar seus queixumes senaõ com elle; e sahindo da náo, se foi ter com elle dar-lhe conta do successo, mostrando-se mui sentido do que elrei lhe dissera. O Cardeal, posto que sentio muito aquelle aggravo, assim de Cristovaõ de Tavora, como d'elrei o consentir,

feito ao filho do infante dom Luiz seu irmaõ, o consolou e aconselhou como velho santo e prudente, tirando-lhe da maginaçaõ o sentimento que disso tinha, com resoens bastantes pera o aquietar, tomando elle á sua conta seus aggravos e se queixár a elrei, pedindo-lhe naõ fizesse com isso alteraçaõ, nem desistisse de acompanhar elrei na jornada. O senhor dom Antonio com isto se tornou á náo, a quem o duque de Aveiro tornou a acompanhar. Elrei cahindo no erro que fizera, e segundo dizem, persuadido por rogos do mesmo Cristovaõ de Tavora e sua mãi, e outros parentes, se foi huma tarde a bordo da náo do senhor dom Antonio, e lhe fallou com muita brandura, e mandou tocar as charamelas, e o levou comsigo no bargantim. O senhor dom Antonio como estava taõ aggravado, posto que com palavras cortezes e avisadas, encobridoras de seu sentimento, agradecesse a elrei a mercê e honra que lhe fazia naquella salva, naõ foi isto parte de elle fazer alguma mudança do nojo em que estava assentado. Ao duque de Bargança dom Joaõ, que tambem estava na corte aviado com suas náos, gente de pé e cavallo, pera acompanhar elrei, sobrevêo-lhe huma grande enfermidade de febres mui grandes, já em vesporas da partida, e elrei estar embarcado; o qual como se vio neste estado, com assás desgosto desta enfermidade lhe impedir a hida, logo com muita pressa

mandou chamar seu filho dom Theodosio duque de Barcellos, pera ir em seu lugar na companhia delrei, e por capitaõ de sua gente: o qual embarcado em huma náo da carreira da India muito grande, com todos os fidalgos de seu pai, foi com elrei, sendo elle muito moço de idade de doze ou treze annos. Desta maneira houve nosso senhor por bem de livrar o duque de Bargança do perigo a que estava já aparelhado, e como depois aconteceo a todos os que lá foraõ.

Como elrei partio de Lisboa pera Africa, e esteve alguns dias em Cales. *Capitulo LIII.*

Havendo já dez dias que elrei dom Sebastiam estava embarcado, sollicitando grandemente a cada hum fazer o mesmo, sendo já tudo a ponto aviado, se partio de Lisboa a vinte e quatro de Junho de setenta e oito, em huma grossa armada de galés galeoens e náos, entre as quais iaõ cinco galés, cujo capitaõ mor era Diogo Lopes de Sequeira. Nas galés iaõ os capitaens seguintes: da galé real onde elrei ia, era Pero Peixoto da Silva, Diogo Lopes de Sequeira, Antonio de Abreu, Joam Mendes de Menezes, Antonio de Mello do Algarve. Dos navios de alto bordo era capitaõ mor dom Diogo de Sousa, entre os quais iaõ seis galeoens muito grandes armados. Dom Diogo ia no

de Sam Matheus: nos outros iaõ, Manoel de Misquita no de Sam Martinho (que ia apparelhado pera elrei se passar a elle) e dom Francisco de Sousa, Martim Affonso de Mello, Manoel de Mello da Cunha, o do olho, Luiz Alvares da Cunha: toda a gente ia repartida pelas galés e náos de alto bordo, cada hum como lhe cabia á sorte; a qual frota era taõ grande, de toda a maneira de vellas, que parecia cobrir o mar, e punha espanto a toda a Africa: porque entre as galés e galeoens e náos armadas, e navios mancos de toda a sorte, chegou a frota a numero de oitocentas velas, com as que tambem partiraõ de outras partes do reino. O senhor dom Antonio como estava taõ aggravado, como fica contado, ficando o duque de Aveiro com elle na sua náo (pera o acompanhar naquelle desgosto, por serem muito amigos) partiraõ dois dias depois de elrei sahir fora da barra. Elrei vendo-se no tempo taõ dezejado, alegrava-se em extremo ver o alvoroço de todos em o servir, e o grande poder que levava, e com a multidaõ das vellas entendia pôr espanto a toda a Africa; o qual foi com tempo prospero ter ao Algarve á cidade de Lagos, e dahi a Cales, cidade de Espanha. Elrei chegando alli com toda a frota a vinte e nove de Junho, se fez surto, por esperarem o resto da gente que naõ tinha chegado, principalmente Francisco de Tavora, coronel da gente d'Alentejo, que havia de em-

barcar nos portos do Algarve com seu terço, e outros muitos fidalgos que tambem alli, e em outros portos, tinhaõ suas embarcaçoens. Vendo os soldados como elrei se naõ havia de partir de Cales até lhe naõ chegar o resto da frota que esperava, sahio-se a maior parte da gente em terra, assim fidalgos, como outros de toda a sorte, onde deraõ vista a Espanha (por de muitas partes virem muitos fidalgos castelhanos a verem-os) da riqueza e ornamento daquelle exercito, e vestidos, joias, e outros ornatos de pessoas e serviço, com que fez demostraçaõ da mais luzida gente do mundo; e os que os viaõ com tanto esforço e ufania, com huma tal confiança, lhes prometiaõ render-se Africa sem resistencia, ajuntando a isto o muito poder que elrei levava, e sobre tudo a grandeza de animo e gravidade da pessoa, que se enxergava nelle, manceõo esforçado, dotado de todas as boas partes corporaes, e muito mais das virtudes da alma dignas de hum grande monarca, em quem resplandecia o zelo e confiança de libertar a igreja catolica das opressoens dos barbaros imigos, com dano de toda a Africa. O duque de Medina-Sidonia, senhor de grandes estados, e de maiores virtudes e grandezas, por elrei dom Sebastiam estar alli naquella cidade sua, se vêo a visita-lo com muito amor, offerecendo-se-lhe a todos os serviços, e procurando dar-lhe todos os contentamentos; o qual desejando festejar a elrei,

lhe mandou correr touros, a que todo aquelle exercito se achou presente, posto que elrei naõ fosse a elles (ainda que alguns dizem foi disfarçado) nem sahio em terra mais de huma vez, a ouvir missa a huma ermida fóra da cidade. Gastando elrei neste porto sete dias, como teve nova que se vinha chegando o resto da gente e a frota, se foi a Tangere, sua cidade fronteira em Africa, da outra parte do Estreito, desoito leguas de distancia. Elrei chegando á mêa noite na sua galé a Tangere, mandou recado a dom Diogo de Sousa, capitaõ mór da armada de alto bordo, fôsse ancorar com toda a frota a Almodrava, porto seguro duas leguas de Arzila, onde esteve surta até elrei se fazer á vella pera Arzila, onde se toda a frota e gente ajuntou, e desembarcou.

Como elrei chegou a Tangere, e foi visitado do Xarife e do Xeque seu filho.
Capitulo LIV.

O Xarife, que estava em Tangere, com os olhos e esperanças postas na vinda delrei dom Sebastiam, como autor de sua honra, e mêo de ser restituido á posse de seus reinos, sabendo estar taõ perto em Cales, como em atalaia, esperava cada hora sua vinda. Partindo elrei de Cales nas galés, apartando-se da frota d'alto bordo, chegou a Tangere á meia noite, a seis dias de Julho. O Xarife tendo vigias pera ser avisado

da chegada delrei, logo na mesma hora mandou seu filho Mulei-Xeque visita-lo: elrei como soube da vinda do principe, o foi receber ao meio da galé, tratando-o com cortezia, e o levou á popa, onde recebeo a visitaçaõ de Mulei-Xeque em pé, e á despedida o tornou elrei a acompanhar até sahir da galé. O Xarife, tanto que amaneceo, tendo aviso estar elrei alevantado, o foi visitar, levando comsigo Cid-Abdelcherim e os mais alcaides, e outros mouros honrados, até o numero de quinze. Elrei vendo o Xarife chegar á galé, o foi receber á entrada della com o chapéo na mão, e o Xarife com inclinações o beijou no hombro, conforme ao costume dos mouros, e se abraçáraõ com muitas cortezias e gasalhados, e dahi hindo-se pera á popa se assentáraõ ainbos, e Cid-Abdelcherim com elles, onde perguntou o Xarife a elrei como vinha do caminho, e se estava bem disposto, acrecentando a isso quanto se alegrava com sua vinda, pois com vêr sua pessoa se lhe certificavaõ as esperanças de por elle ser alevantado da queda que a fortuna lhe tinha dado, e ser restituido á honra e estados que elle tinha perdido. Elrei lhe respondeo com alegre sembrante, chêo de huma magnificencia real, dizendo que elle tinha por mui bem empregado o trabalho da pessoa e despezas do exercito e vassallos, pera com tudo o favorecer e ajudar a recuperar o perdido, e o naõ movia outro interesse senaõ cumprir

com a divida, que os principes cristãos tem de ajudar e favorecer os reis descahidos de suas prosperidades, e ainda aos mouros e imigos, quanto mais que tendo-o por amigo esperava lançar fóra de Berberia os turcos, e fechar-lhes as portas pera nunca mais entrarem nella, por assim convir a seus reinos e estados: com a qual resposta ficou o Xarife taõ alegre, como se já tivesse chegado a suas esperanças, e com estas palavras, taõ dinas de serem cridas, por a magnificencia e gravidade com que elrei as certificava, ficou livre dos temores e desconfianças que havia tido, em elrei naõ pertender com este aparato tanto sua restituiçaõ, como no mêo de alterações confusas e guerras civís, com divisaõ dos alcaides, ter menos resistencia pera se fazer senhor de Berberia. Praticando hum pedaço nestas cousas e outras, se despedio o Xarife, e elrei o tornou a acompanhar até á sahida da galé, como á vinda, com todos os senhores e fidalgos que com elle estavaõ na galé: do qual, por a grandeza de seu animo e aspecto da pessoa, juntamente com a gentileza dos fidalgos, e pompa dos ornamentos, ficáraõ o Xarife e mais mouros em grande maneira admirados daquella magnificencia d'estado; e fallando eu nesta cidade de Lisboa com Cid-Abdelcherim, homem em extremo avisado e grave, me disse que lhe puzera espanto a magestade delrei, acompanhado de taõ bizarra e luzida gente: com

a qual vista os mouros concebêraõ elrei ser dino de todos os imigos se sujeitarem a elle, com o reconhecimento de vassalagem. Elrei mais de dia desembarcou, e foi apozentar-se na cidade, com grande alvoroço de todo o povo; mas como elle era incançavel em seus exercicios, antes o repouso lhe era prizaõ, naõ o soffrendo, ao dia seguinte cavalgou, e sahio ao campo acompanhado de muitos senhores, todos com lanças nas mãos (senaõ o duque de Aveiro com hum montante) e com elle o Xarife com obra de trinta mouros de cavallo. Elrei naõ tendo outras meditações mais gostosas que as da guerra, e os ensaios della, mostrou que desejava vêr como os mouros se desenvolviaõ em suas escaramuças, pera as quaes começando alguns sahir ao campo, quiz o Xarife tambem dar gosto a elrei e festeja-lo, sahindo de volta com os outros mouros tambem escaramuçar, os quais elrei muito folgou de vêr, e o Xarife ficou mui contente em vêr elrei satisfeito daquelle bom exercicio: isto acabado elrei se recolheo á cidade aquelle dia, e depois sahio duas vezes ao campo montear, tendo postas atalaias, que o segurassem de alguma improvisa corrida de mouros, ou ciladas, como elles tem por costume. Com esta confiança e animo com que elrei dom Sebastiam entrava em Africa, com tanto poder, estando ella taõ dividida nas forças, e se esperava dividir mais, punha esperanças, assim aos mouros como

cristãos de prospero sucesso, e mais estando Mulei-Maluco chêo de temores e duvidas de se defender, nem tendo forças pera resistir.

Como Mulei-Maluco foi avisado da vinda delrei dom Sebastiam á Africa e da gente que trouxe. Capitulo LV.

Tende Mulei-Maluco avisos dos tractos do Xarife com elrei dom Sebastiam, e espias dos aparatos de guerra que se faziaõ em Portugal, provendo-se com muito cuidado pera resistir a elrei e conservaçaõ dos seus estados, mandou fazer gente e atalhar que naõ houvessem alguns alevantados em favor do Xarife; e porque mais se temia dos imigos domesticos dissimulados que dos portuguezes armados contra elle, sabendo como o Xarife estava em Ceitá, já á sombra delrei de Portugal, e se começava a espargir a semente da guerra, mandou a seu irmaõ Mulei-Hamet ao campo de Alcacere recolhesse ahi a gente de Fes e daquellas comarcas visinhas, e os tivesse prestes com avisos de acudirem quando fossem chamados, dos quais ajuntou quinze mil de cavallo, e Achahiac, alcaide granadil seu mordomo, mandou com dous mil infantes espingardeiros á comarca de Tetuam, pola muita confiança que nelle tinha, por amor e conversaçaõ com que de Constantinopola se tratavam. Todos estes provimentos de gen-

te nestes lugares eraõ com prudencia ordenados, assi pera os cristaõs entenderem ter já o imigo á porta, com que haviaõ de pelejar, como os mouros que lhe ficassem nas costas se naõ atreverem a fazerem alguma alteraçaõ, ou hirem-se ao Xarife a Ceita. Tendo neste tempo Mulei-Maluco taõ bem providas as portas de Berberia, e por pessoas de tanta confiança, ficou-se em Marrocos, provendo de vagar do resto do exercito, e compondo as alteraçoens inda frescas de revoltas passadas, principalmente nos reinos de Sus, Dara e Serras dos Montes Claros, onde o sangue das batalhas civís estava ainda fumegando, com odio e escandalo de huns naturaes e parentes contra outros. Tanto que Mulei-Hamet e Achahiac souberaõ da chegada delrei a Tangere, com fama de grande poder, e certa sciencia de seu esforço e animo bellicoso, naõ se deraõ por seguros cada hum em seu districto: os quais avisando-se hum ao outro com ássás temores das cousas dos cristãos terem taõ prosperos fins como promettião nos principios, foi-se Achahiac ajuntar com Mulei-Hamét, pera tomarem conselho no que deviaõ fazer. Com esta nova da chegada delrei a Tangere, mandou Mulei-Hamet recado a seu irmaõ por a posta, dando-lhe conta do estado das cousas, principalmente da poderosa frota de Portugal, que cobria o mar e espantava a Berberia. A este tempo estava Mulei-Maluco na serra, em hum lugar chamado Ache-

ra, pacificando aquelles povos, a huns com rigor de castigo, a outros com liberaes mercês. Mulei-Hamet, tomado conselho com Achahiac e outros alcaides, sobre huma novidade de tanto perigo, assentou hir-se a Larache em modo de o defender, sabendo alli haver de ser a força da guerra; o qual sendo avisado como elrei havia partido de Tangere pera Arzila, tornou-se do caminho que levava, e mandou Achahiac com quinhentos espingardeiros de cavallo dar socorro a Larache. Chegando perto de Mulei-Maluco, que cada hora esperava recado da vinda delrei, como foi avisado de seu irmaõ, se partio a grande pressa pera Marrocos, onde esteve dous dias somente, e logo se pôz a caminho, com demostraçaõ de defender a Larache, e resistir a elrei de Portugal com a gente que tinha feito, mandando recado a todas as partes do reino se apellidassem e o seguissem; mas pera que Marrocos ficasse emparado de quaisquer movimentos de dentro ou de fora, deixou por viso-rei a Reduaõ, arrenegado portuguez, homém de muito esforço e prudencia nas cousas de guerra, e muito mais ignorancia nas da fé divina. Marchando o Maluco com o seu campo, e vindo já muito enfermo, cáda hora o exercito crescia mais com nova gente, assim de paga, como de serviço, e outra que acudia ao despojo, ajuntando-se de todas as partes. Com esta ordem trazia tambem o Maluco vinte e

quatro peças d'artilheria de campo; o qual se ajuntou duas leguas de Alcacere-quibir com seu irmaõ Mulei-Hamet, sem intento de entaõ dar batalha a elrei, nem defender Larache, por naõ confiar na sua gente e temer se passase ao Xarife. No numero da gente achei varias informações em mouros: huns o punhaõ em trinta mil de cavallo e seis mil infantes, outros acrecentaõ mais infanteria e diminuem os de cavallo; mas como affirmáraõ muitos alcaides e outros mouros em Africa, a gente de paga toda assentada eraõ quarenta e tres mil de cavallo, e quatorze mil de pé, afóra infinidade de outra que seguia o exercito, assim de pé como de cavallo, a que muitos mouros e cristãos puzeraõ o numero de cento e cincoenta mil pessoas, em todas, e he a mais comum opiniaõ: entre os quaes trazia dous mil escopeteiros azuagos, gente de soldo, chamados jurados, os quaes juraõ naõ tornar atraz, mas sustentar o peso da batalha até morrer, como os amoucos da India. O Dogali e o Achahiac, alcaides andaluzes do reino de Granada, vendo o poder e authoridade que já tinhaõ alcançado em Berberia, concebendo em seu peito opiniaõ de reinar, vieraõ secretamente a urdir hum modo de conjuraçaõ, que ao meio das revoltas de Africa entre os Xarifes, se alevantassem com os reinos, e partissem a presa, de maneira que o Achahiac ficasse com o reino de Fes, e o Dogali com o de Mar-

rocos. Buscando pois estes dous alcaides ocasiaõ, quando mais a seu salvo pudessem pôr em obra seu intento, tiveraõ muitos mouros por certo, darem elles peçonha a Mulei-Maluco de que adoeceo e morreo; mas quando viraõ a peçonha naõ obrar taõ depressa como elles queriaõ, esperáraõ ocasiaõ nos fins das guerras, a que elrei de Portugal vinha dar principio, cuidando elles abrir porta, por onde os conjurados pudessem pôr em obra seu danado proposito. O Dogali que andava no reino de Sus, por mandado de Mulei-Maluco, sojeitando os reveis, como vio a revolta de Africa tornar-se a acender com a entrada delrei dom Sebastiam, manhosamente se deixou ficar sem vir á batalha, e o Achahiac acompanhou o Maluco, porque se vissem tempo de executar a conjuraçaõ, o Dogali estivesse perto de Marrocos, que lhe havia de caber em sorte, e o Achahiac de Fes, que era a sua parte.

Como elrei partio de Tangere pera Arzila; e mandou Martim Correa da Silva com Mulei-Xeque a Mazagaõ.
Capitulo LVI.

O porto a onde elrei trazia posta a proa, pera dahi dar principio ao comettimento de Larache, era a fortaleza de Arzila, por estar muito perto della. Estando pois elrei em Tangere, como vio junta a frota, e

Francisco de Tavora vindo com seu terço, embarcou-se logo na sua galé real, e o Xarife na capitaina com Diogo Lopes de Sequeira, e fôraõ lançar anchora no porto de Arzila: o resto da frota que estava em Almodrava, tendo aviso da partida delrei, tambem deo á vela, e o Xeque filho do Xarife foi pôr terra com os seus mouros e gente de cavallo; mas pera que as forças de Africa fossem mais quebradas, com muitas cabeças que as dividissem, mandou elrei a Martim Correa da Silva (antes que partisse de Lisboa) fosse diante a Tangere, a tratar com o Xarife, como seria acertado mandar com elle o Xeque seu filho a Mazagaõ, pera ahi recolherem os mouros que se viessem lançar com elle, e tivessem a sua voz. Chegando elrei a Arzila, tendo já assentado com o Xarife fosse Mulei-Xeque com Martim Correa, entendêraõ logo na partida com muita brevidade e diligencia, pera o que foraõ dados a Martim Correa seiscentos soldados, os quais com elle se embarcáraõ em Arzila, e Mulei-Xeque em sua companhia: o qual como êra minino, e o Xarife seu pai sentisse aparta-lo de si, vêo a descançar dos cuidados que essa absencia lhe dava, vendo quaõ encarregado delle hia Martim Correa da Silva, e o bom tratamento que lhe fazia, e esperava fazer, por ser homem de muita prudencia e brandura; mas como se passou muito pouco tempo da chegada de Martim da Sil-

va a Mazagaõ, até vir nova do desbarate delrei, naõ houve effecto o seu intento, nem lugar aos mouros virem lançar-se com o Xeque: com o qual recado da triste nova da perdiçaõ delrei e do exercito, se vêo Martim Correa ao reino, com Mulei Xeque, e os soldados e náos que levara. O Cardeal, como já era alevantado rei, quando Martim Correa chegou a Lisboa, lhe mandou recolhesse em sua casa a Mulei-Xeque, até ser aposentado com os mouros que com elle vinhaõ, como de feito fez. Martim Correa, no caminho e em sua casa, quando via o sentimento de Mulei-Xeque, minino, da morte de seu pai, que morreo na batalha, e se ver desterrado de seus reinos e naturais, com muito amor e mimos o consolava e tratava como filho, tirando-lhe do pensamento as rezoens de se entristecer; e sua mulher dona Joana, compadecendo-se com mais brandura do moço orfaõ estrangeiro, com entranhas de muito amor o tratava, mostrando-lho com lagrimas de compaixaõ e obras de mãi, em que o minino tomava alivio da sua infelicidade.

Como elrei tinha determinado cometter Larache por mar, e depois houve conselho comette-lo por terra. Capitulo. LVII.

Antes que elrei partisse de Portugal tinha assentado em muitos conselhos comet-

ter Larache por mar, porque como elle levava as galés, galeoens, e outras náos grossas armadas com muita artelheria, munições, e outros petrechos necessarios pera desembarcar, e redificar a fortalesa, que era muito fraca, pareceo que com entrar a frota pelo rio, e a gente desembarcar em terra, se forrava o trabalho, e carga dos mantimentos e munições necessarias, e fugiaõ de alguns perigos, que, marchando, lhes podiaõ soceder em meio dos imigos: e conforme a isto, estava dada ordem do modo que se havia de ter a saltar em terra, e dado regimento a cada capitaõ do lugar e modo de desembarcar. Com este aviso divulgado em Tangere, começou cada hum a aparelhar-se de embarcaçaõ e mais cousas necessarias pera sahir da terra na ordem já dada; mas como as mudanças dos conselhos dependem comummente da variedade dos tempos, e de se enxergarem proveitos ou inconvenientes contrairos aos d'antes meditados, naõ sei porque fado se tornou em Tangere a praticar cessasse o comettimento de Larache por mar, e se tentasse por terra, formando-se nisso rezões, e objeições bastantes em se haver o tal conselho por acertado; porque se considerou que hindo o exercito marchando por terra, era mostrar naõ temerem os mouros, e hirem já abrindo caminho ao Xarife pera entrar em seus reinos, e se daria animo a muitos mouros passaremse a elle, e se quebrariaõ as forças do Ma-

luco, e poriaõ o negocio em maior confusaõ. Tambem, como a entrada do rio de Larache era taõ estreita, que naõ podiaõ caber mais de duas galés a par, podia-se temer acontecesse á entrada alguma galé ou navio, com algum tiro, ser mettida no fundo, e com isto impediria a passagem á mais frota que ficasse atraz, e a sahida aos de diante, com o qual caso se podia esperar algum desar, assim de naõ haver effeito a tomada da fortalesa, como de correr grande perigo a frota, dividida em partes, naõ se poder ajudar huma da outra, antes ambas as partes serem offendidas com muito dano: além disto, como o porto assinado pera desembarcar, em Castil-Genovezes, era superemminente á praia do rio, naõ sómente a desembarcaçaõ das munições seria trabalhosa e com vagar (o que o tempo naõ soffria), mas de cima podiaõ os soldados padecer dano dos imigos, que defendessem a desembarcaçaõ, pois os tiros e pedras podiaõ metter as embarcações do rio no fundo, e oprimir a gente que estivesse em terra, com muito dano dos nossos e pouco perigo dos seus: juntamente com isto havia outro maior inconveniente, que como de Castil-Genovezes (onde haviaõ de desembarcar) era mais de mêa legoa a Larache, teriaõ mui grande trabalho levar a artelharia por terra, e o exercito hia arriscado a ser salteado dos imigos, e principalmente porque toda a gente, cavallos e artelharia

naõ podia desembarcar em hum só dia, e desta maneira ficava o exercito quebrado, hum pedaço em terra e outro no mar, que se naõ podia ajudar hum ao outro. Com estas considerações, que tinhaõ muitas fallencias, se moveo elrei mudar o primeiro conselho, ao qual se naõ póde com rezaõ atribuir a desaventura do sucesso que delle nasceo; pois as cousas humanas entaõ saõ mais desculpadas dos erros, e mais justificadas com louvor, quando vaõ medidas pela rezaõ; mas os nossos peccados, com que Deos estava ofendido, o provocáraõ a furor contra nós, e permittir se cegassem os entendimentos dos que aconselhavaõ, e naõ enxergarem os outros maiores inconvenientes (donde procedeo todo o mal), que se tomavaõ por refugio da saude de todo o exercito: mas como a Deos naõ se póde pedir conta de seus juizos, nem aos homens dar segurança de seus conselhos, naõ ha mais que louvar a Deos em assim dispor suas cousas, que com rezaõ merecem todas ser louvadas; pois elle faz mercês a huns, e permitte males a outros por secretos de sua divina justiça, que naõ pode faltar de justa igualdade; cuja causa ainda que naõ conheçamos, devemos aprovar os effeitos. Com isto mandou elrei dar aviso sobreestivessem no modo do desembarcar, até terem o ultimo que se esperava.

Como Larache está situado. Capitulo LVIII.

Por que a perdiçaõ dos portuguezes em Africa com elrei dom Sebastiam, na pertençaõ da tomada de Larache, o fez famoso no nome, he necessario dar alguma relaçaõ delle, conforme ao estado em que entaõ estava, e agora está. Era Larache hum lugar pequeno, de pouco lustro nos edificios, e menos na fortalesa dos muros: tinha hum castello pequeno, onde os alcaides moraõ, com mui fracos muros e nenhuma guarniçaõ, cujos moradores nem tem muitas riquezas, nem muitas forças. Está situado na costa do mar oceano, onde se mette o rio Lucus, que vem correndo ao longo dos muros de Alcacere-Quibir, e com suas enchentes muitas vezes alaga as casas delle, por o qual sobe a maré quatro legoas até hum lugar chamado Guildemes, do qual sahe hum esteiro pequeno pera dentro do campo. Está Larache cinco legoas de Arzila, da outra parte do rio, ao poente della, em terra muito alta e montuosa: posto que o rio na boca da barra seja estreito, dentro faz huma enseada capaz de muitas galés, onde seguramente podem invernar, e a todo o tempo recolherse, cujas partes fazem este porto ser ladroeira e colheita de cossairos mouros e turcos, donde fazem manifesto dano, com seus

improvisos assaltos, a toda a costa de Andalusia e Algarve. Mas porque a villa de Larache e seu castello naõ tinhaõ, antes de elrei se perder, senaõ huns fracos muros de taipa, onde se naõ podiaõ defender de dentro, he novamente dos mouros feito hum forte grande em a ponta da barra, que he hum angulo de rocha de pedra viva, que toma o mar e rio, o qual está agora guarnecido com muita artelharia, que os mouros houveraõ do desbarate delrei, com gente de guarniçaõ, em fórma de se defender com muita resistencia. Da parte de Arzila corre outro rio de menos nome e agua, que se chama Huadmachacim, e vai metter-se no rio Lucus, onde ambos perdem os nomes que antes tinhaõ, e dahi pera baixo se chama o rio de Larache. Sobe a maré pelo rio Huadmachacim obra de duas leguas, e dahi pera cima se secca no veraõ; mas por que no inverno traz muita agua, e os campos saõ apaúlados, tem este rio huma ponte, que responde ao caminho de Arzila pera Alcacere-Quibir, como tudo constará da descripçaõ seguinte.

Como elrei desembarcou em Arzila, e o exercito se alojou, e dos rebates que houve. Capitulo LIX.

Quando elrei chegou a Arzila, como ainda naõ tinha de todo assentado, mas somente praticado, commetter Larache por

terra, naõ deo licença a desembarcarem-se mantimentos, e armas, nem assentar as tendas; mas como ahi mudou conselho, mandou que a gente se desembarcasse, a qual, logo nos primeiros dias, se recolhia na cidade. Começando o campo de se formar e armarem as tendas, em breve tempo se fez fóra dos muros hum arraial mui soberbo, em forma de huma populosa cidade, chêo de gente, armas e cavallos, e todas as munições. Elrei mandou tambem logo armar sua tenda, e se passou a ella, pera alli mais facilmente vigiar e discorrer o arraial, como muitas vezes fazia. O senhor dom Antonio como hia aggravado delrei, alojou-se no cabo do exercito da parte do facho, pera mostrar a elrei que pera o servir tomava o lugar mais perigoso. Assentado o campo com suas atalaias e sentinellas se vigiava de dia e noite, com menos cuidado do que convinha á boa ordem da milicia, por estar em terra dos imigos, que em qualquer descuido poderia facilmente ser salteado, e sendo tomado de improviso e naõ apercebido, temer-se-hia sua total destruiçaõ, o que a experiencia bem mostrou por as correrias dos mouros até á vista do arraial: a primeira vez Habraem Sufiani, alcaide de Alcacere-Quibir com dous mil de cavallo, por mandado de Mulei-Hamet irmaõ do Maluco, ao qual elrei com muita presteza acodio, posto que lhe foi estranhado do seu conselho e todos os prudentes:

o segundo rebate deo Saer-ben-hesi, general de cavallaria do Maluco, com cinco mil de cavallo, que vinha a descobrir o campo. Os mouros de Mulei-Hamet, que acodíraõ primeiro ao facho, vendo-os, lhes sahíraõ com impeto inimigo, e travada a escaramuça foraõ feridos e mortos alguns de cada parte, entre os quais foraõ mortos Beheca irmaõ de Cid-Hamubenanza, e Chir-ben-marsor genro de Cid-Abdelcherim, alcaides do Xarife Mulei-Hamet, que estava no campo cristaõ. Dom Duarte de Menezes, com quem logo se ajuntáraõ os cavalleiros de Tangere, foi no alcance, o qual por naõ ter licença de elrei, naõ se mesturou com os mouros, que iaõ fugindo. Elrei dom Sebastiam, como nestes exercicios o animo de juvenil esforço o fazia esquecer da autoridade real, naõ o puderaõ ter que naõ sahisse tambem ao rebate, e por sahir já mais tarde, nunca pôde alcançar os mouros, que levavaõ já grandes distancias de ventagem, de maneira que iaõ tres ordens de nossa gente; os mouros do Xarife dianteiros nas costas dos imigos, escaramuçando com elles, mas naõ se travando, por serem muito poucos, e os que fugiaõ muitos mais; atraz ia dom Duarte com os cavalleiros de Tangere; elrei que vinha atraz, desejozo de ser o primeiro que os cometesse e pelejasse, sofrego desta empresa, nunca consentio que dom Duarte de Menezes travasse delles, no qual alcance elrei com os mais que o seguiaõ, e

iaõ diante, fôraõ tres leguas e mêa, naõ podendo já os cavallos dar passo, assim dos mouros que fugiaõ, com dos que lhes hiaõ no alcance, onde elrei mostrou sobejo atrevimento, mas mal tomado de todo o exercito, em vêr taõ pouca conta com o respeito e guarda de sua real pessoa, e tendo isto tentado, teve-se por desacertado naõ dar elle licença a dom Duarte de travar escaramuça com os imigos; pois, além do dano que se esperava fazer-lhes, ao menos pudera-os entreter até elrei os poder alcançar, com cuja presença, junto o corpo de toda a gente de cavallo, que ia em tres esquadroens, se tem por muito certo serem os mouros desbaratados, o qual desbarate, se houvera effeito, era prospero principio á guerra, e quasi te-la concluida, assim em tirar taõ grande terço, e a principal força dos imigos, como pelo temor que os mais poderiaõ receber com o seu máo sucesso; dos quais elrei deixou cahir a victoria das maõs, levado em hum apetite pouco ordenado, querendo ser o primeiro que experimentasse o perigo, devendo com rezaõ ser o derradeiro, que o cuidasse: mas Deos que tinha na sua divina mente dado outra ordem, naõ permittio que acabasse o instrumento do cruel castigo que depois havia de suceder, antes elrei os poupasse pera executores da sua perdiçaõ. Com estas fragueirices delrei no comettimento dos rebates, havia muito descuido nas espias do

campo, e nos avisos da vinda do Maluco; pois nunca elle teve aviso certo, senaõ por via do Xarife e outros mouros e judeos, e naõ se fiando delles, naõ lhes dava credito, o que foi causa de estar tantos dias em Arzila, nos quais Mulei-Maluco teve tempo de formar seu campo, e mandar espiar o dos cristaõs: com cujas desordens, pouco governo, e muitas delicias, riquezas, e pompas, em que punhaõ o exercito, se animou o imigo, com desengano quaõ pouco tinha que temer hum exercito grande, chêo de joias e falto de armas, e sobre tudo dependente de hum rei sem experiencia, sobejamente confiado em seu esforço, e descuidado do provimento da arte militar, com que o Maluco teve tempo de chegar, antes que elrei estivesse alojado em parte onde se pudesse deffender.

Na forma em que o arraial começou de marchar pera Larache Capitulo LX.

Posto que já de Portugal fossem nomeados os officiaes e capitaens pera menearem o exercito, em Arzila os mandou elrei pôr em suas ordenanças, declarando mestre do campo a dom Duarte de Menezes, capitaõ de Tangere. Com isto, manifestamente se dispozeraõ os capitaens nesta ordem: capitaõ dos aventureiros era Cristovaõ de Tavora, em cujo lugar ia seu genro Alvaro Pires de Tavora, e Joaõ da Silva, que igualmente

capitaneavaõ a gente: os coroneis da infantaria portugueza eraõ dom Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira; mas porque Diogo Lopes de Sequeira adoeceo em Arzila, foi o seu terço entregue a Pero de Sequeira, debaixo da coronelaria de Vasco da Silveira: do terço dos Castelhanos era coronel dom Alonso de Aguilar, e sargentos dom Luis Fernandes de Cordova, e o Aldana; entre os quaes no dia da batalha houve grande desavença sobre quem havia de sargentar, em fim mandou elrei que o Aldana precedesse a dom Luis Fernandes, com muito aggravo seu: dos Tudescos era coronel Martim de Borgonha: dos Italianos o marquez Ibernio: capitaõ da artelharia era Pero de Mesquita, bailio commendador da ordem de S. Joaõ, homem velho experimentado na arte militar: dos gastadores era capitaõ Manoel de Quadros, provedor das vallas das leziras de Santarem, e por adoecer em Arzila, foi em seu lugar Gonçalo Ribeiro Pinto: sargentos móres eram o capitaõ Gama, o qual já cançado de seguir a milicia, estava recolhido em huma ermida com vida e habito de ermitaõ, e frei Estevaõ Pinheiro, frade do Carmo, até chegar o capitaõ Aldana castelhano, que o duque de Alba mandou a elrei pera ordenar o campo, que servio tambem de sargento-mór: da cavallaria naõ havia capitaõ, por elrei hir nella: justiça-mór era o regedor Lourenço da Silva, com

o qual iaõ Belchior do Amaral e Francisco Casado, corregedores da corte; e Marcos Lopes Carraçaõ, alcaide: pera sitiadores do campo hiaõ Philipe Estercio italiano, e Nicolao de Frias, grandes architectos: provedor mór do campo era Luis Cesar, provedor dos almazens do reino. Formado o exercito com estes ministros, mandou elrei que a gente se provesse de mantimentos pera cinco dias, porque nestes esperava chegar a Larache, onde tinha mandado esperar a frota, donde o exercito entaõ era provido. Alevantado o arraial a vinte e nove de Julho, dia de santa Martha, começou a marchar na ordem seguinte: primeiramente hia diante a artelharia, e logo toda á infantaria, alternando-se os terços, huns na vanguarda hum dia, na retaguarda outros: a cavallaria hia por os lados, elrei com huma parte della, o duque de Aveiro com outra, em que entrava o Xarife e os africanos fronteiros: diante de cada terço da cavallaria iaõ dous tiros de campo: a bagagem e carruagem iaõ detraz com alguns de cavallo, que a guardavaõ. Nesta ordem marchava o campo até ás horas de se alojar. Quando se tornava a armar e formar, como de dia, hia com suas vigias e atalaias ordinarias. Naõ faltáraõ em todo este caminho importunos assaltos de mouros, que em quadrilhas apareciaõ ao exercito muitas vezes, chegando-se a elle, alanceando os enfermos e outros que ficavaõ atraz, com pou-

co dano e menos perigo do exercito; por que como elles naõ comettiaõ senaõ as partes desemparadas, eraõ suas arremetteduras tanto de caminho, que naõ paravaõ hum ponto. Ao dia seguinte que o exercito partio de Arzila, chegou o capitaõ Aldana com mil soldados castelhanos, e o alcançou no caminho, antes da batalha.

Como elrei chegou ao rio Huadmachacim, e o Maluco ao rio Lucus Capitulo LXI.

Na forma acima dita partio elrei de Arzila, e continuou seu caminho direito a Larache, sem ter aviso certo do exercito de Mulei-Maluco, nem dos seus desenhos nem forças, havendo em diligencias danosas muitos, e nas necessarias todos faltavaõ, pera que aquelle taõ lustroso arraial fosse mais depressa caminhando pera a morte e total destruiçaõ. Com esta maneira de descuido caminhou seis dias, até os dous de agosto chegar ao rio Huadmachacim, hindo carregando á maõ esquerda tomar a ponte, e dahi fazia conta tambem rodear por cima de Guildemes o rio Lucus, onde a maré naõ chegasse, e passar da outra parte, e tomar Larache pela parte da terra; mas Deos que tinha posto limites ao exercito cristaõ até donde naõ podia passar, ordenou outra cousa por sua divina providencia, a quem os conselhos humanos estaõ subalternados. Chegando pois elrei perto do rio Huadma-

chacim (em hum chaõ de muitas covas, onde se recolhe trigo) antes de o passar teve recado certo que Mulei-Maluco se vinha chegando, e estava perto, com hum poderoso campo de gente de pé e cavallo, pera fazer as defensoens ou resistencias que o tempo e lugar lhe ensinassem, tendo a este tempo tres mil de cavallo a defender a ponte. Elrei naõ se torvou de cousa alguma com o expectaculo da muita gente que lhe pintavaõ, nem da ferocidade dos imigos senhores do campo: todavia pela importancia do negocio o pedir, quiz tomar conselho no modo que teriaõ na defensaõ ou acometimento dos inimigos; e chamados a isso capitaens e homens practicos na milicia e no sitio da terra (entre os quais vieraõ o Xarife e seus alcaides) houve entre os cristãos e mouros grandes altercaçoens e pareceres no modo de caminhar; porque huns foraõ de parecer que o exercito cristaõ naõ passasse o rio Huadmachacim, e se fosse por elle abaixo, até chegar á borda do mar, á boca do rio Lucus, da outra parte de Larache, onde a frota estava com munições e mantimentos, de que o exercito já hia falto, com cujo favor se fariaõ fortes, e se a necessidade os obrigasse, se embarcariaõ: outros de contrairo parecer achavaõ neste caminho muitos inconvenientes; o primeiro era pôr medo no exercito, e se arriscavaõ a se desordenar com titulo de fugida, e lhes faria maior espanto, principalmente vendo aos imigos nas

costas, e aos mouros dariaõ grande animo com a mui má opiniaõ de fugida, sobretudo se perdia a reputaçaõ do esforço portuguez, acompanhado de hum rei já taõ temido por grandeza de seu animo: segundariamente, que estava nesta volta certa a perdiçaõ; por que, como dalli pera baixo a terra ao longo do rio he aspera e montuosa, naõ podia o exercito passar com artelharia e carruagem, sem manifesto dano, cercado de todas as partes de imigo taõ poderoso, e taõ senhoreado das comodidades dos lugares, em fazerem seus assaltos, com pouco perigo seu e muito dano nosso. Com esta resposta cessou a determinaçaõ de se retirarem, e se assentou fossem avante e passassem o rio, e se alojassem aquella noite entre o rio Huadmachacim, que tinhaõ diante, e o esteiro que sahe do rio Lucus; mas como no caminho que elrei levava, o passar por cima de Guildemes, onde a maré naõ chegava, era hir-se meter na boca dos imigos, houve outro parecer de alli carregarem sobre a maõ direita por o rio abaixo, e tomarem hum váo do rio Lucus, abaixo de Guildemes, que se chama Malchus, por onde já em outro tempo passára dom Manoel Mascarenhas a saquear Hod. Este conselho, ainda que differia pouco do passado na semelhança de se retirar, todavia mandou elrei ver o váo, e achou-se ter muita lama, e pera tantos cavallos e carruagem se faria atoleiro, que se naõ pudesse passar,

e com este impedimento se ajuntaria o da maré subir a tempo, antes de todo o exercito ser passado, e desta maneira cortaria e dividiria as forças, e mais facilmente seria salteado dos imigos, e sem resistencia desbaratado em ambas as partes. Com estes inconvenientes e conselhos se assentou, com commum consentimento de todos, que naõ havia outro remedio senaõ passar pelo passo onde o Maluco estava alojado, assás receoso de dar batalha por a enfermidade que o apertava, e muito mais pela desconfiança dos seus, temendo deixarem-no e passarem-se ao Xarife: ainda se soube certo, que quando o Maluco entendeo que elrei queria desviar-se delle, e carregar abaixo e passar o váo, que naõ teve intento de lhe atalhar o passo, nem fazer resistencia nem defender Larache; antes disse: «Já Larache naõ tem remedio.» Mas como Deos tinha assentado dar grande castigo ao povo portuguez, com seu rei e nobreza, dispoz as cousas de maneira, com que naõ pudessem fugir á sua ira. Com o ultimo conselheo, em que se resolveo, elrei passou o rio, e foi alojar-se aquella noite entre os rios e esteiro acima dito, ficando o exercito alli mais seguro, cercado a maior parte de agoa, pera que naõ fosse salteado de improviso do imigo, taõ visinho e poderoso.

Como os exercitos se aparelhárão pera o outro dia dar batalha. Capitulo LXII.

Mulei-Maluco, estando a-la-mira da determinaçaõ do exercito portuguez, e do caminho que levaria, naõ fazia mais que medir seus conselhos pelos delrei dom Sebastiam; o qual sabendo como elle determinava hir a diante demandar a passagem do rio, e naõ se desviar a parte alguma (quasi desesperado, por estar encerrado entre os dous rios) e naõ tinha mais remedio que vencer, sem esperança de outro mèo, ordenou esperá-lo em campo, com outros similhantes recêos se se retirasse desanimassem os mouros, e haveria entre elles divisaõ, e se passariaõ ao Xarife, o que elle mais temia, e em tempo quando se naõ podia alevantar de enfermo, e com falta de sua presença os mouros teriaõ menos pejo de o fazer. Com esta determinaçaõ, corroborada com outros respeitos acessorios, mandou o Maluco ao seu exercito passasse o rio Lucus, e se puzesse em ordem de pelejar, apresentando a batalha aos cristaõs pera o outro dia. Elrei dom Sebastiam, naõ engeitando tal offerecimento, começou a dar ordem como o seu campo melhor se fortificasse, por a multidaõ dos imigos de que se via cercado, e logo mandou a bagagem, com as carretas e bestas de carga, cingisse ao exercito, a modo de muro, que naõ fosse salteado pelas cos-

tas ou lados, e toda a força achasse diante; mas como o tempo era já breve, e o imigo estava á vista, em som de dar batalha, com as bandeiras despregadas, fazendo grandes alaridos, como tem de costume, e a multidaõ da gente que parecia diante, detraz, e nos lados, se acrecentava, naõ houve tempo nem effeito o com que o campo se determinava fortificar. Posto hum exercito á vista do outro, aos quatro de agosto de setenta e oito, entrou elrei em conselho a que tempo daria a batalha, se cometteria, ou esperaria ser comettido: neste conselho foraõ o Xarife e seus alcaides de voto mui constante naõ desse elrei aquelle dia a batalha, assim por terem certas esperanças de muitos mouros se lançarem aquella noite da parte do Xarife, como já o dia atraz tinhaõ vindo alguns, e outros fugirem do exercito onde vinhaõ forçados, como tambem por serem avisados que Mulei-Maluco vinha mui enfermo, posto no ultimo da vida, e se esperava morresse aquelle dia (como morreo) com que o campo dos mouros todos se desfaria, e elrei alcançaria a victoria sem arrancar espada, e havendo de ter resistencia, seria menor o dia seguinte. Alguns cristaõs que foraõ de parecer se desse a batalha no mesmo dia, se fundáraõ em o exercito portuguez estar muito falto de mantimentos; porque de Arzila naõ partiraõ com mais que pera cinco dias, e eraõ já sete, e naõ tinhaõ os solda-

dos, nem os cavallos que comer, e quanto mais differissem a batalha, tanto mais enfraqueceriaõ, e cahiriaõ em desesperaçaõ de poder pelejar; e como a fome era hum inimigo mais forte que o armado, era necessario atalhá-lo, antes de ligar as forças aos soldados desejosos de pelejar: a esta objeição respondiaõ os de contrairo parecer, dizendo, que posto que assim fosse, que a tal necessidade estivesse em seu vigor, tinha isso facil remedio; pois pera aquelle dia havia muitos bois das carretas, se a fome os obrigasse, e quando estes naõ bastassem, haviaõ as bestas de carga, em tais tempos proprias iguarias de gente militar; quanto mais, que naõ era tanta a necessidade dos mantimentos, que se naõ soffresse aquelle dia, pois ainda naõ havia clamor no exercito de fome. O Xarife e os de parecer se prorogasse a batalha ao dia seguinte, quando se viraõ vencidos nos votos, e se assentava que no mesmo dia se desse batalha, querendo temperar o rigor da opiniaõ, que elles tinhaõ por errada, disseraõ, pois assim lhes parecêra bem, a quizessem differir pera a tarde, pois os dias atraz haviaõ sido de grandissimas e insoffriveis calmas, e o presente mostrava ser maior, e toda a força dellas, naquellas partes, era até ao meio dia, que por mais diligencia que se fizesse em pela manhã alevantar o arraial, se naõ podia dar a batalha senaõ no maior fervor da calma, que mataria a gente com sede e

com cansaço, e como quasi toda a do exercito cristaõ era infantaria a pé, em breve breve tempo naõ poderia dar passo de cançada, e a dos imigos a maior parte era de cavallo, que poderiaõ melhor soffer a sede e calma, sem nenhum trabalho de cansaço da pessoa, com manifesta ventagem em tudo da infantaria; mas que, dando-se a batalha á tarde, ficavaõ fóra dos inconvenientes taõ manifestos, e com a frescura da viraçaõ tomaria a gente alento pera com maiores forças e animo pelejar, e tinhaõ por certo que sobrevindo a noite, muitos, mouros com o emparo das trevas haviaõ de fugir, deixado o campo, e desemparando as bandeiras, como tem de costume: tambem neste tempo ficava lugar aos cristaõs aproveitar-se da noite, se lhes naõ succedesse bem o negocio de dia. Com estas rezoens, provaveis a todos, estava elrei persuadido a deixar batalha pera a tarde; mas como Deos, por seus divinos juizos, tinha dado sentença, pera castigo daquelle exercito cristaõ, naõ faltou hum instrumento que perturbasse a elrei do conselho acertado, e tomasse outro reprovado com taõ eficazes rezoens, e que foi causa de todo o dano; o qual, estando já descuidado de dar a batalha pela manhã, pelos mouros naõ aplicarem, nem fazerem movimento de seus alojamentos, sem mostrarem maneira de cometimento, senaõ de defensaõ, assás duvidosos do sucesso em verem o exercito cristaõ

ante si taõ determinado a pelejar, com hum rei já temido delles, se chegou á tenda delrei o capitaõ Aldana castelhano, e com efficazes brados lhe dizia, que se perdia se naõ desse logo a batalha, e o que lhe faltava de rezoens pera o persuadir suppria com effeitos de bravosidades, mordendo nas maõs, e dando punhadas nos peitos. Elrei, que estava já acelerado por ser vêr travado com os mouros, com grandes esperanças de victorias, houve-se de mover a dar batalha, que começou ás dez horas da manhã, no principio de todo o fervor de calma.

Como os campos foraõ formados pera dar batalha. Capitulo LXIII.

Aos quatro de agosto de 1578, em o dia que se deo a batalha, antes de os reis fazerem a falla a seus capitaens, mandou cada hum dar ordem aos seus batalhoens pera se encontrarem. Dos africanos, que com a sua multidaõ já tinhaõ cercado o exercito cristaõ por todas as partes, toda a força da gente de peleja se pôz fronteira, a modo de meia lua, lançando huma cinta de toda a infantaria diante dos cavallos, com tres mangas de arcabuzeiros azuágos, sahidos do corpo da batalha pera o campo, trazendo diante de toda a gente vinte e quatro tiros de campo; os quais, como víraõ o exercito delrei hir-se chegando, logo começáraõ a abalar-se das pontas, e fazer lua

que cercasse os nossos, naõ faltando outra muita gente detraz, que os tinhaõ cercados, e os vinhaõ seguindo com alaridas. Elrei que via já o campo dos mouros ordenado, e elle cercado em mêo delles, ordenou seus esquadroens na maneira seguinte: levava a artilharia diante do exercito, em que hiaõ trinta e seis peças, a cuja volta hiaõ os gastadores com Gonçalo Ribeiro Pinto, seu capitaõ: hiaõ na vanguarda, na primeira ordem, tres batalhoens, dos quais o do meio era dos aventureiros, cujos capitaens eraõ Alvaro Pires de Tavora e Joaõ da Silva, e de cada lado levava huma manga de soldados de Tangere: á maõ direita destes hiaõ o terço dos Tudescos, ajuntando os Italianos: á maõ esquerda dos aventureiros estava em outro batalhaõ o terço dos Castelhanos: na retaguarda dos aventureiros ficou o terço de Diogo Lopes de Sequeira, na dos Tudescos o de Vasco da Silveira, na dos Castelhanos ficou huma praça vaga, que Francisco de Tavora e dom Miguel de Noronha houveraõ de ocupar, que por naõ haver tempo se naõ ordenáraõ, mas fizéraõ outra ordem de batalha, que foi a terceira, em que dom Miguel ficou na retaguarda de Diogo Lopes de Sequeira, e Francisco de Tavora na dos castelhanos, ficando a praça vaga entre hũns e outros: de traz de Vasco da Silveira ficou a bagagem: ainda nas costas desta terceira ordem se lançáraõ outras duas mangas

de arcabuzeiros: por os soldados deste corpo dos esquadroens de infantaria foi repartida a gente de cavallo, desta maneira: na ponta esquerda, ao lado dos castelhanos, na vanguarda, hia elrei: detraz delle o duque de Barcellos com a sua gente, e outra mais que lhe elrei mandou: no corno direito, na vanguarda, ficou o duque de Aveiro com obra de duzentos de cavallo: detraz delle dom Duarte de Menezes, mestre do campo, com a cavallaria de Tangere, em cuja retaguarda ficava o Xarife com os mouros de cavallo: ainda os lados da cavallaria da parte de fóra hiaõ cingidos com mangas de arcabuzeiros, que ficavaõ murando todo o corpo da batalha. Posto que estivesse ordenado, todo o exercito fosse cercado das carretas e bagagem, foi taõ pouco o tempo, e tanta a pressa de se dar a batalha, pola virem carregando os mouros pelas costas e lados, que naõ teve effeito este desenho. Nesta fórma foraõ formados os exercitos, os quais mais claramente se veraõ na seguinte descripçaõ.

De huma falla que elrei fez aos seos, antes da batalha. Capitulo LXIV.

No tempo em que os esquadroens se formavaõ por os sargentos e mais ofúciaes da milicia, andava elrei discorrendo de huma parte á outra, querendo que por sua pessoa

fosse governado o exercito, e taõ enlevado no desejo de dar batalha (que foi o fim pera que alli trouxera aquelle exercito) que querendo alguns fidalgos comprazelo e contenta-lo naquella hora, com demostraçoens e vontade de o servir, fez algumas cousas de muito escandalo, dando com a lança a huns, e dizendo palavras más a outros; os quais como entenderaõ, que por suas desordens e apetites, eraõ alli vindos a morrer, mais facilmente davaõ desculpa destas palavras, por verem o pouco fundamento que tinhaõ, e elles estarem já taõ perto da morte. Mas porque élle disse humas palavras asperas a dom Fernando de Noronha, conde de Linhares, somente por lhe dizer, « Espero em Deos que » hoje havemos de pôr o guiaõ de Vossa » Alteza na grimpa da tenda do Maluco: » disse dom Fernando com muito siso, como prudente — « Bonito he isso pera tal tempo: ora prometto de naquelles mouros tomar vingança dessas palavras »: com isto se pôs no lugar dos primeiros que arremetessem. Antes que elrei abalasse o seu exercito pera o imigo, (que estava á vista) vestido de ponto em branco, com humas armas azuladas, posto em hum cavallo mui fermoso acobertado, com a lança na maõ com o conto no chaõ, e o elmo alevantado, mandou chamar o mestre de campo e os coroneis, aos quais e aos senhores e fidalgos, que alli estavaõ com elle, lhes disse: « Ainda » que eu estou confiado na victoria, que ho-

» je espero em Deos haver destes barbaros
» imigos, assim) por nosso esforço o pro-
» metter, como o seu medo mo certificar,
» naõ deixo de cuidar estarem os sucessos da
» guerra mui sujeitos a mudanças improvi-
» sas, com que muitas vezes de pequenos
» erros nacem mui grandes desastres: eu
» naõ sinto agora outro maior, e de que mais
» me tema, que da multidaõ de imigos, que
» com alaridos se querem mostrar fero-
» ces, causar algum espanto nesta gen-
» te bisonha, e possaõ desordenar os solda-
» dos velhos taõ esforçados, como aqui vem,
» os quais de semelhantes algasarras se estaõ
» rindo: agora vos rogo neste ponto tenhais
» muito cuidado em vigiar e conservar a boa
» ordenança nos esquadroens; porque eu
» com esta gente de cavallo cometterei os
» imigos, e espero rompê-los de manei-
» ra, que vos abra a porta da victoria, e naõ
» seja necessario mais que os soldados velhos
» concluirem-na, com seus acostumados es-
» forços, e os bisonhos seguirem-na com o
» recolhimento dos despojos: tambem vos
» lembro que estou mui alvoroçado pera vos
» ver hoje pelejar, e gozar da opiniaõ que
» tenho ouvido das vossas façanhas, pelas
» quais, mais celebrado he o meu nome no
» mundo, em ser rei de taõ valerosos caval-
» leiros (que mais se podem chamar esqua-
» droens de capitaens, que exercito de sol-
» dados) que ser senhor de grandes reinos e
» estados: e pois estes mouros vos sabem o

» nome a muitos dos que aqui estais, pelas
» victorias que delles tendes havido, e os
» castigos que lhes tendes dado, e sabem
» os déstes a outros nas partes da India, de
» cujo valor se tem tantas vezes espantado,
» agora que sabem eu vos venho ver pele-
» jar, e folgareis de me agradar, estou mui
» certo que mui depressa nos haõde voltar
» as costas. Bem sabeis a antiga condiçaõ
» dos mouros he naõ esperar a quem os comet-
» te com animo ousado, e seguir com grande
» impeto a quem se lhes acobarda; por isso
» tenho entendido que Deos me quer dar
» a victoria, pois me offereceo esta batalha
» em tal sitio, onde o rio, que nos fica
» nas costas, e o imigo que temos no
» rosto, nos ameaçaõ total perdiçaõ, se tor-
» narmos atraz, e nos obrigaõ hir adiante,
» pondo toda a esperança da nossa saude na
» victoria, e sei mui bem, entre muitos in-
» dicios que tem pera hoje serem desbara-
» tados, estaõ mui temerosos de nossa de-
» terminaçaõ, e por estarmos em parte e
» em lugar, onde, como gente desesperada de
» poder escapar com fugida, naõ temos ou-
» tro remedio senaõ desbarata-los, pera se-
» gurarmos nossas vidas, e ganharmos suas
» terras: e por que sei quaõ persuadidos es-
» tais dos pregadores e religiosos que entre
» vós andaõ, do merecimento da alma,
» que em empreza da honra de Deos e exal-
» taçaõ de sua santa fé, ganharàõ os que
» morrerem nesta batalha, naõ vo-lo quero

» eu mais lembrar, senaõ as mercês que
» eu espero fazer aos que ficarem vivos, e
» o gasalhado e favor que acharàõ em mim
» os filhos e mulheres dos mortos; pois em
» empreza onde os mortos tem certa a glo-
» ria, e os vivos haõ-de alcançar eterna fa-
» ma, tivera-vos eu muita inveja, se nesta
» hora naõ fôra vosso companheiro no peri-
» e na honra, pera prova do qual, nesta
» forma em que me vedes armado, espero
» ser-vos igual na sorte, e avantejado na ale-
» gria do comettimento: e certifico-vos que
» se me buscardes, vos hei-de apparecer dian-
» te de todos os esquadroens, e se me naõ
» achardes, entendei que andarei entre os
» imigos; por isso, tende-me por compa-
» nheiro fiel, que tanto hei-de aventurar
» minha pessoa na conservaçaõ das vossas
» vidas, como por honra da victoria. Se eu
» morrer nesta batalha, tende-me por dito-
» zo, pelo premio da alma que meu zelo
» merece, e a fama que espero deixar em
» maõ de barbaros infieis por honra da cruz:
» huma só cousa podeis sentir de minha
» morte, que será perderdes hum rei ami-
» go, obrigado a vos fazer mercès e honras
» por o amor com que me seguistes, e
» alegria com que estais offerecidos a mor-
» rer por amor de Deos e meu. A Deos pe-
» ço, com os olhos no ceo, nesta ultima ho-
» ra de morrer, vos pague a todos esse zelo;
» porque, se eu vencer, todos no premio
» das mercès sentireis em mim o muito que

» vos amo; e pois neste estado vos naõ pos-
» so mostrar a vontade com obras, ao me-
» nos com estas palavras vo-lo quero sini-
» ficar, porque tenhais por bem emprega-
» dos os serviços que me fazeis ». Com is-
to, mandou elrei cada coronel á sua estan-
cia, e discorrendo pelos esquadroens, com o
rosto alegre e confiado, dava animo aos sol-
dados. Vendo elle como o campo dos mou-
ros estava á-la-mira, sem fazer movimento
pera parte alguma, determinou comette-los,
e dar Santiago; pera o qual mandou mar-
char o seu campo direito aos mouros, e se
metteo em hum coche, hindo na dianteira do
exercito, onde antes de dar a batalha pedio
de comer.

Da falla que o Maluco fez aos seus. Capitulo LXV.

Estando Mulei-Maluco muito mal da
enfermidade que trazia, deitado em hum
coche, no qual se enxergavaõ já alguns si-
nais denunciadores da morte, chegando-se
de redor delle seu irmaõ Mulei-Hamet e os
principaes alcaides de seu campo (assás des-
consolados de verem o seu rei em tal esta-
do e em tal tempo, de cuja morte se espe-
rava total perdiçaõ do exercito) o começá-
raõ a espertar, pedindo-lhe licença pera or-
denarem as hostes; porque elrei dom Sebas-
tiam tinha já tocado á arma, e estava apa-
relhado pera cometter batalha. Mulei-Ma-

luco, ainda que lhe faltavaõ os espiritos vitais, naõ lhe faltava o esforço, e com voz mui fraca, e palavras mui baixas e interrompidas com hum grande suspiro disse: « Bem entendo que naõ esperais de mim » nesta hora vos dê ordem de entrardes em » huma batalha de taõ valerosos e duros » imigos, como os presentes, pois sabeis te- » nho entrado no conflicto da morte, na » qual me he mais necessario tratar do ne- » gocio de minha alma, que da esperança » da victoria; mas o que mais me tem ma- » goado, e levo atravessado desta vida, he » deixar-vos em hum perigo taõ manifesto » das vidas, das fazendas, e ainda da nos- » sa seita, a qual com a victoria dos cris- » tãos será profanada, e os mouros, debai- » xo de seu poder, seraõ com persuasoens ou » máos tratamentos obrigados a apostatar. » Muita parte da injuria de nossa religiaõ » entendo que será Mulei-Hamet, o Xari- » fe, pois contra as leis do nosso profeta » Mafamede, e preceitos de seu alcoraõ, » vem em favor dos cristãos fazer a guerra » aos mouros; á patria, e lei, contra todo » o direito divino e humano: por onde de- » veis ter muita presumpçaõ ser tornado » cristaõ, elle e os mais alcaides e soldados » que comsigo traz, pois com tal odio nos » vem a perturbar a republica temporal e » espiritual. Ainda que nesta hora ultima » me convem lançar de mim todo o rancor, » e dar perdaõ a todas as injurias de mi-

» nha pessoa, offensa de meus vassallos, e
» perda de meus reinos, pera que Deos me
« perdoe, por o que toca á nossa lei e á
« honra do nosso profeta, com zelo mais
« aceso, do que minhas forças neste tempo
» podem, vos rogo muito (pois eu naõ
» posso) vos animeis pera vingardes taõ
» grande injuria, e apostasia da nossa reli-
» giaõ, ao que os verdadeiros mouros de-
» vem offerecer a vida, e passar por os fins,
» até chegar a dar o castigo de hum taõ
» grande crime, o qual, crêo, Deos naõ
» estranhará menos nos mouros que se tor-
» náraõ cristãos, que aos cristãos, que nos
» querem trazer a sua fé, e pôr debaixo de
» seu ceptro, com jugo de grave tributo, e
» aspero cativeiro, de que a morte visinha
» me assegura a liberdade. Pera defensaõ
» da nossa seita, folgára agora que Deos
» me espaçára a vida por hum breve tem-
» po, e achára-me por bemaventurado mor-
» rer logo mil mortes em tal empreza;
» pois, com tal zelo, a alma ganhára a glo-
» ria que Mafamede nos promette, e a fa-
» ma ficára eterna na memoria dos homens.
» Sabei certo, ainda que eu nesta hora ti-
» véra de vós todas as desconfianças, ou
» por nossa fraqueza, ou por meus pecados,
» sem esperança de vencerdes, como chego
» a cuidar que vos moveis a esta batalha com
» zelo da vossa religiaõ, naõ tenho que du-
» vidar da victoria, onde todos ficardes esten-
» didos no campo, com os corpos banhados em

» o proprio sangue, e as almas salvadas, com
» premio conforme a vossa fé. Já a morte
» me naõ dá espaço pera alguma destas
» cousas, das quais naõ sei qual he mais
» g loriosa, se a victoria de fortes imigos, se
» a morte com zelo da nossa lei; pois pri-
» meiro me ha-de acabar esta magoa de vos
» naõ acompanhar, que a vós a espada dos
» imigos; por tanto, meus amigos, vos des-
» pedi de mim nesta vida; acodi ao que
» muito vos importa, e eu vos encomendo,
» e o nosso profeta favorecerá vossos zelos e
» vossas forças em guerra taõ justa, e em
» hirdes defender as vidas, as fazendas, as
» honras, os filhos, as mulheres, a patria,
» e sobretudo vossa seita, prégada e ensi-
» nada ha tantos annos por elle, e seus
» Cacizes. Lembro-vos naõ vos espante a
» grandeza de animo daquelle rei mancebo
» e esforçado, nem dos seus valerosos sol-
» dados; porque, posto que venhaõ com
» muito animo, trazem pouca ordem, pera
» se perderem de todo: e tende por certo
» que a sua muita confiança da victoria se-
» rá causa de toda a sua perdiçaõ; porque
» nenhuma cousa he mais prejudicial na
» guerra que o animo acelerado, o qual,
» quanto mais se acende em pelejar, tanto
» menos entaõ tem de providencia pera sa-
» ber evitar os perigos, que de cada parte
» se alevantaõ. Seja este o derradeiro con-
» selho que de mim tomeis, e vos peço
» guardeis, e com animo assocegado espe-

» reis o impeto do mancebo enganado com
» seu valor; porque na confiança de seu
» comettimento sem ordem, está muito
» certa a ocasiaõ de sua ruina, como em
» vós houver animo de soffrerdes o primei-
» ro encontro, cuja furia como quebrar,
» fica-vos entaõ lugar de carregar sobre el-
» le com o peso da batalha e com o corpo
» da gente, a qual elle mal poderá esperar,
» por o juvenil furor entaõ o desemparar,
» com temor de nosso exercito, que come-
» çará de refresco a feri-lo e empregar
» seus tiros, quando o mancebo ousado es-
» tiver cançado de fazer acomettimentos
» em vaõ, e achar seus esquadroens derra-
» mados por sua desordem. Ora, Deos vos
» guie, e vos favoreça em vossa empreza: e
» ainda que naõ posso acompanhar os vi-
» vos nesta hora, pelos mortos esperarei,
» e lhes serei companheiro: destes quero ser
» capitaõ, e dos vivos serei intercessor com
» Deos. Vou consolado, que com meu
» corpo sem alma haveis de vencer a bata-
» lha, pera que entendais que nunca vos
» desemparei nos perigos, na vida nem na
» morte ». Esta falla acabada, os alcaides, com os olhos banhados em lagrimas, se sahiraõ da prezença do Maluco, com muitos saluços dizendo: » Já que naõ pode ser
» nosso capitaõ, nós lhe traremos a victoria á
» cama, com a cabeça do rei cristaõ, e a do
» Xarife imigo de sua lei e patria ». Com estas palavras se acendeo todo o exercito

em mais ira, com entenderem os alcaides o justo odio do Xarife, lançando fama no exercito que se tornára cristaõ, pera mais exercitar os mouros a odio e vingança, e que elrei de Portugal mandára lançar pregaõ, que se naõ desse vida a arrenegado algum, pera que assim elles como os mouros pelejassem com mais aceso odio. Com isto dando ordem aos seus esquadroens, postos em ala, tendo a infantaria repartida em mangas antre a cavallaria, e escopeteiros de cavallo nas pontas das alas, postos os mouros nesta ordem, naõ fizeraõ movimento, e constantes esperáraõ, até elrei dom Sebastiam os cometter.

Como se deo a batalha entre elrei dom Sebastiam e Mulei-Maluco. Capitulo LXVI.

O alojamento, que o campo dos cristaõs tinha tomado o dia antes da batalha, era, como atraz fica dito, entre o rio Huadmachacim e o esteiro que sahe do rio Lucus. O Xarife e seus alcaides, vendo o perigo dos cristaõs, postos entre tantos imigos, cercados por todas as partes, persuadiaõ a elrei naõ desemparasse o seu alojamento, e esperasse nelle a batalha; porque, como Mulei-Maluco lhe ficava já superior nas forças, com muita ventagem de gente, havia de ser de força cercado no mêo, com evidente perigo, e pera o haver de evitar,

se deixasse estar antre os rios, hum de hum lado, o esteiro do outro, e o rio Lucus nas costas, e desta maneira naõ seria salteado por detraz, com a guarda dos rios, e sómente achariaõ diante a resistencia, pera o que os cristaõs teriaõ bastantes forças, pera romper com menos perigo. Por este conselho naõ ter effeito, tomou elrei outro com que se levantasse de antre os rios, onde estava entranqueirado de agoa, e se sahisse ao campo, que era mui raso, digno de taõ insigne batalha. Os mouros, que estavaõ á vista do campo cristaõ, sem fazer movimento, como víraõ que elrei abalava pera elles, e hia já perto, começáraõ a estender as pontas da lua, com que vieraõ cercando os portuguezes, até lhes ficarem no mêo. Os cristaõs, em cujo esforço e determinaçaõ já estava serem os agressores da batalha, quando víraõ que a dianteira dos mouros se naõ abalava, se fôraõ chegando a elles, levando a artelharia diante sem nenhuma guarda de soldados, mais que sómente o capitaõ Pero de Mesquita, bailio, com os officiaes. Os mouros, que já tinhaõ entendido a pouca ordem que os cristaõs levavaõ em tudo, tendo a sua artelharia em certos postos, ainda que bem apercebida, naõ se abalavaõ por estar em guarda della, e pera depois de disparada (com que esperavaõ desordenar o campo cristaõ) arremeterem por todas as partes, por onde já o tinhaõ cercado, e vendo tempo aco-

modado pera com sua artelharia fazerem maior dano no nosso campo, começáraõ a jogar com ella por a frontaria, do lado de hum milharal, aonde a tinhaõ escondida, com que fizeraõ muito dano. A artelharia dos Portuguezes, querendo tambem responder, com a revolta e confusaõ que se via em todas as partes, naõ puderaõ, nem atináraõ a lhe pôr o fogo, com que nenhum effeito fez, antes de todo a desemparáraõ, com a primeira carga de artelharia que os mouros déraõ. Acabada a fumaça, ficou elrei ainda indeterminado no cometter: Jorge de Albuquerque, que estava na primeira fileira, perto delrei, começou a altas vozes a dizer-lhe que desse Santiago, antes que os mouros dessem outra carga, o que tambem fez Pero Peixoto, que andava solto, discorrendo pelo campo, dando recados. Elrei estáva no corno esquerdo, diante dos esquadroens de cavallo, com Cristovaõ de Tavora, Luiz da Silva, o Conde do Vimioso, e Joaõ Gomes Cabral, capitaõ da guarda, o qual antes de elrei dar Santiago, hindo antreter huma manga de arcabuzeiros castelhanos, que se começava a retirar de pressa dos mosqueteiros dos mouros, foi o primeiro de cavallo que cahio morto. Elrei desejoso de cometter os imigos, com estes avisos se expertou mais, e dizendo Santiago, acometteraõ com elle o conde da Vidigueira, dom Francisco Portugal, filho do conde do Vimioso, o Ba-

raõ de Alvito, dom Fernando Mascarenhas, Fernam da Silva clerigo, Luiz de Brito, Jorge de Albuquerque, e outros que estavaõ na primeira fileira. O duque de Aveiro, que estava no corno direito, esperando o sinal de elrei dar Santiago, como o vio abalar, logo arremeteo com a sua gente com muito esforço. Com o impeto que levavaõ, elrei e o duque rompêraõ pelos esquadroens da infantaria dos mouros, e matando nelles, entráraõ por mêo dos esquadroens da cavallaria, os quais naõ podendo esperar a furia da nossa, começáraõ a abrir largas ruas, com grande espanto, recuando huns aos outros, e cahindo aos lados, fazendo caminho á cavallaria. Tanto entráraõ os de cavallo pelos esquadroens dos mouros, que Antonio Mendes, criado do mestre de campo, sahio do mêo delles com huma bandeira ganhada. Os aventureiros, vendo a batalha travada, e os arcabuzeiros dos mouros disparar com a primeira carga, arremetteraõ ás fileiras da bandeira por diante, que eraõ piqueiros, e cerrando com os barbaros, o primeiro que empregou sua alabarda com a morte de hum mouro, que vinha pera elle com hum arcabuz, foi Joaõ de Mendonça Furtado; os quais aventureiros, que se tinhaõ encontrado com os mouros, fazendo e recebendo cruel estrago, levavaõ tambem os Africanos de vencida á lança e espada: mas porque os imigos todos eraõ mosqueteiros, que ao perto e ao longe fa-

ziaõ muito dano, os aventureiros o recebêraõ maior, por se meterem muito pelos esquadroens contrairos, cahindo muitos mortos. Os Castelhanos, Tudescos, e Italianos visinhos dos lados dos aventureiros, com os soldados de Tangere, que estavaõ em mangas, animados com igual esforço, arremetêraõ juntamente, com espanto dos imigos, em que, com notavel ventagem dos cristaõs e cruel estrago dos mouros, começáraõ os africanos a retirar-se, com evidentes sinais de victoria dos cristaõs. Elrei e o duque de Aveiro, que por as suas partes hiaõ mui de vencida, e a quem já os mouros de cavallo começavaõ de virar as costas, naõ podendo esperar o peso dos golpes, naõ sei porque fados, naõ sabendo seguir a victoria, tornáraõ a virar, dizendo: volta, volta. Sebastiam de Sá, irmaõ do conde de Matosinhos, ouvindo esta voz taõ alhêa de tal tempo, disse: o meu cavallo naõ se sabe voltar: e hindo por diante naõ apareceo mais. Os mouros (como tem de costume) logo voltáraõ nas costas dos nossos, com sua costumada desenvoltura, e animo cobrado de se verem fora do aperto e perigo em que estavaõ. Elrei e o duque, volvendo segundariamente aos mouros, tornáraõ a fazer outra entrada por elles, naõ com menos dano dos mouros que a primeira. Neste tempo, em que a infantaria da vanguarda pelejava valerosamente com a gente de pé dos mouros, que resistiaõ com animo in-

vencivel, hindo elles já dando as costas, deo huma bala de hum tiro de campo (que vinha em chapeletas) em huma perna a Alvaro Pires de Tavora, capitaõ dos aventureiros, de que cahio, posto que naõ morto. Quando Pero Lopes, seu sargento mor, vio o capitaõ cahido, e os aventureiros das fileiras por diante hir seguindo a victoria com furia mais que humana, começou com altas vozes a dizer: volta, volta. Esta voz, formada naõ sei porque espirito, correo de maneira pelas orelhas dos cristaõs, que parando huns, e tornando atraz outros, começáraõ os mouros novamente a cobrar animo, e os cristaõs a perdê-lo. Com este movimento taõ subito e cego, ficou tudo chêo de confusaõ e pavor, sem verem a causa que os atrazasse de seu determinado esforço, e se recuperassem as forças dos imigos, que hiaõ já cahidos. Nesta volta que os mouros fizeraõ sobre os cristaõs, começáraõ a desordenar-se os esquadroens com a gente de cavallo, assim dos cristaõs como mouros, que se mettia por elles: a este tempo fez o duque de Aveiro terceira entrada, em que já hia com huma maõ cahida, e depois desta entrada o naõ víraõ mais sahir, posto que hum mouro de Cid-Abdelcherim o conheceo no campo, morto de muitas lançadas, com cujo sangue ficou o campo da batalha enobrecido, pelo esforço com que valerosamente pelejou, e a fama que ficará imortal na memo-

ria dos homens, pela grandeza de seu animo ornado de todas as virtudes, e a honra que neste dia alcançou de insigne cavalleiro; cujo companheiro na vida e na morte foi Joaõ de Mendonça, o qual naquelle dia por suas maõs fez façanhas, que bem respondêraõ ao nome que elle tinha deixado na India, onde foi governador; porque na primeira entrada que elle, e o duque de Aveiro, fez nos mouros, nos primeiros encontros quebrou a lança, ficando o pedaço no corpo de hum mouro, e virando pera os companheiros, e rindo, disse: eu naõ sou mais obrigado: e tomando outra lança, tornou a seguir a batalha. Elrei, que já estava desordenado, naõ podendo fazer outra entrada pelos imigos de cavallo, dobrando pera a maõ direita sobre a infantaria dos azuagos, que se defendiaõ valerosamente, e já faziaõ retirar os Tudescos, com grande estrago de mortos e feridos, deo nelles com impeto taõ denodado, que de dous mil mouros naõ ficáraõ mais de desasete. Em todo este tempo o estendarte real apareceo nas maõs do alferes mor, e o guiaõ na de dom Jorge Tello, que com elle na esquerda, e a espada na direita, pelejou com animo ousado, e com destreza mais exercitada do que a sua idade florente promettia, mostrando aquelle dia espiritos invenciveis e animo sem medo; porque nunca faltou a elrei com o guiaõ arvorado no mêo dos mais perigosos encontros, antes em todas as

entradas elle fixava o guiaõ entre os imigos, muitas vezes mais avante do que elrei queria, cujo esforço e animo acordado sempre lhe durou até o cabo da batalha, sem perder o guiaõ da maõ, nem a elrei de vista, com que deixou imortal fama, e espanto de seus altos espiritos, com esperanças de insigne capitaõ, se a fortuna invejosa de sua gloria lhe naõ encurtará os dias com a morte natural em o cativeiro, a quem a furia da batalha naõ pôde com violencia dobrar; cuja morte foi tanto sentida dos que viraõ seu valor, quanto sua honra he louvada, com admiraçaõ de seu esforço. A infantaria, que ficava na retaguarda dos aventureiros, Castelhanos, Italianos, e Tudescos, da qual a mor parte era de picaria, por ser gente bisonha e de nenhuma esperiencia da guerra, naõ somente naõ seguia a vanguarda, em os encontros que travavaõ com os imigos, mas desordenando-se com o pavor da artelharia, e o recontro primeiro, alguns deixáraõ as armas, outros naõ hiaõ por diante seguindo os principios da victoria, antes, por naõ darem ajuda aos dianteiros que pelejavaõ, começou a batalha a enclinar-se com ventagem dos mouros; com cuja confusaõ as cousas começaraõ a perder a ordem e força dos esquadroens. Elrei, que já neste tempo naõ seguia bandeira, nem procurava metter em ordem a sua gente, chêo de sua costumada ousadia, com quaisquer que o seguiaõ, de pé

ou de cavallo, sem fazer differença de poucos ou muitos, se mettia por mêo dos imigos, fazendo taes feitos por sua pessoa, á lança, e depois á espada, que se a dinidade real, mettida em taõ temeraria empresa, o naõ condemnára, os feitos daquelle dia lhe podéraõ celebrar o nome, com eterna gloria de hum assinalado cavalleiro, por façanhas feitas com seu forte braço: mas estas lembranças que lastimaõ as almas de quem o vio, e sabe como pelejou, fazem de pouco gosto seus louvores; pois, esquecendo-se do principal cargo de governador, e de animar os seus soldados, sem resguardo de sua pessoa, quiz pôr a perigo todo o seu exercito, com hum cego furor de seu esforço, pondo espanto em todos os seus pela falta de sua presença, os quais naõ curando de offender aos imigos, nem defender as pessoas proprias, toda a desordem e perdiçaõ se seguia em cada hum capitaõ e fidalgo andar buscando pelo campo elrei: o qual, andando já no fim da batalha, e o cavallo muito ferido e cançado, que naõ podia hir adiante pera continuar o exercicio da peleja em que mais se ocupou aquelle dia, que em dar ordem ao exercito no principio, e animá-lo no fim, encontrou com Jorge de Albuquerque Coelho, muito chêo de feridas, de que ficou depois aleijado em muletas, em hum cavallo russo queimado muito poderoso, e lhe disse: « Dai-me esse vosso ca» vallo, se ainda está bom e saõ; porque

» este em que venho já naõ póde dar pas-
» sada comigo ». Jorge de Albuquerque, vendo a necessidade em que elrei estava, lho offereceo logo; o qual por se naõ poder menear das feridas, nem se poder firmar nos estribos, pera se descer, chamou huns soldados que o ajudassem a tirar da sella, o qual como foi no chaõ disse a elrei: « Tome vossa alteza esse cavallo, que he » bom: salve-se nelle, porque eu quero » aventurar minha vida pera salvar a de » vossa alteza; pois na minha se aventura » pouco, e na de vossa alteza muito. » Desta maneira ficou Jorge de Albuquerque estendido no campo, sem se poder bolir, passando por cima delle muita gente: hum padre da companhia com outros soldados o pozeraõ em huma carreta, aonde lhe arremessáraõ muitas lanças e muitas arcabusadas, sem lhe acertarem, o qual Deos guardou por obra de tanta cristandade e lealdade, como tinha usado com elrei. Elrei acceitando este offerecimento com mostras de sentimento, em deixar Jorge d'Albuquerque em tal estado, se lançou fóra do cavallo em que vinha, com a espada na maõ, e de improviso cavalgou no outro, com tanta desenvoltura, que em pondo o pé no estribo e a maõ esquerda no arçaõ, com o braço direito da espada com grande força empuxou o cavallo de que se apeava, e logo se poz na sella do que novamente tomava; o qual sem mais esperar se foi metter entre

os imigos, com esforço naõ de soldado já desbaratado, mas de capitaõ victorioso em seguimento da victoria, cujas aventuras e façanhas fôraõ causa de toda a perdiçaõ da batalha. O coronel Vasco da Silveira, havendo licença de elrei pera aquelle dia pelejar com elle a cavallo, depois de deixar o seu terço provido de capitaens de confiança, fez muitas cousas dinas de si mesmo, com assás admiraçaõ de quem o vio, com muito esforço e ar, encontrar-se com muitos mouros, os quais mortos deixava estendidos em terra. Joaõ da Cunha, cavalleiro de Malta, fazendo entrada pelos mouros com huma lançada por hum olho, dizendo-lhe alguns que se recolhesse respondeo: » Nesses imigos quero eu recolher a minha lança: » onde acabou.

Prosegue a historia. Capitulo LXVII.

Como o exercito cristaõ se começou a desordenar, como fica dito, todo o peso dos mouros se esforçou com dobrado animo a carregar sobre elle, de maneira que de cada vez se desordenava mais, e cortavaõ qualquer esquadraõ, que trabalhava formar-se pera se defender. Naõ somente os mouros que estavaõ no campo da batalha hiaõ gosando da victoria, com mortos, cativos, e despojos dos vencidos, mas outros que ficaraõ afastados pera ver o successo da bata-

lha, com animo ousado e alaridos que chegavaõ ao ceo, como de homens vencedores, recreciaõ cada vez mais: entre os quais deceo ao campo da batalha grande multidaõ de barbaros das comarcas de Tetuaõ, e Xexuaõ e os da serra de Farrobo e outras muitas partes, que chegáraõ aquelle dia, e se puzeraõ a-la-mira sobre huns montes, em quanto naõ víraõ inclinar a victoria. Com este peso taõ innumeravel dos imigos, que cada hora mais crescera com ousadia de vencedores, ficava o exercito cristaõ cada vez mais oprimido, com mortes, e sem ordem de resistir, cercados dos imigos, postos em mèo, a quem os mouros, como a touros encerrados em côrro, arremessavaõ tiros a cada parte com arcabuzaria, que era muita, assim de gente de pé como de cavallo, cujo perigo os cristaõs naõ podiaõ evitar, pela maior parte de sua infantaria ser de picaria, e muito poucos de arcabuzaria, posto que naõ faltou o esforço nem destreza a muitos esforçados cavalleiros e soldados pera por suas pessoas particulares fazerem neste dia cousas dinas de eterna memoria: mas como o successo foi taõ infelice, com perda de tanta nobreza e reputaçaõ, pera louvor dos barbaros africanos, com morte de elrei, que a todos magoou, naõ tem nenhum homem por honrosos seus feitos, dinos de imortal gloria, nem eu por justo de os contar antre infortunios de taõ severo castigo de Deos; ainda que se naõ pode calar a

formosura de André Gonçalves, alcaide mor de Cintra, que com huma seta pregada no rosto, de que lhe naõ apparecia mais que as pennas, andava como leaõ bravo estimulado da ferida, fazendo por sua maõ grande estrago nos imigos por vingança da morte. Tornando ao fio da historia, andando a batalha em estado que já mostrava claramente a perdiçaõ dos portuguezes, sem haver capitaõ que podesse ter os soldados, nem terem certesa da pessoa delrei, por sempre andar misturado com os barbaros por todas as partes que se offerecia, sem nunca fazer rosto atraz, nem ter lembrança de procnrur algum remedio de salvaçaõ, mais que a ponta da lança, andavaõ os soldados que se encontravaõ a caso, perguntando huns aos outros por elrei, como gado desgarrado sem pastor, com assás lastima de todos, sentindo mais o dano commum na pessoa delrei, que os perigos proprios a que andavaõ offerecidos, naõ pondo tanto cuidado em suas saudes, como na vida delrei pera o salvarem, sem esperanças de outro refugio. Nesta confusaõ, taõ chêa de desconfianças de recuperar o que haviaõ perdido, e com temor de perder o todo, desejosos os membros de se exporem pera salvaçaõ da cabeça, mostravaõ bem os portuguezes, que ainda que a fortuna os tinha oprimido nas forças corporaes, lhes naõ podia abater os esforços do animo, e a lealdade do rei, a quem pertendiaõ salvar em tanto perigo, e a quem

com taõ alegre rosto até alli haviaõ seguido, com evidentes indicios do presente successo. Os terços de Diogo Lopes de Sequeira, Vasco da Silveira, dom Miguel de Noronha, que ficavaõ em a retaguarda dos aventureiros, espanhoes, italianos, e tudescos, quando os viraõ desbaratados, quasi com total estrago de todos, com mortos e feridos, com pouca resistencia fôraõ facilmente entrados, com similhante sorte dos dianteiros, a quem podéraõ dar ajuda nas costas. O esquadraõ de Francisco de Tavora, vendo os espanhoes, que tinhaõ defronte, pelejar e morrer como valerosos defensores da vida, e offensores dos imigos, cerrando-se com estremada ordem, foi commettido dos barbaros com impeto furioso, como de homens determinados, sem trazer temor, nem acharem resistencia. Francisco de Tavora, que da gente bisonha tinha a de Alemtejo e Algarve, que saõ homens de muito esforço, fez com elles rosto e corpo de se defender, o que fez com tanto dano dos imigos, que, quando já o capitaõ e soldados daquelle terço foraõ rendidos, havia em os mouros que o comettêraõ pouco que render, se nas costas lhes naõ viéra novo soccorro de grande multidaõ de imigos descançados; na qual ordem de pelejar, offendendo aos imigos e deffendendo a si, nunca pôde ser entrado nem roto, senaõ depois da morte do capitaõ, e do campo todo rendido. Com tanto esforço e acordo pelejou Fran-

cisco de Tavora aquelle dia, que, alem de fazer muito dano nos imigos, vendo hum alferes seu, que, com animo vil e chêo de medo, tentou buscar a salvaçaõ nos imigos, por comutaçaõ de hum baixo offerecimento da bandeira, que lhes hia entregar, arremettendo o coronel Francisco de Tavora com elle, dando-lhe muitas feridas com a espada que trazia na maõ, o deixou estendido no campo, e lhe tomou a bandeira, e a deo a outro soldado, que melhor a deffendesse. Depois do corpo da batalha ser desordenado, ficáraõ de tal maneira os esquadroens quebrados, e os cristaõs postos em pequenos magotes, que a cada passo eraõ cercados dos imigos; os quais postos neste tempo em defensaõ das vidas, trabalhavaõ entaõ com novos espiritos deffender-se com valor: e prouvera a nosso senhor que tivéraõ os portuguezes o desengano e animo no principio da batalha, quando os esquadroens estavaõ inteiros, que tiveraõ no fim, quando já de todo estavaõ rotos e desordenados; pois o esforço com que acabáraõ de ser rendidos, lhes promettia a victoria, se nelle começáram; porque de tal maneira resistíraõ alguns poucos, quando se viaõ salteados de muitos, que endurecidos na pertinacia da defensaõ da pessoa, e da vingança dos imigos, faziaõ façanhas mais que de homens; porque mais duros foraõ alguns magotes de pouca gente de render, com mortes e cativeiro, do que foi serem desordenados, quan-

do o corpo da batalha estava todo inteiro: mas, posto que logo no começo cahissem muitos mortos de cada parte, quando os mouros cuidavaõ que tinhaõ concluido a victoria dos poucos cristaõs vivos, e os muitos mouros que recresciaõ com seguro de suas vidas, entaõ foi certo o maior estrago dos seus, com a defensaõ dos nossos. Mas Deos, que tinha já em sua mente divina ordenado este castigo, permittio o povo cristaõ ser prostrado dos barbaros pagaõs, e seus corpos banhados em seu proprio sangue, e o campo coberto de cavalleiros armados, os quais debaixo das armas em que estavaõ vestidos, rendêraõ os espiritos a Deos: em cujo estrago, o povo pagaõ, com odio antigo de nossa fé e insolencia do vencimento dos cristaõs, naõ fartava o barbaro peito com o sangue derramado, mas com affrontosas injurias maltratavaõ aquelles a quem a furia militar havia comutado a liberdade das vidas com a subjeiçaõ do cativeiro: os quais gozando da victoria, sem nenhuma maneira de clemencia, nem compaixaõ dos vencidos, entaõ em mais acesa inimizade mostravaõ as entranhas danadas, chêas de zelo de vingança. Com isto apascentando os pagaõs o cruel apetite, com a morte de tantos e taõ valerosos capitaens, e esforçados cavalleiros e soldados, ajuntáraõ o cativeiro do resto do exercito. E com taõ grande multidaõ o tinhaõ de maneira murado no mêo daquelle taõ espantoso e

igual campo, que naõ podiaõ escapar sem que lhes cahissem nas maõs. Decrepitando a batalha já de maneira que o campo ia mui de vencida, pelo calor ser mui grande, mandou o senhor dom Antonio lhe tirassem as armas, em que se afogava de calma, o qual, tendo já o cavallo muito ferido que se naõ podia bolir, vio perto de si passar elrei, e lhe disse: » Ah! senhor, naõ estou » em estado de poder seguir a vossa alteza, » que me falta o cavallo ». A isto lhe naõ respondeo elrei: entaõ lhe disse o senhor dom Antonio, mostrandolhe com o dedo huma abertura de poucos mouros e pouco perigo, procurasse de se salvar: dahi a muito pouco espaço passou Cristovaõ de Tavora, o qual quando vio o senhor dom Antonio, a quem em Portugal antes da partida tinha aggravado, se foi a elle com muita cortesia, e inclinando-se muito lhe pedio perdaõ, e se abraçáraõ.

Como Luiz de Brito alevantou o estendarte Real. Capitulo LXVIII.

Antes que a victoria fosse de todo alcançada dos barbaros e o campo rendido, julgando-se os vivos por de peor sorte que os mortos, pera que acabassem sem infamia com todo o cuidado buscavaõ ocasiaõ em que morressem, com bom emprego de seu esforço; mas porque nenhum achavaõ mais honroso, que os livrasse da magoa que sen-

tiaõ em seus peitos, senão morrer na defensão da pessoa delrei, ou ao menos seremlhe companheiros na sorte, andavaõ os fidalgos, e outros homens honrados, com muito cuidado buscando-o pelo campo; mas porque o campo andava já de todo desordenado, nem se viaõ bandeiras, nem os soldados acodiaõ a ellas, andava toda a gente errada, sem saber o caminho que havia de seguir, nem a que esquadraõ se havia de acostar, principalmente por o estendarte real naõ aparecer, por dom Luiz de Menezes, alferes mór, haver perdido o cavallo, em que o trazia arvorado; mas, posto que cahisse entre muitos imigos, antre os quaes estava cercado, e a que não podia resistir, abraçado com o estendarte, com brados chêos de zelo da honra das insignias reaes, dizia a altas vozes: « Defendei, senhores, a bandeira delrei. » Repetindo muitas vezes estas palavras, Gonçalo Ribeiro Pinto, capitaõ dos gastadores, que alli se achou, com animo aceso de esforço se poz diante do alferes mór com espada e rodela, a defende-lo valerosamente até ser oprimido dos imigos. Luiz de Brito, que andava buscando elrei, passando este por alli acaso, quando vio o estendarte abatido, e o seu alferes em perigo de o perder com a vida, rompendo com a espada na maõ por mêo dos imigos, em o quarto cavallo (que, depois dos outros mortos, havia cobrado) com dezejo de o salvar, bem descuidado de pôr cobro na pro-

pria vida, remetteo ao estendarte, e lançando-se fora da sella, o alevantou, e posto logo com muita ligeireza a cavallo, o arvorou, fazendo-lhe lugar os barbaros que o pertendiaõ haver: com isto, atravessando por mêo do campo com esta insignia, mais seguido foi dos mouros, a fim de lho tirarem das mãos, que dos cristãos, pera com elle fazerem corpo; pera o que fizeraõ tanta força pera o tomar, e Luiz de Brito resistencia pera o salvar, que naõ podendo mais, o enristou debaixo do braço, donde os barbaros lhe levaraõ a hastea. Luiz de Brito, que mais cuidado tinha em salvar a bandeira real que a propria vida, cingindo-a comsigo, enrolando parte delle no braço esquerdo, determinou naõ a largar senaõ com o corpo espedaçado. Nesta forma chegando Luiz de Brito onde elrei estava com poucos do cavallo, perguntou elrei: « Trazeis o estendarte? » respondeo elle que trazia, e o mostrou envolto em si. Elrei, que naõ punha as esperanças mais que na memoria de sua morte, lhe disse: « Abraçai-vos com elle, e morramos sobre elle. » Cristovaõ de Tavora, que muitas vezes tinha persuadido a elrei que sem resistencia se deixasse cativar, nesta hora com muita instancia lho tornou a pedir com efficazes rogos e palavras, dizendo que attentasse sua altesa que o esforço, com que queria tornar a entrar em batalha, se devia ter por suspeito e inimigo do bem comum; pois esse animo invenci-

vel naõ promettia victoria, antes arrancava a morte de sua pessoa, sem remedio nem esperança da saude do exercito, que já via prostrado por terra, ficando os imigos senhores do campo; que posto que éra heroico feito de hum cavalleiro particular morrer antes por mão de seus imigos, que ficar sem liberdade cativo em seu poder, que este louvor não se contava nas pessoas dos reis; porque estes deviaõ ter mais conta com a saude propria pera proveito comum, que a da gloria particular, ainda que enchesse o mundo com sua fama: que pedia e rogava a sua alteza como leal vasallo e particular amigo, por cujos respeitos lho pedia, em nome de todo o povo portuguez, quizesse antes deixar-se cativar, que querer assolar tudo com sua morte; pois com sua vida as perdas tinhaõ remedio, e a honra se podia recuperar, com outro rosto mais propicio da fortuna, e os povos, que com sua morte ficavaõ orfãos, e os cativos sem esperança de liberdade, que com sua vida, ainda que posta em cativeiro, todas as cousas terião esperança de resuscitar, com mudanças de outro mais prospero tempo: e que além da rezaõ e o estado isto pedirem, que o exemplo de muitos reis, a quem acontecêraõ semelhantes infelicidades, lhe faziaõ esta lembrança ficar sem infamia, antes como acertado conselho. Elrei, que estava fóra de seguir este parecer, quasi aggravado de Cristovaõ de

Tavora por o persuadir, lhe virou as costas. Cristovaõ de Tavora, que tanto desejava este effeito, ainda que elrei se persuadia mal, determinou procura-lo por o bem comum: por tanto, vendo que huns elches capeavaõ pera elrei se désse (os quais por ventura o naõ conheciaõ) atou hum lenço na ponta da espada, e como bandeira se foi a elles, dizendo: « Sultaõ, Sultaõ »: que quer dizer, rei, rei, pera com estas palavras os persuadir a cativarem elrei, que lhe elle queria mostrar, o qual os mouros recolhêraõ, por cuidarem que era elrei, ou por lhe naõ darem credito: do qual se diz, que caminhando pera Fez o vira seu irmaõ; depois nunca mais foi visto, ainda que houve indicios que morrera em Fez, em huma estrebaria, das feridas. Elrei, que naõ esperou por Cristovaõ de Tavora, acompanhado de Luiz de Brito, com outros poucos de cavallo, se metteo por hum tropel de mouros de cavallo, os quaes arremettendo a elrei com grande impeto, o cercáraõ de todas as partes, e apegaraõ delle e do braço da espada, sem lha poderem tirar da maõ. Luiz de Britto, que mais desejava que elrei se deixasse cativar, que com resistencia ser morto, chegando-se aos imigos, com desejo de ser companheiro da sorte delrei, metteo a espada na bainha; mas resistindo elrei com muita força por se desavir dos barbaros, que o tinhaõ liado, quando Luiz de Brito vio que o mal tratavaõ, levou da espada, e ti-

rando alguns golpes fez afastar os imigos, e soltar elrei de suas mãos: aonde parece que se cumprio o pronostico, que o mesmo rei muitas vezes zombando dizia que tinha, que havia de ser cativo por hum breve espaço. Elrei, tanto que se vio livre das mãos daquelles pagãos, dêo a andar pera detraz, e se foi sahindo do campo e da batalha. Luiz de Brito, que entaõ ficou preso pelos imigos, sendo cercado de muitos, lhe pegáraõ do estendarte que trazia cingido, e pera lho acabarem de tirar, foi forçado estender o braço em que o levava enrolado; o qual depois foi comprado em Fez pelos Portuguezes da mão de hum mouro, que o andava vendendo, e vêo ter ao tesouro delrei, onde está. Luiz de Brito voltando os olhos pera o caminho que elrei tomára, o vio hir hum pedaço desviado, já sem haver mouro algum que o seguisse, nem aparecerem outros diante, que tão prestes o pudessem encontrar, pera lhe impedir o caminho que levava, que era mui distante do lugar, aonde depois dizião que o acharaõ morto.

Como Mulei-Maluco morreo da enfermidade, e o Xarife foi afogado no rio, e elrei dom Sebastiam foi achado morto. Capitulo LXIX.

Quando a batalha se começou a travar, estando Mulei-Maluco muito mal da en-

fermidade que trazia, vendo que dos primeiros encontros que os cristaõs tiveraõ, com que começáraõ a romper o exercito dos imigos, os mouros com medo muito grande, huns cahiaõ prostrados, outros voltavaõ as costas, naõ podendo esperár o impeto da gente de cavallo, posto em grande coragem, se levantou do coche onde estava e cavalgou em hum cavallo, pondo-se diante dos que se retiravaõ, com a espada na maõ, querendo os animar que tornassem á batalha, de que fallecêrão nelle as forças, que naõ podendo ter-se a cavallo com os acidentes mortáes que o salteavaõ, cahio em terra, aonde com a queda e outros encontros, que lhe recreceraõ, da gente que fugia, ficou morto, ainda que alguns dizem que morreo de huma arcabuzada. Hamet-Taba, arrenegado genovez, que se achou perto, vendo o Maluco morto, e que se sua morte fosse divulgada, desanimariaõ os Mouros de maneira, que de improviso ficariaõ vencidos com total destruiçaõ do campo, com muita diligencia e sagacidade o tomou nos braços, e o metteo no coche, coberto com huma colcha, e fingindo que era accidente, quietamente dissimulou sua morte. Meanim, moço de pouca idade, filho do alcaide Alizarcaõ, arrenegado portuguez, como vio o Maluco cahido, cavalgou no seu cavallo, e com palavras e feitos chêos de esforço, começou a animar a gente que tornasse a voltar aos

cristaõs, parecendo-lhes a todos que era o mesmo rei. Naõ pôde a morte de Maluco tanto occultar-se, que naõ fôsse em breve logo divulgada no campo dos cristaõs; mas foi a tempo que o exercito hia desordenado, de maneira que com quanto se começou a acclamar a morte de Maluco, não puderaõ os Portuguezes formar os esquadroens. O Xarife com trezentos mouros de cavallo e quatrocentos de pé, de que estava acompanhado, ajudáram da sua parte a pelejar, como homens que, além de deffenderem as vidas, pertendiaõ serem reduzidos á honra e patria, de que andavaõ desterrados: mas como elles eraõ membros daquelle corpo da batalha, no estrago e desordem fôraõ companheiros, e nos successos iguais aos cristaõs. Sendo pois muitos mortos e feridos, quando foraõ desesperados do remedio de sua saude, cada hum procurava salvar a vida com fugida. O Xarife, que naõ temia menos cahir nas maõs dos mouros que os cristaõs, attentando qualquer maneira de salvaçaõ, naõ achou outra senaõ passar-se além do rio: o qual, sahindó-se da batalha com alguns mouros seus que o seguiaõ (entre os quais vinha dom Joaõ Coutinho, que depois foi Conde de Redondo) lhe sahiraõ ao encontro os imigos. Os alcaides Cid-Abdelcherim e Cid-Hamu, que foraõ sempre seus amigos, lhe disseraõ que fosse sempre ao longo do rio, até o váo, que elles entrete-

riaõ os imigos com recontro de peleja, como fizeraõ: o Xarife, que arreceou ir pelo rio acima demandar o váo, com temor de de ser salteado de outros imigos, endireitou com a passagem mais perto. Os alcaides, que já se sentiaõ desenvoltos, se foraõ seguindo o Xarife pera o empararem e acompanharem em sua fortuna, e achando-o á bordo do rio, duvidoso de sua passagem, pela difficuldade das agoas, e temeroso pelo seguimento dos imigos, quando se vio taõ perplexo, atreveo-se antes lançar-se á agoa, que esperar que os barbaros lhe derramassem o sangue: o qual lançando-se ao rio, começou o cavallo a atolar no lamaraõ, e mettendo huma maõ pela redea, se virou com elle; e por a maré decer com impeto, se despedio o cavallo delle, lançando-o fóra da sella, aonde se afogou á vista dos seus alcaides, que lhe naõ pudéraõ valer, e que com assás magoa soffrêraõ hum espectaculo taõ lastimoso pera elles, em que se lhes cerrou a porta da esperança de serem restituidos a suas terras; os quais, passado o rio sem perigo, se puzeraõ em salvo, por saberem á terra e lingua, e que no traje poderiaõ passar como naturaes, sem serem conhecidos por amigos dos cristaõs; por que as insignias que os mouros do Xarife tomáraõ naquelle dia, pera na batalha serem conhecidos, foraõ chapeos que traziaõ nas cabeças, que facilmente se podiaõ lançar fóra pera ficarem com igual trajo.

Hum mouro criado do Xarife, seu pagem de campainha, que com amor e lealdade o seguio até o conflicto da morte, como o vio afogado, foi correndo pedir alviçaras da morte do Xarife a Mulei-Hamet, irmaõ de Mulei-Maluco e sucessor do reino, pera que ficasse sem arrecêos de alterações, que com sua vida ainda se podiaõ temer. Tal he a sorte dos vencedores, que em breve tempo reconciliaõ os animos dos vencidos, que de improviso fazem mudança com os sucessos da fortuna. Elrei dom Sebastiam, que naõ procurou remedio de se salvar, senaõ depois de toda a batalha perdida, o vio Luiz de Brito caminhar pera o rio, no cabo do campo da batalha, onde depois foi achado morto; mas por naõ haver quem soubesse do genero de sua morte, presumem alguns que foi cativo de Alarves, e por desavença de quem o levaria o vieraõ a matar: outros presumem que em o querendo despir, resistio defendendo-se até á morte, por conservar a natural honestidade, que sempre teve, sem consentir que criado algum seu, por familiar que fosse, lhe visse os pés, e elle por sua maõ ordinariamente tirava as servilhas e meias calças. Este fim tiveraõ hum dia, em menos de duas horas, tres reis taõ poderosos, em taõ breve distancia, que se podiaõ em suas mortes vêr huns aos outros. Caso por certo poucas vezes visto, nem ainda pensado, em que se mostrou a crueldade da batalha,

naõ sómente na morte de muitos esclarecidos capitaens e illustres senhores, mas ainda de tantos reis, taõ poderosos, cujo estrago o sol aquelle dia quiz prantear, mostrando-se triste, que foi visto mais vermelho do acostumado; o que claramente entendiaõ os que o viaõ que era indicio do sangue que se derramou, pela côr de que vinha banhado. Naõ tiveraõ os portuguezes menos rezaõ de prantear seus mortos neste campo, que os profetas Hieremias e David os filhos de Israel, que ficavaõ prostrados por maõ de seus imigos, banhados em seu proprio sangue, feitas suas carnes manjares de aves e de feros animaes, e os ossos sem sepultura: cujo pranto o excellente poeta Diogo Bernardes, em suave e doloroso verso o tem cantado com lagrimas e gemidos, que fazem o sentimento mais lamentavel, e as lagrimas mais frescas.

Dos senhores e fidalgos que morrêraõ na batalha. Capitulo LXX.

Por que os aventureiros e a gente de cavallo, onde hia elrei e toda a nobreza de Portugal, foraõ os primeiros que commettêraõ o campo da batalha, estes recebêraõ o maior dano, assim no recontro primeiro, como por até o fim pelejarem sem cessar: por tanto, quiz nomear algumas pessoas principais e fidalgos, por ser impossivel tratar de todos os capitaens e homens honrados que

aqui acabáraõ. O primeiro que cometteo, e o derradeiro que acabou, foi elrei dom Sebastiam de gloriosa memoria, cujas façanhas, feitas com sua maõ, foraõ taes que em certa maneira ficáraõ viciadas, por se vèr claramente que nenhum fim elle tivera naquella temeraria batalha, senaõ concluila com a força de seu braço, com o qual até a morte naõ cessou de pelejar, deixando magoa aos cristaõs de se perder tal esforço por máos conselhos, e espanto aos mouros pelo estrago que nelles aquelle dia fez. O duque de Aveiro, principe esclarecido, posto que acabou no principio da batalha, taes foraõ seus feitos que a fama delles ficará viva até o fim do mundo. Dom Jorge de Alencastre seu primo. Dom Jemes irmaõ do duque de Bragança. Dom Diogo de Mello, filho maior do conde de Tentugal, o qual acabando de beber huma pouca de agoa, cahio de hum pelouro que lhe entrou pela boca. Dom Alvaro de Mello, seu primo, que morreo de huma bombardada. Dom Affonso, conde do Vimioso. Dom Manoel, seu filho. O conde da Vidigueira. O conde do Redondo. O conde de Mira. Dom Jorge de Faro, seu primo. O baraõ d'Alvito. Lourenço da Silva, regedor. Jorge da Silva, seu tio. Thomé da Silva. Bartolomeu da Silva. Francisco de Tavora, coronel. Cristovaõ de Tavora. Luiz Alvares de Tavora, senhor do Mogadouro. Pero de Mesquita, bailio, capitaõ de artelharia.

Luiz de Alcaçova e Cristovaõ de Alcaçova, filhos de Pero da Alcaçova. Conde das Idanhas. Dom Martinho Castello-branco, senhor de Villa Nova, e dom Diogo seu irmaõ. Manoel de Sousa, aposentador-mór. Dom Diogo Lopes de Lima. Joaõ de Mendonça, governador que foi da India. Dom Pedro, filho do conde de Linhares. Dom Joaõ da Silveira, filho maior do conde da Sortelha. Manoel Telles. Dom Vasco Coutinho. Manoel Coresma, veador da Fazenda, e Joaõ Coresma seu filho. Joaõ Carvalho Patalim, e Pero Carvalho seu filho. Pero Mascarenhas. Dom Joaõ Portugal, filho de D. Manoel Portugal. D. Joaõ Portugal, filho de dom Francisco Portugal. Dom Luiz de Almeida, irmaõ do arcebispo de Lisboa. Joaõ Mendes, morgado de Oliveira. Dom Gonçalo Castel-branco. Agostinho Pereira. Dom Alvaro de Castro, o romanisco. Joaõ Comes Cabral, capitaõ da guarda. Ambrosio da Costa, cunhado de Miguel de Moura. Joaõ da Silva, filho de Lopo Furtado de Mendonça. Anrique Anriques de Miranda do Duque. Antonio Carvalho de Setubal. Andre de Albuquerque. Manoel de Miranda, camareiro mór do senhor dom Antonio. Manoel Corte Real. Dom Luiz de Menezes e dom Francisco de Menezes, filhos de dom Fernando da Pampulha. Dom Henrique de Menezes o roxo, e dom Simaõ de Menezes seu irmaõ. Dom Antonio de Cantanhede. Dom Simaõ de Mene-

zes, filho de dom Rodrigo de Menezes, veador da rainha. Dom Francisco de Moura. Antonio de Moura, filho de Alvaro Gonçalves de Moura. Gonçalo Nunes Barreto, e Francisco Barreto seu irmaõ. O capitaõ Alexandre. Dom Manoel de Menezes, bispo de Coimbra. Dom Aires da Silva, bispo do Porto. O padre Mauricio, da companhia de Jesus, confessor de elrei. Dom Antonio de Vasconcellos. Dom Antonio de Menezes, filho da camareira mór da infante dona Maria. Dom Antonio da Costa, filho de dom Gileanes. André Gonçalves, alcaide mór de Cintra. Alvaro Pires de Tavora, filho de Rui Lourenço de Tavora. Antonio de Sousa, filho do governador André Salema. André Pires, filho de Alvaro Pires, escrivaõ da Fazenda. Alonso Peres. Anrique Corrêa da Silva, filho de Ambrosio Corrêa. Dom Antonio de Sousa. Antonio de Vasconcellos. Alvaro Paes Souto-Maior. Anrique Moniz, sobrinho de Antonio Moniz governador da India. Affonso Serraõ e Diogo Serraõ, cunhados de Rui de Sousa. Aires de Miranda do Duque. Antonio Lobo, alcaide mór de Monsarás, e hum seu filho. Dom Alonso de Aguilar, coronel dos Espanhoes. Antonio Pires de Andrade, filho de Alvaro Pires de Andrade. Antonio Jaques. Cristovaõ de Bobadilha. Cristovaõ de Tavora, filho de Bernardim de Tavora. Dom Diogo, e dom Francisco seu filho. Duarte Dias de Menezes, secre-

tario. Diogo da Fonseca Coutinho. Duarte de Mello. Diogo Lopes de França de Tangere. Dom Fernando Mascarenhas. Dom Francisco Coutinho Marialva. Dom Francisco, filho de dom Pero de Villa-verde. Francisco Casadó, corregedor da corte. Francisco de Mello, e Garcia de Mello, filhos de Simaõ de Mello. Dom Francisco Pereira. Lopo Mendes de Bairros, herdeiro de Jorge da Silva. Fernaõ Martins Mascarenhas. Fernaõ Barreto, filho de Belchior Barreto. Francisco Sodré. Dom Gonçalo Chacaõ, castelhano. Gregorio Sarnache, do Porto. Gaspar Nunes, manteeiro delrei. Gomes Freire de Bobadella. Dom Garcia de Menezes de Evora. Gomes de Souto-Maior. Dom Joaõ de Castro e dom Luiz seu irmaõ, filhos de dom Alvaro de Castro. Joaõ Alvares da Cunha. Jorge de Mello da Cunha. Joaõ da Silveira, filho do Craveiro. Dom Joaõ de Almeida, filho de dom Duarte de Almeida. Jorge da Silva da Gama. Joaõ da Cunha, comendador de Malta. Jorge da Costa, escrivaõ da Fazenda. Joaõ da Silveira. Hieronimo Telles, filho de Fernaõ Telles de Santarem. Dom Joaõ de Abrantes. Dom Joaõ Pereira, filho de Francisco Pereira. Joaõ da Silva, filho do regedor. Dom Jorge de Mello de Portalegre. Dom Joaõ Mascarenhas, filho de dom Vasco Mascarenhas. Jorge de Mello Coutinho, de Santarem. Dom Joaõ de Sá, filho de dom Duarte de Sá. Dom

Hieronimo, o pintor, filho de dom Antonio de Mafra. Leonel de Lima, filho de Jorge de Lima, e Lourenço de Lima seu irmaõ. Lourenço Guedes. Dom Lopo de Alarcaõ. Lucas de Andrade, guarda-roupa delrei. Lopo Vaz de Sequeira. Dom Luiz Coutinho, cunhado de dom Miguel de Noronha. Pero Lopes de Sousa, e Martim de Sousa seu filho. Dom Manoel Rollim. Dom Manoel de Noronha, filho de dom Gomes. Martim Gonçalves da Camara. Manoel de Mendonça, filho de Manoel de Mendonça Caçaõ. Dom Manoel de Sousa. Martim Affonso de Sousa, o da India. Manoel Corrêa Bárem. Manoel de Sousa, filho de André de Sousa. Matheus de Brito, filho de Lourenço de Brito. Miguel Cabral, escrivaõ do mordomo-mór. Miguel de Abreu, irmaõ de Lopo de Abreu, da casa da India. Braz de Lucena, filho de Bastiaõ de Lucena. Dom Nuno. Manoel Fadrique. Nuno Freire, filho de Gomes Freire. Hieronimo de Saldanha, filho de Luiz de Saldanha. O surgiaõ-mór e amo delrei. O capitaõ Gama, sargento mór. O capitaõ Alexandre de Mello, filho de Garcia de Mello. Duarte de Miranda. Garcia Affonso de Beja. Francisco Domingues de Beja, filho de Rodrigo Affonso de Beja, manteeiro que foi do infante dom Luiz. Martim de Borgonha, coronel dos Tudescos. Dom Pedro Mascarenhas, irmaõ de dom Joaõ Mascarenhas. Dom Pedro da Silva de Elvas.

Pero Moniz, filho de Bernardo Moniz. Dom Pedro de Villa-verde.

Como os Mouros ficáraõ senhores do campo e alevantáraõ por rei Mulei-Hamet, irmaõ delrei Maluco, e os corpos dos reis foraõ achados. Capitulo LXXI.

Depois que os cristaõs fôraõ de todo rendidos, com morte de huns e cativeiro de outros, sem escaparem daquella batalha mais que cincoenta homens, pouco mais ou menos (entre os quais fôraõ estes fidalgos: dom Rodrigo, pagem do arremessaõ delrei, dom Diogo de Mello, filho de dom Antonio de Mello, hum filho de Lopes Vas de Mello, Duarte de Castro dos Rios, Thomé da Silva, filho de Joaõ Pereira Dantas, e Gaspar de Sousa Lobo) se occupáraõ os barbaros em roubar os despojos, e despir os mortos, onde houveraõ innumeravel riqueza de peças, joias, roupas, e armas, deixando o campo chêo de mortal estrago de toda a nobreza de Portugal: mas como os mouros, que se alli ajuntáraõ, eraõ de differentes partes de Berberia, em breve tempo desaparecêraõ os cativos, por cada hum levar os seus pera suas casas, naõ sabendo o pai do filho, nem o irmaõ do irmaõ, o que causou entranhavel magoa em os coraçoens de cada hum, alem da aflicçaõ do cativeiro das proprias pessoas, e estrago geral de todo o campo. Mulei-Hamet, como ficou senhor do campo, mandando recolher o des-

pojo da victoria, foi aquella tarde celebrar as exequias de Mulei-Maluco seu irmaõ, com muito sentimento de todo o exercito: o qual acto acabado, logo Mulei-Hamet, com igual consentimento de todos os mouros, foi alevantado rei e obedecido dos alcaides, os quais aclamando, *real*, *real*, hiaõ discorrendo por todo o campo, com mostras de alegria do novo rei, que sucedia ao pouco antes morto. Em o qual dia, em pouco espaço se víraõ em Africa tres reis vivos de huns mesmos reinos e estados. Ao outro dia pela manhã, cinco de agosto, mandou o Xarife trazer o corpo do Xarife que se afogou, o qual foi posto em huma esteira diante delle, e o mandou esfolar, pera chêo de palha o levar a Fez em triunfo de sua victoria. Neste tempo mandou chamar tambem alguns cristaõs, dos quais se informou muito particularmente da sorte delrei dom Sebastiam, se era morto, se vivo; os quais lhe disseraõ, que se salvára pela parte do rio. O Xarife replicou que morto era, que elle o sabia: Bastiaõ de Resende, seu moço da guarda roupa, que alli estava, antecipando-se ás mais respostas, e mostrando-se que sabia onde elrei jazia morto, se offereceo a o hir mostrar: o Xarife mandou-lhe dar huma azemala, com alguns mouros de cavallo que o acompanhassem, e se foraõ ao lugar, onde o acháraõ nu. Bastiaõ de Resende, vendo-o assim, despio a sua camisa e seroulas, e posto sobre a aze-

mala, o trouxeraõ diante do Xarife, e foi lançado na esteira, onde o outro Xarife morto estava, pera o que mandou chamar alguns fidalgos que o viessem reconhecer: e vièraõ a isso dom Duarte de Menezes, mestre do campo, dom Jorge de Menezes de Cantanhede, Antonio de Azevedo, Belchior do Amaral, dom Constantino, dom Nuno Mascarenhas, dom Antonio de Noronha, filho do conde de Mira, Joaõ Rodrigues de Sá, e outros fidalgos, que ahi se acháraõ. Domingos de Noronha, Luiz Cesar, e dom Fernando de Castro, posto que estavaõ ahi, naõ o quizeraõ vêr, por naõ renovarem as magoas com taõ triste espectaculo. Tinha elrei cinco feridas na cabeça, das quais tres eraõ pequenas, e duas em huma ilharga, como arcabusadas ou zaguchadas. O Xarife, que estava gosando da victoria, triunfando dos vivos e mortos, alegre em ter a seus pés prostrados sem almas os corpos dos reis seus imigos, com contentamento de gloria humana, mandou dizer aos fidalgos, que lhes daria o corpo delrei dom Sebastiaõ, se lhe dessem os lugares de Arzila e Mazagaõ, senaõ que o levaria a Fez. Os fidalgos lhe mandáraõ em resposta, que elles naõ eraõ senhores daquelles lugares, senaõ elrei de Portugal, o qual já havia de estar alevantado; que lhe mandasse elle aquelle recado, e elrei faria o que lhe parecesse; mas se elle de presente quizesse pôr em resgate honesto e

justo o corpo delrei, elles dariaõ de suas fazendas por elle dez mil cruzados, e quanto aos ameaços que dizia de o levar a Fez, naõ acertava nisso; porque o rei alevantado em Portugal o sentiria muito, e trabalharia vingar qualquer descortesia feita áquelle corpo real, ainda que morto, e o mesmo faria elrei dom Philipe de Castella, seu tio, que muito o amava, e igualmente receberia o aggravo como o rei de Portugal. Com isto mandou o Xarife se guardasse aquelle corpo, e o leváraõ a Alcacere-quibir, metido no fundo de humas andas sem capelladas, em que hia Jorge da Silva, fidalgo muito honrado, velho e doente, cuja morte fez desemparados e orfaõs os filhos de Lisboa, de cujas necessidades elle era geral provedor, por sua grande riquesa e virtuoso zelo. Acabadas estas cousas, se partio o Xarife pera Fez, a gozar da victoria e do titulo novo de rei: hindo pois já caminhando, á quinta feira logo seguinte, mandou a Belchior de Amaral que, em companhia do alcaide Hamet-Taba, tornasse a Alcacere, onde o corpo delrei estava, e o enterrasse. Tornando Belchior do Amaral, como lhe era mandado, o vêo ahi sepultar a huma logea do alcaide Habraem-Sufiani, que ficava alcaide em Alcacere; o qual á quarta feira, antes que elrei fosse enterrado, mandou buscar alguns cativos pera reconhecerem aquelle corpo, pera o qual buscaraõ a Fernaõ da Silva, que ahi esta-

va (posto que naõ conhecido dos mouros por fidalgo naõ nobre e aceito a elrei), o qual, por estar muito ferido de huma arcabusada na maçã do rosto, que lhe sahio o pelouro por detraz da orelha, e huma grande cutilada em hum braço, naõ pôde vir vêr o corpo delrei; e chamando Martim do Castro dos Rios, filho morgado de Joaõ Diogo de Castro (o qual, por mercancia, chegou a ajuntar e deixar em a morte novecentos e tantos mil crusados) naõ sendo ainda conhecido, chegando ao corpo delrei, metido no fundo das andas, sendo já morto de tres dias, por estar inchado do rosto o desconheceo, e naõ se affirmou ser aquelle.

Como o Xarife, acabada a batalha, tratou de cercar Arzila e Tangere, e mandou Belchior do Amaral a estes lugares.
Capitulo LXXII.

Depois que o Xarife se vio senhor do campo, com honrosa victoria, rico despojo, e sobretudo rei pacifico de toda Berberia, determinou seguir a victoria, com a empreza dos lugares de Arzila e Tangere, por ficarem sem nenhuma maneira de guarniçaõ, naõ havendo nelles mais que mulheres e gente fraca, todos chêos de medo e confusaõ, e ajuntando a concelho os alcaides, o dia seguinte da batalha, pera esse effeito se metteo em huma tenda, em roda da qual estavaõ muitos cativos fidalgos, entre

os quais se achou Gil Fernandes de Carvalho, capitaõ de Masagaõ, practico na lingua arabica, que ouvia e entendia o que se tratava no concelho. Os alcaides e o Xarife, votando sobre o que estava proposto, depois de haver resoens de cada parte, se resolvèraõ em naõ empreenderem o cerco de Arzila e Tangere. A causa principal que moveo ao Xarife a deixar esta empresa, taõ importante a seus estados e facil de concluir, parte foi por com sua presença hir atalhar algumas alterações esperadas; parte por gosar da victoria e felicidade, que a fortuna taõ de improviso lhe meteo na maõ, do que Gil Fernandes avisou os fidalgos que com' elle estavaõ. Caminhando pois o Xarife logo direito a Fes, depois de Belchior do Amoral o tornar a tomar no caminho da vinda de enterrar o corpo delrei, se tratou antre o Xarife e os fidalgos portuguezes, mandassem a Arzila e Tangere hum homem portuguez, que detivesse pera o resgate dos cativos o dinheiro que estivesse na armada. O Xarife como entrava novamente no governo do reino, e tinha necessidade de dinheiro pera fazer paga aos soldados, e outras despezas que naõ podia escusar, naõ engeitou a petiçaõ, antes acrecentou outros negocios que lhe relevavaõ; pera o qual foi eleito Belchior do Amaral, por ser homem de graõ prudencia e saber em importantes negocios. De maneira que, posto que os portuguezes fingissem

seu principal intento ser mandar Belchior do Amaral a entreter o dinheiro, esse foi o negocio menos cuidado delles; mas tomáraõ-no por achaque pera com elle abrirem caminho a outros que lhes mais relevavaõ, os quaes eraõ principalmente avisar ao cardeál, que sucedeo no reino por morte delrei dom Sebastiam, do estado da batalha, da morte delrei, e dos mais particulares, e assim avisár os lugares fronteiros, de Arzila e Tangere, se naõ temessem do cerco, de que o Xarife já estava fóra; porque se temia que os cristãos, sómente com essa persuasaõ os despejariaõ, como de feito estavaõ buscando todos os mêos de embarcaçaõ pera se sahirem. Tambem levava Belchior do Amaral lembrança mandasse hum embaixador ao Xarife, a tratar do resgate dos cativos, porque entendiaõ delle folgaria, e seria isto mêo pera haver maior equidade e temperança em estes negocios, e outros muitos, que se moviaõ antre Africa e Portugal: e sobretudo mandasse resgatar o corpo delrei, que ficava em Alcacere, em acrecentamento de magoa dos cativos, que o viraõ e sabiaõ o modo delle. O Xarife nesta licença que deo, querendo-se tambem ajudar dos negocios que lhe relevavaõ, pedio a Belchior do Amaral tratasse com Pero de Mesquita, capitaõ de Arzila, que prendesse a Mulei-Nacar, irmaõ do Xarife morto, que o dia antes da batalha havia fugido do campo de Mulei-Ma-

luco pera Arzila, por quanto fôra tredor a seu rei: assim pedisse a elrei de Portugal, que fosse alevantado, lhe mandasse vir de Mazagaõ Mulei-Xeque, filho do Xarife, o qual Martim Correa da Silva lá tinha levado, por naõ haver com elle alguns alevantamentos ou alterações, que tornassem a inquietar a Berberia. Belchior do Amaral, depois de haver enterrado a elrei, tornou a seguir o Xarife, e do rio Gargos, nove legoas de Alcacere, se despedio pera tornar a Arzila e Tangere, como estava determinado: o qual partindo á segunda feira doze de Agosto, oito dias depois da batalha, vêo ter a Arzila a segunda feira seguinte pela manhãa, ás oito horas do dia, onde achou toda a terra chêa de pavor do cerco que temiaõ, desejosos de acharem embarcaçaõ, e despejarem a terra; mas com sua vinda, e novas que lhe deu da segurança de naõ terem cerco, ficou o capitaõ Pero de Mesquita alevantado a novos espiritos, pela desconfiança que tinha de se poder defender, se vieraõ quaes quer poucos mouros sobre elle. Tratando Belchior do Amaral, do modo que se teria na prisaõ de Mulei-Nacar, com o capitão, como pudesse satisfazer a petição do Xarife, e não fosse aggravado Mulei-Nacar, por naõ haver nelle culpa, antes merecia favor por amizade dos portuguezes, derão hum talho, que sem Mulei-Nacar o entender, o entretivesse o capitaõ com cortezias e boas palavras, que naõ sahisse da for

taleza, e assim o Xarife cuidasse estar preso. Dalli partindo-se Belchior do Amaral o outro dia pera Tangere, achou que dom Diogo de Sousa, capitaõ-mór da armada de alto bordo, era partido pera o reino, e achou ahi dom Francisco de Sousa, seu sobrinho, com hum galiaõ e duas zavras em guarda daquella costa. Belchior do Amaral esteve tres dias em Tangere fazendo seus negocios, donde escreveo ao reino largamente todos os avisos necessarios; o qual, como fez os negocios a que era vindo, sem fazer mais dilaçaõ, se tornou a Fez meter em seu cativeiro, como homem que ia pera sua casa, por comprir com a obrigaçaõ da verdade e confiança que o Xarife nelle tivera.

Da pessoa delrei dom Sebastiam Capitulo LXXIII.

A fortuna invejosa dos dons naturaes e gratuitos do bemaventurado rei dom Sebastiam, a quem com a morte quiz despojar delles, faz agora sua lembrança mais chorosa aos que o viraõ vivo na prosperidade de sua pessoa e idade, e a fama mais gloriosa na memoria de sua adversidade. Morreo elrei dom Sebastiam na batalha que houve com os africanos, no campo de Alcacere-quibir, aos quatro de agosto da era de 1578, quando elle tinha de idade vinte e quatro annos, sete mezes e quatorze dias, na força da juventude: mas por que do pro-

cesso da historia atraz começada do tempo de sua mocidade, se pode bem entender o modo de sua vida, e muita parte de seus costumes, agora particularisando as estremadas virtudes da alma e fórma do corpo, daremos remate á historia de sua vida e morte. Era elrei de sua natureza instruido por doctrina santa, mui zeloso da fé catolica, assim pera com seu zelo tratar as couzas da republica temporal e espiritual com inteira justiça, aumento do culto divino e santos costumes, como com força de braço espantar os inimigos da igreja catolica, e naõ blasfemarem o nome cristaõ. A virtude que sobretudo se enxergou em elrei dom Sebastiam, e elle com muita instancia pedia aos devotos religiosos alcançassem de Deos lha confirmasse, foi a pureza da castidade, que elle guardou até a morte, com limpeza virginal, em cuja guarda foi sempre taõ zeloso e acautelado de toda a comunicaçaõ, e ainda da vista ou falla de mulheres, que vieraõ os menos honestos a dizer delle, que naõ amava as mulheres por de sua natureza ser impotente. Foi taõ zelozo da justiça, que nem os bons ficavaõ sem premio de seus merecimentos, nem os máos sem castigo de seus erros: com o qual, sendo taõ mancebo, igualmente era temido do povo miudo e nobreza, e de todos juntamente amado e reverenciado. Foi elrei mui modesto no fallar e vestir, naõ usando das ufanias dos mancebos (a quem o mun-

do convida com sua gloria, pompa e atavios) e fazia ventagem a muitos velhos no desprezo e fastio dos faustos da vida. Taõ inimigo era de delicias, cheiros e outros perfumes, que entranhavelmente aborrecia alguns fidalgos, se delles usavaõ. Na reformaçaõ dos bons costumes e frequencia dos sacramentos dava singular exemplo ao povo, e os que o naõ podiaõ imitar com zelo puro, era-lhes necessario contrafazerem-se com hypocrisia, pera naõ serem aborrecidos delle. Foi elrei mui exercitado nas forças corporaes, e fez ventagem a todos os mancebos fidalgos de seu tempo em todos os exercicios; porque além de ser destro nas armas, o era muito mais na desenvoltura dos membros, em tornear, jogar a pélla e saltar; e posto que nos exercicios de pé tivesse muita destreza, nos de cavallo naõ houve em seu tempo outro que lhe fosse igual; porque, além de elle ser em extremo grande cavalgador, e domador de ferozes cavallos, foi estremado monteador de porcos, jogador de canas e torneios, justador, e toureiro: nos quais exercicios era taõ fragueiro e soffredor de todos os trabalhos corporaes, que nem a violencia dos tempos de veraõ, nem inverno, o puderaõ vencer, nem as delicias dobrar a ter ou desejar algum repouso, com o que trazia taõ cançados e maltratados os fidalgos, que geralmente era notado, por sua fragueirice, de homem abstero. Nos perigos do mar e da terra foi assás arriscado,

e como homem sem medo, nenhum duvidava, antes os buscava com temeridade, e muitas vezes com jactancia perguntava que cousa era medo. Era elrei homem de boa estatura do corpo, naõ em demasia; de fortes membros, enxuto, bem disposto, sem defeito algum ou vicio corporal: era alvo das carnes, os cabellos da cabeça e os que lhe começavão a pungir da barba louros: tinha o rosto grave e severo, com o beiço de baixo algum tanto derrubado, cuja composiçaõ lhe dava muita graça e formosura: no andar a pé e a cavallo tinha tanta graça, ar e magestade, que bem representava a dinidade real, que nelle residia: o esforço de animo pera grandes feitos, e magnificencia pera grandes empresas, o fazião estimar em pouco seus estados, aspirando a grande monarca, de que se via dignissimo. Com estas e outras muitas partes, que seria mui largo contar, viveo dom Sebastiam gloriosamente, e com ellas acabou na força de sua florente idade, pera gloria da alma, e eterna memoria de sua imortal fama.

Das pessoas dos Xarifes Mulei-Maluco e Mulei-Hamet. Capitulo LXXIV.

Já atraz fica dito das partes e habilidades de Mulei-Maluco, juntamente com os vicios que lhe escureciaõ o louvor de seus

doens naturaes. A proporçaõ do Maluco era de homem meaõ, ainda pequeno, mas bem feito, e de poucas carnes: era alvo do rosto; tinha a barba preta, olhos grandes, o nariz bem feito, o rosto redondo, os dentes dianteiros um sobre o outro: com esta composiçaõ era gentil homem do rosto, airoso do corpo, com aspecto grave e alegre. Foi soldado mui esforçado e capitaõ destro, e se achou em muitas batalhas campaes, e navaes, sem em alguma dellas ser ferido. Foi em extremo amigo dos cristaõs, a quem sempre fez mui bons tratamentos, com humanidade e equidade de homem primoroso; do qual se conta, que entrando hum dia na sagena dos cristaõs, e hindo cercado de arrenegados, tomou o hisope, e lhes lançou agoa benta, rindo pera elles, dando a entender que, ainda que professavaõ a lei de Mafamede, os tinha por cristaõs, e hindo adiante vio hum cristaõ estar de giolhos, o qual vendo que o Maluco vinha se alevantou; o Maluco lhe perguntou que pedia a Deos: o cativo lhe respondeo que, liberdade: disse-lhe o Maluco que rezasse, que Deos o ouviría: dahi a poucos dias o mandou soltar, e dar dinheiro, que se fosse pera sua terra. A hum mancebo biscainho, por nome Bastiaõ, seu mantieiro, que fôra cativo com seu pai velho, disse hum dia o Maluco, que dalli a hum anno o havia de libertar: o mancebo, fazendo pouco caso do promettimento do barbaro, julgando a

liberdade das palavras por excusa das obras, vêo a se esquecer delle. Chegado o anno, o chamou o Maluco, e lhe disse: » Lem- » bras-te que he chegado o dia da tua li- » berdade? » Respondeo o cativo que sim: entaõ lhe disse Mulei-Maluco: « Bem sa- » bes que gosto muito do teu serviço, por » tua boa diligencia, e com tua absencia » me farás muita falta: Seja pois assim: » teu pai será libertado, e tu ficarás em » meu serviço, sem sujeiçaõ de cativeiro: » Assim o fez, e lhe mandou o pai pera sua casa. Bastiaõ, depois da morte do Maluco, com licença do Xarife seu irmaõ, se vêo a terra de cristaõs, e foi em companhia de Belchior do Amaral, quando vêo a Tangere. Morreo o Maluco o dia da batalha, como atraz fica dito, de sua enfermidade, ou como outros dizem, de huma espingarda, da de idade de trinta e seis annos. Mulei-Hamet Xarife, que tambem foi afogado no rio, o dia da batalha, era de idade de trinta e tres annos: foi infelice em seus cometimentos; porque em todas as batalhas (excepto na de Tanhuli) sempre foi desbaratado; as quaes foraõ vinte e quatro, e a em que acabou, vinte e cinco, excepto na do cerco de Mazagaõ, onde perdeo infinita gente, sem ter effeito seu intento. Era Mulei-Hamet homem de bom corpo, muito grosso, cor parda amulatado, tinha o nariz grande, pouca barba nas queixadas, no mêo junta: dizem alguns mouros, que

era pouco animoso, assim no castigo dos vasallos, como em fazer guerra aos imigos. Naõ sei que razaõ haja na prova desta opiniaõ; pois elle, nas batalhas que teve com Mulei-Maluco e seus capitaens, sempre se achou no corpo dellas, pelejando e animando os seus, até de todo ser roto: em todas as quebras que teve, com muita diligencia procurava reformar-se, e tornar á tentar a fortuna; mas parece que cobrou esta opiniaõ de covardo da primeira batalha que lhe deraõ os turcos, quando elle fugio antes de tornar a ella, e os seus terem a victoria quasi havida; ou parece que medem seu esforço pela mofina que teve em seus máos successos, dos quaes, por ser sempre vencido, cobrou fama de pouco esforçado.

Dos sinais que houve do infeliz sucesso delrei e do seu desbarate. Capitulo LXXV.

Que engenho taõ errado em suas opinioens, e taõ endurecido em seus erros, póde haver, que accuse a divina justiça na severidade de seus castigos; pois, convidando de continuo os homens com ocasioens de virtudes, mostrando-lhes os caminhos acertados, quando por ingratidaõ ou pertinacia se elles fazem vasos de ira, entaõ tocado de sua divina clemencia, procura apartar-nos do mal que seguimos, com sinais claros que nos avisem de seu castigo: mas posto que Deos tinha

determinado castigar o povo portuguez por seus pecados, muitas vezes antes os quiz denunciar com prodigios e sinais, bastantes pera nossa emenda; porque no anno de 1577, aos nove de Dezembro, apareceo do Ponente hum cometa, taõ grande e espantoso, que bem mostrava em sua sinificaçaõ os males que pronosticava, e estendendo hum grande rabo ao meio-dia, estava demostrando a regiaõ de Africa, aonde promettia fazer seus effeitos; e quanto foi de mais dura (que apareceo espaço de dous mezes) tanto mais continuos e maiores ameaçava que seriaõ seus effeitos. Tambem no mesmo anno, junto a Penamacor, foraõ vistos de muita gente, no ar, grandes exercitos de figuras, que naõ eraõ bem formadas, com similhanças humanas, e na ordem pareciaõ esquadroens que hiaõ marchando. O dia que elrei dom Sebastiam foi benzer a bandeira á Sé de Lisboa, antes de partir pera Africa, se vio publicamente, aõ tempo que o arcebispo foi meter a bandeira na hastea, depois de a ter benzido, a pôz de maneira, que ficou a imagem de Cristo com a cabeça pera baixo, a qual metida na maõ do alferes mór, embicou duas vezes com ella, e o tiveraõ naõ cahisse no chaõ. No dia da batalha, arvorando-a o alferes mór, nunca a pôde estender, nem desenrolar, ainda que muitos homens com força o pertendessem, nem dom Fernando Mascarenhas, que nisso pôz as forças, o pô-

de fazer: donde parece estar Deos offendido de maneira, que se naõ quiz mostrar ao povo, já bem merecedor de seu justo castigo. Quando elrei partio de Lisboa e foi ancorar a Lagos, quando ao surgir mandou alevantar a ancora, em os forçados começando de vogar, lhes apareceo hum homem morto, atravessado no esporão da galé, que era indicio de temor. Outro cuja sinificação não se engeitou, foi, que hindo pelo mar Domingos Madeira, musico delrei, cantando-lhe, e tangendo em huma viola, começou de cantar hum romance: Ayer fuiste rey d'Espanã: hoy no tienes un castillo: tanto foi isto tomado em máo agouro, que logo Manoel Coresma lhe disse deixasse aquella cantiga triste, e cantasse outra mais alegre. Tambem se vio o dia que elrei partio com seu campo de Arzila pera Larache, ao tempo que os reposteiros estavaõ desarmando a tenda real pera a carregarem, viéraõ tres corvos a pousarem-se em cima della. No mesmo dia se affirmáraõ muitos fidalgos, que viraõ no ar pelejar tres aguias, com mostras de grande odio e vingança. Muitos mouros, moradores em Alcacere, affirmáraõ muitas vezes, hum mez antes da batalha, haverem visto no campo, onde se ella deo, huma grande briga entre corvos e grous, e ferirem-se com cruel inimizade. No dia da batalha se vio o sol claramente taõ vermelho, que parecia sangue, com aspecto temeroso, mostrando presagio

da crueldade, ou compaixaõ (se deste vocabulo se póde usar) do estrago de mortes e efusaõ de sangue, que aquelle dia se fazia em taõ dura e cruel batalha; no qual dia, affirmaõ muitos homens de Tangere chover algumas gotas de sangue na cidade. Assim mesmo se affirma, no mesmo dia, se ouvira em Tangere grande estrepito de armas, com tiros e golpes taõ fortes, que se sentiaõ claramente; de maneira que muitos cuidáraõ, no mar perto de Tangere haver algum recontro de galés, e affirmavaõ e temiaõ Pero da Silva, que de Arzila vinha por mar servir de capitaõ de Tangere, e acompanhar sua irmã dona Leonor da Silva, mulher de dom Duarte, capitaõ da mesma cidade, haver sido salteado de algumas galés naquella costa, e na defensaõ, que fazia aquelle estrepito de armas, que taõ claramente se ouvia.

Como e porque vias vêo recado ao reino do desbarate do exercito. Capitulo LXXVI.

Tanto que o desbarate do campo cristaõ foi feito, com estrago de barbaro furor e envelhecido odio, logo a fama, que com similhantes novas se antecipa a dennunciar os tristes successos, correo a Ceita, e dahi estendendo as azas de sua velocidade, de improviso passou o Estreito a Gibraltar, donde Antonio Manso, feitor delrei de Por-

tugal, mandou hum corrêo ao reino, e cartas aos governadores, nas quaes lhes relatava a fama que corria, ainda fresca e confusa, sem particularisar cousa alguma, senaõ o commum rumor do exercito portuguez ser desbaratado. Os governadores facilmente deraõ crédito a estas novas, pelos recêos que elles e todo o povo tinhaõ de alguns grandes perigos, em a jornada delrei ir mal ordenada: mas, porque o povo naõ fizesse algumas alteraçoens em caso taõ infelice, e para encobrirem huma dôr taõ geral, que comprehendia a todo o estado, recolhêraõ em huma casa o corrêo, por naõ ser visto, nem interrogado do successo das cousas perdidas, com que nova taõ triste se pudesse divulgar. O povo, que sempre pera o mal he verdadeiro profeta, naõ somente se lhe naõ pôde esconder este corrêo, nem a confusaõ dos governadores, pera logo deixar de publicar recêos de máo successo, mas já antes disso andava um surdo rumor por Lisboa, que elrei era perdido, naõ havendo autor de tal nova, nem do modo do successo: e na verdade, naõ havia outro recado primeiro que este; mas porque, depois que elrei esteve em Africa, o cardeal o mandou visitar por Salvador de Medeiros, seu criado, e esta, por que ao tempo que chegou a Arzila, era partido elrei do outro dia, se metteo na companhia do Capitaõ Aldana, que tambem hia no alcance do exercito com mil soldados, chegou Salvador de Medeiros a visitar el-

rei hum dia antes de se perder; o qual por naõ ter maneira de se tornar, se achou ao outro dia na batalha, de que escapou ferido, e vindo-se logo a Portugal, foi o segundo recado, mais certo e de vista, que houve da certesa do desbarate, sem ainda se saber delrei se era morto. Dom Diogo de Sousa, capitaõ mór da armada de alto bordo, estava em Larache esperando a hida delrei, e quando soube o infelice sucesso do desbarate, posto em grande confusaõ de nojo, e naõ se determinando no que havia de fazer, esperou alli hum dia, pera recolher alguns cristãos que viessem a demandar a frota; mas como os barbaros entenderaõ que a armada estava com este desenho, com grande diligencia tomaraõ os portos da terra, como que armavaõ rede, em que haviaõ de vir cahir forçadamente os que tinhaõ escapado da batalha. Dom Diogo de Sousa, que entendeo sua estada era pera maior dano dos fugidos, que pera emparo, ordenou de se hir a Arzila, pera dar animo á gente, que de todo estava chêa de pavor, o qual recolhendo alli os enfermos, e algumas outras pessoas e fato, deixou seu sobrinho dom Francisco de Sousa com hum galeaõ e duas zavras, em guarda da costa e lugares, até ver o intento do Xarife. Isto feito, deo o capitaõ á vela pera Portugal, onde já estava semeada a nova do desbarate; mas nem á sua chegada houve certeza da pessoa delrei ser morto, antes pelo vulgo discorreo

hum rumor, que elle vinha na frota, o qual durou tanto, que por muitos tempos se naõ pôde o vulgo despersuadir que elrei era vivo, e que andava pelo reino e outras partes escondido: á cerca do qual huns contavaõ visoens da sua pessoa, a que alguns davaõ credito, outros formavaõ consideraçoens medidas pelo desejo que tinhaõ, o que deo assás confusaõ a muitos. Andava a duvida taõ altercada em todos os estados, que além de haver muitos que affirmavaõ ser elrei vivo, outros fizeraõ sobre isso grossas apostas. Por esta cousa andar tanto posta em opinioens, naõ tomou o cardeal o governo do reino mais que com titulo de curador, governador e defensor; mas por que Belchior do Amaral enterrára elrei em Alcacere, e fôra testemunha de vista, escreveo ao reino, dando verdadeira relaçaõ da morte delrei; a cujas cartas, que dom Francisco trouxe, se deo inteiro credito, pera o cardeal tomar logo o ceptro de rei, como abaixo mais largamente contaremos: com o qual nem ainda se pôde apagar a fama de elrei ser vivo, e durou esta opiniaõ até á morte do cardeal, e muito tempo depois.

Como o Xarife mandou degollar o Achahiac e o Dogalí e outros alcaides. Capitulo LXXVII.

Por a conjuraçaõ que o Dogalí e o Achahiac tinhaõ tratado em vida deMulei-Ma-

luco, de tomarem e repartirem os reinos de maneira que o Achahiac haveria o de Fez, o Dogalí (que andava no reino de Sus) como soube a morte do Maluco, e o estado das cousas, parecendo-lhe que a ocasiaõ lhe abria a porta pera effeituar seu intento, logo com muita pressa se vêo com as bandeiras que trazia direito a Marrocos, com intençaõ de se apossar da cidade, fingindo que a vinha emparar. Reduaõ, que estava de guarda della, conjecturando ou sabendo o desenho do Dogalí, naõ lhe quiz abrir as portas, e o desenganou que naõ havia de entrar dentro nella. O Dogalí, que naõ podia levar o negocio por força, senaõ por manha, dissimulou o melhor que pôde aquelle desvio, e mostrou que o naõ sentia, marchando pera Fez, onde o Xarife estava, pera lá com Achahiac buscarem outra ocasiaõ em que com seu intento pudesssem sahir. Reduaõ, como entendeo o Dogalí e soube seu desenho, escreveo huma carta em lingua espanhola a Hamet-taba, alcaide mui principal e amigo do Xarife, em que lhe descobria o que tinha alcançado do Dogali e do Achahiac, avisando-o que visse o modo que se devia ter em atalhar hum tal desenho, e em guardar a pessoa do rei. Hamet-taba, que naõ sabia lêr a letra espanhola, tomou hum cativo seu portuguez, e deo-lhe a lêr a carta; o qual, como vio a importancia do negocio, com todos os ameaços poz silencios ao cativo, pera que se naõ viesse por via

alguma a romper. O Taba, tanto que teve este aviso, descobrio-o ao Xarife, e ambos o dissimularaõ, por aquelles dous homens terem alcançado muita reputaçaõ no povo, e serem mui principaes e poderosos, contra quem, em publico e por força, se remediaria mal a traiçaõ, antes perturbaria a republica em estado taõ inquieto, assim do novo rei, como de Africa estar chêa de cativos, que haviaõ sido tomados na batalha, e que em qualquer alteraçaõ as cousas poderiaõ ficar duvidosas, e com perigo: por tanto, dissimulando o Xarife com o aviso, correndo com a privança que o Achahiac, com elle tinha, como o Dogali chegou, secretamente lhe mandou dar peçonha. O Dogali, que entendeo donde lhe vinha o mal, dissimulando tambem com igual sagacidade, naõ somente naõ se mostrou queixoso da peçonha, que lhe o Xarife tinha dado, antes se fingio tolheito das pernas, por naõ ter ocasiaõ de hir ao paço, nem a outras partes, onde tivesse occasioens de perigos. Neste tempo mandou o Xarife com graves penas por toda Berberia, que lhe trouxessem a Fez todos os fidalgos cativos, e juntos muitos em Fez, oitenta delles trataraõ com o Xarife, por meio do Achahiac, por onde este negocio corria, que os resgatasse todos juntos por hum certo preço. O Achahiac, neste negocio com muita diligencia e calor persuadia os fidalgos que se naõ desaviessem com elrei, e a elrei que se

concertasse com elles: isto a fim de o Xarife os naõ levar pera Marrocos, pera onde estava de caminho; porque, como trazia pensado que havia ser rei de Fez, todo o seu cuidado era que os fidalgos ahi ficassem, pera que havendo elle o reino, como determinava, lhe ficassem estes cativos, de que se esperava taõ grosso resgate: finalmente, tanta diligencia fez pera effectuar seu intento, que concordou o Xarife com os fidalgos cativos em quatrocentos mil crusados pelos oitenta; mas como o Achahiac, era muito privado do Xarife, e tinha com elle todas as entradas, cada hora que queria, principalmente no negocio do resgate dos oitenta fidalgos, nunca o Xarife lhe deo a entender o aviso que tinha de sua conjuraçaõ. Estando o Xarife já a este tempo de caminho pera Marrocos, determinando concluir a morte dos conjurados, sem alvoroço do povo, mandou toda a gente de guerra que fôsse diante espera-lo a duas leguas, entre os quais ia o Dogali, que naõ se sahia da tenda, por se fingir aleijado das pernas. O Xarife, como vio os dous companheiros apartados, como o contracto dos cativos foi concluido, indo o Achahiac, ao paço pera entrar, e com as confianças costumadas, naõ lhe deo o porteiro entrada como soia, mandando-o esperar, que o Xarife estava occupado. O Achahiac, achando novidade nesta resposta, perplexo em seus pensamentos, e alhêo da conjuraçaõ ser descoberta, discorria pelo en-

tendimento a causa daquella mudança, e esperando que o Xarife o mandasse entrar, lhe foi dado recado que entrasse, o qual entrado, foi mandado levar a hum jardim, onde já o estavaõ esperando os que o haviaõ de degollar, como logo dególlaraõ; mas por que a fama deste feito naõ fosse ter ás orelhas do Dogali, pera que pudesse fugir, ou fazer alguma alteraçaõ, mandou o Xarife logo a Hamet-taba com muita pressa ao lugar aonde estava, e dentro no ataúde e cama, em que jazia aquella noite, lhe cortou a cabeça, com que ficou atalhada a conjuraçaõ, e todos os alcaides com espanto e temor da severidade do castigo e modo delle: mas porque de todo o Xarife ficasse fóra de similhantes sobresaltos e temores, deo ordem com que fossem degollados todos os alcaides andaluzes, que andavaõ na companhia do Dogali e Achahiac, e outros de que se temia, os quais foraõ Gorrim-Mahomet, sobrinho do Dogali, e Reduaõ, portuguez. Quando os mouros que seguiaõ a parte do Xarife, e escaparaõ da batalha, viraõ as tiranias que o novo Xarife usava com os alcaides, que ajudaraõ a ganhar o reino a Mulei-Maluco seu irmaõ, desesperados de alcançarem clemencia nelle, pera lhes perdoar a parcialidade que tiveraõ com Mulei-Hamet Xarife, pera lhe resistir, ordenaraõ virem-se pera o reino de Portugal; por o qual, havendo licenca delrei dom Henrique, como amigos que eraõ dos Portugue-

zes, e se haviaõ perdido na batalha, se viéraõ pera o reino Mulei-Xeque, filho do Xarife, e Mulei-Nacar seu tio, irmaõ do Xarife. Viéraõ tambem Cid-Abdelcherim, que entregou Arzila, Cid-Hamubenanza, viso-rei de Mequinez, com outros mouros honrados, os quais elrei dom Henrique mandou agasalhar, e dár acostamento pera sustentaçaõ, conforme a calidade de seus estados: mas posto que logo de principio pousassem na cidade, depois houveraõ por bem aposentar-se em Alvalade com toda a sua gente. Mas por que Cid-Abdelcherim trouxe comsigo as mulheres, filhos e toda a sua casa, teve sempre distincto aposento na cidade.

Como o cardeal infante dom Henrique vêo de Alcobaça pera Lisboa, e como houve nova do desbarate delrei dom Sebastiam. Capitulo LXXVIII.

Com a triste e infelice nova do desbarate do exercito portuguez se perturbáraõ em grande maneira os governadores, assim pela destruiçaõ da gente, como com o temor da morte delrei dom Sebastiam, que ainda se naõ sabia. Postos os governadores em huma confusaõ chêa de dor, quasi alhêos de conselho, como poderiaõ entreter o povo lastimado e alvoroçado pelo cheiro das novas, que elles guardavaõ (como atraz fica dito) e da vista e continuaçaõ dos ajunta-

mentos, que cada dia duas vezes faziaõ a conselho (que de todo naõ podiaõ dissimular, pera o povo deixar de pronosticar grandes infortunios) logo com toda a brevidade, e com todo o segredo, mandáraõ o doutor Jorge Serraõ, provincial da companhia de Jesu, a Alcobaça, onde o cardeal estava (e onde era abbade) com cartas, dando-lhe conta do sucesso da batalha, e lhe pediaõ com muita pressa se viesse á cidade de Lisboa, pera aquietar o povo, que bramava com magoa do dano geral, com claros indicios meditado, e o consolar com a presença de sua pessoa, quando de todo lhe fosse descoberta huma nova de tanto sentimento: alem disto o doutor Jorge Serraõ por palavras consolou o cardeal, já velho, e enfermo de dôr penetrante, com o temor da morte delrei seu sobrinho, o qual amava do coraçaõ, e pela orfandade dos reinos, enobrecidos e deixados delrei dom Manoel seu pai, juntamente com o estrago do exercito cristaõ, prostrado em batalha campal por maõs dos barbaros africanos, antigos e capitaes imigos do nome cristaõ. Posto o santo velho em huma agonia taõ amargosa, a quem quanto mais pela larga idade as forças faltavaõ pera poder com taõ grande nojo, tanto mais o entendimento o acrecentava com os danos e males, que via de presente, e descobria de futuro, com isto, derramando lagrimas, e dando gemidos do intimo do coraçaõ, naõ mostrava menos

sentimento do povo cristaõ estar banhado em seu proprio sangue, feito manjar de bestas feras nos campos de Berberia, com seu rei posto em igual sorte, que o santo rei David quando lamentava o de Israel, prostrado nos montes de Gelboé, com elrei Saul ungido de Deos, profanado e morto por mãos dos incircuncisos barbaros. O doutor Jorge Serraõ, grave e eminente teologo, compadecendo-se do dano geral, acrecentado com o particular do velho, que como minino fazia seus prantos, com lamentaveis palavras, chêas de todo o sentimento e tristeza, com exemplos de similhantes infortunios, e doctrina de grande consolaçaõ da alma, e confiança de Deos dár remedio ás presentes tribulaçoens, trabalhava quanto podia tira-lo daquella agonia. O cardeal, que sempre zelou o bem comum de toda a cristandade, com aceso ardor da fé catolica, e em particular o da republica de Portugal, vendo o estado das cousas quasi de todo perdidas e desconfiadas, com toda a brevidade se pôz ao caminho da cidade de Lisboa, onde havia de renovar suas dores com os prantos das mãis, mulheres e filhos daquelles fidalgos e cavalleiros, os quais na batalha morreraõ, ficando ellas viuvas, orfãos e desconsolados. Chegando o cardeal a Lisboa, hum sabado desaseis de agosto de 1578, se foi aposentar no convento de S. Bento de Enxobregas, onde sendo visitado ao domingo pela manhã desses poucos fidal-

gos velhos, que ficáraõ no reino (a quem as largas idades naõ deraõ lugar de seguir el-rei dom Sebastiam) assim por lhe ser devida a tal visitaçaõ, como por saberem a certeza do mal que esperavaõ, logo aquelle dia foi divulgada a triste e infelice nova do desbarate, com que a tristesa de tal maneira ocupou os coraçoens de cada pessoa de todo o estado e sexo, que emudecidos com a dor naõ havia mais que suspiros, e sobresaltos da sorte que a cada hum caberia dos seus, que naõ poderia ser menos de morte ou cativeiro: e por disto naõ haver particular relaçaõ, e cada hum ter esperanças que a sua fortuna seria menos pesada, trocada a morte em cativeiro, este era o geral remedio e consolaçaõ, a que todos se acolhiaõ. Naõ se socegando pessoa alguma, a quem tocavaõ os penhores que em Africa tinhaõ de filhos, maridos ou parentes, andava todo o povo em agonisada confusaõ, como gente sem conselho no que devia fazer ou seguir, perguntando e inquirindo cada hum o que lhe relevava saber, o que causava taõ geral dor a todo o estado e pessoa, que a nenhuma ficava liberdade de dár consolaçoens a outros, por naõ haver quem ficasse isento destes golpes taõ crueis, que a infelice nova deo a todos os coraçoens.

Como o cardeal foi alevantado por curador, governador, e successor dos reinos de Portugal. Capitulo LXXIX.

Tanto que o Cardeal chegou a Lisboa, despedio corrêos ao duque de Bargança, conde de Tentugal, e outros senhores que ficáraõ no reino, que com a brevidade que o negocio pedia se viessem a Lisboa, e aos que estavaõ na cidade mandou recado, pera se tratar do que convinha ao bem do reino, posto em estado de tanto desemparo; mas porque ainda a este tempo naõ havia certesa alguma da morte delrei dom Sebastiam, antes alguns disseraõ que o viraõ vivo fóra do campo da batalha, mandou o Cardeal a Simaõ Gonçalves Preto, chanceler mór, e aos doctores Paulo Affonso, Gaspar de Figueiredo, Hieronimo Pereira de Sá, Pero Barbosa, e Manoel de Quadros, desembargadores do paço, e a outros muitos juristas doctos, que na cidade estavaõ, que estudassem e resolvessem o que o Direito dispunha em o estado presente de hum reino orfaõ, e do successor sacerdote. Estudado o caso com muita diligencia, naõ havendo duvida poder o cardeal suceder nos reinos de Portugal, posto que tivesse autoridade, com o titulo de Cardeal e arcebispo que era de Evora, e o havia sido de Braga e Lisboa, todavia no outro

ponto, do reino ser havido por orfaõ, houve mais difficuldade: de maneira que, altercada a materia, em como o reino estava em certa maneira vago, por naõ ter jurado principe, e naõ havido de todo por orfaõ, por naõ haver certeza da morte delrei dom Sebastiam, se resolvêraõ, com determinaçaõ assinada por todos, que o cardeal, filho delrei dom Manoel e tio delrei dom Sebastiam, fosse a levantado por curador, governador, e successor dos reinos, por elle ser a pessoa mais conjuncta em parentesco que havia na linha real. O cardeal, que já a este tempo estava aposentado nas casas do duque de Bragança (por se naõ atrever com dor a vêr os paços onde elrei morava) com a resoluçaõ que se tomou por os letrados, mandou ajuntar em seus aposentos os senhores e fidalgos, que havia na cidade, com os vereadores e mais camará, chanceller, e desembargadores do paço, a casa da supplicaçaõ e civel, com os da mesa da consciencia, e mais tribunaes da justiça e officiaes, pera fazerem o acto do alevantamento, pera provimento do governo do reino; antes do qual, a todos juntos disse: «Nenhum castigo mais severo me Deos pudéra dar nesta idade e estado em que me vedes, que receber agora as honras e successões, que os principes grangeáraõ com muito cuidado; pois me fica a cargo consolar vos, das mortes de vossos filhos e parentes, e ás donas, de seus maridos, tendo eu

tanta necessidade de ser ajudado de quem me possa aliviar a pena que sinto em vos vêr diante de mim, com tanta magoa, que entendo que vós naõ o sentis tanto por vossos dívidos, como pelo senhor rei meu sobrinho, que eu tanto amava, e vós ajudastes a criar. Naõ vos pareça que he de animo fraco verdes-me correr estas lagrimas dos olhos, mas entendei que he de amor e compaixaõ de todos vós, em que sempre enxerguei lealdade de verdadeiros vassallos, e agora sinto mais no muito soffrimento que tendes das mortes e cativeiro de vossos filhos, e o pouco que tendes, de arreceio da morte de vosso rei, em que vos fazeis meus companheiros na sorte e magoa. Deos vos pague a consolaçaõ que me dais em vos ver esses animos taõ nobres e leaes, pera me ajudardes com a carga, que em tal idade e tais forças me quereis lançar a estas costas, e eu por meus pecados naõ posso fugir, em tempo que se eu tivera muitas forças a devia engeitar, por resaõ da dignidade pontifical, e da quietaçaõ que sempre dezejei, quanto mais que, ainda que eu estivera em idade grangeadora desses estados, de pouco gosto e muita pena fôraõ elles pera mim, todas as vezes que me visse assentado no trono de meu muito amado sobrinho, unico herdeiro destes reinos, elrei dom Sebastiam, dotado de todas as virtudes dinas de grande monarca, quando cuidasse que seu corpo podia estar sepultado nas entra-

nhas de animaes feroces; e ainda que eu naõ sou certo de sua morte, naõ me posso aquietar de sobresaltos, que me batem no coraçaõ, vendo quaõ cruel foi a batalha em que elle havia ser o primeiro que commettesse, por seu esforço, e o derradeiro que della sahisse, por ser companheiro a seus vassallos nos perigos: mas já que Deos deo este taõ grande açoute, por pecados nossos, parece que a mim coube maior parte delle, tanto por a dor que sinto de meu sobrinho, que forçadamente deve ser morto ou cativo, como por me eu agora sacrificar em tomar o peso do emparo do reino, posto em estado de grandes trabalhos, e eu já debilitado sem forças, naõ me ficando mais que pera tratar da morte, de que já me vedes taõ visinho. » Com estas palavras dignas de hum principe taõ sancto, causadoras de tristesa, com a fresca lembrança, ou pera melhor dizer, do temor que cada hum tinha da nova que esperava da morte dos seus, houve entre todos hum mortal silencio, acompanhado de lagrimas e suspiros das consideraçoens e dores de que todos estavaõ salteados. Com isto, publicado o assento que se tinha tomado por os juristas, conforme a elle se fez acto publico, em que o Cardeal foi alevantado por governador, curador e successor do reino, havido por orfaõ em quanto naõ constasse da morte delrei dom Sebastiam, o que se fez sexta feira vinte e quatro de Agosto de 1578.

Como foraõ feitas as ceremonias funeraes delrei dom Sebastiam morto.
Capitulo LXXX.

Em quanto o Cardeal naõ tinha certesa da morte delrei dom Sebastiam, naõ tratou fazer mudança alguma no reino, até que vêo dom Francisco de Sousa, que trouxe carta de Belchior do Amaral da certesa da morte delrei, que affirmava, como testemunha de vista, que o sepultára: com esta nova, desenganando-se o Cardeal das fracas esperanças, em que estribavaõ, ordenáraõ logo em Lisboa fazer as ceremonias funeraes, que se costumaõ nas mortes dos reis: pera a qual, ajuntando-se os vereadores, procuradores, mesteres, e mais officiaes da camara, com os cidadãos (aos vinte e sete de Agosto, quarta feira pela manhã) na casa onde se faz a camara, sahiraõ della por esta maneira: vinha André Pires Rebello, alferes da cidade, em hum fermoso cavallo murzelo, todo coberto com huma gualdrapa e cabeçadas de dó, e elle vestido em hum capuz, com o capello na cabeça, cujas fraldas lhe chegavaõ ao chaõ: trazia huma bandeira de canhamaço negra, mettida em huma lança, cuja largura chegava ao meio da hastea, e o comprimento era tanto, que posta ao hombro hia arrastando pelo chaõ: diante do alferes hia o licenciado Lourenço Marques, juiz do civel, ves-

tido em hum capuz, com hum escudo negro nas maõs alevantado, arrimado na cabeça, pera que fosse visto de todos; o qual hia cercado dos vereadores, procuradores, mesteres, e cidadaõs, todos com varas negras nas maõs, e capuzes vestidos, e capellos na cabeça, a quem seguia grande multidaõ de povo de pé e de cavallo, com alto pranto de vozes e lagrimas, com que denunciavaõ o sentimento e tristesa da morte de hum rei mancebo, a quem o mundo, por sua fermosura e florecente idade, adornada de grandes virtudes e esforço, promettia largos annos, com prosperos triunfos. Com este taõ triste espectaculo hia aquelle povo, coberto de luto, acompanhado de nojo e lagrimas, testemunhando com soluços e gemidos as magoas do coraçaõ de todos, por a orfandade que viaõ dos reinos, postos em huma só esperança do Cardeal infante dom Henrique, de quem, por sua larga idade e consumidos membros, se naõ esperava successor, que por linha direita pudesse suceder na herança dos reinos. Com estas e outras considerações se acrecentava a tristeza de hum povo pouco ditoso, com o desemparo de tal rei, com que em huns ereciaõ as lagrimas com dor das angustias presentes, em outros o silencio com os trabalhos que esperavaõ. Com esta ordem e funeral pompa vieraõ aos degráos do taboleiro da Sé, e posto o licenciado Lourenço Marques em cima delles,

dando sinal de silencio com o escudo, começou em altas e dolorosas vozes a dizer: « Chorai, senhores, chorai, cidadaõs, cho- » rai, povo, a morte de vosso bom rei dom » Sebastiam » e acabadas estas palavras, quebrou o escudo nos degráos, onde entaõ se alevantou hum alto e grande pranto de todo genero de gente, a quem faziaõ companhia as mulheres que estavaõ pelas janellas, em quem se naõ enxergava mais que hum profundo nojo, que consumia os animos de todo o povo; o qual cada vez se hia mais alevantando pelas ruas por onde hia aquelle taõ triste espectaculo denunciador de grandes magoas: caminhando na forma em que já te li viéraõ, com outro escudo, que levava o doctor Duarte Lamprea, juiz do crime, fôraõ até o meio da rua nova, onde o quebrou pela mesma maneira acima dita, e onde logo alevantou outro o licenciado Gaspar Campelo, juiz do civel, que o levou até o rocio, ás escadas do esprital, aonde o quebrou com as mesmas palavras e cerimonias dos outros, donde voltando pelas ruas dos Arcos, viéraõ á Sé, aonde se disse huma missa cantada pela alma delrei.

Como o Cardeal foi alevantado por rei de Portugal. Capitulo LXXXI.

Acabadas as exequias funeraes da morte delrei dom Sebastiam, logo se deo ordem

pera o dia seguinte o Cardeal ser alevantado por rei de Portugal, sucessor que era delle; mas porque elle se havia sagrado na igreja do espital de todos os santos, pera a primeira prelazia que teve do arcebispado de Braga, nessa mesma quiz receber a maior dinidade de sua vida, com o ceptro real. Armada pois a igreja e capella com huma rica tapeçaria de grã tecida de ouro, se fez hum teatro grande junto de cruzeiro á maõ direita, a que se sobia por quatro degraos, todo alcatifado, com hum docel de brocado no mêo, a que estava encostada huma cadeira, com duas almofadas aos pés do mesmo, defronte da qual, no cabo do teatro, estava huma meza pequena com hum missal aberto, e huma cruz d'ouro em cima: os altares estavaõ com frontaes e doceis de brocado, com velas accesas em castiçais de prata. Depois de este aparato estar feito, logo ao dia seguinte (em que se fizeraõ as exequias funeraes delrei) quinta feira pela manhã, dia de santo Agostinho, vinte e nove de agosto, partio o Cardeal das casas do duque de Bargança, onde pousava, pera vir tomar o ceptro e receber a dinidade real. Antes que partisse, este proprio dia, disse missa em hum oratorio, dando novo e prodigioso exemplo ao mundo de rei e sacerdote, com imitaçaõ de Melchisedec, antre cujas idades taõ distantes naõ houve outro mortal, que alcançasse estas duas supremas dinidades distinctas, com que o mundo

se governa no temporal e espiritual. Posto o Cardeal a cavallo em huma mula preta mui fermosa, vinha vestido de vermelho com huma loba de chamalote de seda sobre o rochete, e barrete vermelho de cantos na cabeça: a gualdrapa era de escarlata, com os copos da brida dourados, e as mais guarniçoens das cabeçadas: o qual, acompanhado desses poucos fidalgos e cavalleiros que havia na corte, sahio do paço pera a cordoaria, á porta de santa Catharina, dahi pela rua abaixo, e voltou pela cordoaria velha, e dahi pela calçada de S. Francisco, e sahio á calcetaria, e tomando a rua dos ourives do ouro, sahio ao rocio, e entrou no hospital; diante do qual ia o duque de Bargança a cavallo com o estoque na maõ alevantado: mais adiante dom Joaõ Tello com a bandeira real enrolada na hastea: diante da bandeira real hiaõ nove reis de armas a cavallo, com suas cotas d'armas, que em semelhantes actos costumaõ levar, e seis porteiros, tambem a cavallo, com massas de prata, diante dos quaes iaõ os atabales, em tres azemalas mui fermosas, com gualdrapas quarteadas de branco e vermelho, a quem antecediaõ as trombetas, outro sim a cavallo, sem ainda haver estrondo, nem se tanger cousa alguma: toda a mais gente, fidalgos, camara, e povo ião a pé: os condes da Castanheira e Sortelha levavaõ as redeas da mula, hum de cada parte, diante dos quais ia o conde de Po..

talegre, mordomo-mór, com a cana na maõ. Nesta fórma chegáraõ aos degráos do hospital, onde o Cardeal se apeou: tanto que chegou á porta da igreja, o vieraõ receber em procissão toda a cleresia da capella delrei e cabido da Sé, com todos os cantores, onde vinha em pontifical dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, com huma reliquia, debaixo de hum palio, que deo a beijar ao Cardeal. Vinhaõ tambem em pontifical os bispos seguintes: dom André de Noronha, bispo de Portalegre, dom Jeronimo Osorio, bispo do Algarve, dom Jorge de Ataide, bispo que foi de Vizeu, dous bispos hibernios, dom Martinho de Ilhoa, bispo de S. Thomé, dom Sebastiaõ da Fonseca, bispo de Targa: traziaõ capas, dom Theodosio de Bargança, eleito arcebispo d'Evora, dom Joaõ de Castro capellaõ-mór delrei dom Sebastiam, dom Miguel de Castro, seu sobrinho, eleito bispo de Vizeu, dom Joaõ de Bargança, filho do conde de Tentugal, dom Joaõ de Sá, e outros muitos capellaens fidalgos: os assistentes que levavaõ o gremial ao arcebispo eraõ, Pero Lourenço de Tavora, diocesano de Thomar, Antonio Telles de Menezes, inquisidor, que depois foi bispo de Lamego: os que levavaõ as varas do palio eraõ, Affonso Furtado de Mendonça, daiaõ da Sé de Lisboa, dom Affonso Castelbranco, esmoler delrei, que depois foi bispo do Algarve, dom Joaõ de Menezes, arcediago da Sé de

Lisboa, que depois foi arcebispo de Braga, dom Alvaro de Sousa, dom Cristovaõ de Castro, filho de dom Joaõ de Cascaes, e o arcipreste da Sé: a agua benta lançou ao Cardeal dom André de Noronha, bispo de Portalegre, á porta da igreja, o qual foi fazer oraçaõ á capella, e dahi com hum bordaõ na maõ subio ao teatro, e se assentou na cadeira, que estava debaixo do docel, onde deo o bordaõ a hum moço fidalgo, diante do qual estavaõ desbarretados em pé os bispos e senhores, o duque de Bragança com o estoque ao hombro á maõ direita, e dom Joaõ Tello com a bandeira real enrolada, posto n'hum canto do teatro da maõ direita: a este tempo subio ao teatro Hieronimo Pereira de Sá, desembargador do paço, e fez huma breve falla, em como nosso senhor houvera por seu serviço de levar da vida presente elrei dom Sebastiam, rei dos reinos de Portugal; que alli era vindo o Cardeal dom Henrique seu tio, filho delrei dom Manoel, e sucessor do reino, pera ser alevantado por rei, pera o emparar e governar. Nisto chegáraõ á mesa, onde estava o missal e cruz, dom Joaõ de Castro e dom Miguel de Castro: o Cardeal, posto de giolhos, com as maõs no missal, tomou juramento de bem e fielmente governar os reinos, sustenta-los com justiça, e guardar os privilegios e liberdades que por os reis antepassados foraõ concedidos; tomando o qual juramento estava Miguel de

Moura secretario, posto de giolhos de huma parte, lendo a fórma do juramento, e da outra o arcebispo de Lisboa, que o tomava ao Cardeal, e assentado o Cardeal na cadeira, lhe metteo o ceptro na maõ Francisco de Sá de Menezes, seu camareiro-mór, que depois foi conde de Matosinhos: depois vêo o duque de Bargança, e os condes, fazer homenagem e beijar a maõ a elrei: apoz elles os prelados, depois outros senhores e fidalgos seculares, a camara de Lisboa, desembargadores do paço, corregedores da corte, levavaõ o mesmo estilo, a que elrei fazia cortesia. Acabado isto, apareceo hum rei d'armas dizendo: » obedí, obedí » e logo dom Joaõ Tello, que tinha a bandeira já despregada, disse: « » Real, real, real, pelo serenissimo prin» cipe dom Henrique rei de Portugal »: a quem o povo respondeo repetindo as mesmas palavras, e tocáraõ as trombetas e charamelas e atabales, e fazendo pausa, se tornáraõ a repetir as mesmas palavras e instrumentos, e se começou ao redor da igreja processaõ, com Te Deum laudamus, o qual acabado, na capella a elrei dom Henrique lhe beijáraõ muitas pessoas a maõ: dalli fazendo volta pera casa com o ceptro na maõ, acompanhado de toda a gente de cavallo, e hindo diante a bandeira e reis d'armas, com os instrumentos, aclamando: real, real, por o serenissimo principe rei de Portugal: a quem todo o povo respon-

dia com as mesmas palavras, chegando ao paço (cujas paredes estavaõ nuas, sem panno nem ornamento algum) se recolheo elrei, e agasalhou os senhores e prelados, com cortesias e mostras de risos fingidos, por encobrir o intimo nojo que lhe tinha occupado o coraçaõ, pera nunca ser alegre em toda a vida: mas logo se recolheo a comer encerrado; o qual logo deu os officios da casa real, que estavaõ vagos, aos fidalgos que antes o serviaõ: a Anrique Anriques (que por ser muito mancebo tirou o officio de camareiro-mór, pera o dar a Francisco de Sá) fez estribeiro-mór; a dom Francisco de Sousa, capitaõ da guarda; a Damião Borges, vedor, por o ser antes, sendo elle Cardeal; e a estes e a todos os mais fidalgos e creados fez muitas mercês e honras.

Como elrei teve recado que o senhor dom Antonio prior do Crato sahira do cativeiro. Capitulo LXXXII.

Estando elrei dom Henrique mui magoado pela morte delrei dom Sebastiam, e sollicito da vida do senhor dom Antonio seu sobrinho, filho do infante dom Luiz seu irmaõ, de que naõ tinha novas de morto ou vivo, estando aposentado nas casas de Affonso de Sousa, a S. Francisco, lhe vêo hum corrêo com cartas do senhor dom Antonio, que estava em Arzila, terra de cristaõs, posto em sua liberdade. Elrei que

nunca, depois de alevantado, teve huma hora de alegria, por o estrago da batalha, que havia tanto tocado na casa real, na nobreza e povo de Portugal, quasi como espertado de grande sono, como outro Jacob com a nova de seu filho Joseph ser vivo, se começou a alegrar e chorar com alvoroço, fazendo ao corrêo perguntas, como duvidoso de poder ser verdade o que lhe dizia; o qual, lendo muitas vezes a carta, com muito gosto, se acabou de certificar e dar graças a nosso senhor, por a mercê que elle com isto recebia; porque, ainda que o senhor dom Antonio lhe foi desobediente, antes de rei, e naõ quiz seguir seus conselhos sanctos chêos de toda a virtude, por más persuasoens de muitos outros mancebos estragados, todavia quando soube de seu bom sucesso, naõ pôde encobrir o amor que lhe tinha, e mais a consolaçaõ que recebia em o ter comsigo, sendo já taõ velho e só, sem haver outra faisca da casa real. Com esta nova do senhor dom Antonio ser fóra do cativeiro recebeo todo o povo muito grande contentamento, assim pelas resoens acima ditas, como por elle ser extremadamente amado por a brandura de sua condiçaõ, e mui affavel pera todos, com palavras de muita cortesia, e liberalidade de obras, com que fazia mercês a muitos. Naõ deixáraõ muitos velhos e prudentes de pôr este sucesso em consideraçoens assás devidas, e buscar a causa do misterio que isto pronosticava;

porque os mais benignos, e affeiçoados ás cousas do senhor dom Antonio, interpretavaõ sua liberdade pera grandes consolaçoens e bens comuns de Portugal, com esperanças de elle suceder nos reinos, já que Deos taõ milagrosamente o havia livrado do cativeiro, por mêos naõ esperados, em tempo de tanta necessidade de hum principe, que tivesse valor pera emparo dos reinos. Com estas e outras consideraçoens se promettiaõ grandes bem-aventuranças, com que se restaurassem as infelicidades taõ frescas do desbarate de Portugal, com seu rei, na batalha de Africa: outros, que mais atinavaõ com o que o tempo promettia, e a vinda do senhor dom Antonio ameaçava, naõ se asseguravaõ de muitas novidades contrairas ao bem commum, que acrecentassem os trabalhos passados, com que elrei dom Sebastiam pôz o reino em estado, que era necessario meditar quaes seriaõ os sucessos menos pesados que se haviaõ de soffrer e temer, sem enxergar algum remedio que fosse proveitoso; porque, alem dos tempos e estados das cousas isso prometterem claramente, entendendo muito do engenho do senhor dom Antonio ser de condiçaõ inquieta pera aspirar ás cousas maiores, naõ viaõ causa porque se deixassem de temer alteraçoens, pois a occasiaõ estava com a porta aberta; assim por se temer que o senhor dom Antonio se naõ sujeitasse aos conselhos acertados em suas pertençoens, como elrei de

Castella ser muito poderoso pera reprimir quaesquer reboliços, o que naõ deixaria de cahir em prejuizo do povo: e assim que os que melhor acertavaõ choravaõ a sua vinda ao reino, como instrumento de severo castigo, que Deos ainda tinha guardado pera executar em Portugal, atribuindo seu sucesso a pecados do povo, pera maiores trabalhos.

Do modo do resgate do senhor dom Antonio Capitulo LXXXIII.

No sucesso do desbarate da batalha delrei dom Sebastiam, em que muito poucos escapáraõ de mortos ou cativos, coube em sorte ao senhor dom Antonio ser cativo de hum alarve do Aduar do Xeque Talemaco; o qual como fosse levado em companhia de outros quarenta cativos, permittio Deos que nunca de tantos homens que o conheciaõ houvesse algum que o descobrisse; mas por que elle acertou de ser cativo de hum mouro mesquinho e pobre, que por sua miseria o naõ podia sustentar com mantimento soffrivel, houve tal providencia entre aquelles cristãos, que secretamente se lhe buscava maneira pera cada dia lhe darem huma galinha a comer. O que mais industrioso era pera estes alimentos, e que com mais zelo o procurava ganhar, era hum mancebo hortelão, natural do campo d'Alvalade de Lisboa, ao qual, por o senhor dom Antonio o ver com tal zelo, perguntou

se o conhecia, a que o mancebo respondeo, que o conhecia bem, que nunca Deos permittisse que por sua parte fosse descoberto: e pera se melhor dissimular a calidade de sua pessoa, nenhum cativo lhe fazia cortezia, nem fallava em maneira por onde os mouros soubessem que lhe tinhaõ algum respeito, antes o tratavaõ em publico como homem popular e naõ conhecido. A principal ocupaçaõ que o mouro, cujo cativo era o senhor dom Antonio, lhe dava, era escolher trigo e hir buscar cardos pera o fogo; e por o mouro ser taõ pobre, e naõ ter cama que lhe dár, o agasalhava na sua e de sua mulher e filhos, em que todos se cobriaõ com humas cobertas velhas e pobres. Com esta dissimulaçaõ, com que os mouros estavaõ desmaginados de o senhor dom Antonio ser pessoa de calidade, se foraõ ao senhor, por differentes vias, Manoel de Fontes e Gaspar da Gram, cavalleiros de Tangere, homens avisados, e lhe disseraõ que aquelle seu cativo era clerigo, e tinha em Portugal boa renda e beneficios; que o devia pôr em resgate, antes que os beneficios fossem providos em outrem, por que entaõ ficava inhabilitado pera se poder resgatar, por naõ ter outra fazenda de que se pudesse ajudar. O mouro, persuadido por engano taõ circunstanciado, com presença de verdade, e tambem por que elrei mandava, que todos os fidalgos fossem levados á sua corte, pera se elle fazer senhor delles,

determinou, com parecer e consentimento do alcaide Talemaco, de aproveitar-se da ocasião do offerecimento: com isto concertáraõ em dous ou tres mil crusados, aos quaes havia dar fiança algum Judeo abonado. O senhor dom Antonio, que tinha muitas mercês feitas, quando estava em Tangere, a Abraham-Gibre judeo de Fez, determinou descobrir-se a elle pera que o fiasse; ao qual escrevendo por Gaspar da Gram, pedindo-lhe o credito pera seu resgate, e o segredo que naõ fosse descoberto, lho deo o judeo, com que os mouros se deraõ por satisfeitos: mas por que todas estas cousas se faziaõ com muita pressa, antes que houvesse alguem, que descobrisse quem era o senhor dom Antonio, fizeraõ com muita diligencia com que logo o levassem a Arzila: os quais postos a caminho, com o senhor dom Antonio nas ancas de hum cavallo, e Antonio da Gram a pé, chegáraõ a Arzila, onde o senhor dom Antonio foi recebido com incrivel alegria e alvoroço, fazendo todos os moradores demonstração de grande contentamento, com que os mouros ficaraõ admirados de ver o acatamento que lhe faziaõ, e o engano que a elles tinhaõ feito. O senhor dom Antonio mandou agasalhar os mouros mui honradamente, e lhes pagou o dinheiro do concerto do resgate, e além disso lhes deo muito mais, assim em dinheiro de contado, como em peças e joias, com que foraõ mui-

to contentes, e muito mais lhes dera, se em Arzila achára quem lho emprestára: com isto despedio os mouros com muito amor e offerecimento de lhes fazer muitas mercês: de maneira que o primeiro homem que sahio do cativeiro foi o senhor dom Antonio.

Dos religiosos da Trindade, que elrei dom Henrique mandou á Africa, pera obradores do resgate dos que fôraõ cativos na batalha. Capitulo LXXXIV.

A primeira cousa em que elrei dom Henrique entendeo, depois de tomar o ceptro real, foi com dolorosa compaixaõ tratar da redempçaõ dos que haviaõ sido cativos na cruel batalha de Africa, e espalhados por todas as provincias, que foraõ mais de quinze mil; porque entendia que era obrigaçaõ, naõ somente de cristandade, mas de authoridade real, acodir aos perigos das almas e corpos, que os cristãos padeciaõ em seus cativeiros, em meõ de barbaros, imigos crueis do nome de Cristo, pera que aquelles que por obediencia a elrei dom Sebastiam se haviaõ arriscado aos males que padeciaõ, em elrei dom Henrique achassem a clemencia que mereciaõ por cristãos e vassallos; e porque com a presença dos religiosos da santissima Trindade, cujo principal instituto era arriscarem as vidas pela liberdade dos cristãos, postos entre os infieis pagãos, elles ficassem consolados nas almas com sua

doctrina, e conservados na fé com esperança de cedo serem socorridos com liberdade, pera alivio do misero cativeiro, ordenou elrei dom Henrique que fossem escolhidos os mais idoneos pera esta missaõ; pera o que dado recado ao seu provincial da parte delrei, que enviasse os seus religiosos a este ministerio, offerecendo-se logo pera a jornada muitos zelosos da fé, e de fervorosa caridade; com desejos de hir ajudar a levar a carga dos trabalhos a seus proximos, e pôr as vidas por elles com coroa do martirio, foraõ nomeados os seguintes: frei Francisco da Costa, frei Diogo Ledo, frei Jorge, frei Ignacio, frei Felix, frei Athanasio, frei Agostinho, frei Antonio de Alvito, frei Salvador, frei Manoel de Evora, frei Luiz da Guerra, frei Francisco do Trucifal, frei Dionisio, frei André dos Anjos, frei Belchior, frei Antonio do Espirito Santo, frei Damiaõ, e outros mais; os quais logo se partiraõ pera Cepta, onde frei Roque estava pera dahi os enviar com sua bençaõ fazer as missoens que lhe parecesse por toda a Berberia, a consolar as ovelhas de Cristo, que andavaõ derramadas entre os lobos famintos do sangue de seu corpo, e da perdiçaõ das almas, pera que como pastores pios as ajuntassem e consolassem no mêo das crueis perseguiçoens. Chegados estes religiosos a Cepta, com aceso fervor de empregar o talento de seu espirito e caridade em obras esperadas pera remedio de graves desconsolaçoens das almas

dos cativos e tormento dos corpos, como chegaraõ, naõ tratando de repouso, tomáraõ a bençaõ a seu prelado frei Roque, e sem alforge nem dinheiro, á imitaçaõ dos apostolos, se metteraõ pelo deserto do paganismo cego, repartidos por diversas partes, pera que sua doctrina e caridade fosse derramada por muitos, que della estavaõ necessitados; os quais andavaõ pelas cidades pregando, animando e consolando aos miseros cativos, aos quais naõ somente ministravaõ os sacramentos, mas acudiaõ ás necessidades corporaes, curando os enfermos, dando de comer aos famintos, animando aos fracos, e sobre tudo aliviando os trabalhos do cativeiro com a certeza aos mouros, que lhes seria pago o preço de seu resgate. Com este zelo e fervor foraõ os santos religiosos repartidos desta maneira: frei Agostinho foi enviado a Fez, frei Antonio de Alvito a Alcacere: estes dous religiosos morreraõ occupados na messe do Senhor, chêos de muitos trabalhos e perseguiçoens, com que merecêraõ a corôa da gloria: pera Tetuaõ e suas comarcas fôraõ enviados frei Jorge, frei Diogo Ledo, frei Belchior, frei Antonio do Espirito Santo, frei Damiaõ, frei Luiz da Guerra e frei Francisco do Trucifal; pera Marrocos foi frei Salvador: pera Alcacere frei Manoel de Evora: frei Dionisio, com frei Luiz Lourenço que estava em Ceita, fôraõ pera Tangere: frei André dos Anjos foi pera Me-

Jilha, por aviso que houve que áquellas comarcas eraõ pelos Alarves levados muitos cativos, que áquella fortaleza fronteira vinhaõ resgatar, em os quais frei André tem feito muito fruito: em Ceita ficaraõ frei Athanasio e frei Felix; e por que frei Roque tinha recado de elrei dom Henrique pera hir buscar o corpo delrei dom Sebastiam a Fez, onde o Xarife entaõ estava, levou em sua companhia os padres frei Francisco da Costa e frei Ignacio; mas por que o padre frei Roque havia de tornar com o corpo, trouxe comsigo frei Francisco da Costa, e passando por Tetuaõ, trouxe frei Jorge, e deixou em Fez frei Ignacio, por ser homem de muita prudencia e zelo pera negocio de tanta importancia. Com estas missoens, que o padre frei Roque fez dos seus subditos por toda a Berberia, foi taõ geral o alivio que os cativos sentiraõ, que lhes parecia que naõ tinhaõ cativeiro; por que, além de elles serem consolados com sua vista, doctrina e obras, tem elles tanto credito naquellas partes com os mouros, que com as promessas que os padres lhes faziaõ de lhes pagarem os preços de seus resgates, alargaraõ elles o cativeiro a huns, e a outros (de que naõ tinhaõ esperanças de resgate) com rogos dos religiosos, usavaõ os mouros com elles de alguma clemencia, temperando o rigor do cativeiro. Tanta foi a caridade, no processo do cativeiro, que estes religiosos usavaõ com os cativos, que além destes bene-

ficios e outros muitos, se obrigáraõ elles por seu credito por fiadores do resgate de muitos, fazendo comutaçaõ de sua liberdade com o cativeiro de muitos cristãos, em que mostrarão o fervoroso zelo de seus peitos, com grandes merecimentos de vida, e honra de sua religiaõ, cujo exemplo ficará eterno na memoria dos homens, pera execuçaõ de sinaladas virtudes; por que destes está hoje em Marrocos reteudo e preso frei Ignacio, por credito que déo a pessoas particulares, que importaõ nove mil cruzados: frei Manoel de Evora pela mesma maneira está em Alcacere-quibir preso, e muitas vezes maltratado e carregado de ferros, por semelhantes dividas, que importaõ quatro mil cruzados: em Tetuaõ estaõ tambem presos, ou pera melhor dizer cativos, frei Francisco do Trucifal e frei Luiz da Guerra, por outras dividas que tomáraõ sobre sí, dos cativos que fiaraõ; com os quais cativeiros e máos tratamentos o seu zelo de caridade naõ aflouxa, pera deixarem de se exercitar em todas as obras pias; antes alegres em suas prisoens, desejaõ ainda ser martyrisados por amor de seus proximos, perá com a imitaçaõ de S. Paulo mostrarem o merecimento de suas almas, e louvores de Deos; e em semelhantes obras resplandecem, com grande edificaçaõ da igreja catolica e confusaõ dos barbaros pagaõs, e grande consolaçaõ dos miseros cativos; os quais religiosos todos, huns e outros, assim os pre-

sos, como os que andavaõ em liberdade, além das intrataveis asperesas da terra, padeciaõ com alegre rosto muitas injurias, affrontas e outros máos tratamentos dos mouros, por fazerem a vocaçaõ, pera que Deos os escolheo, clara e fermosa com resplandor de sua caridade, como insignes ornamentos de sua religiaõ; cujos exemplos tem dado tanto animo aos outros professores della, e lhes tem tirado o temor dos perigos e trabalhos, que entre aquellas barbaras gentes se padecem, que em competencia andaõ quaes seraõ primeiro os que se offereçaõ a semelhantes obras, e que com mais ousado animo mostrem o espirito chêo de caridade pera consolaçaõ dos proximos, e ponhaõ a cabeça ao cutelo pera defensaõ da fé, e pera receberem a coroa do martyrio, que entre os pagaõs imigos do nome de cristo mais facilmente se acha. Com estes exercicios, até hoje neste dia, nunca estes religiosos faltaraõ, e pera que as almas dos cativos, que Cristo tanto lhes encomendou, naõ tomem occasiaõ de apostatar no mêo dos trabalhos do cativeiro, andaõ outros religiosos, e alguns dos nomeados, buscando as reliquias deste despojo que lá ficou, tomando ás costas a cruz dos trabalhos e affrontas, pera darem liberdade aos fracos, por naõ correrem perigo da apostasia.

Como elrei dom Henrique mandou a frei Roque que resgatasse o corpo delrei. Capitulo LXXXV.

Com os avisos que o Cardeal teve (que já era alevantado rei de Portugal) que Belchior do Amaral mandou de Tangere ao reino, ordenou mandar recado a frei Roque, comissario da ordem da Trindade, pela muita experiencia que tinha das cousas de Berberia, e crédito que tinha com os mouros, por haver trinta annos que andava no resgate, com cartas suas e delrei de Castella pera o Xarife, que tratasse de resgatar o corpo delrei dom Sebastiam, que estava sepultado em Alcacere-quibir, como atraz fica dito, com comissaõ de dar por elle sessenta mil cruzados. Antes que frei Roque tivesse este recado, tinha André Corso pedido ao Xarife lhe fizesse mercê daquelle corpo real, pera o levar a Espanha a elrei dom Philipe seu tio, pera com este offerecimento grangear a vontade e mercês de sua magestade. A confiança que André Corso tinha de taõ facilmente pedir semelhantes mercês ao Xarife, era porque, antes que Mulei Maluco fosse introduzido nos reinos de Berberia, lhe emprestou elle em Fez dinheiro, e fez outros avisos de que o Xarife estava bem informado, por cuja obrigaçaõ o Mulei-Maluco depois de rei lhe fez pagamento do que lhe devia, e outras mercês

gratuitas, e lhe assentou seiscentos cruzados de tença nos bens da coroa, que hoje em dia lhe paga o mesmo Xarife, como seu irmaõ o tinha deixado por suas amizades e muita valía. Tinha elrei promettido a André Corso de naõ dar o corpo delrei senaõ a elle, e o Achahiac, que tambem era muito aceito ao Xarife, favorecia ó negocio com que o corpo delrei fosse dado a André Corso. Belchior do Amaral, que sabia o que passava ácerca disso, quando frei Roque passou por Fez, pera pôr em resgate o corpo delrei, o avisou que de tal maneira negociasse com o Xarife, pera effeito do que ia, que se desencontrasse de André Corso pela pertençaõ que tinha, e do Achahiac pelo favor que lhe dava. Avisado frei Roque disto, teve taõ boa ordem e diligencia, que tomando por terceiro em seus negocios hum arrenegado portuguez, medico do Xarife, teve entrada pera lhe dar as cartas delrei de Portugal e Castella, e hindo-se já de caminho de Fez pera Marrocos, o arrenegado, que sollicitava a resposta das cartas dos reis, houve-a do Xarife, dizendo-lhe que as cartas lhe pediaõ o corpo delrei por resgate, e naõ graciosamente: frei Roque lhe disse, que da grandeza dos reis que pediaõ o corpo ao Xarife era offerecer preço, e da do Xarife era dá-lo graciosamente. Com estas palavras, que o arrenegado disse ao Xarife, mandou chamar a frei Roque, e diante de muitos alcaides lhe disse que lhe

dava o corpo delrei livremente, sem prego, e o embaixador de Castella dom Joaõ da Silva, que estava cativo. Agardecendo-lhe frei Roque a mercê com muitas palavras, e deixando recado ao arrenegado, que lhe negociasse as provisoens pera o corpo delrei lhe ser entregue, se vêo a Fez, porque o Xarife hia caminhando pera Marrocos. André Corso, que tinha pedido o corpo delrei ao Xarife, vendo que o tinha já concedido a frei Roque, e naõ podia ter effeito o seu intento, como se frei Roque vêo pera Fez, houve do Xarife provisaõ com clausula que o alcaide de Alcacere lhe entregasse a elle o corpo delrei, e elle o entregasse a frei Roque ás portas de Cepta. Frei Roque, temendo-se que André Corso lhe fizesse alguma treiçaõ, com se passar a Espanha com o corpo delrei pela via que tinha, chegou a o ameaçar, que se lhe tal fizesse, havia de fazer queixume a elrei de Castella e Portugal, com o que André Corso se recolheo: mas porque neste tempo vinhaõ pera Portugal dom Jorge de Menezes de Cantanhede, dom Miguel de Noronha, dom Duarte de Castelbranco meirinho mór, dom Joaõ da Silva embaixador de Castella, dom Fernando de Castro, e Luiz Cesar, a tratar o negocio do resgate, como abaixo diremos, tratou frei Roque com elles de virem por Alcacere, e trazerem a Cepta o corpo delrei; os quais apresentando suas provisoens ao alcaide de Alcacere, lhes deo licença

que o trouxessem, e desenterrando-o, o metêraõ em huma tumba, coberto com hum panno de veludo preto: nesta companhia, e d'outros cristaõs que se acháraõ presentes, entre os quais tambem vinha André Corso, frei Francisco da Costa companheiro de frei Roque, e frei Jorge que estava em Tetuaõ, o trouxeraõ a Cepta, onde ás portas da cidade frei Roque tomou posse delle. O capitaõ dom Dionisio Pereira, ajuntando o cabido com mais cleresia e religiosos de S. Francisco e Trindade, o vieraõ a receber; mas porque frei Roque, comissairo da Trindade, havia negociado a vinda do corpo delrei, e a elle estava entregue, o levou ao seu convento da Trindade, que em Cepta tem, e o mandou pôr em custodia em sua capella mór, donde esteve até que sua magestade, depois de estar em Portugal rei pacifico, o mandou trazer ao Algarve, e dahi a Belém, como abaixo mais largamente se dirá. Estando depois o padre frei Roque em Cepta muito enfermo, lhe fôraõ cartas delrei dom Henrique, e do duque de Bargança, pera hir pôr em resgate ao duque de Barcellos, filho morgado do duque de Bargança, que estava em Marrocos. Frei Roque por ser já velho e a enfermidade o carregar muito, naõ pôde fazer o que lhe era encomendado; mas pela muita confiança que elle tinha na prudencia e authoridade de frei Ignacio seu companheiro, que havia deixado em Fez, lhe escreveo, e lhe mandou as cartas delrei e do

duque, em que lhe mandava e dava comissaõ, que fosse a Marrocos tratar do resgate do duque de Barcellos.

Do que os padres da companhia fizeraõ em Berberia no resgate e consolaçaõ dos cativos. Capitulo LXXXVI.

Naõ faltou nesta taõ grave perseguiçaõ do cativeiro dos Portuguezes, derramados em todas as partes de Berberia, o aceso zelo dos padres da companhia de Jesu, assim com o trabalho de suas pessoas, como com a efficacia de sua doctrina; porque tendo elles muita valia com elrei dom Henrique pela extremada devaçaõ, que lhes tinha por suas heroicas virtudes e exemplar vida de religiaõ, de cuja ordem era Leaõ Anriques confessor delrei, logo se foraõ a elle, e o movêraõ a fazer todas as diligencias, e dar toda a ajuda de sua fazenda, pera lhes socorrer na grande tribulaçaõ do cativeiro dos cristaõs, ao que elrei dom Henrique com muito fervor acodio: mas como na jornada delrei foraõ alguns padres da companhia pera administrarem os sacramentos aos soldados, e os animarem a pelejar pela fé de Cristo, ficando vivo o padre frei Alexandre, italiano de naçaõ, homem de maravilhosa prudencia e industria em todos os negocios graves, e que nas partes da India e no Japaõ tinha convertidos á fé grandes povos com sua doctrina e exemplo de vida,

teve tal credito com os mouros e judeos, que estando cativo se resgatou a si e aos padres, doutor Pero Martins, o padre Oliveira, Francisco Alvares, e outro companheiro seu; o qual, depois de posto em liberdade, e ter resgatado os seus padres e companheiros, resplandeceo tanto na caridade com que acodia a todas as necessidades dos cativos, que geralmente todos os desconsolados nelle punhaõ os olhos pera suas necessidades, ao que elle acodia com taõ excellente providencia, que parecia que do ceo lhe vinha o favor pera acodir a tantos atribulados com abrasada caridade; porque, deixados de parte os remedios que dava a todas as necessidades espirituaes e corporaes, creceo além disto em tanto credito, que todo o homem de qualquer calidade que fosse, que elle quizesse sobre sua palavra, logo pelos mouros e judeos era posto em liberdade, com o que naõ sómente libertou muitos fidalgos com seu credito, mas teve outro maior, que lhe deraõ os acredores licença que viesse ao reino negociar as dividas dos resgates, por que ficára em Beberia. O padre Alexandre, como era pera estas obras dado do ceo, vindo d'Africa trouxe comsigo grande multidaõ de gente, e assim em Berberia, como depois de estar em terra de cristaõs, dava grandes esmolas aos que dellas tinhaõ necessidade; o qual, chegando a Lisboa, com o seu acostumado zelo e diligencia, procurou haver pagamento das pes-

soas ricas, por que ficára por fiador, e delrei dom Henrique houve grande cantidade de dinheiro pera resgatar muitos pobres que em Africa havia, a fóra muito dinheiro que levou de particulares pera o mesmo effeito; mas como elle naõ tinha maior emprego, em que podesse ganhar a Cristo, que no resgate das almas cristãs, como homem que sentia a afflicçaõ dos cativos, como de filhos que lhe lastimavaõ o coraçaõ, naõ tomando repouso algum pera o corpo, com muita brevidade se voltou pera Africa, assim pera desempenhar a palavra dada aos acredores, como pera novamente com mais liberdade se empregar em seus santos exercicios; o qual, levando em sua companhia o padre Antonio de Brito, da mesma ordem, pera lá tambem empregar o seu talento na administraçaõ dos sacramentos, e consolaçoens espirituaes e corporaes dos afligidos, entráraõ sem temor pela terra do paganismo, pondo com sua virtude silencio ao demonio, em vergonha das tiranias que usa com as almas dos miseros barbaros: os quais, como naõ procuravaõ senaõ salvaçoens de almas, e honra de Deos, com taes obras e exemplo justificavaõ sua doctrina, que eraõ temidos dos infieis africanos, naõ temendo elles os perigos corporaes, que com os pés calcavaõ. Taes foraõ os trabalhos que estes religiosos padeceraõ por socorrer as necessidades alheas, que naõ tendo conta com as proprias, desfalecendo-lhes as forças corpo-

raes com o rigor dos maos tratamentos que se lhes offereciaõ, e asperesas que elles tomavaõ, que sobrevindo-lhes graves enfermidades, foi morto Antonio de Brito. O padre Alexandre, que andava mais esforçado nos exercicios acima ditos, teve nova que em Cepta se acendêra muito grande peste, e os curas e mais ministros dos sacramentos haviaõ fugîdo, com que a cidade estava desemparada dos remedios do corpo, e ainda mais dos da alma, por naõ haver quem administrasse os sacramentos; o qual, como entendia que nesta materia tinha mais certo o perigo, pera fazer seus merecimentos mais calificados, deixando os trabalhos do cativeiro, vêo com mui acesa caridade socorrer aos da peste; o qual, entrando na cidade com animo desprezador da morte por servir a Deos, se começou a ocupar na cura dos enfermos, assim com administraçaõ dos remedios da alma, como das mesinhas do corpo, naõ faltando nestas obras, até o senhor o visitar com a contagiaõ da mesma peste, de que acabou gloriosamente: os quais na vida com exemplos de suas obras testemunháraõ o zelo de fé, que tinhaõ no coraçaõ, e nos certificáraõ quaõ certos tiveraõ a coroa de gloria nella, que Deos liberalmente tem aparelhada pera premio de tal agonia.

Da morte do padre frei Thomé de Jesus, e do que fez em Berberia. Capitulo LXXXVII.

A estas plantas da igreja catolica, transplantadas no deserto do paganismo, em cuja esterilidade davaõ mor frescura e mais suave fruito, permittio o Senhor, por outra parte, plantar-se outra naõ menos amena, pera com assombro de sua doutrina consolar aos affligidos, e com o exemplo das obras conservar a muitos na fé, e animá-los nos trabalhos. Este foi aquelle grande pregador frei Thomé de Jesus, religioso de santo Agostinho, a quem Deos comunicou tal espirito, que, fazendo officio de outro Tobias, nunca faltou aos miseros cativos em as necessidades da vida, antes nestas, em curar enfermos e sepultar os mortos, se empregava todo; o qual creceo tanto em acesa caridade, que, vendo quaõ necessaria era a presença de sua pessoa, pera conservaçaõ da fé, e consolaçaõ do áspero cativeiro dos cristaõs, nunca fez força em se resgatar, por ser companheiro na sorte e estado dos proximos, necessitados do seu favor; porque, tendo elle sua mãi e irmaõs muito ricos, e a condeça de Linhares sua irmã todos offerecidos a pagarem o grosso resgate, que os mouros pediaõ, sabendo a calidade de sua pessoa, sempre lhes escreveo naõ se molestassem de seu cativeiro, porque sabia que naõ havia de

sahir, tendo em maior de todas as liberdades do mundo a do espirito, no qual andava inflamado, fazendo officio de varaõ apostolico, consolando com sua doctrina e obras aos afligidos, disputando com os cacizes, prégando aos infelises barbaros, pera exaltaçaõ da fé catolica, e confusaõ do demonio, que naquella cega gente tanta posse tinha: o qual, soffrendo com animo forte e paciente os trabalhos ordinarios do cativeiro, acrecentados com oppressoens e máos tratamentos do corpo, e affrontas da pessoa, por se naõ querer resgatar, naõ perdoando aos trabalhos, que lhe recreciaõ com o emprego do zelo das almas e honra de Deos, quanto mais o fervor do espirito crecia nelles com saudades do ceo, tanto as forças corporaes lhe faltavaõ pera sustentar os cançados membros, com os quais debilitados e enfermos, nunca desistio do officio de apostolico varaõ, até a morte o chamar a possuir na bemaventurança os premios de seus trabalhos; cuja fama de virtudes tem posto espanto em todos os barbaros, e edificado aos catolicos, aonde sua fama tem chegado: o qual naõ somente por palavras e obras consolava os cativos, mas em escrito se comunicava aos absentes, fazendo hum livro de maravilhosa doctrina, onde os ajudava a levar com paciencia suas tristes sortes, e asperas perseguiçoens; o qual religioso, como em toda sua vida cá, ainda posto em liberdade, sempre foi hum exemplo de per-

feito varaõ, ornado de todas as virtudes, nas adversidades mostrou maior fruito em tomar a cruz de Cristo ás costas, e a professàr com constancia de aceso fervor da fé no mèo do paganismo, pera gloria de Deos e honra de sua igreja; cujos trabalhos Deos muito estimando, o quiz manifestamente galardoar na terra, com consolaçoens visiveis do ceo, e com a grande paciencia de suas perseguiçoens, e maior certesa de gloria; porque se tem por informaçaõ de dom Francisco, embaixador e pessoa de muito credito, que dous mezes antes de sua morte a notificou, com o dia e hora quando Deos o havia de tresladar ao ceo, cujo transito desta vida, posto que pôz em admiraçaõ os cristaõs e mouros, da alegria com que se despedia de seu cativeiro voluntario á eterna liberdade, e do degredo da terra á cidade do ceo, naõ deixou a sua absencia de causar grandes prantos de suspiros e lagrimas dos miseros cativos, em cuja presença tinhaõ todos seu alivio, os quais com sua morte entaõ se sentiaõ orfaõs de hum pai, o qual com entranhas de amor e caridade os consolava, e dahi em diante começáraõ de novo chorar seu cativeiro, chèo de asperezas em mèo de crueis inimigos, sem consolador que lhes ajudasse a passar a carga de seus trabalhos. Taõ sentida foi a morte desta bemaventurado religioso, que naõ sómente os presentes se chamavaõ orfaõs, como os absentes, derramados por toda Berberia, sen-

tirao sua falta. Sendo elle pois cativo, foi levado a Mequinez, onde teve hum senhor Morabito, o qual com cruel tratamento e aspera prisaõ o achegou a estado de morte, em huma grave enfermidade, causada de dormir na terra fria carregado de ferros, sem lhe permittir algum remedio de medicina; por cuja pregaçaõ e doctrina foi reduzido á fé catolica Domingos Fernandes, arrenegado portuguez, o qual naquella cidade era muito rico, e tinha muita autoridade com os mouros; o qual tocado da compunçaõ de seus erros, e alumiado da luz divina, naõ sómente se vêo fugindo a Portugal, mas trouxe comsigo todos os cativos que pôde salvar, tendo-lhe primeiro frei Thomé havido perdaõ delrei dom Henrique do crime da apostasia, o qual foi negociado por seu irmaõ Alvaro Pires de Andrade. Dalli foi levado a Marrocos, por mandado do Xarife, onde andava com liberdade, e no habito de sua ordem, dizendo missa cada dia na Sagena dos cristaõs, pregando e ministrando-lhes os sacramentos com muita caridade, e socorrendo-lhes as necessidades espirituais e temporaes. Com alguns judeos teve disputas, e por escrito as teve com hum, que apostatou a nossa santa fé catolica, onde com muitas autoridades e efficazes rezoens lhe mostrou a falsidade de seus erros, e o resplandor da lei da graça promulgada de Cristo, e a moisaica derogada de seu antigo vigor. Pousava frei Thomé com o embaixador dom Fran-

cisco da Costa, onde acabou gloriosamente com fama de santidade. Foi este religioso irmaõ do famoso doutor Diogo de Paiva de Andrade, o qual com sublimadas letras, e fama de abalisado prégador, tem celebre nome em toda a cristandade, e ajudado a igreja catolica com doutos livros, nos quais tem confundido os erros dos contumazes herejes, principalmente do heresiarca Henrique, contra quem escreveo, tendo primeiro mostrado seu delicado engenho no Concilio Tridentino, onde esteve presente por mandado delrei de Portugal, deixando nelle a fama que suas letras e prudencia mereciaõ. Por este, e os mais religiosos de que temos fallado, com outros muitos, que lá se acháraõ depois da batalha, permittio Deos de seu nome se tivesse noticia nos barbaros entendimentos, e suas virtudes resplandecessem tanto com eterna fama, ainda diante daquelles que naõ conhecem seu nome, pera o que as reliquias de seus ossos estaõ chamando pela misericordia divina, que com a luz de sua fé espalhe as trevas espessas postas de continuo sobre aquella barbara gente, sem verem o sol da justiça, nem conhecerem os erros de seus abominaveis vicios, introduzidos por astucia do demonio, o qual naquellas partes reina com absoluto imperio de engano e errores: dos quais santos o odôr das antigas virtudes, e o resplandor de sua caridade, está dando suavidade a Deos na eterna gloria, e na terra deixando immortal memoria.

Como elrei mandou a dom Rodrigo e a frei Roque resgatar os cativos. Capitulo. LXXXVIII.

Tanto era o zelo da caridade delrei dom Henrique em todas as obras pias, em as quais antes, quando havia sido prelado, era exercitado, com singular exemplo de todas as virtudes, que sendo persuadido dos padres da companhia das obrigaçoens de seu estado em socorrer aos cativos, logo condoendo-se do seu miseravel estado, com perigo de alguns apostatarem, com afronta da fé catolica, e perda das suas almas, com todo o cuidado procurou com muita diligencia acodir como se atalhassem estes males, e outros que o cativeiro tem; pera o qual mandou a Ceptа a dom Rodrigo de Menezes, que depois foi governador da casa do civel, fidalgo velho e honrado, pera que com frei Roque, que lá estava, tratasse de acodir com dinheiro aos fidalgos, que estivessem desconhecidos, antes de os mouros terem noticia de suas calidades, e alevantarem o preço, e assim todos os mais que naõ tivessem possibilidade, e dessem ordem com effeito a seus resgates; mas pera que isto se fizesse com menos despesas, das mui grandes e necessarias a tantos cativos, ordenou elrei mandar o dinheiro empregado em roupas da India, e lá se venderem, com o que chegasse a maior numero de cativos; e

pera beneficio e meneio desta fazenda mandou elrei por feitor a Afonso Gomes de Abreu, e Joaõ Martins Gago tesoureiro, e vendendo-a em Ceita, houvessem conta com receita e despesa. O emprego que foi de Lisboa, da fazenda delrei dom Henrique e da redempçaõ geral dos cativos, foraõ cento e desasete mil cruzados, os quais beneficiados importáraõ, com o procedido, mais de tresentos mil cruzados. Com este emprego partiraõ daqui Affonso Gomes de Abreu e Joaõ Martins Gago, excepto mais de oitocentos mil cruzados, que leváraõ em dinheiro de contado, e joias riquissimas de ouro, prata, perolas, pedras, e outras peças de muito preço, de partes; as quais mandavaõ pessoas que lá tinhaõ cativos, pera seus resgates, como as mãis aos filhos, as mulheres aos maridos, e os parentes aos parentes, em os quais se mostrou estranho amor natural, e grande zelo da cristandade, na facilidade com que vendiaõ as fazendas, e as angustias de as mandarem a Berberia. O modo que se tinha neste resgate era, que dom Rodrigo de Menezes e frei Roque, com os outros officiaes, despachavaõ e consultavaõ a ordem que se devia ter na distribuiçaõ daquelle dinheiro pera effeito do resgate, do qual acodiaõ a alguns fidalgos pobres, e a outros, que naõ eraõ descobertos, pagavaõ o preço em que eraõ talhados, antes que descobrindo-se o viessem a alevantar; e assim alguns, posto que es-

tivessem talhados, e tivessem dinheiro pera pagar junto, se lhes faltava algum, o pagavaõ com obrigaçoens dos que tinhaõ posse pera o pagarem; mas o que mais geralmente faziaõ deste dinheiro era resgatar aos pobres, faltos de quem os socorresse, e assim a muitos, que os mouros traziaõ a vender, por muitas vias; huns de que eraõ senhores, e outros que, hindo fugidos, os guiavaõ, e lhes satisfaziaõ conforme ao merecimento de seu trabalho. Houve elrei por seu conselho ter este modo de resgate, mais proveitoso ao bem commum do reino, donde se haviaõ de tirar tantas despezas de dinheiro e alfaias, do que ao particular dos cativos; por que desta maneira os miseraveis tinhaõ alli remedio de piedade, e os ricos custariaõ menos, e escusavaõ outras despesas de pessoas, que deviaõ mandar negociar os tais resgates, arriscando-se ainda o dinheiro que a isso mandassem, por a verdade dos homens, a que fosse entregue, poder corromper-se, como pelos perigos do caminho e már, onde podia ser salteado de ladroens ou cossairos, e correndo o resgate, como correo, pelos officiaes que elrei a isso mandou, havia as commodidades mais convenientes, e evitavaõ-se os perigos evidentes. Além do dinheiro que Affonso Gomes de Abreu e Joaõ Martins Gago leváraõ, quando partiraõ em hum galeaõ da armada com algumas caravelas que os acompanháraõ em guarda de cossairos, depois de lá

estarem mandou elrei mais vinte mil crusados de contado, e desasete de emprego da mesma roupa, e assim outro muito dinheiro e riquissimas peças de ouro e prata, pedras e perolas, de mui excessivos feitios, com outras peças de sedas, colxas e alcatifas de toda a maneira, de pessoas particulares, pera se darem a troco do resgate, ou se venderem aos mouros ou judeos, onde entaõ estava todo o dinheiro de Portugal, e no reino naõ haver quem comprasse, antes todos andarem vendendo, as quais foraõ assim neste galeaõ, como quando antes foi Affonso Gomes de Abreu, a cujo beneficio hia tudo comettido, pera lá responder a cada hum com o seu, no que resplanceceo grandemente a cristandade delrei dom Henrique, no zelo de acodir aos perigos das almas de muitos, e no amor e compaixaõ do seu povo, affligido em duro e aspero cativeiro dos barbaros imigos, os quais, com tiranias e crueis tormentos, se cevavaõ com odio nas carnes rasgadas de açoutes daquelles infelizes cativos, querendo assim trazer huns com tormentos a arrenegar da fé por apostasia, e a outras obrigar a descobrirem se eraõ fidalgos ou de calidade que pudessem resgatar-se, e quanto mais constasse a valia da pessoa, tanto mais a elles crecesse o interesse que disso esperavaõ, das pessoas a quem tocavaõ e feriaõ o coraçaõ os avisos do aspero cativeiro de alguns, desentranhando-se com compaixaõ, e rompendo por

todas as difficuldades. Podia tanto o amor e diligencia, que fazia a muitos vencer impossibilidades, nunca nas necessidades proprias tentadas; por que o preço mais infimo dos fidalgos era de quatro mil crusados, e dahi pera cima, como entendiaõ que tinhaõ posses. Martim de Castro dos Rios, pela fama de sua riqueza, foi cortado em quinze mil cruzados o primeiro preço, afora a quebra do dinheiro, e outras despezas, que chegou a desasete mil cruzados, e o mais infimo cristaõ naõ descia de cem cruzados. Dahi a alguns dias mandou elrei chamar dom Rodrigo, e ficáraõ frei Roque, Affonso Gomes de Abreu, e Joaõ Martins Gago com o menêo do resgate, com conselho de todos tres.

Como elrei dom Henrique mandou por embaixador ao Xarife dom Francisco da Costa. Capitulo LXXXIX.

Hum dos avisos que Belchior do Amaral mandou a elrei, quando vêo a Tangere, como atraz fica ditó, foi que devia mandar embaixador ao Xarife, pera tratar o negocio do resgate de tantos fidalgos, porque se entendia delle dezeja-lo, e seria este mui acomodado mêo de correrem com suavidade, pois os homens sem liberdade naõ podiaõ tratar bem o que tanto importava, e mais ainda se parecessem esquecidos delrei: ajun-

tava-se tambem a isto mandar o Xarife por todos os seus reinos notificar com graves penas a todos os mouros, e fazer pesquisas, que lhe fossem levados todos os fidalgos cativos, ao que mandava mouros de confiança, e que onde os achassem os trouxessem á côrte, onde elle estivesse, dos quais contractáraõ com o Xarife, por mêo do Achahiac e Hamet-Taba, oitenta, que davaõ de seu resgate quatrocentos mil crusados, e mandáraõ ao reino dom Duarte Castelbranco, meirinho mor, dom Fernando de Castro, dom Jorge de Menezes, dom Miguel de Noronha e Luis Cesar provedor dos almazens, a darem conta a elrei deste contracto, e a applicar dinheiro, que se havia de ajuntar pelas fazendas de cada hum dos cativos deste numero, pera sahirem do cativeiro, com a satisfaçaõ que de Portugal lhes havia de hir: por estas causas movido elrei a mandar embaixador, foi eleito Diogo Botelho, por ser homem muito experto nos negocios, e mui honrado e prudente fidalgo; mas Deos, que tinha determinado dar outro castigo a Portugal, naõ permittio hir elle, pois havia de ser principal instrumento delle, como foi no alevantamento e mais favor que deo ao senhor dom Antonio, pela muita amizade que tinhaõ de criaçaõ: de maneira que naõ havendo effeito a embaixada com Diogo Botelho, mandou elrei chamar dom Francisco da Costa, e o encarregou de embaixador de Berberia, fazendo-lhe por isso mui-

tas mercês e honras, pera o obrigar a aceitar este cargo. Posto dom Francisco da Costa ao caminho, levava o dinheiro, que era junto, dos oitenta fidalgos, e outro muito de partes, e com hum mui rico prezente ao Xarife e a outros alcaides, seus privados, se embarcou em hum galeaõ, com outras caravelas em conserva, pera guarda das riquezas que hiaõ encher a Africa, ficando Portugal despojado; o qual, desembarcando em Mazagaõ, partio pera Marrocos, com guarda de mouros, que lhe assegurâraõ a pessoa e o dinheiro, pelo interesse que o Xarife disso tinha, em companhia do qual foraõ frei Antonio de Santarem, e frei José, frades da ordem da Trindade, pera lá ajudarem os cativos em seus resgates, e necessidades corporaes e espirituaes; e como do numero dos quatrocentos mil crusados, dos oitenta fidalgos, faltavaõ centò e vinte mil, por comissoens que o embaixador levava delrei, ficou por fiador delles, com o que os fidalgos logo foraõ postos em liberdade, e se viéraõ a Portugal; mas, como os homens chegaõ a ter o repouso, de que dantes careciaõ, esquecidos dos trabalhos passados, muitas vezes acontece esquecerem-se das obrigaçoens naturaes, e da gratidaõ devida aos que se arriscâraõ por seu bem. Digo isto, porque tanto que os fidalgos se vîraõ em suas casas, postos em liberdade, como eraõ muitos, desculpando-se cada hum a si, e lançando qualquer nota á cónta de todo aquel-

le corpo, fizeraõ pouca diligencia de contribuirem as dividas, pelas quais ficava empenhado dom Francisco da Costa; e a causa desta dilaçaõ ser mais morosa foi a morte delrei dom Henrique, o qual com muito calor e diligencia mandava prover nestas cousas, e executar os devedores, principalmente neste negocio dos oitenta, dos quais dom Francisco da Costa estava obrigado; mas como em sua morte succedessem os governadores, embaraçados em negocios graves da successaõ do reino, naõ podiaõ com tanta brevidade deferir a se ajuntar o dinheiro, e logo se seguissem as alteraçoens do alevantamento do senhor dom Antonio, com as guerras do exercito de elrei de Castella, naõ houve effeito o pagamento dos cento e vinte mil cruzados; mas estando a real magestade delrei Philipe pacifico no reino, por fazer mercê aos devedores daquelle dinheiro, e muito mais por libertar ao embaixador, lhe fez mercê de cincoenta mil cruzados, dos cento e vinte mil que em hum dos capitulos que confirmou em Thomar, havia promettido pera o resgate dos cativos no desbarate delrei dom Sebastiaõ, os quais empregados em roupa fossem levados a Cepta, e ahi vendidos, e com o procedido (que se esperava ser muito) fosse o Xarife pago, e dom Francisco desobrigado. A este negocio foi mandado a Cepta, por feitor desta fazenda, Jacome de Oliveira, contador dos contos do reino, onde fosse vendi-

da, ou levada a Marrocos pera se lá vender. O Xarife, vendo como a diligencia que se fazia da negociaçaõ da fazenda era pera effeito de se dom Francisco desobrigar, disse que naõ queria tomar a roupa, nem que os mouros a comprassem, senaõ nos preços de Portugal. Com estas duvidas e outras naõ houve effeito a venda da fazenda, que estava em Cepta, até della se tirarem quatorze mil cruzados pera resgate de muitos cativos, que foraõ cativos em Cepta, com que mais se dilatou a liberdade do embaixador dom Francisco da Costa. Foi o caso, que correndo os turcos com nove gales pelo estreito, o anno de oitenta e tres, usáraõ de um ardil de muita sagacidade, onde fizeraõ huma grande preza da gente de Cepta: escondendo-se pois sete galés em parte onde naõ eraõ vistas, se descobríraõ duas no estreito, fingindo que hiaõ seguindo huma setia (que elles tinhaõ tomado, e nella armáraõ a negaça) e ella se hia acolhendo a Cepta, e pera que o engano fosse demostraçaõ de mais verdade, hiaõ as galés esbombardeando-a sem lançar pelouros, e a setia defendendo-se da mesma maneira, e mostrava que por se hir recolhendo á fortaleza tomava animo com o soccorro, esperando-os. Os cávalleiros de Cepta, compadecendo-se da setia, presumindo serem cristaõs, a quem tinhaõ obrigaçaõ ajudar e soccorrer em tal perigo, com animo aceso de vingança dos turcos, se embarcáraõ em hu-

mas caravelas, que no porto estavaõ, e se foraõ a socorrer a setía, que com fingimentos de engano encobria a tirania escondida. Tanto que as caravelas dos cristaõs chegáraõ a ella, começou a volver as armas a elles, fazendo corpo com as galés que a seguiaõ, e com as sete que logo acodíraõ, das quais os cristaõs foraõ de improviso cercados e salteados de todas as partes; os quais postos no perigo descoberto, donde já naõ podiaõ sahir a seu salvo, determináraõ pelejar até morrer, o que fizeraõ com tanto esforço, que até serem rendidos e esbombardeados das galés, e entrados á espada com igual destroço dos turcos; onde morreraõ trezentos homens, e foraõ cativos muitos, dos quais logo se fez resgate de quatorze mil cruzados, que se pagáraõ da fazenda assinada pera liberdade de dom Francisco da Costa, o qual ainda nesta era de oitenta e seis está em Marrocos, e naõ he acabado de juntar o dinheiro porque está obrigado.

Como elrei dom Philipe de Castella mandou pedir ao Xarife o duque de Barcellos e outros senhores portuguezes.
Capitulo XC.

Naõ se deixou muito encobrir o zelo da religiaõ cristã, que a real magestade do catolico rei dom Philipe de Castella tinha em seu peito, quando condoendo-se do estado do cativeiro do povo cristaõ (ainda que os

menos eraõ seus vasallos) quiz tambem com sua liberalidade ajudar a levar o peso de tantas despezas de Portugal, taõ afligido com as perdas de tantos homens, e agora das fazendas dos vivos, das quaes por seus resgates ficáraõ despojados: considerando pois sua magestade o que devia á igreja catolica, como cristaõ, e á sua dinidade real, ornada de todas as virtudes, mandou por embaixador ao Xarife a Pero Vanhegas, o qual juntamente com o padre Martim, homem de muita virtude e negocio, practico nas cousas de Berberia, tratassem do resgate dos castelhanos, que no desbarato foraõ perdidos: mas porque dom Theodosio duque de Barcellos, filho do duque de Bargança, e dom Francisco Portugal filho maior do conde de Vimioso, e o conde de Portalegre mordomo-mór, embaixador delrei de Castella, estavaõ cativos em Marrocos, mandou sua magestade aos seus embaixadores fizessem instancia ao Xarife lhe quizesse dar estes cativos. Pero Vanhegas, naõ se descuidando no que lhe era mandado, fez toda a diligencia possivel, até effectuar o que pertendia do Xarife, e foraõ dados os senhores acima nomeados; os quais, pondo tambem muita diligencia da sua parte, com peitas e dadivas aos mouros, por quem os negocios e favores corriaõ, puderaõ mais facilitar os inconvenientes e duvidas, que os mouros cobiçosos e de pouca verdade cada dia acrecentavaõ; e como elles,

nem inda o rei, sejaõ de espiritos grandes pera fazer liberalidades, quando por alguns respeitos, que naõ podem escusar em publico, fazem alguma demonstraçaõ de virtude, elles mesmos em secreto trabalhaõ pôr inconvenientes como se inhabilitem, pera desculpa da pouca fé; por isso, vendo os embaixadores de sua magestade quaõ usado isto era nos mouros, e com quanta difficuldade negociavaõ as cousas graciosas, naõ tinhaõ por mal os mesmos cativos ajudarem da sua parte a atalhar os intentos dos mouros, fundados em cobiça. Postos estes senhores em liberdade se viéraõ por Espanha, a quem elrei de Castella mandou fazer muitas honras, as quais depois o conde de Vimioso pagou mal a sua magestade, assim pela mercê de o resgatar, como em o fazer com tanto amor, tendo muito respeito á sua pessoa; porque a primeira cousa que fez chegando a Portugal, quando as alteraçoens das guerras se começavaõ a mover, e os aparatos a apetrechar, naõ sómente naõ usou da gratidaõ devida ás mercês de sua magestade, em ajudar a quietar as cousas publicas, como elle entranhavelmente dezejava, mas deo muito azo a ellas se mais alterarem, até finalmente se vir a declarar por publico inimigo delrei, alevantando bandeira contra elle em seu exercito, como no processo da historia mais largamente se dirá. O embaixador Pero Vanhegas, por comissaõ que tinha de sua magestade, sa-

bendo como Fernaõ da Silva, prégador delrei estava em Alcacere-quibir cativo, já convalecido das feridas que teve, lhe mandou dizer como tinha recado de sua magestade pera o resgatar. Fernaõ da Silva, posto que estimou muito a mercè que elrei lhe fazia, e a agradeceo como ella merecia, naõ aceitou, por rezaõ de já estar contractado com o Xarife, em modo que naõ podia deixar de sahir por esse mèo; porque havendo dom Duarte de Menezes capitaõ de Tangere, seu cunhado, pouco tempo antes da batalha, cativado quasi toda a gente do aduar de Talemaco, onde estava huma mulher e huma filha e hum filho e outros sobrinhos e parentes seus, por contracto, que dom Duarte fez em Marrocos com o Xarife, sollicitando o alcaide de Talemaco, homem de muita valia com elle, e todos os alcaides, estava assentado fosse Fernaõ da Silva resgatado por vinte e duas pessoas dos mais chegados ao Talemaco, como de feito assim se effectuou; os quais dom Duarte seu cunhado lhe deo por preço de cinco mil cruzados.

Do caliveiro que os Portuguezes passárão em Berberia. Capitulo XCI.

Naõ me parece dessemelhante comparaçaõ, nem presunçaõ mui alhêa de rezaõ, ter que todas as prosperidades, assim da dinidade real, como das riquezas do despojo da

batalha e resgate do cativeiro, que Mulei-Hamet, que ora reina em Berberia, possue com grande prosperidade e abastança, lhas deo Deos pelo bom tratamento que havia de fazer aos cristaõs portuguezes, como deo a Ciro, pelo favor que havia de dar ao povo dos Israelitas: e posto que alguns mouros particulares dessem graves tormentos a alguns cristaõs, a fim de se porem em liberdade, e assim grangearem mor interesse, todavia o Xarife se fez senhor dos fidalgos, (tomando-os aos mouros que os tinhaõ, ou fosse por lei ou tirania) e os tratou com muito primor e brandura; porque, antes que se elles cortassem em seus resgates, e os oitenta se contractassem nos quatrocentos mil cruzados, ordinariamente lhes mandou de comer, carneiro, galinhas, e outras iguarias em muita abastança, como elles puderaõ ter em suas casas; e como os fidalgos todos pousavaõ na judearia, nas casas com os mesmos judeos, mandava o Xarife aos judeos lhes dessem de comer, na maneira acima dita, e as despezas que fizessem, conforme a porçaõ e regra que estava taxada, lhes fossem levadas em conta do tributo, que saõ obrigados pagar; mas depois de se contractarem, e tratarem no preço do resgate, cessou o Xarife desta obrigaçaõ. Além desta grandeza, fez o Xarife outra, em dar liberdade a todo o fidalgo (que dava outro por fiador) andasse pela cidade, como e quando quizesse, sem limitaçaõ, e se aposen-

tasse na judearia, onde mais lhe aprouvesse. Com esta franqueza se fiavaõ huns aos outros, e todos alcançavaõ tanta liberdade, como poderiaõ ter na corte de Portugal; porque, além de pousarem e passearem livremente onde queriaõ, sem mouro algum lho impedir ou os guardar, viviaõ com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavaõ senhores da terra, e além de cada hum ter sua pousada em casas muito fermosas de judeos, com ricas camas e tapeçarias, gastaváõ mui esplendidamente em vestir mui ricas sedas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim huns se mandavaõ prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavaõ dos judeos com assinados de lhes pagarem, o que os judeos faziaõ com maior confiança, do que o fizeraõ os mercadores de Lisboa, antes de haverem partido pera Africa. Com esta liberdade e magnificencia se tratavaõ os fidalgos, e os que tinhaõ pósse, com jogos e banquetes, huns cristaõs aos outros, e alguns alcaides aos fidalgos; mas porque os fidalgos tivessem cristaõs que os servissem a modo de Portugal, se sabiaõ de alguns criados seus ou pessoas de obrigaçaõ, mandavaõ-nos pedir aos senhores delles, tomados sobre sua palavra, o que os mouros naõ sómente faziaõ com muita confiança de sua verdade, mas com alegria de lhes escusar as despezas delles, com certeza de resgate; e em Fez, on-

de os fidalgos quasi todos se ajuntaraõ, resplandeceo hum primor e ufania nelles, no tratamento acima dito, que parece foi o mais novo genero de cativeiro que houve no mundo, naõ digo antre barbaros, mas ainda antre cristaõs mui polidos. De maneira se enxergou a grandeza dos fidalgos entre os barbaros com primor e liberdade, que além de tomarem sobre sua palavra muitos cativos, e resgatarem alguns, tinhaõ em suas pousadas ordinariamente muita gente, a que davaõ de comer e vestir, e supriaõ muitas outras necessidades; com que se aliviava o cativeiro de quasi toda a gente que estava em Fez, e dos que depois estiveraõ em Marrocos, onde foraõ os fidalgos que naõ entráraõ no contracto dos oitenta, e alguns do mesmo numero por alguns negocios tocantes a seu resgate. O mesmo estilo que o Xarife teve com seus cativos, tiveraõ os alcaides de outros lugares com aquelles que conheciaõ por fidalgos, ou homens honrados, aos quais sobre suas palavras davaõ toda a liberdade, ainda pera se virem a Portugal alguns, ficando lá outros por fiadores.

Como em Fez e em Marrocos tinhaõ os cristaõs missa e pregaçaõ, e outros mais officios divinos. Capitulo XCII.

O que ainda mais resplandeceo no cativeiro dos cristaõs em Fez e Marrocos, pera honra de Deos, e prova de elle favorecer o

Xarife, como atraz dissemos, foi a licença que elle deo de se celebrar o culto divino, o qual se fazia com muita solenidade dos ministros, e devaçaõ dos ouvintes, e com isso se consolavaõ as almas dos devotos com alegrias espirituais, e as dos pecadores com esperanças de divino socorro em suas opressoens; por que, além de se dizerem cada dia na sagena missas resadas e cantadas, as quais os cristaõs ouviaõ com muita devaçaõ, rezando huns o officio divino, outros as coroas de nossa senhora, e outros por contas, havia tambem prégaçoens, com que eraõ animados a soffrer o cativeiro que padeciaõ, e a absencia de suas mulheres e filhos. Nas coresmas e alguns outros dias pregava o padre frei Vicente da Fonseca, da ordem dos Pregadores, que foi arcebispo de Goa, o doutor Pero Martim da companhia de Jesu, que se perdeo hindo á conversaõ dos gentios da India, na nao Santiago, onde Fernam de Mendonça hia por capitaõ mór, frei Thomé de Jesu, irmaõ da condeça de Linhares, religioso de santo Agostinho, e frei Luiz das Chagas, frade de S. Francisco; os quais e outros sacerdotes, seculares e regulares, que lá havia, mui frequentemente ouviaõ de confissaõ a todo o genero de cativos, administrando-lhes o santissimo Sacramento da Eucharistia; cujos exercicios naõ somente consolavaõ aos cristãos, com effeito e fruito da graça que recebiaõ em suas almas, mas ainda em verem o nome de

Cristo venerado, e os Sacramentos frequentados no mêo do paganismo, com admiraçaõ dos barbaros, que naõ tinhaõ luz de fé pera enxergarem sua virtude, nem se aproveitarem de seu fruito. Com tanta liberdade chegáraõ os cristãos portuguezes a continuar com o culto divino, que fizeraõ os officios das endoenças, cantando com canto de orgaõ e fallas mui estremadas, assim nas missas, como paixões e lamentaçoens, naõ faltando nada ao ornamento exterior, que se requeria, do sepulcro onde se encerrou o Santissimo Sacramento, o qual esteve encerrado, por naõ haver outra oportunidade de custodia, em hum calix dourado, o qual Martim de Castro dos Rios resgatou em Fez das mãos dos mouros, com huma grande cantidade de reliquias de ossos de muitos santos, que em Lisboa eu tive nas mãos: mas por que naõ faltasse nada nas ceremonias e custume, que a santa madre Igreja tem nestes dias, ordenáraõ os cristãos huma procissaõ á quinta feira d'endoenças á noite, onde houve muitos disciplinantes, que derramavaõ sangue das carnes que rompiaõ com os açoutes, e lagrimas de devaçaõ pela compunçaõ do coraçaõ; entre os quais com a lembrança da paixaõ de Cristo, ajudada com a presença de seu estado de cativeiro, se levantou hum grande pranto de lagrimas e suspiros, que sahiaõ do intimo do coraçaõ, pera que Deos se apiedasse delles, assim no perdaõ dos pecados, como na liberdade

das prizoens: e porque em tudo se conformassem com a sinificaçaõ dos misterios dos tempos que a Igreja celébra, ordenáraõ a manhã da resurreiçaõ fazer procissão mui alegre, com que os cristãos recebiaõ naõ menor consolaçaõ, com louvores de Deos, e acçaõ de graças do que haviaõ recebido, com gemidos de contriçaõ. Desta maneira andavaõ os cativos taõ alegres n'alma, que temperavaõ a tristeza dos infortunios das mortes dos seus e do cativeiro proprio, com as consolaçoens da divina providencia, que do ceo lhes eraõ rociadas; os quais, ocupados nestes santos exercicios, andavaõ mais reformados nos bons costumes do que andavaõ em Portugal, e pera mais crecer a devaça tinhaõ confrarias do Santissimo Sacramento e outros santos, com mordomos e confrades, que ajudavaõ com esmolas a fazer as despezas dellas, pera com isso o culto divino ser mais solenemente celebrado. Naõ faltavaõ a estas obras outras muito pias, de sepultar os defuntos, visitar os enfermos, e suprir com esmolas as necessidades de muitos cristãos, que padeciaõ miserias, que em tal estado deviaõ ser muitos.

Como o padre Amador Rebello da Companhia de Jesu foi a Argel resgatar cativos. Capitulo XCIII.

Como os portuguezes, cativos em Africa na batalha, eraõ mais de quinze mil, dos quais alguns naõ tinhaõ possibilidade de pagar o resgate, nem pessoas em Portugal que lho pudessem dár, desenganados com isto os mouros senhores delles, tratáraõ de os vender em diversas partes de Berberia: mas por que Argel he o lugar onde ha a principal escala de cativos, por os turcos dallí comumente viverem deste tracto, foraõ muitos vendidos pera aquella parte. El-rei dom Henrique, que estava determinado com aceso zelo socorrer ao miseravel estado do cativeiro dos portuguezes, em todas as partes onde fossem achados, depois de ter bastantemente provido em certo modo no resgate de Africa, como atraz fica dito, ordenou mandar a Argel alguns religiosos, a tirar os que lá achassem; e como elle sabia quanto zelo os padres da companhia de Jesu tinhaõ na salvaçaõ das almas, e quanto sem temor se arriscavaõ a todos os perigos, onde podiaõ achar trabalhos de merecimento e coroa de martirio, por esta empresa ser assás trabalhosa, segundo a crueldade dos turcos, pedio aos prelados quizessem dar alguns padres sufficientes pera

esse cargo. Os padres da companhia, posto que nunca recusassem semelhantes empresas, antes muito as procurem com aceso fervor de caridade, nesta se escusaraõ com todas as forças, por este exercicio do resgate dos cativos ser proprio dos religiosos da Santissima Trindade, os quais, além de terem dado grandes exemplos de virtude nestes exercicios, com ornamento da igreja catolica e confusaõ dos barbaros, assim no soffrimento dos trabalhos e affrontas das proprias pessoas, como na edificaçaõ das almas, e soprimento das ajudas corporaes dos cativos, a experiencia, que tinhaõ deste commercio, os fazia mais sufficientes pera este cargo. Elrei, que bem entendia isto, naõ disistio de sua petiçaõ e intento, vendo quaõ derramados os padres da Trindade andavaõ em Berberia, no exercicio de resgatar os cativos das mãos dos barbaros, e as almas dos demonios, que os persuadiaõ a apostatar; por tanto insistio elrei fossem alguns padres da companhia ajudar a carga aos religiosos da Trindade. Assignaraõ pera isso Amador Rebello com hum companheiro, ao qual elrei mandou dar quatorze mil cruzados, pera resgatar os pobres. Partido Amador Rebello, se foi embarcar a Valença, onde empregou os quatorze mil cruzados, e com o procedido delles fez em Argel desasete mil, e com o ganho creceo o numero dos que haviaõ de ser resgatados: mas como esta viagem era tanto do serviço

de Deos, e merecimento dos obreiros de tal exercicio, quiz o Senhor mostrar sua virtude, em mêo dos mais evidentes perigos; por que navegando por aquella travessa do már, que he entre Valença e Argel, foraõ com ventos taõ escaços e contrarios á viagem, que foi o navio, por força dos ventos e corrente das aguas, levado á costa; o qual entrando em huma estreita enseada, a modo de beco, onde difficultosamente se podia revolver, e já com a popa começava a tocar em terra em humas asperas rochas, de que era cercada, desconfiados os mareantes da salvaçaõ do navio em tal estado, e muito mais das pessoas, pelos rochedos em que cahiaõ, fazendo da necessidade virtude, despregaraõ as velas, e posta a prôa aos ventos, que entravaõ furiosamente pela bocà da enseada, aprouve a nosso Senhor, contra o curso natural, o navio se sahisse do perigo presente, humanamente desconfiado. Outro caso, naõ menor que este, lhe aconteceo, hindo huma noite chuivosa e nublada, correndo todas as velas metidas e enfunadas com vento rijo, descuidados de pôrem vigias pela grande escuridade, subitamente se abriraõ as nuvens, e apareceo o esplendor da lua, e lhe mostrou huma rocha, onde hiaõ dar com a proa do navio, de que estavaõ comprimento de huma lança: alevantada grande grita nos mareantes, como em tais perigos acontece, parece que foi cousa milagrosa, que estando as velas enfunadas com o ven-

to que levavaõ em popa, se teve o navio, e de improviso deo volta ao már, e entrou em viagem taõ seguramente como antes vinha buscar o perigo, o qual acabado, se tornáraõ as nuvens a cerrar e fazer as mesmas trevas, como antes fazia: os quais casos o padre Amador Rebello me contou por milagrosos, e achou em Valença, por informaçaõ certa, naõ haver memoria de homem que navio algum que fosse a Argel se perdesse, nem fosse cativo, sendo aquelle már de semelhantes perigos. Continuando pois Amador Rebello sua viagem chegou a Argel, onde com grandes trabalhos e affrontas da pessoa, e maiores agonias do espirito, pela inconstancia e pouca verdade daquelles barbaros, effectuou o resgate, com que tirou de cativeiro a muitos, os quais, além dos trabalhos do corpo, estavaõ em grande perigo de apostatar.

Como frei Dionisio e frei Matheus, padres da Trindade, foraõ ao resgate de Argel. Capitulo XCIV.

Naõ carece de consideraçaõ vèr a Providencia divina quanto se estendeo na redemçaõ dos cativos de Africa; porque, assim como aquelle povo foi levado a sacrificar por culpa de hum rei confiado em seu esforço, e enganado em seus intentos, permittio Deos mollificar os coraçoens dos principes pera se compadecerem de seu cativeiro, causado por

obediencia de seu rei, que sabiaõ os levava a este estado e a outro peor da morte: porque, depois da catolica magestade delrei Philipe estar em posse de Portugal, ouvindo as lastimas das mãis e mulheres de alguns cativos que estavaõ em Argel e naõ podiaõ sahir de seu áspero cativeiro por a falta de resgate, condoendo-se do estado mísero de huns, e affliçaõ do animo de outros, procurou logo prover a estas necessidades taõ urgentes, pera o qual, pedindo ao principal da Trindade elegesse religiosos pera hirem a Argel, a fazer o resgate das reliquias que ficáraõ dos cativos na batalha de Africa, e outros que mais achassem, foraõ nomeados pera esta jornada os padres frei Dionisio e frei Matheus, aos quais, porque haviaõ de hir embarcar a Valença, passou elrei provisoens pera lá lhes serem logo dados vinte mil cruzados, que eraõ á conta dos cento e vinte mil, que elle prometteo pera resgate dos cativos, nas capitulaçoens, que confirmou nas cortes de Thomar: além deste dinheiro, muitas pessoas particulares, que tinhaõ alguns parentes em Argel, deraõ aos mesmos padres dinheiro, que importava quatro mil cruzados, pera resgate das pessoas pera que hia dirigido. Postos em caminho os padres frei Dionisio e frei Matheus, como levavaõ as provisoens delrei pera os officiaes de sua magestade lhes fazerem pagamento dos vinte mil cruzados em Valença, deraõ em Lisboa tam-

bem o dinheiro das partes a mercadores, pera lhes passarem letra pera em Valença o cobrarem, por escusarem os perigos e despezas do caminho; e tanto que os padres foraõ em Valença, cobráraõ o dinheiro das provisoens de sua magestade, e o das letras dos mercadores, e tratáraõ de fazer sua viagem, pera o que fretáraõ hum navio, dando-lhe hum tanto por cada mez; porque, como levavaõ aviso da cobiça dos turcos, e da sagacidade que elles usavaõ no negocio do resgate pera seus interesses, foraõ os padres aconselhados naõ levassem da primeira viagem todo o cabedal pera o resgate, porque os turcos naõ alevantassem o preço dos cativos, pela grande cantidade de dinheiro que lhes sentissem, antes, dezejando cada hum de vender os seus, se acomodassem ao pouco dinheiro que os padres mostrassem. Desta maneira, levando parte do dinheiro empregado em roupas e outras mercadorias, o gastáraõ todo nos cativos a que chegou, com os quais vêo frei Dionisio a Valença, e frei Matheus ficou em Argel, até frei Dionisio chegar com o resto do dinheiro, que tornáraõ a empregar no resgate, com que ambos voltáraõ a Espanha, com muitos cativos libertados, os quais dando conta a sua magestade do que tinhaõ feito, fez significaçaõ de muita alegria, por vêr o serviço de Deos, que se fizera na redemçaõ dos cativos, tirados d'antre infieis, e postos dos muros da igreja santa a dentro, onde fica-

vaõ seguros das mordeduras das venenosas serpentes, que continuamente procuravaõ fazelos apostatar de sua santa fé catolica, que tinhaõ recebido no gremio da santa madre igreja.

Como elrei de Castella mandou visitar a elrei dom Henrique pelo duque de Ossuna, e outros homens que mais mandou pera pertençaõ da sucessaõ. Capitulo XCV.

Elrei dom Philipe de Castella, que com a nova da morte delrei dom Sebastiaõ seu sobrinho naõ teve menos nojo que elrei dom Henrique de Portugal, se encerrou e tomou dó com toda a sua corte, e lhe mandou fazer as exequias funeraes com grande pompa e multidaõ de suffragios, de missas, oraçoens, esmolas, e outras obras desta maneira; mas, posto qué elle tivesse assás necessidade de ser consolado da magoa da morte delrei seu sobrinho, mancebo de grandes esperanças de virtudes reaes, e ser visitado pela rezaõ de parentesco, que lhe cabia, naõ quiz elle faltar algum ponto nos comprimentos devidos á sua dinidade real, pera o que ordenou mandar visitar a elrei dom Henrique da morte delrei dom Sebastiaõ, e juntamente do novo ceptro que recebia com os reinos de Portugal: mas como elrei de Castella via que elrei dom Henrique havia forçadamente tratar da sucessaõ dos reinos, nos quais elle pretendia

ter mais direito que todos os pretensores, por ser neto varaõ e mais velho delrei dom Manoel de Portugal, determinou pera isso eleger pessoa, que pudesse ficar tambem em Portugal, assistindo aos negocios que se offereciaõ de tanta importancia; e pera que se fizesse com mais suavidade, e com paz e quietaçaõ, que elle muito desejava, elegeo Dom Pedro Giraõ, duque de Ossuna, que assistisse em seu nome em a corte de Portugal, por ser homem de muita autoridade e saber em semelhantes negocios, e ser irmaõ da Duqueza de Aveiro, a qual em Portugal estáva liada em parentesco com a principal nobreza, onde tambem por este respeito fosse melhor recebido, e pudesse mais facilmente acabar as cousas que pretendia com suavidade. Vindo o duque de Ossuna ao reino, foi a visitar elrei dom Henrique; mas posto que elrei de Castella tivesse em Portugal por embaixador a dom Joaõ da Silva, que era casado com dona Joana, neta de dom Alvaro da Silva, conde de Portalegre (de que ella era unica herdeira, por ainda a este tempo estar em Berberia, onde fora cativo na batalha delrei dom Sebastiaõ) ordenou elrei mandar dom Cristovaõ de Moura, pera juntamente com o duque de Ossuna assistir aos negocios, o qual foi pera isto eleito por ser portuguez, posto que criado em Castella no serviço da Princesa dona Joana, e depois no delrei, por ter pai, e irmaõs, e muitos parentes fi-

dalgos em Portugal. Tanto zelo tinha elrei de Castella em os negocios da successaõ do reino correrem com suavidade e paz, que pera que tudo se fizesse com justiça, sem as perturbações, que em semelhantes casos naõ se escusaõ, quiz fazer estes fundamentos de paz, em que, por via de amor e parentesco, suas cousas fossem melhor recebidas, e elles tivessem mais liberdade pera sem suspeita tratarem as cousas publicas: os quais, estando em Portugal na corte, hiaõ pouco a pouco tenteando e vigiando os negocios, vendo onde poderiaõ parar, pera avisar a elrei do estado das cousas, e remedios dellas, e as republicas escusassem alterações de guerras, que foi a cousa principal que elrei de Castella sempre pretendeo atalhar, parte pela liança e visinhança, que os reinos entre si tinhaõ, parte, como principe clemente, por escusar os danos temporaes e espirituaes das guerras, principalmente em tempo que o estado da cristandade estava taõ quebrado com guerras e alteraçoens. E pera em tudo o rei pacifico atalhar os principios da guerra, e compor as cousas com repouso, tambem mandou a Portugal o doutor Antonio de Mattos, portuguez de que elle se servia, pera que, com o doutor Ruy de Mattos, seu irmaõ, corregedor da corte, e outros parentes e amigos de creaçaõ, provessem o caso da sucessaõ, em modo que todo o processo fosse fundado em justiça e verdade pacifica, e

com esta quietaçaõ os entendimentos de todos ficassem mais desapaixonados, pera proceder clara e distinctamente sem confusoens, e o povo, com mansidaõ e sufficientes respostas, fosse enfreado dos subitos movimentos, e temperado das furias, a que ordinariamente he costumado com alteraçoens alheas da rezaõ, e mais em materia de reinar: e porque tambem a justiça delrei de Castella fosse melhor requerida, e o direito alegado, mandou, com o nome e ordenado de embaixadores, o licenciado Rodrigo Vasques, o doutor Molina, e o licenciado Gradióla, todos do seu conselho, e homens de muita autoridade, e doctos em direito civil e canonico, os quais, juntamente com o duque de Ossuna e dom Cristovaõ, tratavaõ e consultavaõ o que convinha á justiça delrei de Castella, e procuravaõ, com paz e sem entreposto de armas, nem processos judiciaes e juridicos, quietar a Portugal, pera se preitarem com sua magestade, de maneira que os portuguezes ficassem contentes com mercês e liberalidades, e os males das guerras se atalhassem, ficando em tudo honrados, com lhes caber em sorte o mais catolico, poderoso, benino e liberal rei do mundo, pera emparo das respublicas, temporal e espiritual, com grandes bens do povo portuguez: e certo naõ faltáraõ persuasoens de conselhos santos proveitosos aos portuguezes, assim de estrangeiros, como naturaes, que zelavaõ o bem comum, pera

darem obediencia ao catolico rei de Castella, de que resultavaõ ao reino grandes bens, assim na utilidade publica, como aos particulares; mas parece que permittio Deos cegar os entendimentos, e endurecer os coraçoens de alguns, pera naõ verem a luz das verdades claras pera seu bem, antes se obstinarem em pertinacias alheas de rezaõ, pera receberem outro mais severo castigo, do que antes tinhaõ experimentado no desbarate de Africa: mas Deos que he mais promto a usar de misericordia, que a proceder com justiça, vendo os males que se aparelhavaõ aos portuguezes serem merecidos mais por falta de entendimento do vulgo, que por malicia, permittio que a catolica magestade delrei de Castella vigiasse com summo cuidado em atalhar o formal cumprimento dos males, de que se os portuguezes faziaõ dignos, encomendando cada dia a seus capitaens, de tal maneira usassem das armas, que escusassem todo o rigor e dano dellas.

Como elrei dom Henrique mandou ao senhor dom Antonio que se sahisse da Corte.
Capitulo XCVI.

Quando o senhor dom Antonio vêo do cativeiro, alegrando-se elrei dom Henrique seu tio muito com sua vista, o mandou apozentar no mosteiro de S. Francisco, muito perto das casas de Martim Affonso de Sousa, em que elle pousava. O senhor dom

Antonio, trazendo já postos os olhos na pretençaõ do reino, ajudado de alguns seus amigos, que o aconselhavaõ fazer sobre isso algumas diligencias, menos justas em negocio taõ importante e de tanta consideraçaõ, começáraõ as cousas a nubrar-se, com hum rumor do senhor dom Antonio e seus alliados andarem sobornando gente, com promettimentos liberaes se seguissem sua voz; e tentando-se todos os mêos, os tratos se começáraõ a descobrir, com escandalo dos outros pretensores, e aggravo delrei, por ser inimigo de todos os mêos, que naõ fossem fundados em justiça; o qual começou a querer atalhar estas maquinaçoens com prudencia, e sem escandalo, com alguns avisos por terceiras pessoas: mas o senhor dom Antonio, como estava determinado a hir com a empreza, por qualquer via que pudesse, por a confiança de os povos o amarem por extremo, e lhe darem todas as costas e favor na pretençaõ do reino, por eleiçaõ ou por legitima sucessaõ, ou pera com elle o defenderem, naõ deixava de continuar em seus desenhos. Elrei como era inimigo de semelhantes pretençoens, com zelo de justiça mandou notificar ao senhor dom Antonio, logo dentro em tres dias, se sahisse vinte legoas fóra da côrte, o qual, obedecendo ao mandado delrei, se partio pera o Crato: mas por que no Crato estava mui afastado da côrte, onde naõ podia taõ facilmente saber do estado dos negocios, pera

dar mais calor á sua causa e pretençaõ, se foi pera Abrantes, por estar mais de vinte legoas de Lisboa, mas mui acomodado pera se comunicar na côrte, por a continua carreira de barcos, que cada dia vaõ e vem. O senhor dom Antonio havendo antes deste tempo estado em Abrantes, de morada alguns dias, onde era mui bem quisto da gente da terra, assim da popular, como dos homens honrados, que saõ muitos, por a villa ser grande e nobre, com esta nova vinda e pretençoens, começon a ser mais amado, e o povo mais desejoso de seguir quaesquer alteraçoens em seu favor, como depois o mostráraõ: mas por Punhete estar pelo rio do Tejo abaixo legoa e meia, pareceo ao senhor dom Antonio hir-se pera este lugar, por ainda ficar mais perto da côrte, e fóra dos limites que lhe foraõ postos; o qual estando alli, naõ deixava de ter avisos cada hora do que passava na côrte, e do estado dos negocios que se tratavaõ ácerca da pretençaõ dos reinos, que era o negocio que mais cuidado lhe dava; onde esteve até elrei o mandar chamar pera vir fazer o auto do juramento a Lisboa, ácerca das Côrtes, como adiante se dirá.

Como o senhor dom Antonio houve huma sentença, em que foi havido por filho legitimo do infante dom Luiz.
Capitulo XCVII.

O ponto principal em que o senhor dom Antonio se estribava, pera effecto da sucessaõ dos reinos de Portugal, que pretendia, foi ser persuadido de alguns sediciosos ser elle filho de legitimo matrimonio do infante dom Luiz seu pai, pera o qual, trazendo-lhe ditos e resoens, fundadas em maginações coradas de justiça, facilmente se deixou entrar d'ellas, sem mais consideraçaõ, que honestasse o negocio, por que, como a condiçaõ dos homens seja enganar-se com as cousas que saõ instrumento de seus desejos, tendo-os o senhor dom Antonio muito grandes de ser rei, naõ engeitou estes que lhe pareciaõ mais poderosos e honestos: de maneira que persuadido, ou por vontade propria, ou por importunaçaõ de seus sequazes, como he mais de crêr, houve de consentir em se fallar nesta maneira de legitimidade; mas por que elle e os que o tinhaõ metido nisto sabiaõ quanto este ponto havia de aggravar a elrei, e descobrir o seu animo aos outros pretendentes e a toda a corte, com que muitos se haviaõ de escandalisar, e outros aborrecer de taes intentos, secretamente determinou fulminar huma sentença por huns autos judiciaes,

menos solemnes do que o Direito pede em negocios de muito menos importancia. Com esta determinaçaõ, secretamente processou a causa diante de Manoel de Mello, clerigo da ordem de S. Joaõ, pelo senhor dom Antonio ser Prior do Crato, e professo da mesma ordem, o qual pronunciou a sentença seguinte: = Cristo nomine invocato. Vistos estes autos &c. Perante a commissaõ de minha jurdiçaõ, que me foi solenemente comettida no capitulo provincial, ácerca dos negocios e das pessoas, que podem gozar dos privilegios da ordem de S. Joaõ, e como o senhor dom Antonio he huma dellas, e bem assim vista a procuraçaõ de sua excellencia, que por mim foi recebida, prova dada, assim de testemunhas, como de outros documentos, mostra-se que o infante dom Luiz, sendo mancebo e em idade florente, se namorara de Violante Gomes, donzella muito formosa, honesta e de grande graça e discriçaõ, e por seus amores fazer muitos extremos publicos, de muitas invenções, muzicas, motes e cantigas; e como se prova ser taõ afeiçoado á dita Violante Gomes, que, forçado do amor que lhe tinha, a recebeo por mulher, por d'outra maneira naõ poder conseguir o effeito de seus amores, por a muita resistencia que achou da muita virtude, assim na dita donzella, como em sua mãi, e tanto que a recebeo por mulher, logo mandár-lhe chamar dona Violante; e assim, visto como

se prova, que, depois do dito senhor Infante ser casado com a dita senhora dona Violante, lhe sahirem muitos casamentos, sem nunca querer aceitar nenhum delles, nem o reino de Inglaterra, que se lhe offerecia com a Rainha Maria, antes dizia que naõ podia casar nem podia ter outro reino, mais que huma cella, em que ao tal tempo estava; e bem assim visto como se prova o dito senhor infante mandar tratar a dita senhora Violante como sua mulher, depois que a recebeo, com vestidos e com joias, e assim no mosteiro lhe mandar tudo de sua casa, e fazer o que ella mandasse, no alto e no baixo, sem ter com ella conta, e assim mandar ao senhor dom Antonio seu filho, lhe obedecesse como filho, conforme a lei divina e humana, e que nunca poz os olhos em outra mulher, depois que conheceo e recebeo esta senhora; e outrosim, visto como se prova em seu testamento nomear ao senhor dom Antonio por filho seu simplesmente, sem addiçaõ, nem acrecentar *natural*, e além disso o instituir por seu herdeiro de toda sua fazenda, o que, conforme a direito civil e canonico, bastava pera se provar, como de feito basta, pera ser havido por legitimo; quanto mais que se prova elrei e a rainha, que estaõ em gloria, confessarem que o infante recebera a dita senhora dona Violante, e como seu filho legitimo tratarem o senhor dom Antonio, nas honras secretas e publicas, e dizerem que naõ era

necessario publicar que era legitimo, pois havia de ser clerigo, e tambem se prova a dita senhora Rainha tratar a dita senhora Violante, no mostéiro de Almoster, onde a vio, de tal maneira, que logo pareceo, nas honras que lhe fez, que era mulher do infante, e assim o disseraõ logo as damas que com ella foraõ, o que naõ fizera a dita senhora rainha, se ella senhora dona Violante naõ fôra mulher do infante, e fallandolhe a camareira mor, dona Joana de Sá, sobre as ditas honras, respondeo, que tudo merecia por ser mâi do senhor dom Antonio, e o mais que ella camareira-mor sabia, que era ser mulher do infante, como as testemunhas declaraõ, e assim visto, como se prova a dita senhora rainha o confessar e dizer, e o tratamento que sempre fez ao senhor dom Antonio ser aventajado do que fazia ao senhor dom Duarte; e outro sim, visto o regimento que o dito senhor infante deo a sua excellencia, de como havia de escrever aos fidalgos e senhores, e que ao senhor dom Duarte naõ puzesse no sobrescrito *meu senhor*, nem aos duques *beijo as mãos*, e assim, visto como elrei seu tio se prova lhe dar as armas de seu pai, sem laléo de bastardia, o que tudo se naõ fizera se legitimo naõ fôra; e visto, outro sim, como se trata perante mim nestes autos de legitimidade, no qual caso o Direito se contenta com muito menos prova, que tratando-se do casamento, ainda que seja em

prejuizo de terceiros; e como se prova as principaes testemunhas de vista naõ poderem testemunhar, e estarem impedidas por quem lho podia defender de feito, com o mais, que se pelos autos mostra, julgo e declaro, pela authoridade a mim commettida, o dito senhor dom Antonio ser filho legitimo do dito senhor infante dom Luiz e da dita senhora dona Violante, nascido de legitimo matrimonio: e pague as custas. E mando se lhe passem do processo as sentenças que pedir. A vinte e tres de março de mil e quinhentos e setenta e nove annos = Frei Manoel de Mello. =

Como os povos pedíraõ a elrei dom Henrique se casasse. Capitulo XCVIII.

Como elrei dom Sebastiaõ por divina permissaõ fosse morto em a batalha, antes de casar nem ter filhos, e elrei dom Henrique, antes cardeal e arcebispo, lhe succedesse nos reinos, por titulo de herança, do qual por rezaõ da dinidade sacerdotal naõ se podia esperar que casasse pera deixar herdeiro no reino, lhe fez a camara de Lisboa huma falla, em que lhe pedio tratasse haver dispensaçaõ do summo pontifice pera casar, a qual dispensaçaõ o papa concederia facilmente por a necessidade de herdeiro no reino, e quietaçaõ na republica, sem a qual se esperavaõ guerras entre cristaõs, que seria notavel dano da igreja catolica.

Elrei dom Henrique, que em toda a mocidade deo singular exemplo de continencia; e era havido por virgem, quando em tal idade, carregado de annos e consumido da enfermidade de ethiguidade, que se lhe acrecentou com o nojo da morte delrei seu sobrinho, ouvida a petiçaõ do povo que casasse, poz-lhe horror e espanto tal cometimento, o qual se elle fôra mancebo e muito bem disposto, pelo zelo da pureza e castidade, com aspereza engeitára. Os povos e todos os estados, entendendo que naõ havia outro mêo pera evitar guerras taõ prejudiciaes á republica, instavaõ cada dia mais na petiçaõ, e mettiaõ nisso Leaõ Henriques, da companhia de Jesu, seu confessor, e outros religiosos e letrados, que por via de consciencia persuadissem a elrei que era obrigado a casar. Elrei, a quem estas palavras eraõ hum grave tormento d'alma, naõ podia soffrer fallarem-lhe nisso, dando por desculpa sua idade e má disposiçaõ: quando via que lhe naõ recebiaõ escusa por a indecencia do estado sacerdotal, e os povos naõ recebendo a elrei nenhuma desculpa, que fosse bastante pera se igualar aos inconvenientes que se seguiriaõ, senaõ houvesse herdeiro no reino, quasi forçado o obrigáraõ a mandar buscar a dispensaçaõ a Roma; pera o qual logo foi eleito dom Duarte Castello-Branco, camareiro mor, por embaixador, e por seu companheiro o doutor Ruy Fernandes de Castanheda, desem

bargador da casa da suplicaçaõ. Elrei, insistindo em a defensaõ do a que o queriaõ obrigar, tornou a replicar aos povos, dizendo que era temeridade obrigarem-no a casar em tempo que estava morrendo, e casar seria causa de se lhe acelarar a morte, com indicios quasi certos que naõ poderia haver fllhos, com que o intento dos povos ficava frustrado, e a dignidade sacerdotal com macula de tal exemplo, e em tempo que os hereges tomariaõ mais facil desculpa pera seus incestos matrimonios, com que tem maculado a igreja catolica; e posto que elle desejasse sacrificar-se pelo bem comum, e por evitar os males, que estavaõ ameaçando a republica, que o naõ obrigassem a fazer cousa, de que o dano estava certo, e o fruito mui duvidoso: o qual pedia estas cousas ao povo com tanta instancia e zelo do serviço de Deos, que persuadio a todos que sua opiniaõ era acertada, e Deos por outros mèos mais suaves proveria ás necessidades presentes, ainda com aumentaçaõ da fé: com as quais palavras, e a experiencia mostrar que elrei hia mui de pressa consumindo-se, e já naõ tinha vigor na saude, e se naõ sustentava já senaõ em leite de mulheres, que contino o estavaõ alimentando, desistiraõ entaõ os povos de suas petiçoens, e cessou a hida dos embaixadores a Roma.

Como elrei mandou citar os pretensores do reino de Portugal. Capitulo XCIX.

Por que a principal cousa que os estados de Portugal pediaõ a elrei dom Henrique em sua vida (pera com sua morte naõ ficarem duvidas, que se haviaõ de determinar pela guerra) era pronunciasse na sucessaõ do reino, a quem pertencia, elrei, querendo dar principio a isso, o primeiro acto que fez foi mandar citar as partes, que o pretendiaõ haver por direito de herança; pera o qual, estando dom Fernaõ da Silva por embaixador na corte do catolico rei de Castella, lhe foi mandado recado pera sua magestade ser citado pera a pretençaõ dos reinos. A senhora dona Catherina, mulher do duque de Bargança, que estava em Villa Viçosa, foi citada por Francisco Serraõ, escrivaõ da fazenda, pera cuja pretençaõ o duque seu marido estava na corte. Ao senhor dom Antonio, que estava em Abrantes (por lhe elrei mandar que naõ entrasse na corte) foi citar Nuno Alvares Pereira escrivaõ da fazenda, cujo requerente era Diogo Botelho. Mas porque dom Manoel Felisberto, duque de Saboia e principe de Piemonte, tinha tambem pretençaõ no reino (pera que foi citado) mandou dom Carlos de Robur por seu embaixador, com procuraçaõ de poder requerer sua justiça.

O principe de Parma, por via de seu filho Alberto Rainuncio, mandou o bispo de Parma por enbaixador. Pera o mesmo effecto tambem elrei de França mandou o bispo de Cominges visitar elrei, e offerecer ao reino todo o seu poder pera o defender de Castella, e quando vio que lhe naõ deferiaõ a seus offerecimentos, quiz tambem opporse á successaõ, fundado sobre a auçaõ de elrei dom Affonso terceiro, conde de Bolonha, historia taõ larga de contar, como despropositada pera seu direito, mas arresoada pera seu intento, que era por qualquer via meter pé em Portugal, a quem tambem os povos de Portugal se opozeraõ, dizendo que lhes pertencia a eleiçaõ. Mas porque isto corresse judicialmente, fez elrei procurador do reino o doutor Fernaõ de Pina Marecos. Vindo pois cada hum com sua auçaõ, diziaõ os tres estados por parte dos povos de Portugal, que todos os pretendentes deviaõ ser excluidos do direito que pretendiaõ, por elles estarem em posse de eleger rei, como de feito tinhaõ eleitos cinco sc.; elrei dom Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, no campo de Ourique, quando Deos lhe deo a victoria de cinco reis mouros, e lhe mostrou as cinco chagas, que ficáraõ por armas dos reis de Portugal: a segunda eleiçaõ se fez em dom Affonso o terceiro, que, por elrei dom Sancho ser homem de pouco governo, cujos defeitos eraõ prejudiciais ao bem commum, o povo

o depôz, e elegeo dom Affonso seu irmaõ, conde de Bolonha, com autoridade do summo pontifice: a terceira foi delrei dom Joaõ o primeiro, chamado de boa memoria, pelas insignes virtudes de que foi ornado, o qual era Mestre d'Aviz, filho bastardo delrei dom Pedro crú: o quarto foi elrei dom Manoel, avô dos pretensores, que por elrei dom Joaõ o segundo ficar sem herdeiro legitimo, foi elrei dom Manoel alevantado por rei: o quinto foi o mesmo rei dom Henrique, o qual, sabida a nova como elrei dom Sebastiaõ era morto na batalha, foi pelo povo de Lisboa alevantado rei. Com estes exemplos, corroborados com outras resoens e direitos, se opunhaõ os povos em direito de eleger rei. A senhora dona Catherina pretendia ser preferida a todos por ser neta delrei dom Manoel, e filha do infante dom Duarte; a qual, posto que femea, representava seu pai por ser filho varão. Rainuncio, filho do principe de Parma contendia com a senhora dona Catherina, dizendo que elle era filho da senhora dona Maria, sua irmã mais velha, e que por elle ser varão, e sua mãi mais velha, a devia preferir. O senhor dom Antonio tambem se fundava em ser filho legitimo do infante dom Luiz, filho delrei dom Manoel, pera o que mostrava huma sentença de legitimidade, como atraz fica dito, e pretendia prová-lo mais. O principe de Piemonte mostrava tambem ser neto delrei dom Ma-

noel, e filho da infante dona Brites, o qual por ser macho preferia a femeas no direito. Elrei de França tambem buscava em que fundasse sua aução, pedindo que o admittissem, pera que se o fizessem e dessem a sentença por outro, se queixar que lhe roubárão a justiça, e se naõ o admittissem, ter o queixume de que o naõ quizeraõ ouvir, pera com isto ter maior desculpa dos roubos que França faz a Portugal. Estas auçoens postas, cada hum dos embaixadores substabeleceo avogados, que assistissem ás duvidas e mais autos judiciaes; as quais audiencias elrei fazia, e a que em nome delrei assistia o doutor Paulo Affonso, desembargador do paço, com quem elrei despachava todos os negocios de importancia, por, alem de ser sacerdote, ser homem de muita autoridade e prudencia, letras e experiencia pera semelhantes negocios.

Porque elrei de Castella naõ deferio á citaçaõ que lhe foi feita. Capitulo C.

Tanto que o catolico rei dom Philippe de Castella vio elrei dom Sebastiam morto, e que a elle, como neto delrei dom Manoel, mais velho e baraõ, sobrinho delrei dom Henrique, pertenciaõ os reinos de Portugal por via hereditaria, conforme ao direito comum, e aó particular do reino de Portugal, porque em tudo procedesse com justifica-

ções de animo e grandeza real, e exemplo de catolico principe (o qual a todas as pretenções queria antepor o serviço de Deos e bem da cristandade, com equidade da justiça, e muito mais com zelo de consciencia pura) mandou aos seus conselhos e letrados, estudassem se o direito canonico ou civil por via de herança o fazia successor dos reinos de Portugal, e lhes fazia lembrança e rogava de tal maneira investigassem a justiça e verdade neste caso, que entendessem que mais gosto levaria, e mais quieto ficaria, se o direito o relevasse de tal pretenção com segurança da consciencia, que tal lhe permittisse; porque elle se achava tão carregado com os muitos reinos e estados que possuia, que não sómente não desejava acrecentar alheos, mas poder lançar das costas parte dos seus proprios: mas que, como neste negocio o obrigava a consciencia a não poder renunciar a justiça, se a tinha, por o prejuizo que nisso fazia a seus filhos e mais successores, não podia deixar de inquirir a justiça, muito contra seu gosto. Mas posto que todos os letrados de Espanha, em particular e em geral, e juntas feitas nas universidades, mostrassem claro o direito que sua magestade tinha na herança dos reinos de Portugal, não se quietou elle com isso, por lhe parecer que como vassallos o queriaõ comprazer com esta offerta: portanto, não somente mandou estudar o mesmo caso a outros estudos da

Italia e Allemanha, mas ainda mandou consultar a muitos letrados de Portugal, que concordáraõ com a commum opiniaõ, de elle ser o legitimo herdeiro e successor dos reinos de Portugal; porque como elle era neto delrei dom Manoel, mais velho, filho de filha mais velha, que foi a imperatriz dona Izabel, excluia o principe de Piemonte, por ser neto mais moço, e filho de filha mais moça, e ao senhor dom Antonio por naõ ser legitimo; e porque era varaõ, que representava a pessoa delrei dom Manoel, seu avô, excluia a senhora dona Catherina, por ser femea, e a Rainuncio, filho da senhora dona Maria, princesa de Parma, que naõ representava mais que a pessoa de sua mãi, posta em igual gráo com a senhora dona Catherina: e quanto ás pretençoens do povo querer eleger rei, que essa auçaõ era mui fraca, sem fundamento em direito, nem em costume dos reinos da cristandade, nem ainda de mouros, turcos e gentios; porque casos particulares e causaes naõ fazem leis geraes, e que a todas suas resoens havia claras e manifestas respostas, com outras objecçoens mais fortes, por onde contra este ponto naõ havia que disputar, mais que entender-se que algumas pessoas propunhaõ esta auçaõ pera embaraçar e entreter a resoluçaõ da verdade: e que a pretençaõ delrei de França era mui frivola, indigna de ser ouvida á cabo de trezentos annos, por onde o mesmo rei dom

Henrique naõ admittio tal auçaõ, nem o embaixador fez nella fundamento, nem cabedal de gastar tempo; porque, pedindo elrei dom Henrique ao bispo embaixador procuraçaõ delrei de França, nem a tinha, nem a mandou buscar; e como o direito de sua magestade estivesse taõ claro, e taõ aprovado por tantos homens doutos, principalmente dos mais insignes de Portugal, naõ havia pera que opporem questoens nem juizo; pois elle como rei absoluto e senhor de tantos estados, conforme a direito e opiniaõ recebida dos juristas, e ainda de todos os teologos, naõ tinha superior na terra pera o julgar; que como estava entendido, que elle tinha o direito da successaõ por legitima herança, naõ tinha necessidade de sentença, antes podia executala por paz e por guerra, quando por outra via naõ pudesse; pois elrei dom Henrique naõ podia ser seu juiz, senaõ o direito que sua magestade tinha mui bem entendido, e como isto assim fosse naõ tinha obrigaçaõ de acodir á citaçaõ, nem esperar sentença; pois o direito lha tinha dado; por tanto, como sua magestade tivesse estes conselhos resolutos, nunca quiz acodir á citaçaõ, nem pôr auçaõ, como cousa duvidosa que se havia de julgar, mas que já estava julgada: por tanto o requerimento do duque de Ossuna, e mais embaixadores, era pedir a elrei dom Henrique declarasse por successor dos reinos de Portugal a elrei de

Castella, pois o era. Elrei dom Henrique, que se via perplexo em estes requerimentos, de uma parte justos, de outra rigorosos, que se naõ podiaõ determinar assim, sem escandalo dos outros pretensores e alteraçoens dos povos, respondeo que esse negocio era pesado, que primeiro o havia de cuidar mui bem, e ouvir as auçoens das partes que tinhaõ o mesmo requerimento, pera poder proceder com justiça, e conforme ao direito e rezaõ.

Como elrei de Castella buscou todos os méos para excusar guerras com Portugal. Capitulo CI.

Porque o catolico rei de Castella naõ faltasse em cousa alguma á obrigaçaõ de sua real magnificencia, ornada de todos os justos respeitos, buscou os mêos possiveis pera escusar guerras com Portugal, e pera que com paz e amizade os pórtuguezes lhe entregassem o reino, que elle tinha que era seu, por as rezoens acima ditas. E pera que isto se pudesse effectuar, com gosto seu e bem comum da republica e dos pretensores, deo largas comissoens ao duque de Ossuna e dom Cristovaõ de Moura, pera com partidos justos, honestos e proveitosos, se preitearem com os portuguezes que estavão em cortes, ajudando-se da virtude e santidade delrei dom Henrique, que deseava por paz e concordia compor as cousas,

pera bem dos reinos de Portugal; pera o qual tambem sua magestade mandou que assistissem a estes negocios, e os ajudassem, o licenciado Rodrigo Vasques de Aire, o doutor Molina, e o licenciado Gradiola, todos do seu conselho, por serem homens muito doctos e de muita prudencia; porque como elle era zeloso da justiça, e entendia que sua magestade a tinha clara, folgaria de os Portuguezes virem a preitear-se nas cousas que lhes fossem utiles. Os embaixadores, instando com grande diligencia no que sua magestade lhes mandava, naõ perdiaõ ponto por suas pessoas, parentes e amigos, tratar os negocios de concordia, pera o qual tratáraõ por mêo de muitas pessoas contentar o senhor dom Antonio com mercês e honras, que sua magestade lhe fazia por desistir da pretençaõ, que se presumia naõ levaria ao cabo, de se querer mostrar filho legitimo, de legitimo matrimonio, do infante dom Luiz, alem de ser negocio de muita dilataçaõ, com demonstraçoens que com atrevimentos queria escurecer a justiça delrei de Castella, e atalhar a execuçaõ della; pera o qual sua magestade escreveo á Camara de Lisboa e a outras cidades, declarando-lhes sua tençaõ, que era por paz e amizade entrar e tomar posse dos reinos de Portugal, por ter entendido que eraõ seus por direito de herança; que lhes rogava naõ quizessem injustamente perturbar-lhe seu direito e justiça, por

escusar vir o negocio a levar-se por armas, cousa que elle muito sentiria, por o amor que tinha aos portuguezes, e os parentescos com que estavaõ liados com seus vassallos, e assim por elle ser filho da impefatriz portugueza, por a qual causa sempre fôra amigo dos portuguezes, como elles muito antes o haviaõ entendido, e visto por experiencia; porque os maiores privados que tivera foraõ portuguezes; que isto bastava pera entenderem delle lhe seria rei amigo e benino, pera os tratar como natural com muitas mercês e honras, e que com elles se subjectarem á rezaõ o obrigariaõ muito mais a os favorecer, alem de sua natural inclinaçaõ ser mui magnificente em fazer mercês a seus vassallos, e elles por esse respeito e antigo amor que lhes tinha, o deviaõ mais esperar: e que quando por esta via se naõ effectuasse sua pretençaõ com justiça, protestava diante de Deos, á sua conta delles portuguezes fossem todos os males das guerras, que elles mesmos sollicitavaõ, e elle naõ poderia escusar: e fazendo o mesmo por mêo de seus embaixadores com os mais senhores e fidalgos do reiño, procurava mostrar-lhes claro sua justiça, e justificar com grandes offerecimentos seus respeitos, mostrando em tudo claramente quanto sua magestade sentia romper por armas com a naçaõ e gente, que sempre amou do coraçaõ, e cujo rei em extremo desejava ser, pera mais se comuni-

car com mercês e honras. Os letrados portuguezes, que viaõ claramente a justiça de sua magestade, sem contradiçaõ alguma logo se rendêraõ, e os nobres, prelados, e prudentes, que enxergavaõ o zelo de suas justificaçoens, acompanhado de amor e grandeza real, movidos por justiça e consciencia, tratáraõ a maior parte delles (que pesavaõ a importancia do negocio) subjeitar-se, e lançar-se de pretençoens mui duvidosas, principalmente por escusar guerras ao reino: de maneira que ainda em vida delrei dom Henrique, e depois de sua morte, teve sua magestade os principais votos dos letrados e nobres de Portugal, naõ aprovando, ou pera melhor dizer, aborrecendo as mais pretençoens, por menos justas: mas por que elrei de Castella via alguma inquietaçaõ nos povos, e sentia o orgulho que o senhor dom Antonio trazia, com intento da pretençaõ do reino, a quem o vulgo muito amava, temendo-se do que depois se seguio, e pera que com isso puzesse hum freio aos portuguezes, e estes se sometessem á rezaõ, em quanto seus embaixadores corriaõ em Portugal com concertos, mandou elle fazer gente de guerra por Espanha, Italia e Allemanha, ajuntando armas e munições pera formar exercito, como de feito fez, naõ parecendo a sua magestade que os portuguezes chegassem a estado de esperarem guerras, mas cahindo nos honrosos e proveitosos partidos, que lhes

offerecia, naõ deixariaõ de os aceitar; por que taes eraõ elles pera o bem comum de todo o reino, e o particular de cada hum, que todo o homem de entendimento claro e desapaixonado julgava que, com aceitarem a sua magestade por rei, se recuperava o reino de seus infortunios passados, com reprezentaçaõ de hum rei taõ conjuncto ao parentesco dos reis de Portugal, e amigo dos portuguezes, com que se temperaria a dor das perdas, que entaõ se sentiaõ. Desta maneira movidos muitos portuguezes por estes e outros respeitos, naõ sómente naõ esperavaõ ser rogados a se entregarem a Castella, antes o desejavaõ e se offereciaõ a isso, com zelo de justiça e do bem comum: quanto mais, que entendiaõ que se o negocio se houvesse de averiguar por armas, estava elrei de Castella mui superior nas forças, e Portugal mui mingoado e quebrado pera poder resistir: tanto, que muitos homens prudentes (ainda em vida delrei dom Henrique) com zelo do bem comum, com clamores publicos diziaõ, que se evitassem todas as pretençoens, e fossem aconselhados todos os pretensores a desistirem dellas, e se preiteassem com sua magestade, que era o que convinha ao bem comum do reino, e o contrario havia de resultar em geral dano delle, e dos pretendentes, alem dos portuguezes haverem de ficar rendidos por força, com que perderiaõ as mercês e beninidade, que de presente sua magestade lhes offere-

cia, e viriaõ a cahir em sua desgraça e indinaçaõ, com que merecessem ser rigorosamente castigados, ficando todo o povo em aborrecimento a elrei, pera naõ alçancar delle as honras e mercês, que costumava fazer a seus vassallos.

Como elrei mandou ajuntar cortes pera eleger governadores, que por sua morte ficassem com o governo, e juizes pera determinar a causa da sucessão. Capitulo CII.

Depois que os povos de Portugal estiverão desenganados que elrei dom Henrique não podia deixar filho herdeiro do reino, logo com muita instancia lhe tornáraõ a a pedir tratasse de declarar sucessor dos reinos em sua vida, pera que a cousa não ficasse indecisa por sua morte, que seria isso causa de muitas guerras e dissensoens, com que o reino se acabaria de assolar e perder. Elrei como era muito virtuoso, e desejava acertar em todas as cousas, vendo quaõ justa petiçaõ esta era, naõ duvidou meter-se em negocio taõ arduo, e de tantos pretendentes, ainda que os desgostos, que estes negocios promettiaõ, lhe haviaõ de acabar e abreviar muito a vida; pera o qual mandou elrei chamar a côrtes pera a cidade de Lisboa, onde foraõ juntos todos os tres estados, sc. eclesiastico, da nobreza, e povos.

Dando pois principio a estas côrtes, foi elrei aos paços da Ribeira, a as ajuntar, o primeiro dia de Abril de 1579, em o qual, na sala pera isso destinada, dom Affonso Castel-Branco fez o principio dellas, e do intento a que eraõ juntos alli os estados; os quais continuando com seus actos, estavaõ repartidos de maneira, que os prelados se ajuntaraõ na Sé, os nobres no convento do Carmo, os povos no de S. Francisco. Com esta ordem continuando com as côrtes, a que elrei com recados e avisos assistia, pera que as cousas corressem como convinha ao estado dos negocios, ordenou que puzessem em effeito o a que eraõ chamados; mas porque a nomeaçaõ dos governadores, que haviaõ de ficar em o governo do reino por morte delrei, havia de ser com madura consideraçaõ, pelas muitas partes que se requeriaõ pera os que tivessem o tal cargo, principalmente pera a determinaçaõ da successaõ, que haviaõ de julgar, hia elrei na eleiçaõ devagar, com muito conselho e aviso, com o que os estados faziaõ: por tanto lhes mandou elrei dom Henrique notificar que nomeassem quinze fidalgos, pera elle dali escolher cinco governadores, dos quais elrei escolheo os seguintes: dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, dom João Mascarenhas, Francisco de Sá, dom João Tello, Diogo Lopes de Sousa, governador da Casa do Civel, os quais foraõ aprovados por elrei e os estados, por serem ho-

mens de muita confiança nas consciencias e justos respeitos, com muito zelo da justiça: mas porque o povo andava desconsolado por naõ saber quem o havia de governar depois da morte delrei, por que naõ houvesse com esta duvida algumas alteraçoens, pareceo a elrei em sua vida declarar os governadores, e mandar-lhes tomar juramento, como de feito tomáraõ; e porque o negocio da successaõ havia de ser determinado por sentença, pera que caso taõ importante fosse muito bem visto e examinado, ordenou elrei que nas mesmas côrtes fossem nomeados vinte e quatro letrados, homens doctos e de boas consciencias, dos quais se haviaõ de escolher onze pera juizes, que dessem a sentença: mas porque nesta eleiçaõ dos juizes era necessario muito segredo, pera naõ serem sobornados, ou molestados, de taõ poderosas partes, e sobre causa de huns reinos taõ honrados, naõ quiz elrei que se publicassem, antes fizeraõ tres pautas cerradas, e se mettêraõ em tres cofres, dos quais hum foi posto na Sé, outro no convento de Santo Eloio, e outro na camara da cidade de Lisboa, pera que ahi estivessem a muito bom recado, e pera dalli os tirarem, quando fosse necessario serem abertos, depois da morte delrei, como se fez; em os quais cofres estavaõ metidos o regimento e poderes, que ficavaõ aos governadores, e a nomeaçaõ dos juizes, e nunca mais se abriraõ, nem tiveraõ effeito, por as guerras se

tratarem, antes que chegassem a estado de darem sentença, como abaixo se dirá.

Como os Estados juráraõ de guardar os capitulos das cortes. Capitulo CIII.

Porque o essencial das cortes, pera que os estados foraõ chamados, se resolvia em dous pontos, hum que era em eleger governadores pera assistirem aos despachos do reino, e á sentença da sucessaõ delle, que era o que mais importava, outro que era tambem eleger juizes, que haviaõ de dar a sentença, como ellas foraõ acabadas, e se concluiraõ estas cousas, mandou elrei aos Estados, que jurassem guardar em tudo estes capitulos de obedecerem aos governadores, e á sentença que se desse ácerca da sucessaõ; pera o qual acto todos juntos, se fez o juramento e auto na forma seguinte. — Ao primeiro dia do mez de Junho do anno do Nacimento de nosso Senhor Jesu Cristo, de 1579 annos, segunda feira, na cidade de Lisboa, nas casas que foraõ de Martim Affonso de Sousa, junto ao mosteiro de S. Francisco, nas quais ora está o muito alto e poderoso rei dom Henrique nosso senhor, em presença de sua alteza, sendo presentes os tres Estados destes reinos, s c. o Estado ecclesiastico, o Estado da nobreza, e o Estado dos povos, que por mandado de sua alteza se ajuntaraõ nesta cidade pera as cortes, pera que sua alteza os chamou, cujo

auto sua alteza nella fez o primeiro dia do mez de Abril deste dito anno, e sendo outrosi presentes as testemunhas adiante nomeadas, e eu Miguel de Moura do conselho de sua alteza, o dito senhor me ordenou que de sua parte propuzesse e dissesse aos ditos Estados, que a causa porque os mandou chamar a côrtes, como sua alteza lho já comunicou, foi pera tratar da quietaçaõ e assocego destes reinos, em caso que de sua alteza naõ ficassem descendentes, ou em sua vida naõ tomassem determinaçaõ na sucessaõ delles; e porque o caso e direito da sucessaõ está posto em justiça, e as partes, que nella podem pretender direito, saõ já requeridas, e corre a causa por seus termos ordinarios e juridicos, convinha que, pera effeito da dita quietaçaõ e assocego, elles tres Estados, que presentes estavaõ, perante sua alteza, se unissem e conformassem em huma mesma determinaçaõ, jurando solenemente cada hum delles o juramento seguinte, na forma nelle declarada, que me sua alteza mandou que lhe lesse. — Juramento — Muito alto e poderoso rei dom Henrique nosso senhor, juramos, e promettemos pelo juramento dos santos evangelhos, em que corporalmente pomos nossas mãos, em presença de vossa alteza, que naõ reconheceremos por rei, nem por principe destes reinos e senhorios de Portugal, nem obedeceremos a pessoa alguma como tal, se naõ áquella somente a que por justiça for de-

terminado que pertence a sucessaõ delles, em caso que vossa alteza falleça sem descendentes, nem tomaremos voz nem bando por pessoa alguma, sob pena de quem o contrario fizer ser havido por tredor, desleal, imigo da republica e do assocego della, e da sua propria patria, e como tal seja castigado no corpo, na honra, na fazenda e nas mais penas que os taes merecem: e assi juramos e promettemos pelo mesmo juramento, que se alguma ou algum dos pretendentes da dita sucessaõ, por força de armas ou por qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma perturbaçaõ ou inquietaçaõ na republica, quizer ou intentar haver a dito sucessaõ, lhe naõ obedeceremos, antes lhe resisteremos com todas nossas forças e poder; e outrosi juramos e promettemos pelo mesmo juramento de em tudo e por tudo obedecermos aos governadores e defensores destes reinos, que por vossa alteza forem eleitos e declarados, daquelle numero delles, que por nossos Estados saõ nomeados nas pautas, que pera isso fizemos assinadas por nós: e tambem juramos pelo mesmo juramento de estar pela sentença que os juizes que vossa alteza escolher e declarar (dos letrados conteudos nas pautas por nós assinadas) derem no caso da sucessaõ, naõ a determinando vossa alteza em sua vida, e de comprirmos e fazermos inteiramente guardar e comprir a dita sentença em tudo e por tudo. — Lido assi o dito ju-

ramento de verbo ad verbum, em voz alta e intelligivel, logo os ditos Estados fizeraõ o dito juramento, pondo suas mãos em hum livro missal, que estava aberto diante de sua alteza, com huma cruz em cima, no qual juramento se teve a ordem seguinte: jurou primeiro o Estado eclesiastico; e o arcebispo de Lisboa dom Jorge de Almeida, em nome do dito Estado e dos prelados que presentes estavaõ, adiante assinados, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: « eu assi o juro »: depois jurou o Estado da Nobreza, e dom Diogo de Castro, hum dos procuradores da Nobreza, em nome do dito Estado, e dos Titulos e Nobres que presentes estavaõ, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, e depois cada hum delles pôz tambem as mãos no dito missal, dizendo, « e eu assi o juro »: e depois jurou o Estado dos Povos, e Affonso de Albuquerque, hum dos dous Procuradores desta cidade de Lisboa, em nome do dito Estado, e dos outros Procuradores dos lugares destes reinos, que presentes estavaõ, adiante assinados, disse pela dita cidade e por todas, as palavras dó dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: « nós assi o juramos ». Por todos os procuradores do reino naõ caberem bem todos juntamente na casa onde sua alteza estava, fizeraõ em sua pessoa o dito juramemto, e vieraõ huns,

e depois de sahidos, entráraõ outros, e pelos que assim vinhaõ de novo tornou o dito Affonso de Albuquerque a fazer o dito juramento, dizendo todas as palavras delle em nome dos que assim eraõ presentes, e cada hum delles pôz as mãos no dito livro, dizendo: » e nós assi o juramos », conforme a o que fizéraõ os outros; e por este modo e ordem acabaraõ os ditos procuradores dos povos de fazer o dito juramento, e do qual juramento, feito na dita forma e pela dita maneira, mandou sua alteza fazer este assento e auto com esta solenidade, como em tal se requer; e pera a todo o tempo constar do dito juramento, e como assi se fez pelos ditos Estados, em presença de sua alteza, se tiraraõ deste assento e autos treslados autenticos, pera se lançarem na torre do tombo, e na camara desta cidade, e onde mais for necessario. Testemunhas que a isto foraõ presentes, o doctor Simão Gonçalves Preto, chanceller mór destes reinos, e os doctores Gaspar de Figueiredo, Paulo Affonso, Pero Barboza, e Jeronimo Pereira de Sá, desembargadores, e Gaspar Pereira, chanceller da casa da Supplicaçaõ, e o doctor Jorge Lopes, que serve de chanceller da Casa do Civel.

Como a cidade de Lisboa, jurou os capitulos das cortes. Capitulo CIV.

Como a cidade de Lisboa he a principal

do reino em nobresa e grandeza, e por ser metropoli dos reis de Portugal, houve elrei por bem que tambem os procuradores, vereadores, e mesteres fizessem o mesmo juramento por si, pela ordem e estilo que fizeraõ os estados, o qual juramento Manoel Telles Barreto, hum dos vereadores, tomou e deferio em nome de todos, e de cada hum em particular, pelo mesmo modo, e dizendo: « eu assim o juro. »

Como o duque de Bargança tomou juramento:

O duque de Bargança, que estava na côrte requerendo sua pretençaõ com muito calor, havendo mandado imprimir hum livro dos pareceres de alguns letrados, que entendiaõ o direito da successaõ vinha á senhora dona Catherina sua molher, como pretensor que era, foi chamado ao juramento, que fez diante delrei na fórma seguinte.

Juramento do duque de Bargança.

Muito alto e muito poderoso rei dom Henrique meu senhor, eu dom Joaõ, duque de Bargança, juro e prometto pelo juramento dos santos evangelhos, em que corporalmente ponho minhas maõs, em presença de vossa alteza, de em tudo e por tudo obedecer inteiramente aos governadores e defensores destes reinos e senhorios de Por-

tugal, eleitos e declarados por vossa alteza (dos nomeados pelos estados delles, nas pautas que pera isso deraõ a vossa alteza), e isto em caso que vossa alteza naõ determine em sua vida a causa da successaõ dos ditos reinos, ou falleça sem descendentes; e outro sim juro e prometto pelo dito juramento, que por força, ou armas, ou qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma inquietaçaõ ou perturbaçaõ na republica, naõ procurarei, nem intentarei de haver pera mim, nem pera outrem o direito da successaõ e posse destes reinos, e fazendo o contrario, por mim ou por outrem, sou contente, e me obrigo e aceito desde agora pera entaõ, de incorrer em todas as peñas, em que conforme a direito incorrem aquelles, que por força procuraõ de haver a posse de cousas em que pretendem algum direito; e tambem juro e prometto, pelo mesmo juramento, de estar pela sentença que vossa alteza, ou os juizes que vossa alteza escolher e declarar (dos nomeados nas ditas pautas) derem no caso da sucessaõ destes reinos, e de por minha parte cumprir e fazer cumprir e guardar a dita sentença em tudo e por tudo inteiramente: o qual juramento assim faço em meu nome, como vassallo que sou de vossa alteza, e tambem como marido e procurador da senhora dona Catherina, minha mulher, que he hum dos pretendentes da dita sucessaõ.

Como o senhor dom Antonio fez o mesmo juramento, e logo fez protesto de naõ ser obrigado por elle. Capitulo CV.

O senhor dom Antonio, que estava em Punhete depois que elrei o mandou sahir da corte, foi por mandado delrei chamado viesse á jurar os capitulos das cortes, o qual no mesmo dia que chegou a Lisboa lhe mandou elrei fosse fazer o juramento, e vindo ao paço aos treze dias de Julho, o fez da mesma fórma, e com a mesma solenidade que o duque de Bargança. O senhor dom Antonio, que entendia naõ poder conseguir seus intentos da pretençaõ do reino por via da sentença dada por elrei e por os governadores que lhe haviaõ de suceder, ou por elles já terem entendido naõ ter justiça, ou por presumir que elles lhe eraõ suspeitos, e lhe tinhaõ odio, como cuidava que elrei lho tinha, determinou reclamar o dito juramento, pera o que logo no mesmo dia fez huma reclamaçaõ por escrito, assinada por elle, e a mandou intimar a Alexandre Fromentario (nuncio que entaõ era em Portugal, no qual cargo sucedeo a elrei, que o tinha quando tomou o ceptro) por frei Miguel dos Anjos, prior do convento de nossa senhora da Graça, da ordem de santo Agostinho, em o qual referia ao nuncio como elrei seu senhor o obrigara a fazer aquelle juramento contra

sua vontade, e elle aceitára por medo delle, por ser seu vassallo; mas que o reclamava por elrei seu senhor lhe ser muito suspeito e ter grande odio, e o mesmo lhe tinhaõ os governadores que haviaõ de ser, e os juizes eleitos pera dar a sentença deviaõ contra elle ser sobornados, por onde naõ podia esperar que se lhe guardasse justiça; e que pera prova disto, elrei seu senhor lhe mostrava tanto odio, que no mesmo dia que elle chegára á corte de hum caminho taõ comprido pela força da calma, o mandára viesse tomar juramento, naõ o deixando descançar do trabalhoso caminho; e assim quando entrára no paço, e beijára a maõ a sua alteza, elle lhe naõ fizera as honras e cortesias acostumadas e devidas, nem lhe mandára dar cadeira, nem ter com elle outro algum comprimento; e que quando o vira taõ severo em seu tratamento, naõ sómente naõ ousára queixar-se, mas nem repricára ao que lhe mandava, que tomasse o juramento, cousa que elle fizera contra sua vontade, assim pelas rezoens acima ditas, como por elle naõ ser chamado ás cortes, antes sua alteza as celebrou tendo-o degradado da corte, e admittindo a ellas, e a andarem requerendo as suas pretençoens as outras partes adversas, que eram o duque de Bargança, e os embaixadores delrei Philippe de Castella, e os mais dos outros principes que tinhaõ a mesma pretençaõ, pelo que era em tudo manifestamente agravado

por elrei, que pretendia e mostrava impedir-lhe toda a sua justiça, e persegui-lo com rigor: por tanto pedia a sua senhoria illustrissima, que nestes reinos tinha as vezes do santo padre, aceitasse sua reclamaçaõ, e por escrito désse fé do dia e hora em que a aceitava, pera a todo o tempo lhe valer, e pera anular o dito juramento, e lhe naõ prejudicar ao direito que tinha na pretençaõ do reino, e na prova de sua legitimidade. O nuncio ouvida esta declaraçaõ, a aceitou, e por sua letra notou o tempo em que lhe fôra intimada.

Como elrei mandou ao senhor dom Antonio e ao duque de Bargança se sahisem da corte. Capitulo CVI.

Taõ alterado andava já o povo de Portugal, com as differentes opiniões que entre elle havia, a qual dos pretensores se haviaõ de acostar, naõ faltando sollicitadores, que por todas as partes acrecentassem esta divisaõ, que já as cousas começavaõ a romper, quasi sem pejo de se publicarem; por que naõ sómente huns aprovavaõ o pretensor a quem eraõ mais afeiçoados, ou fosse por assim o entenderem, ou (como era mais certo) por assim o quererem, sem discurso de rezaõ, nem zelo de justiça, mas começavaõ a travar-se com palavras ameaçadoras de discordias, em que já as cousas se naõ podiaõ socegar, nem os

animos andar quietos; porque como o apetite de reinar he taõ cego pera naõ vêr os mêos, e taõ poderoso pera tentar os fins, que naõ sómente move com grande impeto aos que o pretendem, mas leva traz si todo o vulgo, mais cego do que he o que os guia: por tanto, sabendo elrei dom Henrique como este apetite de reinar começava já a lançar altas raizes, pera produzir prejudicial fructo, ordenou de lhas arrancar, por que cessassem de crear ramos de tanto mal: assim mandou notificar ao dito senhor dom Antonio, que logo ao outro dia depois do juramento se fosse pera o Crato, e naõ ficasse em lugar nenhum menos de trinta legoas da côrte; e porque naõ parecesse que elrei queria favorecer ao duque, o mandou tambem que se sahisse da côrte, e deixassem seus procuradores e requerentes, que sollicitassem seus negocios. O duque de Bargança, ainda que tinha sua casa em Villa Viçosa, foi-se a Arraiolos, lugar de que he senhor. O senhor dom Antonio tambem se sahio pondo seu intento em hir-se pera Thomar; mas, porque elrei a este tempo se hia consumindo da velhice e enfermidade tisica, que cada vez mais crecia, ajudada com os desgostos, que lhe davaõ os pretensores com seus requerimentos taõ molestos, e em materia pera elle taõ triste e pesada, e ficava nestes dias muito mal e quasi desconfiado da saude, o senhor dom Antonio, que sempre trazia os olhos pos-

tos na occasiaõ de reinar, parecendo-lhe que se elrei morresse naquelles dias, lhe ficava a porta aberta pera qualquer novidade, pera que sahisse com seu intento, hia pelo caminho com muito vagar, fazendo as jornadas mais pequenas, e detendo-se em cada huma alguns dias (posto que elrei lhe mandasse, que dentro em oito dias estivesse no Crato) e esperando recado se elrei morria, segundo se presumia delle, pera fazer volta, e metter-se em Lisboa, e aclamar-se rei; mas como Deos ainda tinha alargado os limites da vida a elrei dom Henrique, houve por bem que convalescesse naquelles dias, e se achasse melhor. O senhor dom Antonio, hindo assim com passo lento, chegou a Thomar, onde se aposentou alguns dias, até dahi se hir pera Coimbra.

Como elrei dom Henrique mandou notificar a elrei de Castella, e a seus embaixadores, que jurassem as côrtes. Capitulo CVII.

Por que nas côrtes estava tomado assento nas principaes cousas tocantes á sucessaõ do reino, como atraz fica dito, por elrei de Castella ser hum dos pretensores, lhe foi notificado, que por seus embaixadores fizesse o juramento, que tinhaõ feito os outros opponentes. Elrei de Castella, como tinha conselho averiguado de letrados os mais famosos, que havia em Castella, Ita-

lia e Allemanha, e em Portugal, que o direito dos reinos era seu, e como rei absoluto naõ tinha superior, que o julgasse, mas que elle podia executar a justiça, naõ quiz jurar os capitulos das côrtes, nem sujeitar-se a elles, por naõ pôr em duvidas a justiça, que entendia tinha clara, e a todos os requerimentos, que sobre este ponto lhe faziaõ, naõ deferia, por se conservar na posse de seu direito. Os seus embaixadores, posto que viaõ processar as auçoens dos pretendentes, nunca a cousa alguma contrariáraõ, senaõ, instando em os reinos serem delrei de Castella, protestavaõ pela posse delles, por paz e por guerra, naõ cessando porêm de usar de todos os mêos de paz com justificaçoens de partidos mui honestos pera o reino, concedidos mais por doaçaõ gratuita que obrigatoria, o que tudo faziaõ a fim de escusar guerras. Estava elrei de Castella taõ assentado em os reinos lhe virem por direito, que naõ tratando os seus embaixadores algum acto judicial, naõ se ocupavaõ mais que na execuçaõ, por concertos e capitulaçoens, e seus capitaens em ajuntar gente, pera com maõ armada tomar posse com rigor de armas, quando os portuguezes naõ quizessem aceitar as mercês que elrei por beninidade comettia, as quais foraõ tantas e por tanta maneira, que bem se enxergava o zelo do rei catolico desejar muito atalhar as guerras, que por outra via se naõ podiaõ escusar; porque naõ ficou

mêo que naõ tentasse, pera com paz compor as alteraçoens, que já começavaõ lançar raizes com escandalos e discordias.

De huma sentença que elrei dom Henrique deo contra o Senhor dom Antonio.
Capitulo CVIII.

Por que elrei dom Henrique tinha entendida como entre todos os pretensores do reino nenhuns tinhaõ justiça que tivesse vigor, senaõ elrei de Castella e a senhora dona Catherina, por rezaõ de estarem em igual gráo de parentesco, e em igual duvida da representaçaõ das pessoas, sendo sua magestade varaõ filho de femea, e a senhora dona Catherina femea filha de varaõ, ambos netos delrei dom Manoel, nunca se quiz nem se atreveo a inclinar a alguma das partes, assim por naõ escandalisar huns, como por naõ dar a entender o que sentia, antes da sentença; mas como elle era virtuoso e desejoso de evitar males que ameaçavaõ danos ao reino, naõ dizia mais senaõ que se preiteassem, dando a entender que por justiça e força fazia elrei de Castella ventagem a todos pera haver o reino: mas por que elrei entendia quanto o senhor dom Antonio trazia o tento posto em haver o reino, e sollicitava por todas as vias, e já tinha havido huma sentença, que era filho legitimo do infante dom Luiz, e delle somente se temiaõ as discordias que po-

diaõ causar guerras, movido de grande zelo de justiça, determinou cortar-lhe seus intentos, e impossibilitalo em suas pretençoens, pera o qual impetrou do papa Gregorio 13 huma bulla de motu-proprio com comissaõ pera ser juiz na causa da legitimidade do senhor dom Antonio, e poder revogar a sentença que tinha alcançado secretamente, tendo-a por sobrepticia, e pera o poder castigar, por ser religioso da ordem de S. Joaõ, com perda das rendas, e as mais penas da pessoa que lhe parecesse; por virtude do qual breve, com os prelados e desembargadores nomeados, sc. dom Jorge de Almeida arcebispo de Lisboa, dom Jorge de Ataide capellaõ-mór bispo de Vizeo, dom Antonio Pinheiro bispo de Miranda, o doutor Paulo Affonso, o doutor Pero Barboza, o doutor Jerónimo Pereira de Sá, e o doutor Heitor Pinto, deo a sentença seguinte = Sentença contra o senhor dom Antonio = Christi nomine invocato: vistos estes autos, e o breve de motu proprio do mui santo Padre Gregorio 13.º nosso senhor, ora na Igreja de Deos presidente, porque nos cometteo o conhecimento (?) da causa do pretenso matrimonio, antre o infante dom Luiz meu irmaõ, que Deos perdoe, e dona Violante, mãi de dom Antonio, meu sobrinho e filho do dito infante, e de sua legitimidade, por dizer que eraõ casados, e elle nacido de legitimo matrimonio, e a forma em que sua santidade nos manda que proceda-

mos na dita causa, que he sumariamente, sem ordem, estrepito, nem figura de juizo, olhada somente a verdade do caso, et ex officio, e conforme ao dito breve, mandámos citar as partes, a que o negocio tocava e podia prejudicar, que foraõ as mesmas que saõ na causa da sucessaõ destes reinos, que tambem se trata perante nós, como rei delles, e mandámos notificar ao senhor dom Antonio que em certo tempo nomeasse testemunhas, e offerecesse todos os documentos de que se esperava ajudar, ao que satisfez, e entre as testemunhas que nomeou, foraõ quatro que disseraõ de vista ao pretenso matrimonio, sc. Bastiaõ Braz, Luiz de Pina, Antonio Carlos, e Guiomar Gomes sua mulher, e assim offerecidos por sua parte documentos e escrituras, que mandámos acostar aos autos; e foraõ perguntadas as ditas testemunhas, e outras muitas, que por sua parte foraõ apresentadas, pelo caso do pretenso matrimonio, e pelos artigos com que vêo, pera os provar, e sua legitimidade; e visto o grande numero dellas, e seus ditos, e calidade da causa, e o que pelos ditos documentos e papeis constou, e fórma do breve, havemos por escusado e naõ necessario perguntarem-se mais testemunhas, e fazerem-se outras diligencias, que por parte do dito dom Antonio, e dona Catherina minha sobrinha, huma das partes adversas se requeriaõ, por sem ellas bastantemente constar da verdade:

e mandámos dar o nome das testemunhas ás partes; e vindo com contradictas por parte da dita dona Catherina, lhas naõ recebêmos, por naõ serem de receber, e houvemos por escusado e desnecessario dar vista ás partes, pera rezoar em final, vistos os autos, calidade da causa, e fórma do breve: e tomando por assessores os prelados e letrados abaixo assinados, e de seu parecer e conselho, vistos e examinados com elles os autos destes processo, e como por todos elles se naõ prova o pretenso matrimonio antre o dito infante e a dita dona Violante, por palavras de presente e de futuro, nem por outra via alguma, por naõ haver mais que o testemunho da dita Guiomar Gomes irmãa da dita Violante, que certifica de palavras de presente, e seu marido Antonio Carlos, posto que diga que o infante disse á dita dona Violante que promettia a Deos de naõ haver outra mulher, naõ diz que ella dicesse as mesmas palavras, nem outras algumas, e Luiz de Pina e Bastiaõ Braz, testemunhas que foraõ presentes, abonados pelo dito dom Antonio, dizem que tal casamento naõ viraõ, nem taes palavras ouviraõ, antes se affirmaraõ serem sobornados pera que dissessem o que naõ sabiaõ, e posto que prometteraõ de o dizer, e deraõ disso escritos, sendo perguntados com juramento, diseraõ a verdade, e o que fica declarado, pelo que o testemunho da dita Guiomar Gomes, além de ser singular, e de pessoa taõ

conjuncta e interessada, e muito suspeito de falsidade, e o mesmo o de seu marido Antonio Carlos, além de naõ concluirem seu dito, e encontrar-se hum com o outro em muitas cousas, e tudo o mais que se alega e prova em favor do pretenso matrimonio e legitimidade, em que naõ ha proporçaõ alguma, e a chamada sentença, por parte do dito dom Antonio offerecida, de hum certo juiz da ordem de S. Joaõ, he manifestamente nulla, assi por ser dada por pessoa privada, e sem jurisdiçaõ em tal caso, nem de comissaõ, nem poder que tivesse de quem lho podia dar, além de conter em si manifestos erros, tomando fundamento dos autos, que nelles naõ ha, e ser dada sem as partes a que tocava serem ouvidas, e sem legitimo contradictor, pendendo já a causa da sucessaõ destes reinos, cuja dependencia e incidente he a da legitimidade, e ser feito todo o processo, e publicada a sentença em termo de sete dias, pelo que fica entendido ser tudo nullo e maquinado, e mostra-se pelo proprio e original testamento do infante, que foi visto declarar nelle, que o dito dom Antonio he seu filho natural, e como de tal o tratára em todas as partes do dito testamento e codicilho que nelle fallaõ, e na parte que assi o nomêa por filho natural naõ estár riscado, o dito testemunho naõ he duvidoso, como se quer dizer; o que tudo visto, com o mais que dos autos consta, e as notorias rezões e urgen-

tissimas presunçoens que ha, pera se naõ presumir o tal matrimonio de presente nem de futuro, nem nunca o haver, antes haver muito evidente presunçaõ ser todo maquinado e falsidade, declaramos o dito dom Antonio meu sobrinho por naõ legitimo, antes illegitimo o sobredito pretenso matrimonio e legitimidade, e conforme ao breve lhe pomos perpetuo silencio; e por que tambem por sua santidade nos he comettido o castigo das testemunhas, que neste caso achassemos culpadas, visto o que por estes autos se mostra contra Antonio Carlos e sua mulher Guiomar Gomes, mandamos que sejaõ presos, e da prisaõ se livrem da culpa que contra elles ha: e quanto a dom Antonio meu sobrinho, fica a nós reservado o poder de proceder contra elle, como fôr justiça, pelo modo que nos parecer, conforme ao dito breve.

Como o Senhor dom Antonio houve outro breve do papa que avocasse a si os autos da sua legitimidade. Capitulo CIX.

Como o senhor dom Antonio entendeo o zelo que elrei dom Henrique tinha de lhe atalhar seus intentos e o que pretendia ácerca da legitimidade, e de todo excluí-lo da sucessaõ do reino, com queixumes instantes se recorreo ao summo pontifice, dizendo como elrei o queria excluir da sucessaõ

do reino, com odio que lhe tinha, elle e os do seu conselho, e pera de todo o inhabilitar houvera de sua santidade hum breve de motu proprio pera ser seu juiz na causa da legitimidade, sendo-lhe o senhor rei muito suspeito, assi pelo odio que lhe tinha por muitas causas, como neste caso mais particularmente em elle se affrontar de poder-se julgar, nem ainda presumir, o infante dom Luiz seu irmão haver sido casado com a mãi delle senhor dom Antonio, e com outros queixumes que os apaixonados custumaõ acumular ás suas petições pedia a sua santidade o favorecesse com justiça, ao menos em naõ cometter suas cousas a elrei, pois lhe era taõ suspeito; mas pera que sua justiça fosse tratada com desengano, e examinada sem prejuiso dos pretensores, com igualdade de todos, que sua santidade avocasse a si os autos, e os julgasse como lhe parecesse justiça, por que, naõ a tendo, elle ficasse sem escandalo, pois sabia sua santidade haver de julgar o caso conforme a justiça e verdade, e tendo-a, ficasse sem suspeita de falsidade, como sentia elrei o presumia delle. O summo pontifice inclinado a estes rogos, entendendo o breve do motu proprio, concedido a elrei, haver sido mais largo do que sua tençaõ fôra concede-lo, passou outro, em o qual mandava a elrei, como elle tinha entendido o breve, que lhe fôra concedido pera entender na causa legitimidade do senhor dom Antonio

Prior do Crato, fôra, por inadvertencia ou malicia dos notarios, com poderes mais largos do que elle concedêra; que pedia a sua alteza naõ usasse mais delle, que em preparar os autos e tirar testemunhas, e assim nesses termos lhos enviasse cerrados e sellados, pera que os julgasse, com final sentença no caso, e sendo dada, fôsse nulla e de nenhum vigor, por quanto elle a reservava a seu tribunal, visto que o negocio era importante a causa taõ grave, entre pretensores taõ poderosos. Elrei, como entendeo que todas as justificaçoens do senhor dom Antonio tiravaõ a dilaçoens, e a naõ se tomar conclusaõ na sucessaõ, cada vez mais com zelo de justiça se indignava contra elle, e julgava todos seus desenhos por prejudiciaes á republica, e alhêos de justiça, e quanto mais via estas negociaçoens injustas e fraudulentas, tanto mais procurava atalha-las com justiça: quanto mais, que todos os homens prudentes, e que queriaõ paz, estranhavaõ muito ao senhor dom Antonio taes intentos, pois sabidamente eraõ tudo invençoens fundadas em cobiça de reinar, sem nenhuma apparencia de justiça, antes de escandalo. Além das rezoens, que elrei dom Henrique apontou na sentença, onde o julgou por naõ legitimo, serem verdadeiras e claramente provadas, havia outras, que o mais provaõ; porque, sendo o senhor dom Antonio tido por naõ legitimo, depois que naceo até o presente, sendo de

idade de cincoenta annos) naõ tinha sua pretençaõ bom rosto de honestidade, em tal tempo, principalmente sendo elle em todo o tempo preferido do senhor dom Duarte, mais moço, e filho do infante mais moço, consentindo elle, sem nunca alegar causa de legitimidade: além disso era notorio em todo o reino de Portugal como o infante dom Luiz, seu pai, houve dispensaçaõ da santa sé apostolica pera elle poder ter beneficios ecclesiasticos, cujo impedimento era fundado sobre a falta de legitimidade do matrimonio, acrecentando a isto, que o infante seu pai naõ lhe deixou os bens que tinha da coroa, nem o condestabelado do reino, creando-o com muito amor, e como a quem desejava todo o bem; o qual, como era prudente e esclarecido em todas as virtudes cristãs, com grande pureza de conciencia, não he de crer que quizesse prejudicar a seu filho, em o fazer de legitimo bastardo, antes se elle naõ fôra taõ temente a Deos (de cuja santidade muitos religiosos tomavaõ exemplo) pudera ser, que pelo amor que lhe tinha, o fizera pelo contrario: quanto mais, inda que agora sua legitimidade constára pelas mais calificadas testemunhas que houvera no reino, sempre a prova ficava suspeita, e havida por machinada, e em todo o mundo se pudéraõ alegar queixumes da parte dos pretendentes estrangeiros, como em Portugal se urdíra huma falsidade, infame na honra, e injusta nas con-

ciencias, pera lhes tirar seu direito, o que causára grande escandalo no mundo, e infamia no reino, com que os queixosos ficáraõ justificados diante de Deos e dos homens, e os portuguezes com pouco credito, dando isto grandes ocasioens de dissençoens de guerras, naõ somente no reino, mas bolliria toda a cristandade, dando entrada a outros muitos males temporaes e espirituaes: as quais consideraçoens fizeraõ tanta impressaõ no religioso peito delrei dom Henrique, que, rompendo o amor natural que tinha a seu sobrinho, que criou em sua casa, pondo os olhos na conciencia e no bem commum, procurou com zelo de justiça atalhar todos os desenhos prejudiciaes ao serviço de Deos e proveito do povo.

Como Diogo Botelho foi intimar o breve a elrei. Capitulo CX.

Por que o senhor dom Antonio estava em Thomar, sem poder vir á corte, por elrei lho defender, tinha nella a Diogo Botelho, o qual com muito calor e diligencia sollicitava seus negocios, requerendo-os com grande instancia. Elrei, sabendo quanta parte Diogo Botelho era em o senhor dom Antonio prevalecer tanto em seus requerimentos, e inculca-los por honestos ao summo pontifice, e fazer parecer ao povo que elle molestava o senhor dom Antonio contra justiça, com que o povo começava a clamar, e julga-lo

por injusto nos aggravos que lhe fazia, e a acender-se mais no amor do senhor dom Antonio, e a inclinar-se á sua parte, soffrendo elrei isto com condiçaõ e virtude, reprimindo a colera, pelo naõ castigar de poder absoluto; com que mais o povo se escandalisasse, buscava ocasiaõ como o pudesse fazer com autoridade de justiça. Vindo pois o breve, que atraz fica dito, em que se anulava em parte o primeiro, e de todo se derogava a sentença, que elrei tinha dado no caso da legitimidade, buscou Diogo Botelho maneira como com hum notario o intimasse a elrei, com mais liberdade do que convinha diante de hum rei taõ velho, e de tanta autoridade e virtude. Elrei escandalisado da substancia do negocio, e muito mais do modo que levou, e das insolencias que faziaõ os parciais do senhor dom Antonio, mandou logo prender a Diogo Botelho na cova do Castello, aonde esteve tres dias. Alguns fidalgos velhos amigos de Diogo Botelho, vendo como elrei estava aggravado delle, pelo que fizera, e outras cousas, que nesta materia tinha feito, o tiráraõ da colera com desculpas de elle fazer o que o senhor dom Antonio lhe mandava, pois era seu procurador, e sempre o servíra, alem da obrigaçaõ que lhe tinha de amor e criaçaõ; por tanto pediaõ a sua alteza lhe mudasse a prizaõ em sua casa. Elrei, como era santo, e a quem naõ faltavaõ respeitos justos, e que quanto mais cons-

tante era em castigar culpas, tanto mais brando era, com quaesquer desculpas e rezoens, a se inclinar á clemencia, mandou soltar a Diogo Botelho do castello, e estivesse prezo em sua casa: mas todavia, vendo elrei, que naõ podia prevalecer contra os requerimentos do senhor dom Antonio, sollicitados por Diogo Botelho, o que tudo era a fim de dilatar a sentença da pretençaõ, pera perturbaçaõ da justiça dos pretensores, e inquietaçaõ do reino, mandou a Diogo Botelho, que dentro em certos dias se sahisse da corte e de seus reinos, sob pena de caso maior; o qual, naõ podendo al fazer, como era homem virtuoso e primoroso, posto que sobejamente sollicito em negocios, com muita cortesia, sem queixume nem palavra desconcertada, se foi logo pera Castella, onde na arraia della esteve muitos dias em Valencia de Alcantara, pousado em o mosteiro de Mangaretes, de frades menores, até o senhor dom Antonio ser degradado fora do reino, e se ajuntou com elle, como logo diremos.

Como elrei se foi pera Almeirim por caso da peste, que entaõ havia em Lisboa.
Capitulo CXI.

Parece que permittio Deos, pera mais merecimento do bemaventurado rei dom Henrique, subir elle á dignidade real em idade e tempo quando lidando com seus

cançados membros da velhice, já consumidos da enfermidade de tisicia, se lhe acrecentassem outros maiores desgostos, que lhe agoniassem a alma; porque, naõ se sentindo nelle dia de saude, nem gosto, depois da nova do desbarate do exercito em Africa, e da morte delrei dom Sebastiaõ, seu sobrinho, lhe recreceo outra magoa, de vêr que a ira do Senhor ainda naõ cessava com seu castigo, renovando-o com cruel peste, que deo na cidade de Lisboa, e dahi se foi ateando em todo o reino, e via seus vassalos afligidos, sem lhes poder valer. Os medicos e alguns fidalgos, que naõ punhaõ o tento mais que na saude corporal, com arrecêos do perigo, persuadiaõ e pediaõ a elrei se sahisse da cidade, pois a peste hia lavrando com morte de muitos, lembrando-lhe, alem do perigo a que sua vida estava posta, entaõ que ella era taõ necessaria e desejada, que naõ convinha á pessoa real estar em cidade onde a peste andava já descoberta, salpicando em todos os bairros. Elrei, antepondo o bem comum ao seu particular, naõ dava orelhas a estes clamores, posto que todos os dias pela manhã o guarda-mór da saude (que era o doutor Diogo Sallema, vereador de Lisboa) lhe hia dar conta de quantas pessoas haviaõ sido mortas o dia atraz; e crecendo cada dia o numero dos mortos, naõ se sahia nenhuma pessoa da cidade, por verem que el-rei naõ fazia abalo; todavia co-

mo os do concelho viraõ o incendio hir em muito crecimento, pediraõ a elrei se sahisse da cidade pera outra parte. Affonso de Albuquerque, vereador que entaõ era da cidade, sabendo o que os do concelho tinhaõ assentado, e elrei se hia inclinando a seu parecer, se foi ao paço, e disse a elrei diante dos fidalgos do conselho e outros muitos, quaõ mal acertado seria desemparar sua alteza a cidade em tal tempo, porque como a sucessaõ do reino estava em termos de cada hum dos pretensores cuidar que tinha justiça, mui facil seria alevantar-se cada hum com elle, se visse ocasiaõ disposta, e naõ via nelle outra mais liberal a quem se quizesse aproveitar della, que sahir-se sua alteza de Lisboa, pois estava claro, que como elle se fosse, no mesmo dia se havia de despejar de todos os homens nobres e poderosos, e geralmente de toda a gente honrada, e ella ficaria com as portas abertas a quem quizesse apoderar-se della sem resistencia; e ainda se podia esperar entrar pela barra alguma frota de gente estrangeira ou cossairos, que a ocupassem, e como Lisboa era cabeça do reino, e tinha em si muita riqueza, e todas as machinas de guerra, podia em tal tempo facilmente perder-se, e por ahi todo o reino; e quando isso naõ fosse, podia ser saqueada, com grande perda da republica temporal, e naõ menor do culto divino, e das religioens: que fazia lembrança a sua alteza

como estas rezoens tinhaõ muita força em tempo de tantos pretendentes, e eraõ avisos que se naõ deviaõ despresar, mas fazer muito caso delles; porque, como o apetite de reinar era cego pera naõ vêr justos respeitos, e muito perspicaz em enxergar quaesquer ocasioens pera sahir com seu intento, naõ havia que confiar em engenhos inquietos, nem que culpar juizos acautelados; quanto mais que este, de a cidade ficar despejada da corte e dos moradores, estava incitando a quem a desejasse, ainda que estivesse mui descuidado. Elrei lançou tanto maõ destes avisos, que naõ quiz fazer abalo algum; com cuja presença a cidade estava emparada e conservada em uniaõ e paz; e tal foi o arrecêo, que geralmente todos os homens tinhaõ do que acima fica dito, que, ainda estando elrei na cidade, naõ se davaõ por seguros, e provendo-se de armas e gente em suas casas, faziaõ repairos de portas fortes e dobradas com temor de haver algum alevantamento, e que a cidade fosse saquenda, e houvesse mais alguma gente desmandada, que chegasse a fazer alguns aggravos nas pessoas. Com estes temores andava a cidade chêa de confusaõ, pondo os homens em cobro suas fazendas, e mandando elrei tambem de noite pôr gente de guarda na casa da India, nos almazens, alfandegas, e outras casas publicas, o que acrecentava os recêos em que a gente andava metida. Era vêr como

a peste cada dia hia em maior crecimento, com muitas mortes, por mais diligencias que se faziaõ em levarem os enfermos de toda a sorte á casa da saude, pera preservar a cidade, a qual estava ordenada fora, e lhe fechavam as portas por naõ haver comunicaçaõ, e evitar a contagiaõ: todavia quando elrei vio que era já temeridade esperar mais rebates, com geral consentimento de todos, se foi aposentar em S. Bento de Enxobregas, por ainda dahi dar alento á gente naõ desemparasse a cidade. Andando elrei com esta carga de antretimentos aos hombros, acrecentando-se-lhe tambem cada vez mais sua enfermidade (o qual sómente em leite de mulheres se conservava) obedeceo ao chamado da morte, que o tinha apressado em Almeirim; o qual dizia, como lá se visse se havia de achar bem; e quasi esquecido dos inconvenientes, que se seguiriaõ de sua hida, instava com muito desejo o levassem a Almeirim: Os do conselho vendo o estado em que elrei estava, e a efficacia de sua hida, naõ puderaõ al fazer, e logo se partiraõ pera Villa Franca, e dahi a Salvaterra, onde elrei esteve alguns dias, e dahi foi a Almeirim: mas como os governadores estavaõ nomeados, pera, como elrei morresse, sucederem no governo, e continuarem com elle, se foraõ todos a Almeirim com elrei, e juntamente com elles os embaixadores dos pretensores, e o duque de Bargança, que entaõ foi chamado.

Como elrei mandou pelo meirinho mór prender o senhor dom Antonio.
Capitulo CXII.

Com a hida delrei dom Henrique a Almeirim se mudou o senhor dom Antonio pera Coimbra, e se aposentou no convento de Santa Cruz, da ordem dos conegos regrantes; mas como o senhor dom Antonio era mui amado do povo, e principalmente dos estudantes desta universidade, por elle tambem ahi estudar e se crear, sendo moço, começou logo a haver alvoroço em todos, por huns, que tinhaõ cheiro de letras, quererem-lhe com ellas provar o direito da sucessaõ, outros, que as aborreciaõ, ameaçar com armas a quem lho quizesse impedir: de maneira, que ainda que o senhor dom Antonio naõ tivesse intento de fazer novidades, os estudantes, como homens mancebos, em quem o fervor da colera tinha mais vigor que a madureza do juizo, começáraõ a bravosear com palavras mais usadas em exercitos, que aprendidas em escolas. Elrei dom Henrique, que lhe diziaõ estas cousas, e outras mais já sabidas dos sobornos que o senhor dom Antonio sollicitava, e outras acrecentadas dos imigos, enfadado por estas informaçoens, e outras que cada dia lhe diziaõ, juntas com os desgostos já atraz travados, principalmente da intimaçaõ do breve, que lhe Diogo Botelho havia feito,

determinou mandar prender ao senhor dom Antonio, assim por castigo das inquietaçoens que tinha começado, como por atalhar as que se esperavaõ; pera o qual, dando recado a dom Duarte Castel-Branco meirinho mór do reino, mandou fosse prender ao senhor dom Antonio onde quer que o achasse. Partido o meirinho mór com alguns criados seus, e com Francisco Nunes de Paiva escrivaõ da camara delrei, se soube o caminho do meirinho mór, com que o senhor dom Antonio foi avisado; o qual sahindo-se de Coimbra pera Entre Douro e Minho, naõ achando o meirinho mór recado delle em Coimbra, se tornou á corte. Elrei, insistindo no seu proposito, tornou a mandar o meirinho mór o buscasse onde estivesse; e o senhor dom Antonio, sabendo isto, andava-se desviando secretamente donde o meirinho mór o pudesse encontrar. O meirinho mór, ainda que era muito amigo do senhor dom Antonio, fez todas as diligencias possiveis, conforme ao que elrei lhe mandava, por se mostrar em tudo obediente, e comprir com a obrigaçaõ de seu cargo. Desta maneira discorrendo muitos dias, e muitas jornadas, entre Douro e Minho, se tornou á corte sem effecto algum; mas porque elrei temia que os estudantes da universidade de Coimbra fizessem algumas alteraçoens, que se podiaõ esperar de gente solta e mancebos, que poucas vezes enfreaõ suas paixoens com maduro juizo,

nem medem os respeitos pela rezaõ, quando os apetites os impellem a distrahimento, mandou a Martim Correa da Silva a Coimbra, pera com a presença de sua pessoa temperar quaesquer alteraçoens que se movessem, com poderes de poder castigar quaesquer cousas dignas de pena, e assim aquietar o povo; ao qual se teve tanto respeito, e elle mostrou tal comedimento em seus conselhos, que tudo se aplacou, sem haver pessoa que fallasse palavra, nem fizesse mais desenho que de rezaõ e justiça. O senhor dom Antonio, como sentio que elrei o mandava buscar segunda vez pera o prender, se vêo metter secretamente em Lisboa, deixando sua casa em o lugar de Escarrego, fingindo andar caçando em outros lugares circunvisinhos, até saber como o meirinho mór segundariamente era tornado á corte: entaõ naõ se dando por achado de o meirinho mór o ter buscado, se tornou a Coimbra, e aposentou em Santa Cruz, onde estava.

Como elrei mandou citar por carta de Editos ao senhor dom Antonio, e da falla que dom Francisco Pereira lhe fez.

Capitulo CXIII.

Quando elrei dom Henrique vio que a hida do meirinho mór naõ tivera effeito, e o senhor dom Antonio naõ fazia caso de seus mandados, mas cada vez mais sollicitava

os povos a seguirem sua voz, com manifesto aggravo da justiça dos pretensores, e grande semente de discordias e guerras, determinou usar de todo o poder real em atalhar-lhe os intentos, e pôr a republica em paz e quietaçaõ; pera o qual querendo proceder com todo o rigor de justiça, sem mostrar zelo de vingança, quiz que o negocio fosse ordenado por termos e actos judiciaes, até ser concluido com toda a severidade das leis, sem nenhuma temperança de clemencia, e estando em Almeirim, mandou fixar em as portas do paço huma carta de editos, pela qual citava e chamava a juizo o senhor dom Antonio em termo de tres dias, pera responder ás culpas fulminadas, contra as quais queria proceder. O senhor dom Antonio, que naõ andava em publico, posto que logo teve aviso de seus amigos e criados, que trazia na corte, da carta fixada, e do theor della, nunca quiz deferir á citaçaõ, nem acodir ao chamado delrei, com temor de o mandar prender, e mais sabendo como nenhuma desculpa o havia de tirar do zelo de o sentencear. Dom Francisco Pereira, fidalgo velho e prudente, pelo amor que tinha ao senhor dom Antonio, e haver servido ao infante dom Luiz seu pai, pesando-lhe d'elle em todo o discurso atraz haver seguido errados conselhos, e de ver elrei taõ indignado contra elle, quiz pôr-se no meio, e fazer alguma reconciliaçaõ, que temperasse a colera delrei; e hindo a elrei lhe disse como

elle naõ hia a desculpar as cousas do senhor dom Antonio deante sua alteza, pois elle as tinha por mal feitas e dignas de castigo, e se o senhor dom Antonio lhe tivera obediencia como elle lhe tinha amor, elle o pudéra ter bem aconselhado como amigo e reprehendido como velho, o que cabia muito bem nelle pelas suas muitas cans, e o havér ajudado a criar menino; mas deixados seus erros, como de homem mal aconselhado, e mofino em naõ saber conhecer os amigos verdadeiros, lembrava a sua alteza, que era filho do infante dom Luiz seu irmaõ, cuja irmandade toda a vida fôra unida em particulares affeiçoens, aventejadas dos outros irmaõs; e inda que naõ houvera este taõ chegado parentesco e amor antre ambos, as virtudes taõ esclarecidas do infante dom Luiz eraõ merecedoras de por sua lembrança se perdoarem muitos erros a seu filho mal aconselhado; quanto mais, que sua alteza tinha esta obrigaçaõ por si mesmo, pois de moço sempre o criou em sua casa com sua doctrina, com zelo de lhe fazer todos os bens que pudesse, e agora, que podia muito, naõ estava bem a sua real pessoa querer converter em mal todo o zelo que havia tido de lhe fazer todo o bem; que pedia a sua alteza, deixado todo o rigor da justiça, com que queria castigar suas culpas, como rei, o convertesse em clemencia, em emendar seus erros como tio, que sempre o teve por filho, pois como brandúras o podia adquirir a si pera sua emen-

da, e com rigores o exasperava em o chegar ao estado presente, absente da corte, em certa maneira homisiado, desfavorecido, e sobretudo perseguido, em tempo de tantos açoutes, que Portugal tinha recebido, sendo o maior delles estar orfaõ de principes, cousa que mais o lastimava; nem quizesse magoar novamente o povo portuguez, em taõ mal tratar huma só faisca da casa real, com cujo escandalo se lhe renovavaõ as dores, assim com a lembrança da morte de tantos principes, como pelo amor que tinha ao senhor dom Antonio.